

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
EDUCAÇÃO

ANA CLAUDIA MAROCHI

**A ESCOLARIZAÇÃO E O TEMPO NA VIDA DAS
TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA DE IRATI-PR**

GUARAPUAVA – PR

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
EDUCAÇÃO

ANA CLAUDIA MAROCHI

**A ESCOLARIZAÇÃO E O TEMPO NA VIDA DAS
TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA DE IRATI-PR**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro de Melo.

GUARAPUAVA – PR

2017

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

MAROCHI, Ana Claudia.

M354e A escolarização e o tempo na vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA de Irati-PR – Irati, PR : [s.n], 2017.
183f.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro de Melo.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Educação – dissertação. 2. Mulher – mulheres – trabalho. 3. Patriarcado – capitalismo.
I. Melo, Alessandro de. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 305.4

ANA CLAUDIA MAROCHI

**A ESCOLARIZAÇÃO E O TEMPO NA VIDA DAS
TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA DE IRATI-PR**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro de Melo – (orientador)
UNICENTRO

Prof. Dr. Juliano Peroza Titular Externa
IFPR

Prof. Dr. Emerson Luís Veloso Titular Interno
UNICENTRO

Prof.^a Dr.^a Rosemeri Moreira Titular Externa
UNICENTRO

Dedico este trabalho a todas as mulheres trabalhadoras, donas de casa, lutadoras diárias pela liberdade de ser MULHER.

Às quatro mulheres da minha vida: minha mãe Dona Zeza, pela sua imensa bondade e amor, minhas irmãs Débora e Cibele, mulheres de verdade na luta pelo bem do outro, minha filha Paola por tornar-me a mulher que sou.

Ao meu companheiro e orientador, Alessandro, pelo amor dedicado e por me inspirar a cada dia com seu exemplo na luta das mulheres, com amor.

AGRADECIMENTOS

Na construção deste trabalho várias pessoas foram determinantes e importantes para que eu pudesse trilhar o caminho percorrido. Agradeço a todas e a cada uma por confiarem na minha capacidade e dedicação para seguir em frente.

Ao meu pai (*in memoriam*) e a minha mãe, minha filha, irmãos, cunhados e sobrinhos, obrigada pelos encontros felizes e significativos na construção da mulher e por entenderem momentos de não presença.

À Carla e Viviane que na condição de chefes e companheiras de trabalho, que souberam valorizar a trabalhadora/estudante oportunizando momentos de ausência para o meu estudo.

Aos meus colegas de trabalho, Juliana, Raphael, Ornelis, Lana e Thaysa, que por sua bondade e compreensão dividiram minhas tarefas cotidianas nos momentos em que precisei me ausentar.

À minha amiga-irmã, Sandra, pela sua acolhedora bondade, muito obrigada.

Às trabalhadoras/estudantes, sujeitas desta investigação, ao abrirem seus corações e suas vidas ajudando na luta de todas as mulheres, obrigada por cada palavra confiada a mim.

Ao Núcleo Regional de Educação por aceitar a minha proposta de pesquisa e liberar o campo de trabalho para tal.

À Diretora do CEEBJA – Irati, Josiane, carinhosamente Jô, aos docentes, pedagogas, técnicos administrativos e demais servidores do colégio pela disponibilidade em colaborar com o meu trabalho.

Aos professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, muito obrigada pelos momentos de rico conhecimento científico e de vida.

Aos meus colegas de mestrado em especial Janice e Andrea, companheiras de viagem e de relatos de experiências pessoais contribuindo imensamente com a minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador Alessandro e hoje companheiro de vida por sua incansável paciência diante das minhas limitações, pelas orientações, sugestões e correções que contribuíram na construção deste trabalho e pelo amor incondicional.

Às professoras Analía, Rosemeri e Marlene e aos professores Emerson e Juliano por aceitarem fazer parte da minha banca. Obrigada pelas contribuições relevantes e muito pertinentes que tornaram as discussões muito mais ricas.

Por fim, meu agradecimento especial às sete trabalhadoras/estudantes que neste trabalho, anonimamente chamadas de *Marias*, deram luz e vida à teoria fria dos livros, meu eterno obrigado.

*Não se nasce mulher: torna-se.
Que nada nos limite.
Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria
substância.*

Simone de Beauvoir

A MULHER MARIA: COMO SE IDENTIFICAM ESTAS QUE VOS CONTAM

“Eu acho que eu sou uma guerreira” (Maria Bonita).

*“Eu me acho a suprema, as mulheres estão de parabéns, eu estou de parabéns”
(Maria Vitória).*

“Eu sou uma mente mais aberta, porque eu vejo muita coisa ao meu redor” (Maria Clara).

*“Eu me espelhei muito nela, porque ela [sobre a mãe] sempre foi batalhadora”
(Maria Celeste).*

“Eu acho que eu sou uma vitoriosa” (Maria Esperança).

“Hoje eu me amo. Sei que eu posso tudo sozinha. A gente é muito mais forte que muito homem” (Maria Flor).

“Ter mais valor. A mulher pouco que tem valor hoje” (Maria Amélia).

INTRÓITO

Aqui começa a história deste trabalho, não como muitos pensam, na escolha do campo de estudo, mas na minha própria história.

Mãe aos quinze anos e filha de pai alcoólatra e violento, vivi com a violência física e simbólica desde muito cedo. Primeiro com meu pai, dominador, machista e depois com um companheiro anos mais tarde. Apesar de conviver diariamente com as agressões do meu pai, direcionadas mais para a minha mãe do que para os filhos, não guardo em mim marcas profundas deste tempo. Penso que como na maioria dos casos quando a violência não nos atinge diretamente, tornamos expectadores somente. Mas quando nos afeta, deixa marcas profundas.

Era início de dezembro do ano de 2012 quando vivi o momento mais difícil da minha vida e que me tornaria definitivamente uma defensora dos corpos e do direito das mulheres.

Após um relacionamento de sete meses que dava sinais de enfraquecimento e se encaminhava para o fim, fui agredida pelo meu companheiro que, covardemente e usando do seu poder de macho e dominador, passou a agir com brutalidade e desrespeito.

O domingo terminava com uma marca leve no pescoço, mas com um corte profundo no coração e na alma. O corpo violado pela violência e a dignidade ferida pelas palavras duras, cruéis e machistas do homem com quem tinha dividido a vida durante este período.

Sempre pensamos na segunda como um dia preguiçoso e lento e que deixa lembranças boas do domingo. Mas esta segunda-feira não teve nada de preguiça, lentidão ou lembranças boas. Teve sim o medo, indignação e revolta.

Este dia, que mesmo ocorrido há quase cinco anos, ainda está vivo no meu pensamento, trazendo sentimentos que são traduzidos hoje nas lutas que tenho travado pela liberdade das mulheres.

Mas não foi e não é tão simples assim trocar o sentimento de inferioridade, culpabilidade e o preconceito da sociedade, causado por este tipo de agressão, pela vontade de tornar-me defensora e pesquisadora da causa das mulheres.

O caminho percorrido entre a delegacia da mulher e o IML para o exame de corpo de delito, confirmou o que a teoria afirma: a sociedade e as pessoas não estão preparadas para a violência contra as mulheres.

Nas delegacias da mulher, feito divulgado com tanto orgulho como sendo do presidente golpista Michel Temer, as próprias mulheres que atendem as outras mulheres não tem o preparo e a sensibilidade para tais fatos, demonstrando que a sociedade carrega, no século XXI, marcas profundas do patriarcado e do machismo.

No dia 03 de dezembro ao me dirigir para a delegacia da mulher vivenciei momentos de horror. Uma ante-sala com várias mulheres com seus corpos marcados pela violência doméstica exposta a qualquer pessoa que entrasse na delegacia. Assustadas, muitas com seus filhos, desprotegidas à espera de atendimento e de medidas que pudessem dar segurança e tranquilidade para o retorno aos seus lares.

Ao ser atendida percebi que nada do que elas e eu esperávamos viria deste lugar. A atendente que me ouviu, sem a sensibilidade e cuidado necessários, tomou meu depoimento enquanto um rapaz arrumava a cortina da sua sala.

A delegada, em sua conversa comigo após ter ouvido o meu companheiro agressor, fez o seu juízo de valor, imputando a mim a culpa pelo ocorrido. Em suas palavras: *“Como conhece um homem e em sete meses coloca ele para morar com você?”*.

A fala da delegada reforça o discurso da sociedade como se a culpa pelas agressões fosse o tempo de relacionamento, pelo estupro a roupa curta e provocante e pela violência doméstica a relação de poder e dominação estabelecida pela sociedade patriarcal.

Ao longo dos dois meses após este evento vários fatos que se seguiram contribuíram para a formação da mulher Ana a partir da materialidade e da história agora vivenciada. Afastada do aconchego da casa nos dias subsequentes ao ocorrido, erro crasso da justiça, que afasta a agredida e não o agressor; afastada do meu trabalho e estudos com medo das constantes ameaças; afastada da cidade por dois meses, para “fugir” do cenário da violência; tendo que mobilizar toda a família em uma entramada rede de proteção, comecei a resgatar

não só o prejuízo material, mas, e principalmente, o resgate da dignidade enquanto pessoa, mulher, trabalhadora e estudante.

Tendo os móveis da casa marcados pela fúria do agressor, roupas cortadas e manchadas com água sanitária e todos os sapatos cortados um a um, com o detalhe mórbido de que somente um pé de cada foi cortado, restava agora a tomada de decisão de seguir em frente. A resiliência presente em várias de nós mulheres e também nas *Marias*, sujeitas deste trabalho, me fez olhar e seguir. Junto com esta decisão, veio a revolta e indignação diante da sociedade preconceituosa e da justiça ineficiente.

O tempo passou e aos poucos a ferida vai cicatrizando, mas a cada esbarrão, a cada lembrança, um carro igual, uma figura masculina que lembra o agressor, uma notícia sobre violência contra mulheres, uma roupa ou um sapato reformado, ela se abre e sangra sangue vermelho, fétido, dolorido de cada mulher que passou ou passa por uma agressão.

Hoje, mãe, companheira, trabalhadora e estudante realizada, trago comigo as marcas da historicidade e da materialidade de cada ser social, em especial o ser mulher, contribuindo nas escolhas que faço nos diversos campos em que tenho atuado, em especial para a elaboração desta dissertação.

Mas sei que a minha luta e de todas as mulheres está só no começo e muitas batalhas serão travadas: a busca por fazer do seu corpo um instrumento de liberdade, a luta por espaços de trabalho e estudo mais igualitários, a divisão do trabalho doméstico com o companheiro e demais membros da família e a busca pelo respeito ao “simples” fato de ser MULHER.

Esta é a história da autora.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Setores de atividades das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati em %.....63

Gráfico 2 – Motivos declarados que dificultam, atualmente, os estudos na vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati em %.....69

Gráfico 3 – Quantidade de horas diárias dispensadas para atividades domésticas e cuidados com os familiares em %.....71

Gráfico 4 – Atividades domésticas desenvolvidas diariamente pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.....73

LISTA DE TABELAS

Tabela I - Perfil das entrevistadas.....	81
---	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro I - Percentuais da população em Irati conforme sexo e localização.....	53
Quadro II – Distribuição do Produto Interno Bruto de Irati – 2010, por setor de atividade.....	54
Quadro III – Perfil salarial dos/as trabalhadores/as do município de Irati – 2000 e 2010.....	55
Quadro IV – Perfil de qualificação dos/as trabalhadores/as do município de Irati – 2000 e 2010.....	55
Quadro V – Quantidade de estudantes concluintes do CEEBJA – Irati em 10 anos em relação ao gênero.....	60
Quadro VI – Motivos pelos quais as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati abandonaram os estudos.....	66
Quadro VII – Percepção dos estudos na vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.....	68
Quadro VIII – Relação de pessoas da família que auxiliam a pesquisada nos afazeres domésticos.....	74
Quadro IX – Percepção da família pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.....	76

LISTA DE SIGLAS

APEDs	Ações pedagógicas descentralizadas
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CEEBJA	Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e o Caribe
CNEA	Campanha Nacional de Erradicação de Analfabetos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EUROSTAT	Gabinete de Estatísticas da União Européia
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NAES	Núcleo Avançado de Ensino Supletivo
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas

PAS	Programa de Alfabetização Solidária
PEA	População Economicamente Ativa
PIA	População em Idade Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
PNAC	Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SERE	Sistema Estadual de Registro Escolar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro Oeste

MAROCHI, Ana Claudia. **Os usos dos tempos e os sentidos da escolarização de trabalhadoras/estudantes do CEEBJA de Irati**. 2017, 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual do Centro-Oeste, Gurapuava, 2017.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar os sentidos dos usos do tempo e da escolarização a partir das percepções das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA, na cidade de Irati, Paraná. Entendemos que as trabalhadoras/estudantes, sujeitas desta pesquisa, precisam organizar o tempo entre o trabalho remunerado, estudos e cuidados com a casa e família para que possam retornar à escola e dar continuidade aos estudos e que esta organização demandou e demanda para estas mulheres escolhas ao longo da vida. A modalidade de ensino EJA tem como proposta o atendimento de uma parcela da população que está fora da idade considerada correta para cada nível de educação e que por diversos motivos tiveram que abandonar a escola, sendo que, no caso desta pesquisa, o cuidado com a casa e com os filhos foi o principal motivo declarado por elas. Para analisar e compreender quais caminhos estas mulheres percorreram e como suas escolhas influenciaram ou não no tempo para os estudos, bem como os sentidos que a escolarização tem para elas, foi preciso compreender a realidade em que vivem. Desta forma, o pressuposto metodológico da pesquisa é a teoria social de Marx e sua contribuição em relação ao conceito de trabalho, bem como da categoria de totalidade, compreendida como o complexo das relações sociais entendidas em suas determinantes e correlações, dinâmicas e contradições. Como instrumentos da pesquisa foram utilizados, em um primeiro momento, a coleta de dados quantitativos por meio da aplicação de 95 questionários para todas as estudantes que estavam presentes às aulas nos três turnos durante uma semana. Após esta primeira abordagem foram entrevistadas em profundidade sete trabalhadoras/estudantes do CEEBJA-Irati. A entrevista teve como propósito dar voz aos relatos de suas vivências sobre a tripla jornada diária entre o trabalho produtivo, reprodutivo e a escola e que sentido a escolarização tem para elas. A partir destas entrevistas quatro categorias foram delimitadas: 1) A família: ponto de partida e de chegada; 2) As violências na vida das *Marias*; 3) Resiliência e a decisão de seguir em frente; e 4) Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das *Marias*. Os dados empíricos mostraram que para estas mulheres estar na escola significa uma retomada de vida, uma valorização pessoal e como mulher, mas também os dados deixam claro que a família é a grande mediadora dos usos do tempo.

Palavras-chave: Trabalho e Educação. Patriarcado e capitalismo. EJA e mulheres trabalhadoras. Usos do tempo. Trabalho reprodutivo.

MAROCHI, Ana Claudia, **The schooling and the time in the life of the CEEBEJA's women workers/students of Irati**. 2017. 200p. Dissertation (Master's in Education). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2017.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the meanings of timeusage and schooling based on the perceptions of the women workers/students of CEEBJA, in the city of Irati, Parana. We understand that the women workers/students, that are the subject of this research, need to organize the time considering their paid jobs, studies, housework and family so that they can return to school and continue their studies and that this organization demanded and demands for these women choices throughout life. The EJA teaching modality proposal is the service to the part of the population that is out of the age considered correct for each level of education and that for various reasons had to abandon going to school, being that, in the case of this research, the care with the house and children was the main reason declared by them. To analyze and comprehend the paths these women have gone through and how their choices have influenced or not on the time for study, as well as the meanings that schooling has for them, it was necessary to comprehend the reality in which they live. In this way, the methodological assumption of this research is Marx' s social theory and its contribution in relation to the concept of work, as well as the category of totality, comprehended as the complex of social relations regarding their determinants and correlations, dynamics and contradictions. The research instruments used, at first, were the collection of quantitative data through the application of 95 questionnaires for all female students who were in the classes in the three shifts during one week. After that first approach seven workers/ students from CEEBJA of Irati were deeply interviewed. The purpose of the interview was to give voice to the reports of their experiences about the triple daily journey among product, reproductive, work and the school and what schooling means for them. Four categories were delimited from these interviews: 1) The family: the point of departure and arrival; 2) The violence in the lives of *Marias*; 3) Resilience and the decision of going on; and 4) Work, schooling and care: perceptions of the usage of time in the lives of *Marias*. The empirical data showed that for these women being at school means the resumption of life, a personal valuation and the valorization of them as women, but the data also make it clear that family is the great mediator of the usages of the time.

Key words: Work and Education. Patriarchy and Capitalism. EJA and working women. Usages of time. Reproductive work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. PATRIARCADO E CAPITALISMO: AS FACES DA EXPLORAÇÃO DA MULHER TRABALHADORA	10
1.1 Patriarcado e capitalismo e relações de poder.....	11
1.2 Os usos do tempo como forma de dominação na sociedade patriarcal e capitalista.....	20
1.3 Trabalho feminino e precarização na contemporaneidade.....	38
2. O CENÁRIO DA PESQUISA: DESENHO METODOLÓGICO E PERFIL DAS TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA – IRATI	48
2.1 Descrição metodológica da pesquisa.....	48
2.2 A realidade local como mediadora para a compreensão das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.....	52
2.3 Perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.....	61
3. AS MARIAS: SUJEITAS DA PESQUISA	79
3.1 Apresentando as <i>Marias</i>	80
3.1.1 Maria Bonita.....	82
3.1.2 Maria Vitória.....	83
3.1.3 Maria Clara.....	85
3.1.4 Maria Celeste.....	86
3.1.5 Maria Esperança.....	87
3.1.6 Maria Flor.....	89
3.1.7 Maria Amélia.....	90
3.2 O que emergem das vozes das <i>Marias</i>	91
3.2.1 A família: ponto de partida e de chegada.....	92
3.2.2 As violências na vida das <i>Marias</i>	98
3.2.3 Resiliência e a decisão de seguir em frente.....	108
3.2.4 Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das <i>Marias</i>	113
3.3 Em cada voz, histórias que se entrelaçam.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES	148

INTRODUÇÃO

El tiempo es un recurso escaso que cada persona emplea de modo diferente, pero se trata de conocer si esta diferencia es voluntaria u obligada y si hay perspectivas de cambio para el futuro. (María Ángeles Durán, 2010).

O estudo das mulheres, em especial nesta dissertação, das trabalhadoras/estudantes da Educação de Jovens e Adultos na cidade de Irati, tem seu início com a minha própria história, mesmo sem a percepção de que este seria o caminho que pretendia seguir como campo de pesquisa. A compreensão de que as mulheres são exploradas em vários âmbitos da sociedade e nas relações familiares é latente em mim desde muito cedo.

Mãe e casada aos quinze anos vivi na pele o que era ser uma trabalhadora/estudante e dona de casa. A lembrança de como a vida transcorria mostra que mesmo passados quase trinta anos as coisas mudaram pouco. Assim como nos relatos das *Marias*¹, sujeitas desta pesquisa, a jornada pela qual nós mulheres temos que nos submeter é penosa e coloca as relações sociais de sexo como ponto determinante nas relações de poder.

Assim, a presente pesquisa justifica-se não somente pelo interesse da pesquisadora em compreender a realidade vivida pelas mulheres, trabalhadoras e estudantes que, cotidianamente, precisam orquestrar o tempo entre trabalho remunerado, trabalho reprodutivo e estudos, mas também por compreendermos que tal preocupação ocupa o horizonte de muitas e muitos pesquisadoras e pesquisadores, além de instituições internacionais, como a Organização das Nações Unidas – ONU (2015). Esta comunidade de pesquisas e instituições preocupadas com a situação das mulheres no Brasil e no mundo torna relevante esta pesquisa no campo teórico-científico.

¹ A garantia do anonimato foi um dos acordos entre a pesquisadora e as entrevistadas. Assim, escolhi o termo genérico Maria para a identificação das sete trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati. Mesmo sabendo que este nome tem uma carga religiosa muito forte, foi utilizado de forma aleatória por compreendermos também que é um nome que pode representar muitas mulheres nas mesmas condições materiais das nossas entrevistadas. Para diferenciá-las atribuímos também aleatoriamente um segundo nome.

O documento da ONU, acima mencionado, aponta que as responsabilidades e cuidados domésticos continuam a recair sobre as mulheres, limitando, desta forma, o acesso a determinados tipos de trabalho e colocando-as em desvantagem em relação aos homens, especialmente no que se refere ao mundo do trabalho e, conseqüentemente, à autonomia econômico-financeira, que é muitas vezes a trama de dependência que une as mulheres a situações de violência e exploração por parte de seus companheiros.

Como as relações estabelecidas entre o tempo destinado ao trabalho e os estudos, a economia dos cuidados é, também, uma das mediações teóricas de análise desta pesquisa. A economia dos cuidados é um campo muito pesquisado nos países que fazem parte da Comissão Econômica da América Latina e Caribe - CEPAL² que tem como preocupação a equidade de gênero.

Documentos e pesquisas divulgados pelos países membros da CEPAL entendem que é preciso que os governantes tenham em suas agendas políticas medidas que garantam às mulheres as mesmas oportunidades que os homens. E o cuidado doméstico³ é uma das preocupações, tendo em vista que este trabalho não remunerado fica, em sua grande maioria, a cargo das mulheres, acarretando sobrecarga na jornada diária de atividades, como comenta Dighiero (2015).

No Consenso de Santo Domingo⁴, em 2013, o debate sobre a economia dos cuidados se deu no sentido de tornar a invisibilidade deste tipo de trabalho,

² A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL foi criada no ano de 1948 entrando em funcionamento no mesmo ano. Faz parte das cinco comissões regionais das Nações Unidas e tem sua sede na cidade de Santiago no Chile. Está dividida em duas sub-regionais, uma na Cidade do México, atendendo a região da América Latina e outra para atender a região do Caribe, em Port of Spain. No Brasil a CEPAL tem um escritório regional em Brasília, assim como em Buenos Aires, Montevideu e Bogotá. Dentro da temática de gênero, os estudos voltam-se para as relações de desigualdades vividas pelas mulheres em vários aspectos da vida social. Em especial sobre a economia dos cuidados, objeto do nosso trabalho, há inúmeros estudos publicados em quase todos os países que fazem parte da CEPAL. O Brasil não apresenta estudos nesta área, pelo menos não publicados na página da CEPAL. Estudos foram encontrados ao longo da nossa pesquisa por autores brasileiros, mas em número não muito grande e a maioria com títulos similares. Disponível em: <http://www.cepal.org/pt-br> Acesso em 08 de Set. 2016.

³ A economia dos cuidados, que por ora também nominamos de cuidados domésticos, inclui não somente cuidados com a limpeza da casa, das roupas ou preparar as refeições, refere-se também aos cuidados dispensados com as crianças, pessoas com alguma necessidade específica temporária ou não e com os idosos. Estas atividades formam o que autores como Antunes (2009; 2011), Hirata (2002; 2008), Ávila e Ferreira (2014), entre outros, trabalho doméstico, reprodutivo, não-remunerado.

⁴ O Consenso de São Domingo foi construído durante a XII Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e do Caribe, em Santo Domingo, República Dominicana, entre 14 e 18 de

predominantemente realizado por elas, visível para as políticas dos países presentes no encontro. A centralidade das discussões girou em torno da igualdade de gênero e desenvolvimento, bem como, das desigualdades nas relações de sexo. Entre os acordos estabelecidos destacam-se dois para este momento: 1) o reconhecimento do valor do trabalho doméstico não remunerado, propondo medidas e políticas públicas para tal reconhecimento e; 2) reconhecer que os cuidados com a família, pessoas idosas, crianças e pessoas com necessidades específicas seja um direito, mas que estes cuidados sejam de responsabilidade de homens e mulheres de forma igualitária (DIGHIERO, 2015).

Relatório publicado em 2016 pela Organização Internacional do Trabalho – OIT (2016)⁵ demonstra que as mulheres possuem uma rotina de trabalho doméstico e de cuidados duas vezes maior que os homens, o que contribui para uma diminuição das horas trabalhadas em trabalhos remunerados. Estes dados ainda revelam que a jornada de trabalho remunerado e não remunerado é maior para as mulheres que para os homens, em média setenta e três minutos semanais para elas e trinta e três minutos para eles.

O estudo aqui desenvolvido tem como objetivo entender como se dá a divisão do tempo na vida das mulheres, ou seja, como elas organizam as horas diárias entre a jornada de trabalho, estudos e cuidados domésticos, tendo como sujeitas da pesquisa as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.

Assim, elegemos como objetivo geral analisar o sentido dos usos do tempo e da escolarização a partir das percepções das trabalhadoras/estudantes no CEEBJA de Irati e, como objetivos específicos: a) discutir o uso do conceito

outubro de 2013. O Consenso é o resultado final das reuniões entre os Estados membros e associados da CEPAL, com o fim de identificar as necessidades regionais e sub-regionais das mulheres e apresentar recomendações para o futuro. Temas como: igualdade de gênero, mecanismos de empoderamento econômico das mulheres, eliminação da violência contra as mulheres e participação das mulheres na política e na tomada de decisões foram debatidos, resultando em 132 recomendações aos países participantes. Disponível em: <http://www.cepal.org/cgi-bin/getprod.asp?xml=/12conferenciamujer/noticias/paginas/5/50065/P50065.xml&xsl=/12conferenciamujer/tpl-p/p18f-st.xsl&base=/12conferenciamujer/tpl-p/top-bottom.xsl> Acesso em 14 dez. 2016.

⁵ As informações apresentadas fazem parte de um documento intitulado Mulheres no Trabalho: tendências 2016, publicado pela OIT e que traz, além das informações mencionadas no texto outras sobre as mulheres no mundo do trabalho e as diferenças de gênero neste campo. Outros dados deste mesmo texto serão abordados no primeiro capítulo. Disponível em http://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS_457096/lang--pt/index.htm. Acesso em 27 jun de 2016.

patriarcado e analisar os dados socioeconômicos das mulheres no Brasil contemporâneo; b) compreender como as trabalhadoras/estudantes dividem seu tempo entre trabalho remunerado, estudos e cuidados e; c) analisar os sentidos que a escolarização cumpre na vida das trabalhadoras/estudantes e os usos do tempo por elas.

Segundo Hirata, as relações sociais de sexo são “[...] desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas” (HIRATA, 2002, p.276). Esta desigualdade contribui para a exploração de mulheres em diversos espaços. Por esta perspectiva, aqui adotada ao longo do trabalho, percebe-se que, ao tomar seu lugar no mundo do trabalho assalariado, a mulher se deparou com uma divisão sexual desigual e injusta. Além de ser incorporada ao processo capitalista, ela ainda precisa cuidar dos filhos e da casa. Esta relação entre trabalho produtivo e reprodutivo fez com os marcadores sociais do patriarcado fossem intensificados, pois agora a mulher passou a ser explorada não só no espaço privado, mas no público também.

A divisão sexual do trabalho no capitalismo incrementou-se com a maquinaria, a partir do século XIX. Neste momento, o capitalista, ao inserir a máquina na produção aproveitou a força de trabalho feminina e também das crianças para produzir mais. No contexto familiar o homem, incitado pela necessidade de ganhar melhores salários, passa a vender não somente a sua força de trabalho, mas de toda a sua família, colocando nas mãos do capitalista o labor da mulher e dos filhos, em troca de um único salário (MARX, 2011).

A cadeia de opressão e exploração se reproduz em cascata. O trabalhador adulto é explorado pelo capitalista que, por sua vez, passa a explorar sua mulher e seus filhos. As mulheres, no caso, passam a ser também objetos de negociação dentro de uma lógica produtiva do capital. Como lembra Marx (2011), o incremento da maquinaria não só coloca a mulher na roda lucrativa do capitalismo, no processo de exploração-dominação-opressão, como lhes rouba o tempo destinado aos cuidados com a família, dando-lhes uma dupla jornada.

As práticas que diferenciam e colocam eles e elas em condições desiguais são reproduzidas cotidianamente e a dominação-exploração-opressão

de uma classe sobre outra e de um indivíduo sobre outro se acentua com o capitalismo, sendo que as relações sociais de sexo, com base na divisão sexual do trabalho e na naturalização do que é ser homem e o que é ser mulher vem contribuindo para o controle exercido pelos homens sobre as mulheres, e contribui para a perpetuação de grupos dominantes na sociedade. Existe, portanto, uma verdadeira aliança entre patriarcado e capital.

A figura feminina na família vem ao longo de muito tempo sendo responsável pelos cuidados dos outros, pela manutenção das crianças, idosos, pessoas com deficiência, trabalho este que coloca a mulher na condição de “improdutiva” perante a parcela economicamente ativa da população. Ao realizarem este trabalho no interior de seus lares passam a ser peças estratégicas para o capital, reproduzindo a lógica do patriarcado e da instituição familiar (HERRERO, 2015).

Esta posição ocupada pelas mulheres no seio familiar, no qual é considerada como a responsável natural pela reprodução social, é uma das formas de agressão contra elas. Mas não é a única. Esta é acrescida também de violência física, psicológica e simbólica, demarcada pelo processo de subordinação e de dominação do sexo masculino ao longo da história e está presente em todos os espaços dominados pelo homem, pelo capital e pelo patriarcado. Todos os dias milhões de mães, trabalhadoras e estudantes são submetidas à exploração doméstica, a trabalhos precarizados, degradantes, a salários inferiores aos dos homens no mesmo cargo, com a mesma formação e precisam provar nos bancos escolares que são melhores que eles para serem respeitadas. As histórias da *Marias* comprova empiricamente este fato que podemos averiguar nos estudos da comunidade de pesquisa sobre o tema.

As relações de poder determinadas pelo patriarcado e reforçadas pelo capitalismo são determinantes nas relações sociais, mas especificamente, nas relações sociais de sexo (SOUZA-LOBO, 1991). A dominação-exploração-opressão de um sexo sobre outro tem sua origem na divisão sexual do trabalho, na determinação de espaços públicos e privados destinados a cada sexo e hierarquizados, e na determinação do trabalho remunerado e não remunerado. Assim como nos relatos das *Marias*, sujeitas desta pesquisa, a jornada pela qual

as mulheres tem que se submeter é penosa e coloca as relações sociais de sexo como ponto crucial nas relações de poder.

Desta forma, realizar estudos sobre o tempo na vida das trabalhadoras/estudantes com base nas relações sociais de sexo torna-se importante e necessário neste trabalho, como forma de aprofundamento das mediações sociais estabelecidas entre trabalho, educação e cuidados domésticos, uma vez que sublinha relações sociais entre homens e mulheres, ligações estas de caráter conflituoso, hierarquizado e permeadas pela opressão e exploração (CISNE, 2015).

Dominadas por todo o aparato ideológico dos discursos sobre a posição da mulher na família, há sempre uma tendência a reproduzir falas sobre o papel dado a elas e a eles nos mais diversos espaços sociais. Desta forma, se faz necessário encaminhar pesquisas sobre as mulheres, no sentido de colocá-las como sujeitas determinantes de suas próprias escolhas, bem como discussões de como as mulheres organizam seu tempo entre o trabalho, estudos e a família.

Para percorrer o caminho a que nos propusemos e na tentativa de dar algumas respostas às perguntas colocadas, escolhas foram feitas, tanto em relação ao método quanto à metodologia, sendo necessário, para tanto, fazer um recorte espaço/temporal e de sexo.

As sujeitas que deram vida a este trabalho são trabalhadoras/estudantes e responsáveis pelo cuidado diário de seus familiares. Como educadora, a relação com a educação e o ensino de jovens e adultos tornou a escolha mais significativa, pois a percepção de que os percursos de vida laboral, escolar e vivências familiares destas sujeitas torna-se importante para a compreensão de como elas organizam seu tempo no dia a dia. Com a oportunidade de desenvolver esta pesquisa no CEEBJA – Irati com as alunas das diversas séries/turmas percebi que a relação anteriormente estabelecida poderia tornar o estudo relevante, interessante e cheio de sentido.

Participaram da construção desta dissertação as trabalhadoras/estudantes dos três turnos do CEEBJA que estavam presentes nos dias de pesquisa. Uma primeira aproximação foi realizada por meio da aplicação de 95 questionários para as trabalhadoras/estudantes, aplicados durante uma

semana em fevereiro de 2016. Destas, sete mulheres se voluntariaram para participar da pesquisa e compartilhar com a pesquisadora suas experiências em uma entrevista semiestruturada com temas pré-determinados.

Para conhecer o percurso que estas mulheres fizeram em suas vidas e o que as levou para o CEEBJA, passando por escolhas profissionais e familiares, é preciso o conhecimento do sujeito histórico na sua totalidade, compreendendo, segundo Kosik (1976) que:

Totalidade não significa *todos os fatos*. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classe de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos [...] não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético [...] se são entendidos como partes estruturais do todo (KOSIK, 1976, p.35-36, grifos do autor).

Assim, compreendemos a totalidade como um conjunto de relações reais em que se produzem e reproduzem as condições de existência, que mantém entre si outras relações, sejam elas de subordinação ou de coordenação, próximas ou distantes, que afetam até mesmo o cotidiano dos sujeitos, que dialogam para a compreensão da realidade concreta. Realidade esta e suas mediações que se dão por meio das inter-relações na organização, pelas sujeitas da pesquisa, entre os tempos de trabalho, de estudos e de cuidados domésticos.

Netto (2011), ao falar do método de Marx, reforça a importância de se conhecer o objeto de estudo na sua totalidade com todas as suas mediações, concretamente.

o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto. [...] Assim, a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e

interpretado no plano ideal (do pensamento). (NETTO, 2011, p.21, grifo do autor)

Assim, para compreendermos a realidade das trabalhadoras/estudantes optamos, como caminho metodológico, pela apreensão dos espaços de vivência destas mulheres. Para tanto, foram aplicados, em um primeiro momento, questionários com questões fechadas e abertas a todas as estudantes nos três períodos disponibilizados no CEEBJA na cidade de Irati e, destas, sete foram entrevistadas.

A relação estabelecida entre a pesquisadora e estas mulheres possibilitou conhecer cada uma delas com suas particularidades. Os encontros ocorreram em locais diversos, conforme a conveniência de cada uma delas, possibilitando um ambiente mais propício para a abertura das histórias destas mulheres para a pesquisadora.

Tanto no levantamento dos dados, como nos estudos teóricos e nas escutas realizadas, evidenciamos que as mulheres ainda precisam lidar com as mais diversas situações de desigualdade, especialmente no que diz respeito às tarefas domésticas e de cuidados que, ao longo de toda a história da sociedade capitalista, são naturalmente atribuídas a elas. A pesquisa demonstrou que a família ainda é o fator mais importante para estas mulheres, o ponto de partida e de chegada como denominamos ao explicar o fato, mas este sentimento convive com a vontade que as mulheres demonstraram de ter mais tempo para os estudos e para os cuidados pessoais.

Desta forma, tendo ciência de que os estudos realizados e a escrita deste texto não dão conta de uma realidade tão complexa, mas compreendendo também que é necessário e urgente colocar o “dedo na ferida” para que seja superada a desvalorização dos trabalhos realizados pelas mulheres em casa e nos cuidados e a compreensão de que o tempo dedicado a estas tarefas, sejam visibilizados e compreendidos como responsabilidade de mulheres e homens na reprodução cotidiana da sobrevivência dos sujeitos dentro de uma sociedade capitalista, patriarcal e sexista.

A presente dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda as questões do patriarcado e da sociedade capitalista e suas faces como

faces da exploração da mulher, bem como levanta discussões sobre as relações estabelecidas entre homem e mulher, capital e trabalho e suas nuances de poder, apresentando dados de pesquisas internacionais e nacionais sobre a condição da mulher nesta sociedade, tendo como espinha dorsal a divisão sexual do trabalho, além da discussão de como a feminização do trabalho contribui, sobremaneira, para a precarização das mulheres como partes da classe trabalhadora.

O segundo capítulo tem como propósito, a partir dos dados empíricos, traçar o perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA-Irati para compreender como elas organizam seu tempo entre o trabalho produtivo, reprodutivo e cuidados com a casa e os familiares.

O terceiro e último capítulo tem como objetivo trazer as percepções das sete mulheres que participaram das entrevistas e que nominamos de *Marias* sobre a escolarização e o uso do tempo em suas vidas. Destas percepções, exteriorizadas por meio de relatos, emergiram quatro categorias que foram assim organizadas: a) A família: ponto de partida e de chegada; b) As violências na vida das *Marias*; c) Resiliência e a decisão de seguir em frente e d) Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das *Marias*. Por fim, os relatos de vida destas trabalhadoras/estudantes será sintetizado em um último item entrelaçando estas vivências.

1. PATRIARCADO E CAPITALISMO: AS FACES DA EXPLORAÇÃO DA MULHER TRABALHADORA

As reflexões trazidas neste capítulo têm como foco central discutir as concepções a respeito do patriarcado e do capitalismo e suas relações de poder e formas de manifestação. Trata-se de uma primeira aproximação ao tema da pesquisa, uma abordagem da materialidade da sociedade capitalista em âmbito mais global, de caráter abstrato, como preparação e condição necessária para a compreensão, no próximo capítulo, da materialidade mais próxima das mulheres sujeitas da pesquisa.

Patriarcado e capitalismo são as bases da organização social atual e que tem como fundamento relações de poder estabelecidas entre homem/homem, homem/mulher ou entre capital e trabalho. Tanto um quanto outro são, estruturalmente, organizados a partir da correlação dominação-exploração-opressão⁶ de uma classe sobre a outra, de homens sobre outros homens, de homens sobre as mulheres e de mulheres sobre outras mulheres.

Como fio condutor destas discussões, optamos por explorar as faces desta dominação-exploração-opressão sobre o lado mais vulnerável da relação: as mulheres trabalhadoras. Para tanto, a primeira parte destina-se às concepções e definições mais gerais do patriarcado e capitalismo para que possamos compreender como, historicamente, se deu a apropriação do trabalho pelo capital e como esta relação se projeta nas mulheres trabalhadoras.

A segunda parte do capítulo tem como propósito discutir como o uso do tempo nos diversos espaços sociais, públicos e privados, são formas de dominação-exploração-opressão, tomando como base a construção do trabalho e não trabalho embasado numa divisão sexual muito acentuada e historicamente constituída, com olhar voltado para os dados socioeconômicos sobre as mulheres no Brasil na contemporaneidade.

A terceira parte traz para as discussões a questão da feminização do trabalho e, neste sentido, discutiremos o processo de naturalização e da inserção

⁶ A expressão dominação-exploração foi usada por Saffioti (2015) na relação de gênero existente no patriarcado. Acrescentamos a terminologia opressão por entendermos que a partir de uma dominação e exploração, nas relações sociais de sexo, a mulher é oprimida também.

das mulheres em postos de trabalho ditos femininos e como a ocupação deste tipo de trabalho contribui para a precarização das trabalhadoras na contemporaneidade.

1.1 Patriarcado e capitalismo e suas relações de poder

A origem da sociedade patriarcal se dá na passagem do matriarcado ao patriarcado, passagem esta que na Europa, segundo Saffioti (2015) durou cerca de 2500 anos (3100 a.C a 600 a.C). Para esta mesma autora: “Um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido” (SAFFIOTI, 2015, p. 51).

A configuração do patriarcado se deu, ao longo do tempo, por considerações muito mais vinculadas à herança da propriedade, ou seja, o patriarcado passa a ser a forma de dominação e relação social fundamental justamente quando a propriedade privada passa a ser relevante nas sociedades ocidentais. No patriarcado passam a ser conjugadas, sob o domínio masculino, duas formas de propriedade que afetam diretamente a sociabilidade e as mulheres: o controle sobre a propriedade privada e sua transmissão, e também o controle da sexualidade feminina, já que desta depende a reprodução. Engels (2009) afirma que esta “reversão do direito materno”, na transição histórica para as sociedades patriarcais, foi a “grande derrota histórica do sexo feminino”.

Com isso a dominação-exploração-opressão da mulher passa por um processo de naturalização, com consequências profundas nas relações sociais de sexo e na divisão sexual do trabalho. A família monogâmica, atualmente hegemônica, não é nada mais que uma criação histórica, naturalizada por vários institutos das sociedades ocidentais (mas não somente destas), especialmente pela religião. A monogamia surge, portanto, não como forma de expressão do amor entre o homem e a mulher, mas por conveniência, tornando-se a primeira formação familiar não baseada em condições naturais e sim nas relações econômicas, ou seja, na valorização da propriedade privada em detrimento da organização das famílias com base no amor (ENGELS, 2009).

A palavra patriarcado tem origem na “[...] combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando)” (DELPHY, 2009, p. 174, grifo da

autora) e não se refere à designação do pai como genitor, procriador, ou seja, não se refere à filiação biológica. Designa composição da sociedade em que o poder é exercido pelos homens, ou, quase que exclusivamente, o poder deles. Este poder passa a ser destacado por meio de dois fatores abordados nos escritos de Engles (2009) e reforçadas atualmente nas palavras de Saffioti (2015): 1) por uma organização da produção capaz de gerar excedentes e, desta forma, a exploração do homem sobre o homem/mulher e, mais acentuadamente, sobre elas e; 2) pelo fato da descoberta de que o homem também colaborava na procriação dos filhos. “Mas o valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social” (SAFFIOTI, 2015, p. 130).

Controle exercido pela figura masculina em todos os espaços da sociedade, muito bem demarcados por uma perpetuação por interesses de grupos dominantes. Para as classes dominantes, o patriarcado gera uma condição de subordinação da mulher que favorece não somente as relações sociais de sexo/raça/etnia, mas o machismo, o sexismo. Neste sentido, o patriarcado apresenta, neste contexto, quatro formas de poder que estão diretamente relacionadas: a) o sexismo, b) a dominação política, c) a dominação social e d) a dominação biológica.

A ideologia sexista corporifica-se quando a sociedade estabelece estereótipos masculinos e femininos, dando-lhes atributos socialmente constituídos e determinantes de formas de hierarquização. A construção do feminino e do masculino passa por uma concepção do que é ser mulher e o que é ser homem desde a dimensão biológica até a dimensão da posição social de ambos, nos diversos espaços públicos e privados. A relação com o corpo mais forte, a voz mais imponente e a tomada de decisão diante da família são exemplos disso, como afirma Saffioti (2015).

A ideologia sexista corporifica-se nos agentes sociais tanto de um polo quanto de outro da relação de dominação-subordinação. O sentido figurado da corporificação das ideologias em geral e da sexista em especial reside no vínculo arbitrariamente estabelecido entre fenômeno: voz grave significa poder, ainda que a pessoa fale baixo (SAFFIOTI, 2015, p. 132)

Dar corpo e animação a estas ideologias contribui para reforçar as demais relações de poder no patriarcado. Quando o homem ou a mulher são obrigados a exercer funções ditas “masculinas” e “femininas”, o jogo de dominação-exploração tem o campo aberto para se reproduzir nas demais instâncias, em especial nas relações de trabalho, seja ele assalariado ou não.

O poder político tem conexões diretas com o sistema capitalista. Uma vez estabelecidas socialmente as funções sociais distintivas dos sexos, as políticas podem ser determinadas de formas diferenciadas, privilegiando os homens. Saffioti (2013) traz à tona as contradições estabelecidas entre a ocupação da mulher em postos de trabalho e sua real emancipação econômica e diz que por mais que ela adquira sua liberdade financeira, sua condição de inferiorização na sociedade a coloca como ponto secundário nas políticas nacionais e internacionais. Segundo a autora:

Desde seus inícios, a exploração econômica da mulher faz-se conjuntamente com o controle de sua sexualidade. É obvio que este fato preexistiu, de longe, à emergência do capitalismo; mas este se apropriou desta desvantagem feminina, procedendo com todas as demais da mesma forma. Como se pode verificar facilmente nas cadeias produtivas nacionais e internacionais, as mulheres predominam nos estágios mais degradados da terceirização e quarteirização. [...] Isto equivale a dizer que, quanto mais sofisticado o método de exploração praticado pelo capital, mais profundamente se vale da dominação de gênero de que as mulheres já eram, e continuam sendo, vítimas (SAFFIOTI, 2015, p. 138-139).

Na relação de poder vinculada à organização da sociedade, o patriarcado se apropria de situações predeterminadas ao longo da história para exercer sua forma mais vil, a dominação-exploração dentro dos lares. O homem passa a ver e exercer sobre a mulher o poder não só sobre o seu corpo e sobre a reprodução, mas também sobre a sua condição enquanto indivíduo social. Estabelece-se agora o que Saffioti nominou de “contrato sexual”⁷, e que este “[...] não se

⁷ Sobre o contrato sexual, Saffioti (2015, p. 132-133) afirma que a origem desta relação tem como base o sexismo: “Quando um povo conquistava outro, submetia-o a seus desejos e a suas necessidades. Os homens [...] eram sumariamente eliminados, assassinados. As mulheres eram preservadas, pois serviam a três propósitos: constituíam força de trabalho, importante fator de produção em sociedades sem tecnologia ou possuidoras de tecnologias rudimentares; eram

contrapõe ao patriarcado; ao contrário, ele é a base do patriarcado moderno” (2015, p. 135, itálico no original).

A organização familiar monogâmica coloca a mulher em condição de desigualdade neste pacto. Enquanto ao homem cabe a proteção e sustento, a elas cabe o cuidado do lar e dos filhos e a obediência. A autora ainda complementa o pensamento sobre patriarcado e contrato sexual:

O conceito de patriarcado, compreendido por meio da história do contrato sexual, permite a verificação da estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil. Focalizar o contrato sexual, colocando em relevo a figura do marido, permite mostrar o caráter desigual deste pacto, no qual se troca obediência por proteção. E proteção, como é notório, significa, [...] exploração-dominação [...] O contrato representa troca de promessas por meio da fala ou de assinaturas. [...] A parte que oferece proteção é autorizada a determinar a forma como a outra cumprirá sua função no contrato. (SAFFIOTI, 2015, 136-137).

A última das relações de poder do patriarcado assenta-se exatamente onde tudo começa: na natureza biológica, ou melhor, na biologização do sexo feminino. A percepção social da mulher enquanto ser naturalmente vinculado à reprodução e, portanto, à maternidade, está intimamente ligada ao seu aparelho reprodutor, condição que a coloca como elemento determinante no processo de perpetuação da espécie e, conseqüentemente, como garantidora da força de trabalho para o capitalismo.

Simone de Beauvoir, ao fazer uma abordagem de todo o desenvolvimento biológico da mulher e do homem, traduz com precisão a utilização do corpo feminino como meio de subsistência da espécie e da sociedade.

Vê-se que muitos desses traços provêm ainda da subordinação da mulher à espécie. Tal é a conclusão mais notável desse exame: é ela, entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que recusa mais violentamente esta

reprodutoras desta força de trabalho, assegurando a continuidade da produção e da própria sociedade; prestavam (cediam) serviços sexuais aos homens do povo vitorioso. Aí estão as raízes do sexismo [...] constitui uma prova cabal de que o gênero não é tão somente social, dele participando também o corpo, quer como mão de obra, quer como objeto sexual, quer, ainda, como reprodutor de seres humanos, cujo destino, se fossem homens, seria participar ativamente da produção e, quando mulheres, entra com três funções na engrenagem descrita”.

alienação; em nenhuma, a escravização à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita (BEAUVOIR, 2016, p. 59).

Mesmo travando lutas aguerridas contra a naturalização do ato reprodutivo, e destaca-se entre estas a luta pelo direito ao aborto em todo o mundo, as lutas constantes contra a violência machista entre outras, a mulher é ainda colocada como uma ferramenta deste processo, ou seja, cabe a ela dispor de todo seu aparato biológico para que a espécie sobreviva. Da perspectiva dos movimentos conservadores, as mulheres ainda são vinculadas ao seu aparato biológico e a ele deve subordinar o restante de sua vida social.

Todas as formas de poder exercidas no patriarcado trazem em suas bases a dominação-exploração sobre a mulher. Esta organização social que se estabelece muito antes do capitalismo, mas que o integra e que contribui para reforçar as formas de dominação das classes, precisa ser compreendida a fundo nos estudos sobre as relações sociais de sexo, por que:

- 1- não se trata de uma relação privada, mas civil;
- 2- dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrições [...];
- 3- configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
- 4- tem uma base material;
- 5- corporifica-se;
- 6- representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2015, p. 60).

No capitalismo o patriarcado encontrou e encontra campo fértil para seu desenvolvimento, e as formas de exploração intrínsecas a esta forma de sociedade tem uma íntima ligação com a exploração e apropriação da mulher (CISNE, 2014), configurada desde a relação com o pai até o marido e com o capital. “O capital não cria subordinação das mulheres, porém a integra e reforça” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 29).

O capitalismo, em estreita conexão com o patriarcado, traduz outra face da exploração da mulher: a força de trabalho mais precarizada. É o modo de produção atual em que a relação entre capital e trabalho se objetiva pela venda

da força de trabalho do trabalhador/trabalhadora⁸. No processo de produção de mercadorias, com a exploração da força de trabalho do homem/mulher, acentuaram-se todas as formas de poder: do capital sobre o trabalho, de uma classe sobre a outra e a dominação-exploração da força de trabalho.

A primeira relação de poder acontece quando os capitalistas exercem domínio sobre a classe produtora nas relações de trabalho e, conseqüentemente, sobre a vida material⁹ dos indivíduos. Este modelo social ancora-se em um sistema econômico em que os meios de produção são de propriedade privada e o trabalho é uma mercadoria, que divide os que vendem sua força de trabalho e os que compram esta força de trabalho.

A utilização da força de trabalho para a produção de um valor excedente foi determinante na relação capital e trabalho no sentido de uma maior exploração do trabalhador/trabalhadora, e o detentor dos meios de produção e dos produtos do trabalho, o capitalista, passa a investir em todas as formas de opressão-exploração para a obtenção de lucro.

Corroborando com os ensinamentos de Marx (2011), Guiraldelli (2016) afirma que:

Na produção capitalista, a força humana de trabalho assume um caráter *sui generis*, o de mercadoria, pois passa a ser fonte de valor e criação de valor, constituindo a base de solidificação da economia capitalista (GUIRALDELLI, 2016, p. 42, grifo do autor)

⁸ Trabalho, na acepção de Marx (2011, p. 211), é a relação entre o homem e a natureza em que o primeiro, por meio de sua força física, de seus membros e instrumentos, “[...] com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Nesta relação ainda segundo os ensinamentos de Marx, ao atuar sobre a natureza e suas forças, soma-se a ela, modificando-a e sendo modificado por ela.

⁹ Braudel (1986) define vida material como sendo a relação estabelecida entre o homem e as coisas e vice-versa. Tudo aquilo de que se serve o homem para a realização das atividades do cotidiano, seja no âmbito econômico quanto social. Para Marx e Engels (2007) a vida material é determinada a partir das condições de existência de indivíduos reais, são eles os responsáveis por produzirem sua vida material e sua história. Ainda nas palavras de Marx (2008, p. 49) no prefácio do livro Contribuição à crítica da economia política: “[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinantes da consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”.

E aqui não somente o homem, mas também a mulher, se entranham neste emaranhado de dominação, ficando subordinada à lógica do capital. E para elas, as relações firmadas entre o capital e o trabalho aparecem na sua forma mais cruel, ou seja, a condição do ser mulher torna a relação de trabalho mais precarizada e explorada.

A segunda forma de poder estabelecida no sistema societário capitalista está justamente na venda da força de trabalho como mercadoria e a compra pelo capitalista, ou seja, quando uma classe precisa dispor da sua força de trabalho¹⁰, para que a classe dominante produza.

Por mais que possamos pensar em uma relação igualitária, justa e livre, tendo nos polos desta relação duas classes com “objetivos comuns”, nada tem de igualdade, justiça e muito menos liberdade, já que a classe dominante possui o aparato econômico e o poder político que determina as regras e normas para esta venda. O papel histórico da classe trabalhadora foi sempre a resistência à dominação capitalista.

A terceira forma de poder pela qual o capitalismo se apropria para progredir na sua empreitada pela auto-reprodução ampliada e incontrolável (MÉSZAROS, 2011), se apresenta como a mais aviltante, por estar mais intimamente relacionada à dominação da vida: o tempo gasto para produzir valor rouba dos trabalhadores a vitalidade e as horas do seu dia que poderiam ser utilizadas com outras atividades e nas relações sociais e familiares. Devido ao fato inegável da tripla jornada, o avanço sobre o tempo das mulheres é ainda mais avassalador. Para Cisne (2014):

A análise da condição da mulher no mundo do trabalho não é a questão de ordem linguística ou meramente gramatical. Ou seja, não se trata, apenas, de ressaltar que além de trabalhadores, existem trabalhadoras na composição da classe. Trata-se de analisar como as mulheres sofrem uma exploração particular, ainda mais intensa do que a dos homens da classe trabalhadora e que isso atende diretamente aos interesses dominantes (CISNE, 2014, p.26)

¹⁰ “Por força de trabalho ou capacidade de trabalho compreendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie” (MARX, 2011, p. 197)

A autora alerta que a composição da classe trabalhadora não é homogênea, bem como os efeitos do capital não é sentido da mesma forma por homens e mulheres, e podemos dizer que também não sentida da mesma forma nos diferentes lugares do mundo (especialmente no eixo norte-sul do planeta). “Assim, a classe não é uma massa homogênea, mas tem “raça”/etnia e sexo” (CISNE, 2014, p. 270).

Acrescenta-se, aqui, a análise do sociólogo peruano Aníbal Quijano, que ao discorrer sobre a “colonialidade do poder”, ou seja, a forma específica de dominação-exploração-opressão realizada na América Latina, afirma categoricamente que esta dominação colonial é também patriarcal e racista, ou seja, suas análises levam em consideração, tal como Cisne (2014), a tríade classe, raça/etnia e sexo/gênero (QUIJANO, 2005).

No caso das mulheres o elemento sexo vem determinando ocupações de frentes de trabalho ditas femininas. A elas cabem profissões “naturalizadas” como femininas ou em trabalhos precarizados e com remunerações inferiores às dos homens. Como lembra Saffioti (2013), o sexo como elemento historicamente determinante na inferiorização da mulher na sociedade contribui para determinação das classes sociais.

Tanto Marx (2011) quanto Saffioti (2013) admitem e trazem nos seus estudos a relação de exploração-opressão da mulher pelo sistema capitalista. Para os autores a primeira forma de exploração-opressão da mulher ocorreu exatamente no seio familiar. A mulher vista pelo capitalista e pelo próprio marido como uma força de trabalho a mais no processo de produção, foi introduzida na roda do capital como força de trabalho¹¹.

Saffioti (2013) acrescenta que para o capital não bastou somente o incremento da tecnologia (introdução de máquinas na produção), para que obtivesse lucros maiores e mais rápidos, precisou colocar na roda do capital o

¹¹ Ressalta-se aqui as análises de Marx, contidas no Livro I de O Capital, especialmente no Capítulo XIII, sobre a maquinaria e a indústria moderna, onde descreve criticamente a introdução da força de trabalho feminina e infantil na indústria (MARX, 2011). A contratação pelo capitalista de toda família para o trabalho trouxe enormes prejuízos tanto para a unidade familiar quanto para as resistências dos trabalhadores contra o capital, e, muitas vezes, ampliou o processo de exploração até o seio familiar, ou seja, transformou o marido em intermediário do capitalista na exploração das mulheres e filhos.

lado mais frágil da relação capital-trabalho, a força de trabalho feminina. Para a trabalhadora o ingresso no mundo do trabalho, representou aumento da jornada diária de trabalho, tendo que dar conta não somente das atividades laborais remuneradas, mas também dos cuidados com a casa e filhos e, percebendo salários mais baixos que os homens. Esta situação gerou uma correlação de forças desigual e uma dominação-exploração cada vez mais acentuada sobre as mulheres, algo que começa a ser revertido, de forma lenta e sem segurança, apenas no século XX, e de forma desigual pelas regiões do Brasil e do mundo.

Parece-nos muito claro que a parcela da população trabalhadora mais prejudicada desde a presença da máquina como mecanismo de melhoria da produtividade, são as mulheres. Mesmo atuando em conjunto com os homens, experimentam condições de subemprego, precarização e desvantagens nos espaços de trabalho, além da sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado.

Por mais que a noção de classe e suas lutas possam ser consideradas como determinante para a manutenção do sistema capitalista, não há como negar que dentro desta classe encontramos desigualdades relacionadas ao sexo, “raça”/etnia, fortemente marcadas pela dominação-exploração do homem sobre a mulher, e,

O que é mais grave ainda é que não se poderia sem má-fé considerar a mulher unicamente uma trabalhadora; tanto quanto sua capacidade produtora, sua função de reprodutora é importante na economia social como na vida individual; há épocas em que ela é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua. (BEAUVOIR, 2016, p.88).

Em complemento ao pensamento da autora francesa, Saffioti (2013) sintetiza como a mulher torna-se fundamental tanto para o capitalista como para a própria sobrevivência da sociedade regida pelo capital.

A sociedade, enquanto sociedade capitalista, exige não de modo uniforme e institucionalizado, mas periodicamente, certos trabalhos femininos [...]. Mesmo que se pensem as atividades que tradicionalmente vêm sendo exercidas pelas mulheres como passíveis de execução por parte de outras categorias sociais subprivilegiadas, a sociedade necessita do trabalho feminino

cujos rendimentos são imprescindíveis para a sua sobrevivência. Trata-se aqui de uma sobrevivência da própria sociedade por dois motivos: primeiro, porque o equilíbrio da sociedade é incompatível com a generalização dos problemas sociais e seus efeitos dismônicos; segundo, porque as mulheres constituem metade da humanidade, sendo, pois, mesmo que se atente apenas para a sua condição de reprodutoras, imprescindível à conservação da sociedade (SAFFIOTI, 2013, p.70).

Assim, as ideias das autoras clarificam e direcionam para um entendimento de um “nó teórico” (SAFFIOTI, 2015), sobre a mulher trabalhadora dentro da teoria social de Marx. Para as autoras citadas, a manutenção da sociedade capitalista, depende sobremaneira do trabalho feminino, porém, sem a desconsideração do ser mulher. Se a sua inserção neste processo nada tem a ver com a realização pessoal por meio do trabalho e sim com o fato do capitalista almejar lucros maiores, garantir a entrada e permanência no mercado de trabalho, é garantir, também, a própria sobrevivência da sociedade capitalista, ou seja, além da produção e reprodução da vida material, o sexo tem papel relevante nesta relação.

1.2 Os usos do tempo como forma de dominação-exploração-opressão na sociedade patriarcal e capitalista

O uso do tempo na sociedade atual, e, em especial nesta pesquisa, do tempo de trabalho, do tempo da escola e do tempo dos cuidados, relaciona-se diretamente com construções sociais que determinam não somente o uso destes tempos, mas como eles são divididos entre os sexos.

Para adentrarmos às discussões dos usos do tempo nestes três espaços, laboral, escolar e doméstico é preciso entender como se deu a construção histórica do feminino e do masculino, do trabalho e não trabalho e da divisão sexual se deram. A determinação de como homens e mulheres ocupam funções na sociedade e como estas são organizadas e divididas entre eles e elas, tem reflexos diretos “[...] não só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho” (BOURDIEU, 2013, p. 123).

Antes de explicitarmos em que circunstâncias ocorre a apropriação do tempo por homens e mulheres, fora e dentro dos lares é preciso uma breve

explanação de como a categoria tempo será abordada em nosso trabalho, delineando quais caminhos serão percorridos para a análise dos dados empíricos.

O tempo dentro da perspectiva adotada vai de encontro ao que Durán (2010) nos apresenta em seus estudos sobre o valor do tempo, ou seja, “que o tempo é um fator econômico de primeira magnitude” (DURÁN, 2010, p. 231) e também político, ou seja, determinante na relação da compra e venda das horas diárias da força de trabalho. A autora coloca ainda que o consumo do tempo nos diversos espaços sociais público e privado, em especial, o relacionado à economia dos cuidados, “é um custo de produção essencial nas economias modernas” (DURÁN, 2010, p. 231)¹².

A definição de tempo enquanto categoria de análise¹³ nos aproxima das constatações da autora espanhola e nos conduz pelo caminho da relação que se estabelece entre o tempo e a sociedade atual, ou seja, em como o uso do tempo por homens e mulheres são determinados e determinantes das relações sociais de sexo na sociedade patriarcal e capitalista. As horas dedicadas às atividades diárias para a produção e reprodução da vida cotidiana são, sobremaneira, influenciadas pela organização temporal do trabalho remunerado e não remunerado. A autora complementa sua reflexão sobre o uso do tempo, dizendo que,

Como todas as economias, a economia do tempo é uma economia política. Não se produz em abstrato, no vazio social, mas através de sujeitos que aportam seu próprio tempo para a produção de bens e serviços e que consumem [sic] o tempo próprio e o tempo alheio. A divisão do trabalho não se realiza em condições reais de liberdade de escolha e existe uma luta soterrada para melhorar as condições de venda do mercado de trabalho da própria força de trabalho, deslocando para outras as atividades que não se beneficiam do progresso tecnológico nem da organização coletiva (DURÁN, 2010, p. 231),

¹² O conceito de “economia dos cuidados” será tratado adiante neste trabalho.

¹³ Metodologicamente pode-se dividir as categorias em “categorias de análise” e “categorias de conteúdo”. As primeiras referem-se às categorias com maior poder de abstração, ou seja, que se referem a processos mais globalizantes e de maior poder explicativo. Já as categorias de conteúdo se referem à organização dos dados empíricos da pesquisa, de forma que esta organização possibilita a compreensão mais detida dos processos concretos especificamente estudados.

Assim, a categoria tempo e o uso deste, vincula-se a ideia de que para organização da tripla jornada de trabalho que as trabalhadoras/estudantes, sujeitas desta pesquisa, e das demais mulheres que passam pela mesma condição material, precisam lidar com questões muito mais profundas, de caráter político, social, econômico e de sexo, determinantes da condição de mulher.

Autores como Beauvoir (2016) e Bourdieu (2013) expressam seus pensamentos a respeito da condição da mulher na sociedade, afirmando que o fator biológico é, sem dúvida, a primeiro fator determinante para tal condição, mas que não é a única e nem a mais forte. Pensar em feminino e masculino, pressupõe a interação de fatores sociais, econômicos, ontológicos e psicológicos, agindo sobre tal construção.

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (BEAUVOIR, 2016, p. 65, grifo da autora).

Atributos femininos são colocados para as mulheres como naturais e deterministas da composição do seu corpo. Relacionar características, como a capacidade reprodutiva, está muito presente nas definições declaradas por homens e mulheres em pesquisas recentes, que a seguir serão apresentadas. Definir os sujeitos pelo aparelho reprodutor e pelo conjunto de características associados a ele, tais como, fragilidade e docilidade para as mulheres e virilidade e força aos homens, encobre a contribuição que fatores socioeconômicos têm sobre esta condição.

Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e Sesc, apresentada por Venturi e Godinho (2013), analisou as percepções de homens e mulheres sobre diversos temas sociais, coletadas em 2001 e 2010, para as mulheres, e

apenas 2010 para os homens. Perguntadas sobre a “Percepção de melhora na situação das mulheres em comparação com a vida há 20 ou 30 anos”, em 2001 24% declararam que a situação está pior, e em 2010, este número desceu para 19%, ou seja, houve uma melhora na percepção das mulheres. Em relação a outra pergunta, “Ser mulher, o melhor e o pior, o que mudaria”, respondida apenas em 2010, 19% declararam que a pior coisa de ser mulher é a subordinação aos homens, e 16% responderam que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho era a pior coisa de ser mulher. 69% das respostas afirmam que a melhor coisa de ser mulher se relaciona à capacidade/possibilidade de gerar filhos e de constituir uma família por meio do casamento, enquanto 23% indicaram que a melhor coisa de ser mulher relaciona-se a condição de batalhadora e guerreira diante das discriminações sofridas em relação ao gênero.

Ainda em relação à mesma pesquisa, ao serem confrontadas com a seguinte frase “Em um casal é importante que o homem tenha mais experiência sexual que a mulher”, 24% das mulheres e 36% dos homens concordaram. Frente a outra afirmativa “Nas decisões importantes, é justo que na casa o homem tenha a última palavra”, 23% das mulheres e 43% dos homens concordaram. Com relação à afirmação de que “A mulher casada deve satisfazer o marido sexualmente mesmo quando não tem vontade”, 15% das mulheres e 17% dos homens se colocaram de acordo. Percebe-se, portanto, que a maior diferença de pensamento entre homens e mulheres se dá no quesito econômico, mas também é relevante pensar que uma porcentagem importante das mulheres pensam de forma sexista nas questões relativas ao sexo e ao cotidiano da vida.

Atrelada à questão da constituição social do feminino e do masculino está a divisão sexual do trabalho fora e dentro dos lares como um dos fatores determinantes do uso do tempo pelas mulheres. A divisão sexual do trabalho produtivo ou reprodutivo tem por fundamento a separação destes espaços segundo uma concepção biológica do ser mulher e do ser homem em que alguns trabalhos, em especial aqueles que agregam valor econômico, são destinados aos homens e outros, de baixo valor agregado ou não remunerado, para as mulheres (KERGOAT, 2009). Segundo Bourdieu (2013),

o mundo social constrói o corpo como realidade sexual e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, em primeiro lugar ao corpo em si, em sua realidade biológica; é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos de acordo com os princípios de uma visão do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela própria inscrita, com a divisão do trabalho na realidade da ordem social. A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre os corpos masculino e feminino, e, muito especialmente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como a justificação natural da diferença socialmente construída como os *gêneros*, e, em particular, da divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2013, p.24, grifos do autor)

Kergoat (2009) ao considerar o corpo como determinante da ocupação pelas mulheres de alguns tipos de trabalho, bem como o estabelecimento de princípios de hierarquização destes, reforça que,

Esses princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação – a ideologia naturalista -, que relega o gênero ao sexo biológico e reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados, os quais remetem ao destino natural da espécie. No sentido oposto a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sociais sexuadas são construções sociais, elas mesmas resultado de relações sociais. (KERGOAT, 2009, p. 68).

Ainda segundo a autora, as relações sociais de sexo decorrem da divisão social do trabalho e se adaptam a cada sociedade e tempo, o que é reforçado por Souza-Lobo (1991, p. 29), para quem: “[...] as raízes da divisão sexual do trabalho devem ser procuradas na sociedade e na família”. Conforme os ensinamentos das autoras, para o entendimento de como se dão as relações sociais de sexo na perspectiva da divisão sexual do trabalho, remunerado ou não remunerado, é preciso apreender as relações de trabalho e as relações sociais em que estas se localizam, sendo que este fenômeno não é rígido, estanque, imutável, mas dinâmico e dialético. Estar atento a este movimento é conceber que:

A análise da divisão sexual do trabalho permite perceber nuances da exploração capitalista muitas vezes despercebidas devido à naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade,

assim como de papéis por elas desempenhados (CISNE, 2015, p. 121).

Para a compreensão de como se dá a divisão sexual do trabalho e das “assimetrias contidas nessa divisão” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 47), é fundamental perceber que estas assimetrias vão muito além da determinação de trabalhos ditos femininos ou masculinos. Tem como fundamento também a hierarquização, expressa na forma como eles e elas são incorporado ao mercado de trabalho, o percurso escolar de cada um e a relação salarial.

Segundo Souza-Lobo (1991) várias hipótese podem ser elencadas na tentativa de compreender estas assimetrias, tais como: a) a distinção dos empregos mais gabaritados e com salários mais altos, destinados na sua maioria para os homens, e os empregos instáveis, sem qualificação e com baixos salários, destinados às mulheres; b) a diferenciação entre produção e reprodução em nível social, separando em esfera produtiva como masculina e a reprodutiva como feminina; e c) o pensamento da divisão sexual do trabalho como um constructo simbólico da sociedade no âmbito da produção e reprodução.

Corroborando com as ideias das autoras citadas, Bourdieu (2013) conclui que:

Inserida nas coisas, a ordem masculina insere-se também nos corpos através das injunções tácitas que estão implicadas nas rotinas da divisão do trabalho [...]. As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as disposições que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (manejar a charrua, por exemplo), atribuindo-lhes lugares inferiores (à beira da estrada ou do talude), [...] atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas [...] e, de uma maneira geral, tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas, que parecem assim estar na base das diferenças sociais (BOURDIEU, 2013, p.39)

Para o entendimento de como se dão os usos do tempo trabalho, escola e cuidados é preciso delimitar, ainda que de forma breve, o que é o trabalho produtivo e reprodutivo, assalariado, não assalariado e doméstico.

Em Marx a ideia de trabalho produtivo não pode ser confundido com o processo de trabalho em geral, ou seja, não se refere à forma de produzir. Sob o

capitalismo, a produção de mercadorias possui dupla dimensão, como afirma já no primeiro capítulo de sua obra maior, O Capital: valor de uso e valor de troca. O caráter produtivo do trabalho assalariado, sob o capitalismo, não se refere ao primeiro, mas ao segundo. Nas suas palavras, o capitalista:

Primeiro, quer produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, (duplo caráter do processo de trabalho) uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la [meios de produção e força de trabalho] (MARX, 1994, p.220).

Ou seja, o trabalho produtivo é aquele que, ao ser mobilizado pelo capital, gera mais-valia. Portanto, o *lócus* do trabalho produtivo era, na época de Marx, especialmente as fábricas, e hoje, pode-se dizer, este *lócus* está mais ampliado para outros setores da produção e reprodução capitalista. As formas do trabalho produtivo não se encontram mais apenas no chão da fábrica, mas em todas as formas de produção do capital. De toda forma, o trabalho produtivo distingue-se dos demais por ser remunerado, e esta diferença é fundamental quando da análise aqui realizada sobre o trabalho das mulheres, ou seja, a constatação de que boa parte dos trabalhos realizados pelas mulheres não faz parte dos chamados “trabalhos produtivos”, não são, portanto, remunerados.

A concepção de trabalho reprodutivo não aparece nos estudos de Marx (2011) e, atualmente, apesar de autores como Orozco (2006), Venturi & Godinho (2013), Ávila (2013), Ávila & Ferreira (2014), Gama (2014), Abreu, Hirata e Lombardi (2016) entre outros, trazerem em seus estudos uma discussão mais aprofundada a respeito das atividades consideradas não trabalho, as medidas sociais e políticas ainda são muito discretas no sentido de dar visibilidade e configuração diferente a este tipo de trabalho desenvolvido, em sua grande maioria, pelas mulheres. Segundo Ávila (2013):

O trabalho reprodutivo ou trabalho doméstico, assim definido no contexto dessa sociedade, esteve fora do conteúdo que dava significado ao conceito de trabalho até muito recentemente. A reestruturação desse conceito para alcançar as duas esferas do trabalho é parte de um processo político e de uma prática de

produção do conhecimento que se constroem a partir do movimento feminista (ÁVILA, 2013, p.231)

Os estudos apresentados por Orozco (2006) sobre a desconstrução de teorias e posicionamentos sociais e políticos a respeito da invisibilidade do trabalho doméstico na sociedade capitalista e dentro dos lares, vem de encontro ao que se pretende neste trabalho, ou seja, muito mais que tornar visível, pensar em como a construção social do feminino e do masculino, bem como da compreensão da divisão sexual do trabalho contribuíram para esta invisibilidade e, para a autora, [...] para cuestionar la desigualdad, tanto en el ámbito de la teoría como de la política, es necesario transformar las estructuras (cognitivas o sociales) previas” (OROZCO, 2006, p. 9), e que:

la exclusión de las mujeres y de la agencia femenina no es sólo una cuestión de estar dejando fuera del discurso económico a la mitad de la humanidad; también influencia las estructuras teóricas y las prácticas actuales de investigación científica” (GRAPARD, 1999, p. 548 apud OROZCO, 2006, p. 9).

Pensar o uso do tempo a partir do que foi exposto anteriormente é pensar como a relação com o trabalho, estudos e cuidados se apresentam de forma diferente para trabalhadores e trabalhadoras. Como homens e mulheres organizam sua rotina diária a partir da formação social do feminino e do masculino e da representação do trabalho produtivo e reprodutivo com base na divisão sexual do trabalho.

O tempo de trabalho é um tempo determinado pela relação entre capital e trabalho, mediados pelas leis do trabalho, controlados pelos sindicatos, Ministérios etc. “De modo más exacto, El tiempo de trabajo permite limitar el dominio patronal em la vida del assalariado y evaluar también la prestación de este último” (PRIETO, 2007, p.54). Ou seja, o controle do tempo de trabalho é uma relação que vai além da organização temporal em dias e horas, é uma forma de controle também da vida material deste trabalhador.

Segundo dados trazidos por Venturi e Godinho (2013), com base na pesquisa pela Fundação Perseu Abramo e Sesc, realizada 2010¹⁴, a jornada de trabalho remunerado declarada pelos/as pesquisados/as revelou que 42% das mulheres e 34% dos homens possuem uma jornada de trabalho entre 20 e 40h semanais. A pesquisa revelou ainda um índice elevado também dos/das que trabalham de forma remunerada por mais de 40 horas semanais, sendo 33% das mulheres e 55% dos homens. Em relação à renda individual, a pesquisa revela que as mulheres recebem os menores salários: 38% das mulheres percebiam até 1 salário mínimo, contra 22% dos homens entrevistados, no entanto, somente 5% das mulheres recebem até 5 salários mínimos, contra 8% dos homens.

Estes dados revelam que o tempo de trabalho é um tempo que ocupa grande parcela das horas diárias e semanais dos trabalhadores/as e que para as demais atividades, como estudos e cuidados, além do lazer e a convivência familiar sobram poucas horas. Por outro lado, ainda com base na mesma pesquisa, 16% das mulheres declararam que o trabalho doméstico foi o motivo pelo qual abandonaram o trabalho produtivo, ou seja, como afirma Ávila (2013), a relação entre trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano feminino interfere diretamente na composição da classe trabalhadora. Para as mulheres, atender às demandas dos empregadores, como viagens, horas extras, entre outras, é muito mais difícil e a opção, para parte daquelas que podem optar, acaba sendo o deixar o trabalho remunerado.

O tempo de trabalho é um tempo permeado não somente pela organização das horas trabalhadas dentro das 24h diárias ou da relação entre patrões e empregados para a obtenção de lucro. Vincula-se aos demais tempos. Mas para que o trabalhador, em especial a trabalhadora equilibre o tempo de trabalho com o tempo social, estudos, família e lazer é preciso que a relação capital/trabalho seja uma relação justa e em condições do exercício do seu trabalho. Antunes (2011) ao tratar do tempo de trabalho e do tempo livre coloca

¹⁴ A pesquisa foi realizada em agosto de 2010 com a participação de 2.365 mulheres e 1.181 homens distribuídas em 25 UFs nas cinco macrorregiões do Brasil, cobrindo as áreas urbanas e rural de 176 municípios na amostra feminina e 104 municípios na masculina. Os dados coletados em 2010 foram comparados com os de 2001 para as análises realizadas.

que para a classe que vive do trabalho tenha uma vida cheia de sentido fora da atividade laboral é fundamental que as horas de trabalho sejam equilibradas e até reduzidas.

Para as mulheres, além do que Antunes traz, o tempo trabalho é permeado por outras variáveis que, segundo Abramo e Valenzuela (2016, p. 119), compõe o que elas conceituam de “pobreza de tempo”¹⁵. Segundo estudo realizado em 12 países da América Latina e Caribe, e contextualizados nos estudos das autoras acima referenciadas, 45% das mulheres e 28% dos homens ocupados são pobres de tempo, mas não de renda. “Isso indica que a incorporação de um grupo importante de mulheres no mercado de trabalho se faz à custa de uma sobrecarga de trabalho” (ABRAMO; VALENZUELA, 2016, p. 120). Pensar em como as trabalhadoras fazem uso do tempo de trabalho e como ele se apresenta no cotidiano destas mulheres é ter clareza que nesta relação os efeitos sobre o tempo destinado às atividades laborais remuneradas estão em constante movimento.

O tempo de trabalho reprodutivo ou doméstico soma-se ao tempo de trabalho produtivo para compor a sobrecarga de afazeres no dia a dia das trabalhadoras. Apesar de os dados empíricos do nosso trabalho e outras pesquisas mostrarem que, mesmo em porcentagem muito pequena, há uma parcela de homens que realizam tarefas domésticas, o tempo de trabalho não remunerado atinge, sobremaneira, as mulheres e de forma diferenciada nas classes e raças/etnias. Mulheres pobres e negras são as mais afetadas, pois são as que possuem menos condições de acesso ao mercado de trabalho remunerado. São elas que, mesmo quando estão em trabalhos remunerados, realizam mais horas semanais de trabalho doméstico (XAVIER; WERNECK, 2013). Em síntese, como afirma Ávila (2013):

¹⁵ Segundo as autoras “pobreza de tempo é calculada somando-se as horas destinadas ao trabalho remunerado, ao transporte, cuidado pessoal, produção doméstica e às necessidades fisiológicas básicas. Considera-se que uma pessoa sofre de pobreza de tempo se o tempo destinado à soma dessas atividades é superior às 168 que compõem uma semana. Por sua vez, um domicílio sofre de *déficit de tempo* se pelo menos um de seus integrantes for *pobre de tempo* (ABRAMO; VALENZUELA, 2016, p. 119, grifo das autoras)

O trabalho reprodutivo, em geral, ausente das análises clássicas sobre a reprodução social do capital, o qual sustenta a reprodução da força de trabalho e da humanidade, permanece, majoritariamente, de responsabilidade das mulheres (ÁVILA, 2013, p.232).

Corroborando com as colocações da autora e com nossos argumentos sobre a relação entre trabalho doméstico não remunerado e o capitalismo, Bourdieu (2013) coloca que este tipo de trabalho sempre foi desvalorizado, inclusive pelas próprias mulheres, que acabam naturalizando esta prática, como se fosse uma atividade de natureza eminentemente feminina.

Este trabalho doméstico passa essencialmente despercebido, ou é malvisto, [...] e, quando se impõe ao olhar, é desrealizado pela transferência para o terreno da espiritualidade, da moral e do sentimento, que facilita o seu caráter não lucrativo e 'desinteressado'. O facto de o trabalho doméstico da mulher não ter redistribuição monetária contribui para o desvalorizar, mesmo aos seus próprios olhos, como se esse tempo sem valor de mercado não tivesse importância e pudesse ser dado sem contrapartidas, e sem limites, em primeiro lugar aos membros da família, e sobretudo às crianças (BOURDIEU, 2013, p. 118)

A manutenção diária da casa e da família representou e ainda continua representando uma sobrecarga para as mulheres. Os dados da nossa pesquisa¹⁶ mostraram que as atividades de cuidados com a casa e com a família, ocupam uma parcela considerável da vida das mulheres. As trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, indicaram que dentre as atividades desenvolvidas durante o dia, a maioria delas visa garantir a manutenção da casa e o sustento da família, como a limpeza, cozinhar alimentos e lavar as roupas.

Ao analisarmos várias pesquisas apresentadas por autores como Costa, Sorj, Bruschini & Hirata (2008), Durán (2010), Meron (2016) e Abreu, Hirata e Lombardi (2016) sobre o trabalho doméstico não remunerado e a divisão destas tarefas, percebemos que em uma década as condições das mulheres não mudaram muito, apesar de pequenos avanços. Os dados pesquisados em nível

¹⁶ O tratamento dos dados será feito nos capítulos dois e três.

internacional e nacional deixam claro que o trabalho reprodutivo é realizado por uma mulher, seja ela mesma ou por outra.

Venturi e Godinho (2013), ao comparar dados dos anos de 2001 e 2010, demonstraram que, no primeiro ano da pesquisa, 93% das mulheres declararam ser as responsáveis pelos trabalhos domésticos¹⁷, e em 2010 este percentual caiu para 91%. Para este mesmo item, apenas 1% dos homens declararam realizar as atividades domésticas em 2001, e este percentual subiu para 2% em 2010.

Em países da América Latina e Caribe os dados corroboram com os apresentados para o Brasil. Segundo Abramo e Valenzuela (2016), as latino-americanas despendem 37,8 horas semanais no trabalho remunerado, enquanto os homens latinos, 45,5 horas. A diferença entre as horas trabalhadas em trabalho remunerado entre mulheres e homens da América Latina é de 7,5 horas a mais para eles, demonstrando que: “As jornadas das mulheres no mercado de trabalho são mais curtas devido principalmente às restrições de tempo impostas pelas responsabilidades familiares por elas assumidas” (ABRAMO; VENENZUELA, 2016, p. 118).

Ao serem abordadas nas pesquisas citadas as questões referentes às atividades domésticas, quanto a quem deve realizar e que tempo é destinado para elas, todas as respostas apontam que as mulheres tem a responsabilidade sobre estas tarefas e que a quantidade de horas que elas usam é maior que para eles. As pesquisas de Durán, realizadas na Espanha em 2003, já corroboravam com o mesmo panorama da sobrecarga de trabalho para as mulheres. Tarefas como cozinhar, limpar cuidar da família e dos filhos são atribuídas às mulheres, com índice médio de 0,600 e tarefas como fazer pequenos reparos em casa atribuído ao masculino com índice -0,473¹⁸.

¹⁷ A pesquisa apresentada por Venturi e Godinho (2013) elenca o rol de trabalhos domésticos em três grandes grupos: a) Serviços de limpeza de casa, cozinhar, lavar, passar roupa e outros cuidados de serviços de casa, b) Cuidado com os filhos/crianças, como dar banho, alimentar, levar à escola, levar ao médico ou ficar responsável por olhar a/s criança/s e, c) Cuidado ou acompanhando pessoas idosas ou doentes.

¹⁸ Este índice, denominado pela autora como Índice de Feminização do Trabalho Doméstico aparece nas pesquisas de Durán (2010; 2010a) e representa que próximo de +1 indica que a tarefa está ligada às mulheres, e -1, tarefas que devem ser realizadas por homens.

Ainda em relação aos dados internacionais, a pesquisa realizada na França entre os anos de 1986, 1998 e 2010, as mulheres gastavam, em 2010, em média 4 horas diárias com atividades como cuidado com a casa e com as crianças, jardinagem e reparos, apenas meia hora a menos que 1998, enquanto os homens gastavam em média 2 horas e 13 minutos (MERON, 2016). No panorama nacional, para as mesmas atividades domésticas e de cuidados, temos os seguintes dados: as mulheres ocupam diariamente, em média 3,92 horas diárias e os homens 0,95 horas diárias (VENTURI; GODINHO, 2013). Tanto no panorama internacional quanto nacional e tomando um recorte temporal de pelo menos dez anos, constatamos que as condições materiais das mulheres tiveram pouco avanço e, para Ávila (2013):

Considerando as práticas de trabalho que mulheres vivenciam no cotidiano, essas percepções estão dadas na experiência objetiva e histórica de serem elas as responsáveis pelo trabalho doméstico, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho. Isto nos leva justamente a interrogar sobre o que informam essas percepções num contexto no qual a divisão sexual do trabalho é elemento estruturante das relações de gênero e se reproduz como realidade objetiva e subjetiva, marcada pelos conflitos que constituem os sujeitos numa realidade social na qual as mulheres são tratadas pela ideologia dominante como 'donas de casa' independentemente da sua inserção política e profissional (ÁVILA, 2013, p. 241, grifo da autora).

As pesquisas acima citadas demonstram com clareza as diferenças das cargas diárias das mulheres nos trabalhos domésticos e remunerados, o que foi corroborado em pesquisa realizada na cidade de Guarapuava-PR por Signori (2014), pesquisa esta que abarcou também trabalhadores/estudantes do ensino noturno daquela cidade, homens e mulheres, e com contundência demonstra como a forma de dominação do capital sobre as vidas das pessoas perpassa pelo sequestro do tempo da classe trabalhadora, em especial das mulheres, que acumulam a chamada tripla jornada: trabalho assalariado, estudos e os trabalhos domésticos.

O reconhecimento dos trabalhos realizados nos cuidados domésticos é realizado pela chamada "economia dos cuidados", originalmente situada nas

discussões de autoras como Orozco (2006; 2014) e por Carrasco (2014), pautadas pela chamada economia feminista. Este movimento denuncia uma posição da sociedade diante da determinação do espaço doméstico para as mulheres e do espaço do mercado produtivo aos homens.

se denuncia que el paradigma neoclásico adolece de profundos sesgos androcéndricos: se construye sobre la ausencia de las mujeres, se niega relevancia económica a las esferas que se asocian con la feminidad (el ámbito de lo privado-doméstico, el hogar y los trabajos no remunerados) y se utiliza la experiencia masculina en los mercados para definir la normalidad económica. (OROZCO, 2014, p. 37).

A autora acrescenta a esta constatação um cabedal de outros discursos enraizados desde o patriarcado e reforçados pelo capitalismo, tais como: a divisão dos espaços público e privado baseado no contrato sexual, uma concepção, segundo ela, atrasada e resistente da divisão sexual do trabalho, reforçado por um modelo familiar nuclear e por relações econômicas injustas, que definem o homem como provedor do sustento da família e a mulher como responsável por manter o bem estar familiar.

Para Carrasco (2014) a economia feminista representa uma ruptura teórica e uma proposta política com base em três ideias centrais: a) ampliação das fronteiras da economia com a incorporação do trabalho doméstico como trabalho assalariado; b) descortinar o trabalho de cuidados e seus significados; e c) e que o argumento deve ser o cuidado com a vida e não o benefício privado.

Portanto, nesta perspectiva, a economia feminista tem como propósito a desconstrução da invisibilidade do trabalho doméstico, seu reconhecimento como trabalho fundamental na produção e reprodução da vida em sociedade, ou seja, uma concepção política da centralidade da vida ao invés do lucro como relação econômica fundamental.

Não se trata de tornar visível estas atividades, mas de repensar como e porque o trabalho reprodutivo não está incluído na cadeia produtiva e que estes afazeres, bem como os cuidados com as crianças e adultos são necessários à manutenção da vida social, e que por isso precisam ser realizadas por todos,

mulheres e homens, e que todos os seres necessitam de cuidados. E, segundo a autora: “Los cuidados son un ámbito donde todas estas barreras estallan” (OROZCO, 2014, p. 48). Ou seja, é no âmbito dos cuidados que aflora, resiste e se reproduz relações machistas, androcêntricas e de opressão das mulheres, tanto pela sobrecarga de trabalho quanto pela não valorização destas atividades¹⁹.

Segundo a autora, cuidados são todas as atividades residuais às relacionadas ao mercado, são atividades necessárias para a manutenção da vida e bem-estar dos sujeitos, ou seja, “[...] son aquellas actividades que regeneran cotidiana y generacionalmente el bien-estar físico y emocional de las personas (OROZCO, 2014, p. 92). As atividades que “regeneram” o cotidiano, gerando bem-estar físico e emocional vinculam-se às atividades domésticas de limpeza, cocção da comida, cuidados de higiene e limpeza dos filhos e idosos, cuidados com pessoas doentes dentre outros. Na pesquisa realizada no CEEBJA-Irati, as principais formas de cuidados declaradas, e que ocupam o tempo das mulheres entrevistadas, foram os cuidados com a limpeza da casa, a cocção da comida, o cuidado com as roupas e o cuidado com os filhos/as.

Por fim, o tempo de estudos é um tempo permeado e influenciado tanto pelo tempo trabalho como tempo de cuidados. Como lembra Durán (2010a),

A conciliação entre trabalho e vida familiar exige uma divisão do tempo entre um e outro, e, portanto, etapas são adiadas (casamento, procriação, formação e emprego), atividades são delegadas a outros familiares, ao mercado ou aos serviços públicos, ou outras atividades são reduzidas ou eliminadas (descanso, lazer, estudos, etc.) (DURÁN, 2010a, p. 58).

Para discorrermos sobre o uso do tempo escola e como este se articula com os demais tempos já abarcados neste trabalho é preciso explanar sobre que tipo de educação estamos falando, neste caso para a classe trabalhadora, e como

¹⁹ Orozco (2014) afirma que a economia feminista tem como objetivo desestabilizar as categorias de homem e mulher, e pensar como a construção da feminilidade e a masculinidade invadem todos os âmbitos da vida social e como estas construções condicionam a própria vida dos sujeitos. Assim, a ideia de patriarcado, na economia feminista, ganha novo conceito, como “heteropatriarcado”, ou seja, não somente o masculino, mas a dominação sexual pela via da normalização da heterossexualidade que formata as relações sociais e as pessoas.

se apresentam os dados estatísticos em relação à escolarização desta classe. A nossa análise se faz a partir de uma sociedade capitalista e, portanto, com forte apelo para a formação dos sujeitos voltada ao atendimento do capital.

Segundo Melo (2016, p. 37), “Educação como formação humana se destaca por duas funções específicas: formar moralmente para a cidadania as novas gerações e formar trabalhadores produtivos”. Apesar do discurso trazido pelo autor com base nos documentos produzidos pelos empresários de uma formação voltada para a cidadania, a formação de trabalhadores produtivos vai de encontro a uma proposta de escola voltada para produção de capital humano para o atendimento e melhoria da produção e para uma educação que forme sujeitos empreendedores e adaptáveis a toda e qualquer situação.

Tendo a clareza que a educação é um “fenômeno social *total*” (PINTO, 2010), e que para interpretá-la é preciso ter “[...] em vista todo o conjunto de valores reais (sociais) que sobre ela influem e dos efeitos gerais que dela resultam sobre os demais aspectos da realidade social” (PINTO, 2010, p. 55), fica claro que para atender a esta conjuntura, a escola tem passado por diversos arranjos em relação ao conteúdo e à forma, ou seja, os princípios educativos colocados para a classe trabalhadora são pensados a partir dos anseios da classe dominante capitalista.

Portanto, para pensar em escola e na escolarização das trabalhadoras/estudantes, sujeitas desta pesquisa, e como elas organizam seu tempo escola é necessário pensar como os demais tempos são também estruturados no dia a dia destas mulheres. Para Azevedo e Fonseca (2007):

o tempo de “uma” transição escola-emprego relativamente estável e suscetível de ser programada acabou. Hoje só existem transições no plural e estas, nos seus múltiplos modos de construção de projectos de vida e de inserção socioprofissional, vieram par ficar e passaram a constituir uma nova característica do quotidiano. As suas multifacetadas expressões revelam-se não só nos percursos escola-emprego e no acesso aos mercados de trabalho, mas também na experimentação de muito variados modos de construção da autonomia pessoal e de inserção familiar (AZEVEDO; FONSECA, 2007, p.53).

As mulheres de uma forma geral têm ocupado os bancos escolares em maior quantidade do que os homens. O Brasil tem apresentado importantes avanços em relação à entrada das mulheres nos mais diversos níveis de escolarização, oferecendo “[...] às meninas e mulheres igualdade de condições com meninos e homens no que diz respeito ao direito de receber educação pública e gratuita” (ABREU et. al, 2016, p. 159). Segundo as autoras, as mulheres são a maioria dos mestres e doutores, no entanto concentradas em áreas específicas, em especial aquelas com características femininas e, em menor número em áreas ditas masculinas, como as engenharias, matemática, computação e física.

Mas a realidade não é tão favorável para as trabalhadoras que estão em trabalhos mais precarizados ou tercerizados. Justamente nestes postos encontram a grande maioria das mulheres alocadas nos postos de trabalho. Estudos realizados na França por Lapeyre (2016, p. 162) indicam que “[...] os diferentes setores de emprego continuam muito marcados pelo sexo: 8,3% das mulheres empregadas trabalham na indústria [...], contra 18,7% dos homens (e 88% das mulheres empregadas trabalham no setor terciário, contra 65,3% dos homens)”.

Para a classe trabalhadora brasileira a situação é ainda mais desfavorável. Na pesquisa realizada Venturi e Godinho (2013), realizada com 2.365 mulheres com 15 anos e mais, em 176 municípios da área urbana e rural na cinco regiões do Brasil, 16% das entrevistadas declararam ter ensino superior ou pós-graduação, enquanto a maior parcela delas, 38%, declararam ter o ensino médio. Outro dado que chama a atenção é que, entre as 45% das mulheres que estavam trabalhando no momento da pesquisa, 47% exerciam ocupações de natureza braçal e que exigia somente o ensino fundamental. Estes dados reforçam o que nossa pesquisa demonstra: as mulheres ainda ocupam os postos de trabalho mais desvalorizados socialmente, e com salários mais baixos, e que este tipo de trabalho não exige formação educacional²⁰.

²⁰ Importante levar em conta que nossa pesquisa se valeu, como referência, da pesquisa coordenada pelo Grupo de Pesquisas em Trabalho, Educação e História – GETEH/UNICENTRO, e realizada por Signori (2014), e que evidenciou que na cidade de Guarapuava as empresas não

Em relação à quantidade de anos de estudos, segundo dados do IBGE (BRASIL, 2012) disponíveis no sítio da instituição e compilados em documento intitulado “Mulher no Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas”, em 2011 cerca de 39,8% das trabalhadoras possuíam entre 8 e 10 anos de estudos, enquanto 37% se declararam sem instrução ou com menos de 1 ano de estudos. Outro dado trazido pelo documento diz respeito ao grau de escolarização e a renda percebida com esta escolarização. Em todos os setores, as mulheres recebem menos que os homens com a mesma quantidade de anos de escolarização.

O relatório Educação Para Todos (BRASIL, 2014) apresenta alguns dados sobre a condição da mulher estudante no Brasil. Segundo o documento, as mulheres têm obtido mais sucesso em todos os níveis de escolarização do que os homens e a taxa de alfabetização é praticamente a mesma entre os sexos em todos os níveis de escolarização. Em relação à frequência, as mulheres apresentaram em 2012, uma taxa de 87,4% e os homens 83,6%. Na modalidade EJA, entre as estudantes mais jovens há uma quantidade de anos de estudos maior que dos homens, enquanto na faixa de 40 anos ou mais a população feminina chegou a 6,6 anos de estudo em 2012.

Segundo dados do IBGE (BRASIL, 2015), o índice de evasão escolar entre as mulheres de 18 a 24 anos é de 26,6%, enquanto para os homens na mesma idade é de 37,9%. Mesmo apresentando índices menores que o dos homens, os motivos pelos quais um e outro abandonam a escola são diferentes e estão vinculados às relações sociais de sexo: os dados demonstram que ambos deixam a escola por falta de interesse na escola e na forma como o ensino médio está organizado, mas para as mulheres este fator soma-se a outro mais determinante, a gravidez precoce.

valorizavam os estudos ao não terem planos de carreira, como ficou constatado em questionário aplicado a centenas de estudantes/trabalhadores/as do ensino noturno daquela cidade. Na mesma pesquisa constatou-se a baixa qualificação exigida pelos trabalhos realizados e os baixos salários percebidos pela classe trabalhadora que estuda no ensino noturno. E, por fim, a pesquisa evidenciou que existe, por parte desta classe, a aposta em que a escolarização continua sendo a porta de saída da condição de vulnerabilidade social em que se encontram.

Os dados acima descritos evidenciam e reforçam o que nossa pesquisa constatou: as mulheres estão mais presentes nos espaços escolares, apesar de abandonarem os estudos por conta do trabalho remunerado ou por questões familiares, ainda possuem, na média, maior escolarização que os homens. Porém, estas estatísticas não garantem a elas melhores condições de emprego, autonomia e bem-estar pessoal e relações mais saudáveis no âmbito familiar. Muitas estão em trabalhos precarizados e percebem baixos salários. Além disto, para frequentarem a escola acabam por desenvolverem uma jornada tripla de atividade entre o trabalho produtivo, reprodutivo e a escola.

1.3 Trabalho feminino e precarização na contemporaneidade

Para a abordagem realizada nesta pesquisa, do trabalho feminino e suas nuances desde a revolução industrial até os dias de hoje, é preciso trazer questões latentes sobre a organização da sociedade capitalista e a reestruturação produtiva e de trabalho, bem como as discussões sobre a feminização do trabalho. Abordagens sobre como os espaços laborais são determinados e determinantes na vida das trabalhadoras e como se apresentam em relação ao sexo masculino descortinam uma realidade cruel tanto para trabalhadores, quanto trabalhadoras, mas que apresenta sua face mais aviltante para as mulheres da classe trabalhadora.

Precarização, desemprego estrutural, divisão sexual do trabalho, salários inferiores aos dos homens, relação trabalho produtivo e reprodutivo, cuidados com a casa e família entre outros fatores são faces da mesma moeda na lógica capitalista, perpassadas por relações sociais de sexo, “raça”/etnia, pela naturalização do ser mulher, pelas diversas formas de violências perpetradas contra as mulheres e por uma construção de classe.

A condição da mulher na sociedade de classes tem sido colocada sob a ótica de dois fatores: um de ordem natural e outro de ordem social. No que diz respeito ao primeiro, o natural, são argumentos referentes à biologização das mulheres. Quanto ao de ordem social, sua inserção está intimamente ligada com que objetivo foi abarcado pelo sistema capitalista, ou seja, como força de trabalho superexplorada.

A feminização do trabalho²¹ configura-se, por um lado, pela incorporação das mulheres no mundo do trabalho e, por outro, pela própria reconfiguração das famílias, e representa uma das faces da exploração-dominação-opressão deste sistema capitalista e patriarcal, apresentado sob a ótica de três fatores determinantes: um de ordem estrutural e econômica, outro em relação ao sexo, “raça”/etnia e classe, e outro fator de ordem biológica, fortemente ligados ao processo histórico de entrada das mulheres no mundo do trabalho, as questões da vida material e perpetuação da natureza feminina.

Começaremos nossa reflexão abordando o fator biológico por entendermos que este é determinante dos demais. A biologização da mulher traduz para o mundo do trabalho uma imagem de um ser com qualificações naturais para determinadas atividades laborais e inapta para outras, colocando-as em condições desiguais na busca por trabalho.

Estudos divulgados pela OIT (2016) demonstram que entre 1995 e 2015 a taxa de atividade global da população feminina diminuiu de 52,4% para 49,6%, sendo que as oportunidades de participação das mulheres no mercado de trabalho no mundo permanecem quase 27 pontos percentuais abaixo da dos homens, traduzindo, assim, em menos oportunidades de emprego formal.

Guimarães e Brito (2016) demonstram que este movimento decrescente da participação das mulheres no trabalho em relação aos homens, tem características históricas relacionadas tanto ao processo de amadurecimento, envelhecimento quanto de composição das famílias. Para os autores, “[...] até os anos 1970 a mulher brasileira que disputava posições no mundo do trabalho era majoritariamente jovem, solteira e sem filhos. Desde meados da década de 1990 ela tornou-se mais velha, casada e mãe” (GUIMARÃES & BRITO, 2016, p.75). Tal fator se mostra determinante, segundo os autores, para uma considerável redução das oportunidades de emprego para as mulheres. Por serem, principalmente, as responsáveis pelos trabalhos domésticos e pelos cuidados com os filhos, acabam ou ocupando trabalhos em tempo parcial ou se retiram do

²¹ A expressão feminização do trabalho vem sendo utilizada por autores como Hirata (2002) e Guimarães e Brito (2016), e refere-se ao movimento de entrada em massa das mulheres no mundo do trabalho e as repercussões da relação capital trabalho neste processo.

mercado. A pesquisa ainda demonstra que “[...] muitas mulheres trabalhadoras permanecem numa situação face ao emprego e em profissões que mais parecem modalidades do trabalho informal” (OIT, 2016, p.4-5).

Os dados apresentados pela pesquisa reforçam outros dados a nível nacional e mundial. Em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, as mulheres são a maioria. No Brasil elas representam 51,6% da população, mas isto não garante a elas condição favorável de empregabilidade (BRASIL, 2015). A pesquisa da OIT (2016) mostrou que a população ocupada brasileira em 2014 era de 98,6 milhões de pessoas, destas 56,0 milhões eram homens e 42,6 milhões eram mulheres, traduzindo que as mulheres, apesar de serem a maioria no Brasil, ocupam menos postos de trabalho formal.

Quando cruzarmos estes dados com a pesquisa do IPEA (2011, p. 27) percebemos que as trabalhadoras: “[...] estão mais concentradas no setor de serviços sociais (cerca de 34% da mão-de-obra feminina), grupo que abarca os serviços de cuidado em sentido amplo (educação, saúde, serviços sociais e domésticos)”.

Dados apresentados por Xavier e Werneck (2013, p.269) e Guimarães e Britto (2016), apontam diferenças entre a inserção da força de trabalho feminina por raça/etnia. As mulheres negras ocupam mais postos de trabalho precários e com menos garantias de direitos. Associados a esta constatação, os dados apresentados pelas autoras sobre a contribuição social, revelam que 37,8% não contribuem com a previdência social, sendo que as não negras somente 24,4% não contribuem, reforçando que tanto a ocupação de postos de trabalho como as relações de trabalho são diferentes para as trabalhadoras negras e não negras (XAVIER; WERNECK, 2013).

Esta diferenciação social entre as mulheres não é nova. Ao descrever o movimento sufragista²² surgido a partir de reivindicações das mulheres para o direito ao voto, Davis (2016) mostra que nas relações sociais de sexo, não somente o sexo masculino explora o sexo feminino, mas que as mulheres negras

²² O movimento sufragista foi um movimento iniciado no século XIX e início do século XX na Inglaterra e Estados Unidos, onde um grupo de mulheres uniu-se para reivindicar o direito ao voto para as mulheres, permitido somente aos homens.

são invisibilizadas nestas lutas, e que a conquista do voto tornava-se fator de menor relevância diante de outras lutas que deveriam ser perpetradas pelas mulheres.

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio universal. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas, no início, com seus esforços de organização e militância. Mas, como se viu depois, as próprias trabalhadoras não abraçaram a causa do sufrágio feminino com entusiasmo. Embora Susan B. Anthony²³ e Elizabeth Cady Stanton tenham persuadido diversas líderes operárias a protestar contra a não concessão do voto às mulheres, a massa das trabalhadoras estava muito mais preocupada com seus problemas imediatos – salários, jornadas, condições de trabalho – para lutar por uma causa que parecia imensamente abstrata. (DAVIS, 2016, p.146, grifo da autora)

As desigualdades e diferenças existentes, segundo a autora não estava somente em garantir o direito ao voto. Era muito mais do que isto. Representava uma luta contra a dominação-exploração de todas as mulheres, brancas e negras por homens e também por outras mulheres. As reivindicações eram por condições melhores de trabalho e de salário.

Os dados apresentados demonstram que a situação das mulheres, em especial das mulheres negras, em relação ao mundo de trabalho, mudou pouco nos últimos anos. Revelados pelas estatísticas, os números descortinam uma exploração-dominação da classe trabalhadora feminina baseada em uma forte estrutura patriarcal e capitalista e acentuada pela relação sexo, “raça”/etnia.

O fator sexo, “raça”/etnia e classe relacionam-se não somente às questões biológicas de homens e mulheres, de estrutura das sociedade moderna,

²³ Estas duas mulheres fizeram parte como delegadas da Federação Sindical Nacional, nos Estados Unidos, onde começaram um movimento em prol dos direitos das trabalhadoras. Dentre estes direitos estava o direito ao voto e liderando o movimento sufragista, começaram diversos debates para que a causa das mulheres fosse percebida pela sociedade. Susan em seu jornal *Revolution* fez várias publicações a respeito da importância de dar a todas as mulheres o direito ao voto, deixando claro que somente se puderem votar podem ter acesso a escolas, faculdades de uma carreira profissional. O grande erro deste movimento, que contava com a maioria das trabalhadoras brancas, foi desconsiderar a particularidade das trabalhadoras negras. Para estas, muito mais importante que votar era garantir a sobrevivência familiar (DAVIS, 2016).

com base no sistema capitalista de produção, mas na diferenciação e hierarquização das categorias apresentadas (FEUVRE, 2008).

Por desempenharem papéis diversos no sistema societário atual, as mulheres cumprem papéis como profissionais, donas de casa, mães e amantes, e a relação que estabelecem com suas carreiras profissionais está intimamente ligada com as relações existentes dentro de suas casas. Para que obtenham sucesso profissional precisam, na maioria das vezes, contar com a compreensão e colaboração familiar.

Historicamente, em qualquer país, essas profissões exigem uma “disponibilidade permanente”. E a construção de uma carreira ascendente não depende apenas de longas horas de trabalho, mas requer igualmente uma mobilização coletiva – familiar e conjugal – em torno do “projeto profissional” (FEUVRE, 2008, p. 305, grifo da autora).

Contar com a ajuda da família representa, antes de tudo, romper com paradigma naturalmente determinado pela sociedade patriarcal. Romper com a diferenciação e hierarquização do sexo, “raça”/etnia e classe, de uma divisão sexual do trabalho, da reestruturação do conceito de trabalho e não trabalho e de como o trabalho reprodutivo está, sobremaneira, vinculado às mulheres.

Para as trabalhadoras todas estas variáveis, produzidas e reproduzidas no cotidiano e nos espaços públicos e privados, tem reflexo direto em como as trabalhadoras são incorporadas à lógica capitalista, engrossando a parcela da população alocada em trabalhos precarizados e suscetível ao desemprego estrutural.

O desemprego estrutural e a precarização do trabalho são consequências diretas e as mais cruéis da chamada crise estrutural do capital, que atinge a grande parcela de trabalhadores e trabalhadoras, em especial as mulheres. Ao serem incorporadas ao sistema capitalista como força de trabalho barata e superexplorada e pela relação de dominação-exploração advinda do patriarcado, aparecem em condição de desigualdade com os homens.

O sistema capitalista tem em sua base a relação entre capital e trabalho e suas implicações de poder, dominação-exploração e vem apresentando ao longo

de sua existência crises sociometabólicas, cíclicas e com profundas marcas para a classe trabalhadora. Com eventos como guerras, crises nas bolsas de valores como a de 1929, que antecedeu a segunda guerra mundial e o Maio de 1968²⁴ (MÉSZÁROS, 2011), e, mais tarde, a crise de 1970²⁵, o capital vem a todo tempo realizando momentos de reinvenção para superar cada nova crise.

As crises que se sucederam aos acontecimentos citados acima, são muito mais virulentas.

insisti no fato de que a grande crise econômica mundial de 1929-1933 se parece com ‘uma festa no salão e chá do vigário’ em comparação com a crise na qual estamos realmente entrando [...] a crise estrutural do sistema do capital como um todo – a qual estamos experimentando nos dias de hoje em uma escala de época – está destinada a piorar consideravelmente. Vai se tornar à certa altura muito mais profunda, no sentido de invadir não apenas o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias, mas também todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural. (MÉSZÁROS, 2011, p. 17, grifo do autor).

Estes eventos conduziram os países, em especial os europeus e os EUA a tomarem medidas importantes para a retomada da economia e crescimento. Após a crise de 1929, alguns países implantaram em seus sistemas uma “[...] política de intervenção estatal e na regulação econômica com a finalidade de assegurar políticas sociais ao conjunto da população, redundando na formação do Estado de Bem-Estar Social” (GUIRALDELLI, 2016, p. 65). Estas medidas tinham como objetivo maior a proteção de direitos sociais dos cidadãos pelo Estado,

²⁴ O evento chamado de Maio de 1968 teve seu início por repetidos conflitos entre estudantes universitários e os dirigentes da Universidade de Paris, que ameaçavam fechar a escola e expulsar os estudantes responsáveis pelos conflitos. O movimento toma proporções maiores com o apoio dos universitários de Sorbonne. Após violentos conflitos com a polícia, os estudantes conseguiram o apoio do Partido Comunista Francês e dos sindicatos que decretaram em 13 de maio do mesmo ano uma greve geral dos trabalhadores. O movimento terminou em 30 de maio com a convocação de eleições pelo presidente e a promessa de aumento de salários, o que desmobilizou o movimento dos estudantes e fez com que os trabalhadores retornassem ao trabalho.

²⁵ A crise de 1970, também conhecida como a crise do petróleo teve seu início com a descoberta de que o petróleo era uma fonte energética esgotável. A descoberta causou nos mercados fornecedores e consumidores uma crise que se arrastou até 1974 tendo como principal consequência a triplicação do valor do barril de petróleo e a mudança de comando do comércio do produto das mãos do Estados Unidos para os países do Oriente. Disponível em http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2321:catid=28&Itemid=23. Acesso em 30 nov. de 2016.

sendo o responsável por regular a economia política, bem como a garantia da educação, saúde e seguridade social²⁶.

Nos anos de 1970 a política de bem-estar social começa a dar sinais de enfraquecimento juntamente com o modelo taylorista/fordista. Segundo Melo (2010) a própria rigidez desse sistema e do Estado não permitem que perpetuem e acrescenta que os constantes embates travados entre a classe trabalhadora e o capital, com vitórias significativas, torna, na visão capital, o sistema cada vez mais rígido. As respostas à crise do *welfare state* se direcionaram para um Estado menos intervencionista e privatizante, que deu origem ao chamado neoliberalismo.

Com isso, o Estado passou a transferir suas responsabilidades para o mercado, pois, em síntese, o neoliberalismo prevê uma intervenção mínima do Estado no que tange aos serviços sociais públicos e uma intervenção máxima do mercado capitalista sob a hegemonia financeira com o objetivo de expansão do capital (GUIRALDELLI, 2016, p. 67).

A não intervenção estatal nas leis que regem o mercado torna a relação capital e trabalho muito mais desigual e injusta, trazendo para esta relação elementos tais como o aumento dos juros, quedas nas bolsas de valores e não circulação de dinheiro, provocando forte retomada das estratégias capitalistas para a superação da crise, refletindo, diretamente, nas formas de contrato da força de trabalho pelo capital.

Mas neste tipo de crise, o capital joga com suas armas e consegue reverter uma situação desfavorável, pois explora ao máximo a força de trabalho disponível. No entanto, o que vemos atualmente é que o capitalismo vive uma crise de estrutura, historicamente nunca vivenciado, em especial, pelo fato de ter que confrontar seus próprios problemas (MÉSZÁROS, 2011).

²⁶ Um filme representativo das conquistas das mulheres neste período é *Revolução em Dagenham* (Reino Unido, 2010, Direção de Nigel Cole, 1h53min). Em 1968, na cidade de Dagenham, as mulheres trabalhadoras da fábrica da Ford conseguem com uma forte e marcante greve uma equivalência com os salários dos homens. O filme, baseado em uma história real, demonstra a força dos sindicatos no período do chamado *welfare state* e como as mulheres eram naquele contexto fabril discriminadas e precarizadas.

Antunes (2009) elenca quais foram os problemas enfrentados pelo capitalismo, após a sua época áurea:

- 1) queda da taxa de juros, [...] pelo aumento do preço da força de trabalho [...] e pela intensificação das lutas sociais dos anos 60, que objetivaram o *controle social da produção*. A conjugação desses elementos levou a uma redução dos níveis de produtividade do capital, acentuando a tendência decrescente da taxa de lucro;
- 2) o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção [...], dado pela incapacidade de responder à retração do consumo que se acentuava. Na verdade tratava-se de uma retração em resposta ao *desemprego estrutural* que então se iniciava;
- 3) hipertrofia da *esfera financeira*, que ganhava *relativa autonomia* frente aos capitais produtivos, [...] colocando-se o capital financeiro como um campo prioritário para a especulação, na nova fase do processo de internalização;
- 4) a maior concentração de capitais graças às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas;
- 5) a crise do *Welfare State* [...] e dos seus mecanismos de funcionamento, acarretando a crise fiscal do Estado capitalista e necessidade de retração dos gastos públicos e sua transferência para o capital privado;
- 6) incremento acentuado das privatizações, tendência generalizada às desregulamentações e à flexibilização do processo produtivo, dos mercados e da força de trabalho (ANTUNES, p.31-32, grifos do autor).

Todos estes elementos trazidos pelo autor conduzem a um “[...] intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho” (ANTUNES, 2009, p. 33) o que refletiu na organização da classe trabalhadora, em especial das trabalhadoras, para a ocupação de postos de trabalho precarizados, terceirizados, em tempo parcial e com uma forte desregulamentação trabalhista.

Portanto, em meio a tanta destruição de forças produtivas, da natureza e do meio ambiente, há também, em escala mundial, uma ação destrutiva contra a força humana de trabalho, que tem enormes contingentes precarizados ou mesmo à margem do processo produtivo, elevando a intensidade dos níveis de desemprego estrutural (ANTUNES, 2009, p.35).

As mulheres são as principais vítimas das constantes investidas do capital sobre a classe trabalhadora. Estudos realizados na Europa e apresentados por

Maruani (2008) mostraram que as mulheres entre 25 e 49 anos, em 2006, já representavam 45% da população feminina ativa, chegando aos dias de hoje a 80%. Estes dados mostram que em dez anos a quantidade de trabalhadoras quase duplicou, para a faixa etária considerada e que corrobora com a idade das nossas entrevistadas. No entanto estes números não têm relação direta com a igualdade e qualidade dos empregos ocupados por elas.

Portanto, no âmbito econômico existe paridade, pelo menos quantitativamente. Mas ela não rima com igualdade, e esse é o problema. [...] Tudo é complexo, paradoxal, contraditório: mais mulheres ativas, assalariadas, instruídas, mas também mais desempregadas, assalariadas precárias e subempregadas. (MARUARI, 2016, p. 37)

Segundo a OIT (2016) as mulheres apresentam maiores chances de ficarem desempregadas, com taxas de 6,2%, contra 5,5% dos homens, e, além disso, os dados disponíveis demonstram que são elas as primeiras a serem demitidas em caso de crise econômica. O relatório do IPEA (2016) com dados de fevereiro de 2016 mostram que, mesmo em contextos diferentes, brasileiro e mundial, as condições de trabalho para as trabalhadoras não se modifica.

As mulheres em idade ativa - PIA²⁷ representavam 54,3% diante de 45,7% dos homens. Porém, no que tange à população economicamente ativa²⁸, os dados se invertem: 46,7% são mulheres e 53,3% são homens. Reforçando estes dados temos a taxa de ocupação²⁹, que apresentam que as mulheres são minoria, ou seja, 46,2% do total e a taxa de desocupação³⁰ onde elas são a maioria, 52,7%.

Os estudos realizados por Maruani (2016) e Guimarães e Britto (2016), no contexto europeu e brasileiro, trazem reflexões e algumas explicações para os

²⁷ PIA é a sigla utilizada pelo IBGE para determinar a População em Idade Ativa e toma por base pessoas com 10 anos de idade ou mais, que podem ser economicamente ativas e não economicamente ativas. Enquanto o PEA é a sigla utilizada para determinar a População Economicamente Ativa, que abrange a população de 10 a 65 anos de idade, que estão ocupadas ou desocupadas quando da realização da pesquisa, a População Não Economicamente Ativa indica a população não classificada como ocupada ou desocupada.

²⁸ Contingente de pessoas ocupadas e desocupadas.

²⁹ Taxa de ocupação é a proporção de pessoas ocupadas em relação à população economicamente ativa.

³⁰ Taxa de desocupados é a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa

dados acima expostos. Para os autores as condições de trabalho colocadas hoje tem raízes não só em como o capital se organiza para resolver seus problemas estruturais, mas também em como a sociedade está organizada e como ela concebe a mulher.

O lugar das mulheres no mercado de trabalho não nos informa apenas de sua posição profissional: o trabalho feminino é um fio condutor para descobrir o lugar delas na sociedade, em todas as sociedades contemporâneas. Abordar o trabalho e o emprego das mulheres é se interessar por seu estatuto social, por sua posição na sociedade (MARUARI, 2016, p. 36)

Ainda nas palavras da autora, o mundo do trabalho apresenta separações e distinções de sexos. As mulheres são aproveitadas em um gueto de profissões femininas, o que vem se agravando nos últimos anos. Mesmo com formação igual ou superior à dos homens, ocupam profissões menos valorizadas, enquanto profissões mais qualificadas são preenchidas na maioria por homens.

Outros fatores trazidos pelos autores acima citados, tanto na Europa quanto no Brasil, dizem respeito ao grande número de trabalhadoras em trabalho em tempo parcial e subemprego, que refletem as estratégias do capital para a sua própria reprodução com reflexo direto para as mulheres.

Enquanto para algumas mulheres reduzir a carga horária de trabalho é uma escolha, para a grande maioria é a única opção (MARUARI, 2016). Além de se submeterem a este tipo de trabalho, são, na sua grande maioria, atividades laborais pouco qualificadas, em condições precárias e frágeis em relação à desregulação dos direitos trabalhistas.

Assim, a incorporação das mulheres ao mundo do trabalho traduz uma relação que ultrapassa os limites econômicos e de regulação do mercado pelo capital, traduz, a priori, questões sociais, políticas culturais e ideológicas impostas nas sociedades embasadas por relações sociais de sexo com marcadores de dominação e exploração de uma classe sobre outra, de um sexo sobre outro.

2. O CENÁRIO DA PESQUISA: DESENHO METODOLÓGICO E PERFIL DAS TRABALHADORAS ESTUDANTES DO CEEBJA - IRATI

Este capítulo tem como propósito trazer a materialidade da vida das trabalhadoras/estudantes que frequentam o CEEBJA-Irati, com o intuito de estudar as relações estabelecidas entre o tempo dedicado ao trabalho remunerado, estudos e cuidados com a casa e familiares e o sentido que a escolarização tem na vida destas mulheres.

Para dar conta dos objetivos propostos para este trabalho e buscar algumas respostas aos objetivos da pesquisa, este capítulo foi assim construído: a primeira parte faz uma descrição metodológica da pesquisa, apresentando o objeto e o campo de estudo, a segunda parte apresenta aspectos socioeconômicos da cidade de Irati, bem como, dados sobre o CEEBJA –Irati. Para este momento dados estatísticos ajudaram na compreensão das relações estabelecidas entre as mulheres e o mundo do trabalho produtivo, assim como com a escolarização e a família.

A terceira parte deste capítulo tem como proposta traçar o perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati, sujeitas da pesquisa, discorrendo sobre questões socioeconômicas e de organização do tempo entre trabalho, escola e cuidados.

2.1 Descrição metodológica

O presente trabalho que tem como método a teoria social de Marx e a compreensão de que para se conhecer o objeto estudado é importante conhecer a fundo a realidade socioeconômica na qual está inserido e que quanto mais o pesquisador for fiel ao seu objeto de estudo mais correta será a apreensão desta realidade.

Trazer para as discussões as mediações e inter-relações que se estabelecem entre o objeto estudado e o cotidiano é compreender que a totalidade se constitui por meio de relações reais correlatas, afetando o cotidiano dos sujeitos e sendo afetada por eles numa relação dialética, “[...] o objeto da pesquisa [...] tem existência objetiva, não depende do sujeito, do pesquisador,

para existir [...] *o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto*” (NETTO, 2011, p. 21-22, grifo do autor)

A escolha do objeto de estudo e do campo de pesquisa não foi aleatória e se deu pela relação da autora com o ensino para jovens e adultos, sua dinâmica e proposta pedagógica. Tendo em vista que por diversas vezes ministrei aulas na EJA e, nesta pesquisa, conhecendo a trajetória destas trabalhadoras/estudantes, posso construir um paralelo com minha própria história, que foi permeada por vivências concomitantes entre o trabalho, a escola e as tarefas domésticas; e pela importância do estudo sobre as mulheres e suas relações com o uso do tempo nos diversos espaços sociais público e privado, uma vez que esta é a realidade da maioria das trabalhadoras no Brasil.

Esta aproximação do sujeito que pesquisa com as sujeitas desta pesquisa traduz o que Netto (2011) coloca sobre esta aproximação.

Isto significa que a relação sujeito/objeto no processo de conhecimento teórico não é uma relação de externalidade, tal como se dá, por exemplo, na citologia ou na física; antes, é uma relação em que o sujeito está implicado no objeto. Por isso mesmo, a pesquisa – e a teoria que dela resulta – da sociedade exclui qualquer pretensão de “neutralidade”, geralmente identificada com “objetividade” (NETTO, 2011, p.23)

A pesquisa aconteceu entre os meses de janeiro e abril de 2016 em três etapas: a primeira etapa foi a visita ao estabelecimento de ensino, conversa com a Diretora e autorização junto ao Núcleo Regional de Educação. Após a autorização, a segunda etapa teve como objetivo a leitura do Projeto Político Pedagógico do CEEBJA – Irati e o levantamento de alguns dados quantitativos, tais como quantidade de estudantes que frequentaram a escola nos últimos dez anos, bem como nos anos de 2015/2016, anos base da pesquisa.

A terceira etapa teve como foco o levantamento qualitativo de informações importantes e necessárias para a compreensão do objeto de estudo, tais como: perfil sócio econômico, composição familiar, percurso laboral e escolar das trabalhadoras/estudantes, bem como, organização das atividades domésticas diárias. Esta etapa aconteceu durante uma semana nos três turnos de

funcionamento da escola. As estudantes presentes nestes dias foram chamadas para uma sala reservada e convidadas a responder ao questionário³¹.

Foram aplicados 95 questionários com perguntas fechadas e abertas divididas em três temas: Tempo de trabalho, Tempo de estudo e Tempo de cuidados, além de um espaço reservado para as informações sobre situação socioeconômica e composição familiar. Ao final, o questionário dispunha de um espaço para o preenchimento de dados pessoais e era destinado àquelas trabalhadoras/estudantes que quisessem contribuir com a pesquisa através de entrevistas. Do total de respondentes, doze deixaram seus contatos para a entrevista, mas somente sete realmente deram o relato de suas vidas³².

Como a pretensão neste trabalho não era um relato de vida, mas compreender como estas trabalhadoras/estudantes organizam seu tempo entre o trabalho, a escola e os cuidados com a casa e familiares, foi elaborado um roteiro inicial assim organizado: a) A primeira parte destinada aos relatos da vida pessoal: onde nasceu, em que lugares viveu, qual a composição familiar, como era a rotina dos afazeres domésticos, com quem eram compartilhados, quais os cuidados com os familiares e com elas próprias; b) A segunda parte destinou-se à trajetória escolar de cada uma, desde o início dos estudos na infância até a chegada no CEEBJA – Irati. Além da trajetória foram questionadas sobre como as demais atividades, trabalho remunerado e cuidados, interferem ou não no tempo de estudos; c) Na terceira parte, as entrevistadas foram estimuladas a falar sobre as questões relacionadas ao tempo de trabalho remunerado, atividades laborais já desenvolvidas, bem como a rotina de trabalho remunerado e suas implicações nos demais tempos; d) A última parte destinou-se a entender como elas se percebem enquanto mulher.

O roteiro acima foi apenas um direcionamento para dar início à entrevista. Por vários momentos as respostas levaram a outras perguntas, lembranças e

³¹ No momento da conversa com as mulheres do CEEBJA-Irati, foi deixado bastante claro que os dados seriam totalmente confidenciais e não identificáveis, e, de toda forma, aquelas que não se sentissem confortáveis para responder o questionário poderiam retornar às suas atividades em salas de aula, e, após isso, somente uma se recusou a responder.

³² Apesar dos esforços da pesquisadora, não foi possível contatar três mulheres, devido ao fato de que não atenderam ao telefone. Uma delas justificou sua recusa por questões pessoais. Ainda com relação a uma última mulher, o endereço informado não foi encontrado. As entrevistas foram iniciadas no mês de março de 2016 e se estenderam até o mês de abril de 2016.

vivências que se misturaram ao objeto de estudo: o uso do tempo. Ao serem conduzidas para um passado não tão distante e um presente muito vivo, estas mulheres deixaram que a emoção aflorasse através de lágrimas, inquietações e raiva.

Nos relatos das *Marias*, além das questões sobre o uso do tempo outros temas apareceram, dando contornos diferentes do inicialmente proposto. Questões como a importância da família e como esta instituição influencia nas tomadas de decisões na vida destas mulheres, as diversas formas de violência sofridas por elas e que deixaram marcas profundas e a resiliência como forma de superação das dificuldades enfrentadas.

Ao escolhermos trabalhar com dados quantitativos e qualitativos, compreendemos que ambos são importantes para delinear o perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA-Irati, e que esta unidade contribui para uma maior aproximação com as sujeitas da pesquisa, sendo possível também dialogar com pesquisas mais abrangentes locais, regionais, nacionais e até internacionais. Além disto, seguindo os ensinamentos de Marx (2011) e Netto (2011), o estudo da materialidade destas mulheres parte de uma abordagem mais geral para a compreensão do sujeito particular.

Para tanto, o tratamento dos dados empíricos acontecerá em dois momentos distintos sem perder a conexão entre eles. Os dados quantitativos serão abordados neste capítulo por meio de gráficos e tabelas. Já os dados qualitativos trazidos pelos relatos das *Marias* e suas percepções, serão trabalhados no terceiro capítulo, divididos em quatro categorias que se destacaram das entrevistas realizadas: a) a família como uma instituição determinante na tomada de decisões destas mulheres; b) os diversos tipos de violências na sociedade patriarcal e capitalista; c) a resiliência presente em todas as falas como forma de superação das dificuldades enfrentadas e d) o sentido da escolarização para as trabalhadoras/estudantes e as percepções dos usos do tempo de trabalho, escola e cuidados.

Mesmo tendo como categoria central deste trabalho a questão do uso do tempo, nos diversos espaços sociais, ao darmos voz às *Marias*, outras categorias surgiram. No entanto, cada uma dessas categorias não pretende responder a

todas as indagações a respeito das relações sociais de sexo estabelecidas nos diversos espaços sociais, privado e público, mas sim dar voz a questões particulares das mulheres e apontar novas propostas de pesquisas.

Apesar de a pesquisa desenvolvida para este trabalho contar com dados estatísticos, tanto de órgãos oficiais como os da própria pesquisa, destaca-se o esforço empenhado para a escuta e a categorização realizada a partir das falas das sete mulheres entrevistadas, que confiaram os relatos de parte de suas vidas à pesquisadora. Emprestando as palavras de Souza-Lobo (1991, p. 73): “O objetivo desta comunicação é refletir sobre a experiência a partir de suas histórias de vida”. No nosso caso queremos conhecer e refletir sobre as histórias das *Marias* por meio de seus relatos, de sua vida tal como elas a vivenciaram e nos relataram, e todo arcabouço teórico e metodológico utilizado foi constituído especialmente para isso.

Neste momento da exposição chega-se mais perto das sujeitas da pesquisa, ao analisarmos a realidade local em que vivem as mulheres do município de Irati-PR, bem como ao trazermos os dados coletados dos questionários aplicados no CEEBJA-Irati, passo este necessário para que, no próximo capítulo, possamos adentrar nos relatos sobre os usos do tempo das *Marias*.

2.2 A realidade local como mediadora para a compreensão das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati

Estudar a cidade de Irati e o CEEBJA deste município significa, metodologicamente, compreender que a realidade estudada forma parte de uma totalidade social através de um conjunto de partes encadeadas, em constantes mudanças onde cada parte é, ao mesmo tempo, única e complementar da outra, e que constituem entre si relações dialéticas. A concepção de totalidade trazida para este estudo diz respeito, não ao todo, mas a um conjunto de partes correlatas da sociedade dominante, patriarcal e capitalista. Para a apreensão deste conceito é importante vislumbrar que leis regem esta forma de organização social e que movimentos ela realiza, sem deixar de considerar as relações estabelecidas entre o capital e a classe trabalhadora, em especial aqui, as

trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati (MAROCHI; TERCENIO; MELO, 2016).

A cidade de Irati, situada na Região Centro-Sul do Estado do Paraná, cujo nome é de origem Tupi e significa rio de mel, possui uma área de 999,289 km², uma população estimada, para 2016³³, de 60.070 habitantes, com uma densidade demográfica de 56,23 hab/km² e uma taxa de urbanização de 79,94%. O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH³⁴ é de 0,726, índice que define esta cidade, segundo parâmetros do IBGE (BRASIL, 2010), como uma cidade com desenvolvimento humano alto, apesar de o valor do rendimento médio mensal *per capita* ser de apenas R\$ 675,85, ainda segundo o IBGE. O salário médio mensal gira em torno de 2,1 salários mínimos e o PIB *per capita* é de R\$ 23.688,00 anuais³⁵. Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IparDES (2016), em relação à população temos os seguintes dados, apresentados no Quadro I:

Quadro I - População de Irati conforme sexo e localização, em %.

POPULAÇÃO	2010	DO TOTAL
Total	56.207	100
Homens	27.708	49,30
Mulheres	28.499	50,70
Urbana	44.932	79,94
Rural	11.275	20,06

Fonte: Dados organizados pela autora conforme caderno do IPARDES, 2016.

³³ Todos os dados sobre a cidade de Irati utilizados neste trabalho foram retirados do Caderno do IparDES 2016, onde alguns dados foram atualizados e outros têm por base o Censo de 2010. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=84500&btOk=ok> Vários acessos.

³⁴ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mede o nível de desenvolvimento humano dos países utilizando como critérios indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (esperança de vida ao nascer) e renda (PIB per capita) e o índice varia de 0 (zero) a 1 (um) e apresenta as faixas de desenvolvimento humano municipal: 0,000 a 0,499 – muito baixo; 0,500 a 0,599 – baixo; 0,600 a 0,699 – médio; 0,700 a 0,799 – alto e 0,800 e mais – muito alto. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores . Acesso em: 19 Jan. 2017.

³⁵ Todas as informações do IBGE constam do sítio eletrônico da entidade: www.cidades.ibge.gov.br.

Conforme os dados acima, a população do município de Irati é predominantemente urbana e as mulheres são a maioria, representando 50,70% da população da cidade. Deste percentual, 22,62% tem idade entre 0 e 14 anos, 69,45% estão na faixa etária entre 15 e 64 anos e 7,94% tem mais de 64 anos. Dentro da faixa etária dos 15 a 64 anos, parcela da população que engloba nossas pesquisadas, 49,02% são mulheres.

A População em Idade Ativa – PIA no município de Irati representa 48.267 do total populacional, destes 24.571 são mulheres. A População Economicamente Ativa – PEA, com total de 29.788, sendo que 12.994 são mulheres, com taxa de ocupação de 42,60%, ou seja, apesar de representarem mais da metade da população total da cidade de Irati, ainda são a minoria no mercado de trabalho.

O município de Irati tem sua economia voltada para a prestação de serviços, seguida da indústria e agropecuária, conforme os dados a seguir evidenciados no Quadro II:

Quadro II – Distribuição do Produto Interno Bruto de Irati – 2010, por setor de atividade.

VARIÁVEL	IRATI
Agropecuária	R\$ 222.007
Indústria	R\$ 227.610
Serviços	R\$ 527.574

Fonte: IBGE, 2010.

A prevalência no setor de serviços tem consequências diretas na composição da classe trabalhadora e sua formação educacional, bem como no perfil salarial e de qualificação dos trabalhadores. Dados comparativos dos últimos 10 anos, tomando por base os censos de 2000 e 2010, demonstram esta influência, compilados nos Quadros III e IV.

Quadro III – Perfil salarial dos/as trabalhadores/as do município de Irati – 2000 e 2010, em %.

PERFIL SALARIAL	2000	2010
Ocupados (as) com rendimento até 1 S.M	56,68	23,06
Ocupados (as) com rendimento até 2 S.M	82,53	73,29
Ocupados (as) com rendimento até 5 S.M	94,34	93,43

Fonte: Dados organizados pela autora conforme caderno do IPARDES, 2015.

Os dados apresentados nos Quadros III e IV, descrito logo abaixo, revelam que as condições da classe trabalhadora no que diz respeito ao perfil salarial e qualificação apresentou uma melhora no período estudado, destacando-se o nível de formalização, que avançou cerca de 10% entre 2000 e 2010. Porém, não se pode afirmar que houve um rompimento no trajeto histórico denominado por Florestan Fernandes de superexploração dos trabalhadores (FERNANDES, 1987), o que se evidencia no baixíssimo nível salarial da força de trabalho: 73,29% ganhavam até 2 salários mínimos, e destes (as), 23,06% até 1 salário mínimo.

Quadro IV – Perfil de qualificação dos/as trabalhadores/as do município de Irati – 2000 e 2010, em %.

PERFIL DE QUALIFICAÇÃO	2000	2010
Grau de formalização dos (as) ocupados (as) – 18 anos ou mais	53,46	63,57
Ocupados (as) com ensino fundamental completo	37,86	54,98
Ocupados (as) com ensino médio completo	23,34	37,02

Fonte: Dados organizados pela autora conforme caderno do IPARDES, 2015.

É ainda mais alarmante cruzar estes dados com os presentes na mesma tabela, referentes à escolarização dos trabalhadores iratienses: 92% dos postos são ocupados por pessoas com até o ensino médio completo, sendo que a maioria, 54,98% possuem apenas o ensino fundamental completo.

Estes dados revelam não somente a grande quantidade de trabalhadores que são explorados e que ocupam postos de trabalho precarizados, mas que a economia do município de Irati é pautada em setores da economia que exigem baixo grau de escolarização e especialização para o trabalho, refletindo uma situação de desenvolvimento excludente e concentrador, calcado em empregos sem remuneração digna e sem garantias.

Destacam-se no município dois setores que empregam grande contingente de trabalhadores: a agricultura, com cerca de 6.908 trabalhadores/as, segundo o censo de 2010 (IPARDES, 2016), sendo a maioria da agricultura familiar de pequenas propriedades e que cultivam culturas temporárias; e o comércio em geral, abrangendo o setor de reparação de veículos automotores e de motocicletas, que empregava cerca de 5.480 trabalhadores/as em 2010. O setor de serviços é um setor que remunera pouco e gera grande flutuação de força de trabalho, devido ao fato de que é facilmente influenciado pelas crises econômicas, o que leva à contratação e demissão mais flexíveis ao longo do ano. Mesmo os empregos industriais existentes são localizados, na sua grande maioria, nas indústrias de pequeno e médio porte, e do ramo da transformação, e, apesar de haver gerado 3485 empregos em 2010, o nível salarial pouco difere da média municipal, bem como as outras garantias trabalhistas.

Em relação à educação o município de Irati conta hoje com 66 estabelecimentos de ensino ofertados pela rede federal, estadual, municipal, e particular. Destes, 05 ofertam o ensino para jovens e adultos, sendo um na rede estadual, três na rede municipal e um na rede particular (IPARDES, 2016).

Segundo dados do Ipardes (2016) há no município cerca de 2775 estudantes matriculados no Ensino Médio³⁶, sendo que 181 estão na rede federal, 2.334 na rede estadual e 260 na rede privada. Destes, 224 estão matriculados no Ensino Médio na modalidade EJA, incluindo nestes números estudantes que não cursaram o ensino médio na idade considerada certa pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9394/96 e alterada pela Lei nº 12.766/13 que ampliou

³⁶ O documento referência inclui no Ensino Médio as categorias de propedêutico, integrado à educação profissional e do ensino normal e/ou magistério.

a obrigatoriedade da Educação Básica até os 17 anos. Os estudantes que ingressam na educação básica com 04 anos devem concluir até os 17 anos.

Outro dado relevante para este trabalho é explicitado pelo Caderno Ipardes (2016), que demonstram que a cidade de Irati possui uma taxa de analfabetismo³⁷ de 4,56% e que pessoas com mais de 50 anos apresentam a maior taxa, 11,33%. Tomando por base a faixa etária dos 30 aos 49 anos, a soma da percentagem de analfabetismo passa dos 5%.

A taxa de reprovação no Ensino Médio no município, em 2015, chegou a 9,7%, enquanto no Ensino Fundamental era de 6,2%. Já a taxa de abandono, que para o Ensino Fundamental era de 1,3%, para o Ensino Médio era de 6,0% no mesmo ano. A taxa de distorção idade/série era de 16% para o Ensino Médio, enquanto para o Ensino Fundamental é de 9,0% (IPARDES, 2016).

Os dados apresentados demonstram alguns aspectos que contribuem para a compreensão de fatores trazidos pela pesquisa empírica, bem como para correlacionar as condições materiais das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA-Irati com a realidade local. São eles: 1) a população iratiense é na sua maioria formada por mulheres em idade produtiva; 2) a economia local concentra-se na prestação de serviços com postos de trabalho precarizados, sendo estes postos ocupados, na maioria das vezes, por pessoas com baixa escolaridade e; 3) os índices da educação são preocupantes, principalmente entre pessoas com idade mais avançada, demonstrando que estas pessoas têm maiores dificuldades para concluir os estudos básicos e que tendem a abandonar a escola mais facilmente, o que leva estes estudantes a retomar seus estudos no CEEBJA – Irati.

Com os altos índices de analfabetismo no Brasil, no início do século XX a escolarização de jovens e adultos passou a fazer parte da agenda dos governantes. Várias campanhas, programas e leis foram elaborados para diminuir a grande quantidade de analfabetos³⁸. Em 1920, quase 65% da população de 15

³⁷ Segundo o Censo Demográfico do IBGE (BRASIL, 2010) foram consideradas como analfabetas as pessoas maiores de 15 anos que declararam não serem capazes de ler e escrever um bilhete simples ou que apenas assinam o próprio nome, incluindo as que aprenderam a ler e escrever, mas esqueceram.

³⁸ Segundo informações compiladas por Bernardim (2008) as principais ações do governo federal voltadas à educação de adultos, agrupadas em um quadro síntese são: 1945 – CEEA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos; 1957 – CNEA – Campanha Nacional de

anos ou mais era analfabeta, representando mais de 11 milhões de brasileiros. Ao longo de quase cem anos este índice caiu para 10,38% em 2006 (UNESCO, 2008). Em 2014³⁹ este índice teve uma redução, ficando abaixo de 9%. No entanto, ainda há quase 13 milhões de pessoas analfabetas ou que somente assinam o nome, sendo que a parcela de homens analfabetos é maior que de mulheres analfabetas. Ou seja, a redução percentual não nos pode cegar para o aumento absoluto do número de analfabetos no país.

As ações desenvolvidas, desde meados do século passado até os dias atuais, deveriam ser medidas rápidas de erradicação do analfabetismo e diminuição da distorção idade/série, porém, tornaram-se formas permanentes de oferta de ensino para a população adulta, demonstrando que muitos dos programas e campanhas lançados pelos sucessivos governos não possuem eficácia, ou são pouco eficazes sobre a trajetória escolar desta parcela da população brasileira. Assim, instituições como o CEEBJA – Irati continuam a ser importantes na vida dos/as estudantes que, por diversos motivos, não conseguiram levar adiante seus estudos, interrompendo-os por curtos ou longos períodos.

O CEEBJA – Irati⁴⁰ é uma instituição pública estadual que iniciou suas atividades em Irati no ano de 1986 como NAES (Núcleo Avançado de Ensino Supletivo), passando a CES (Centro de Estudos Supletivos). Atualmente atende estudantes a partir dos 15 anos que estão fora da idade/série considerada correta em cada etapa de escolarização. Segundo o PPP do CEEBJA – Irati (2012, p. 4), o público atendido:

Erradicação de Analfabetos; 1964 – Plano Nacional de Alfabetização – PNA; Decreto 5379/67 que criou o MOBREAL, 1971 – Lei 5692/71; 1985 – Fundação Educar; 1990 – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC; 1996 - Programa de Alfabetização Solidária – PAS e Programa Nacional de Reforma Agrária Recomeço – PRONERA e 2003 – Programa Brasil Alfabetizado. Podemos citar ainda a inclusão da modalidade de Ensino para Jovens e Adultas no FUNDEB em 2007.

³⁹ Dados retirados do site do Brasil em Síntese. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html> Acesso em: 02 jan. 2017.

⁴⁰ Todas as informações sobre o CEEBJA – Irati foram retirados do Projeto Político Pedagógico da escola com versão atualizada em 2012.

são trabalhadores, operários, domésticas, servidores públicos, entre outros, oriundos de bairros próximos que buscam formação para crescer intelectual e profissionalmente. A fim de atender trabalhadores de bairros distantes, bem como agricultores e trabalhadores do campo, a escola desenvolve Ações Pedagógicas Descentralizadas (APEDs), que funcionam em escolas Municipais e Estaduais, respeitando a Proposta Pedagógica e Regimento Escolar⁴¹.

Esta instituição oferta, atualmente, o Ensino Médio, Ensino Fundamental Fase II na modalidade de ensino EJA e é responsável pelo PROJOVEM Campo⁴². Os estudantes são organizados em turmas coletivas ou individuais, conforme o percurso escolar e necessidade, podendo frequentar turmas com todas as disciplinas ou escolherem algumas disciplinas, conforme oferta da escola. O CEEBJA – Irati oferece, ainda, exames supletivos periódicos onde os estudantes realizam uma avaliação em determinadas disciplinas, podendo, desta forma, eliminá-las do percurso escolar.

Os dados do Quadro V mostram a quantidade de estudantes concluintes no CEEBJA – Irati de 2006 a 2015⁴³ com dados do SERE – Sistema Estadual de Registro Escolar do Estado do Paraná, demonstrando que a maior parcela dos/as concluintes são mulheres, exceto em 2015. Em 2008 foi o ano onde houve maior número de estudantes concluintes, sendo que dos 323, 167 foram mulheres e 156 homens. Estes números corroboram com dados nacionais demonstrando que as mulheres, mesmo abandonando os estudos com frequência, retornam aos bancos escolares para terminar a escolarização, apresentando mais anos de estudos que os homens. Em 2014, 44,5% das mulheres, na faixa etária de 25 anos ou mais,

⁴¹ O próprio documento norteador da proposta pedagógica da escola reforça o sexismo institucional, colocando o trabalho doméstico no feminino. Esta postura revela a institucionalização do masculino e a feminização do trabalho doméstico.

⁴² “Criado pela medida provisória nº 411/07, O ProJovem Campo - Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental. O programa visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluídas do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/projovem-campo--saberes-da-terra> Acesso em: 02 Jan. 2017.

⁴³ Apesar do CEEBJA – Irati ter iniciado suas atividades em 1986, o recorte temporal foi determinado pelo início do funcionamento do sistema SERE no Paraná. Os dados anteriores não estão informatizados, portanto, de difícil acesso. Assim, entendemos que o intervalo de 10 anos é um bom recorte temporal para a análise proposta.

apresentavam pelo menos 11 anos de estudo, enquanto para os homens este percentual era de 40,3%⁴⁴.

Quadro V – Quantidade de estudantes concluintes do CEEBJA – Irati em 10 anos em relação ao sexo.

ANO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE DE ESTUDANTES CONCLUINTES	MULHERES CONCLUINTES	HOMENS CONCLUINTES
2006	30	20	10
2007	38	20	18
2008	323	167	156
2009	111	61	50
2010	169	97	72
2011	70	40	30
2012	89	54	35
2013	40	27	13
2014	63	40	23
2015	71	32	39

Fonte: Dados organizados pela autora conforme relatórios do Sistema Estadual de Registro Escolar - SERE 2006-2015.

Ainda sobre os dados do Quadro V é importante ressaltar que a grande variação dos concluintes está diretamente ligada à forma como é ofertada esta modalidade de ensino, pois muitos dos alunos que se matriculam não chegam a concluir as disciplinas ou concluem parte delas, não sendo, portanto contabilizados como concluintes. Além disto, as campanhas dos governos para a retomada dos estudos variam em cada ano letivo, levando, desta forma, a uma maior ou menor procura pelas instituições que ofertam este tipo de ensino.

⁴⁴ Dados retirados do site do Brasil Em Síntese do IBGE. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao> Acesso em: 18 mar 2017.

2.3 Perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati

“Só voltei a estudar porque estou desempregada, mas sei que quando voltar a trabalhar o estudo vai ficar difícil de novo”. (Informação escrita)⁴⁵

A frase em epígrafe, escrita por uma das trabalhadoras/estudantes no rodapé do questionário aplicado é a síntese da materialidade da vida destas mulheres. Representa o percurso de vida entre trabalho, escola e vida pessoal e as escolhas que precisam fazer para conseguirem trabalhar e estudar.

O estudo desenvolvido neste trabalho reúne, correlaciona e interliga os dados quantitativos e qualitativos por meio dos instrumentos utilizados: o questionário aplicado a 95 mulheres estudantes do CEEBJA-Irati e a entrevista com as 07 trabalhadoras/estudantes. Portanto, o estudo foi organizado, com base nas experiências, respostas ao cotidiano, itinerários individuais de sete mulheres, organizados em três eixos: o tempo de trabalho, o tempo de estudos e o tempo dos cuidados, estabelecendo relações entre “[...] experiências e destino, entre respostas dadas aos conhecimentos vivenciados [...] sobre si mesmas, suas vidas e sobre as mulheres” (SOUZA-LOBO, 1991, p.74).

A grande preocupação está em dar vida aos relatos destas mulheres e deixar que suas próprias falas ditem o tom e conduzam a escrita. Não buscamos, portanto, a verdade da vida destas mulheres, por absurdo que isso seria, mas queremos saber como estas mulheres vivenciaram a sua vida, ou, como diz um título de Garcia Márquez, como elas contaram o que viveram⁴⁶.

Apenas uma nota metodológica é necessária aqui: claro está que esta escolha não nos distancia do método adotado, o método de Marx, já que os relatos da vida, a vida mesma relatada pelas mulheres sujeitas desta pesquisa, são expressões da vida material da sociedade capitalista, e, como tais, partes da totalidade, indícios, portanto, para a compreensão do mundo em que vivemos e que, de uma forma ou outra, influiu na vida que viveram e que nos contaram.

⁴⁵ A frase em epígrafe foi escrita por uma das respondentes no final do questionário aplicado às trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati em fevereiro de 2016.

⁴⁶ Referimo-nos aqui ao livro “Viver para contar”, de Gabriel García Márquez (2003).

Das trabalhadoras/estudantes que responderam o questionário, 61% possuem idade entre 15 e 29 anos, 27% entre 30 e 44 anos e 10% se declaram com idades entre 45 e 59 anos. São, na grande maioria, oriundas dos bairros⁴⁷ da cidade, sendo que 71% das entrevistadas possuem casa própria, 25% moram em casa alugada e 1% em casa cedida e as demais não declararam. Em relação à composição familiar quase metade informaram que vivem em uma união estável⁴⁸, 60% declararam que sua família é composta de uma a três pessoas, incluindo a própria entrevistada.

Em relação à situação laboral, mais da metade das mulheres que responderam ao questionário estão empregadas e a renda familiar gira em torno de dois salários mínimos. Quando perguntadas sobre quantas pessoas contribuíam para a renda familiar, 43,2% responderam que somente mais uma pessoa contribui, além da própria respondente, e 8,4% delas responderam que são as únicas responsáveis pelo sustento da casa. Dados do IBGE (BRASIL, 2015) em 2010 revelaram que 38,7% das mulheres eram consideradas chefes de família dos 57,3 milhões de domicílios, o que coloca os números do município de Irati acima da média nacional⁴⁹.

O Gráfico 1 mostra em que setores da economia as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati estão empregadas, sendo que a grande maioria desenvolve suas atividades laborais no setor de serviços⁵⁰, trabalho doméstico e de cuidados, somente uma parcela muito pequena está no setor industrial, dados que reforçam o perfil da cidade de Irati⁵¹.

⁴⁷ Apesar de no PPP do CEEBJA – Irati dizer que a escola atende aos bairros próximo, a nossa pesquisa mostrou que as estudantes são oriundas de vários bairros, dos mais próximos até os mais longínquos e também de outras cidades como uma das nossas *Marias* que reside em Fernandes Pinheiro.

⁴⁸ Incluem neste grupo todas as possibilidades escritas nos questionários pelas respondentes, tais como: casadas, compromissadas ou casadas na igreja.

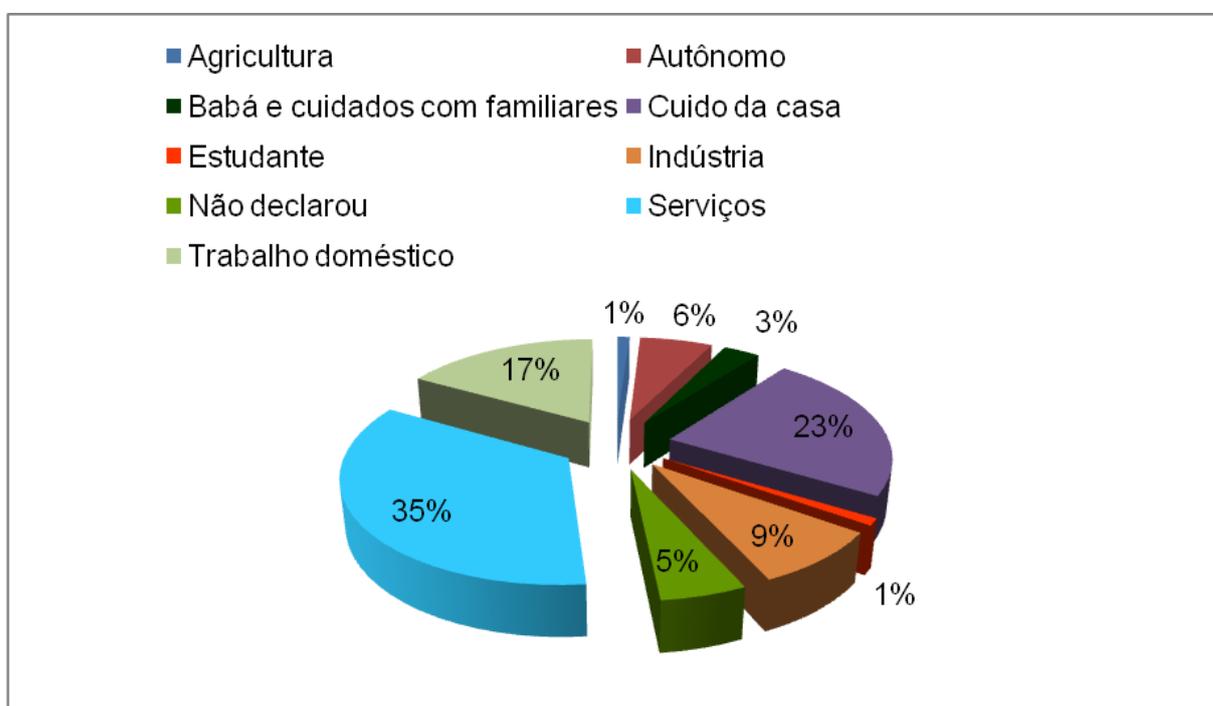
⁴⁹ O IBGE considera como responsável aquela pessoa reconhecida como tal pelo demais moradores do domicílio.

⁵⁰ Estão incluídos no grupo serviços os tipos de trabalhos colocados no questionário pela pesquisadora, tais como: escritório, lojas, construção civil, autônomo, restaurantes/similares e os declarados pelas respondentes, como: supermercado, recepcionista, agente de saúde, serviços gerais, auxiliar de cabeleireiro, recepcionista, manicure e merendeira. No grupo doméstico estão incluídas as que trabalham para outrem ou que realizam o trabalho doméstico em sua casa e 3% delas se declararam como cuidadoras: como babá ou cuida da avó e do irmão.

⁵¹ A questão formulada já apresentava estas opções, mas continha um espaço destinado para que as respondentes pudessem apontar outras atividades laborais. Nesta questão não havia menção

Os dados do gráfico em conjunto com as respostas apontadas pelas pesquisadas demonstram o que autores como Saffioti (2013); Antunes (2009, 2011); Abreu, Hirata, Lombardi (2016) e Costa, Sorj, Bruschini, Hirata (2008) trazem em seus estudos: os postos de trabalho mais precarizados e com baixos salários estão no setor de serviços e são ocupados principalmente por mulheres. Além disto, cabe ainda uma observação muito pertinente para este trabalho: a questão do trabalho doméstico que é tido como trabalho feminino.

Gráfico 1 – Atividades realizadas diariamente e declaradas pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, em %.



Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

O Gráfico 1 mostra que 40% das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA–Irati desenvolve algum tipo de trabalho doméstico, destas 23% cuidam da casa e 17% assinaram a opção trabalho doméstico. Nesta porcentagem estão incluídos trabalhos domésticos em casa ou fora dela, além do fato de 3% delas desenvolverem atividades de cuidados, como as de babá ou de cuidados com

ao trabalho e não trabalho e, por isso, apresentava como trabalho produtivo também o relativo aos cuidados com a casa. De toda forma poderiam responder com mais de uma alternativa

familiares, um número significativo de mulheres que contribuem com a economia dos cuidados, seja realizando os afazeres domésticos ou cuidando de pessoas. Podemos ainda incluir neste rol de atividades o cuidados com os filhos que não são contabilizados por elas como uma atividade de cuidado, “[...] a noção de trabalho doméstico é o oposto da objetificação: ela é ligada às relações afetivas da família e baseada na “disponibilidade” materna e conjugal das mulheres” (CHABAUD-RICHTER et al., 1985 apud HIRATA; ZARIFIAN, 2009, p. 253).

Estudos realizados por Hirata (2016) com base em pesquisas feitas no Brasil e na França⁵², demonstram que 20% das brasileiras, em 2005, desenvolviam alguma atividade doméstica ou de cuidados e que correspondia a cerca de 894.417 cuidadores. As autoras alertam que estes dados podem não representar a realidade, pois muitos dos empregados/as domésticos/as, cerca de 7 milhões apontados pelo Censo de 2010, realizam também atividades de cuidados de crianças e idosos.

A aprovação da lei que garante alguns direitos trabalhistas às empregadas domésticas foi efetivada em 2013, e seus efeitos foram imediatos, como demonstram os dados apresentados em 2014 pela nota técnica “Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014” (2016), onde se lê que:

A proporção de mulheres no emprego doméstico vem caindo lentamente ao longo dos últimos anos. O dado mais recente disponível mostra que, em 2014, 14% das brasileiras ocupadas eram trabalhadoras domésticas, um total de 5,9 milhões. Aqui, a diferença racial é marcante: 17,7% das mulheres negras eram trabalhadoras domésticas, ainda a principal ocupação entre elas – , ao passo que, entre as brancas, 10% estavam no emprego doméstico, que há décadas não constitui o setor de atividade econômica que mais emprega brancas, ficando atrás do comércio e da indústria (BRASIL, 2016, p.15)

O documento aponta as possíveis causas desta diminuição: a não renovação da profissão, ou seja, as mulheres mais jovens não querem ingressar

⁵² O estudo comparativo foi realizado em 2010-2011, no Brasil, pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo(USP) e pelo Centro de Estudos de Análise e Planejamento (Cebraq) e na França, com o apoio da Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e do Centro Nacional de Pesquisa Científica (Centre National de La Recherche Scientifique – CNRS).

nesta carreira. A falta de proteção, a instabilidade, a sobrecarga diária, marcada por questões sociais de exploração e discriminação levam as mais jovens a não ingressarem nesta carreira, preferindo trabalhos informais ou até mesmo permanecerem como desocupadas.

Outra constatação levantada nos estudos empíricos de nossa pesquisa diz respeito ao fato de que a exigência de formação para a ocupação dos postos de trabalho pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati é muito pequena: 34,7% das mulheres que responderam o questionário apontaram que a empresa onde trabalham exige algum tipo de formação desde o ensino fundamental até a formação técnica; 36,8% apontaram que não há exigência; e 1% apontou que a exigência é a experiência. Apesar do fato de a maioria das empresas exigirem, no mínimo, o ensino médio completo, a maioria das respondentes não apontou esta exigência, no entanto, apontaram que as empresas incentivam os estudos flexibilizando os horários de trabalho para que frequentem a escola e, também, das horas trabalhadas, com a redução da carga horária diária.

As questões pertinentes à organização do tempo de trabalho em relação aos demais tempos demonstram que as pesquisadas têm uma jornada de trabalho remunerado bem pesada durante cinco ou seis dias da semana, com 8h diárias, além das atividades que precisam realizar em casa. Das respondentes, 72% acordam entre 5h e 8h da manhã, desenvolvendo, além das atividades no trabalho produtivo, pelo menos de 1h a 3h diárias com o trabalho reprodutivo, ou seja, com tarefas domésticas e de cuidados.

Quando perguntadas sobre a carga horária de trabalho remunerado e a disposição para realizar outras atividades, 49% declaram que se sentem cansadas e a principal queixa é o cansaço físico. Em relação às horas extras no trabalho remunerado, 49% declararam que não há prejuízo para os estudos e que conseguem se organizar, porém, 15% delas responderam que as horas trabalhadas a mais no emprego interferem e muito nos estudos e 9% indicaram que abandonaram os estudos por conta destas horas extras.

Quanto ao nível de escolaridade, 58% das entrevistadas cursam o ensino médio, 26% o ensino fundamental e as demais não responderam, sendo que 45% delas abandonou os estudos uma vez, 21% duas vezes, 15% três vezes e 5%

quatro ou mais vezes. O Quadro VI traz os motivos declarados⁵³ pelos quais as trabalhadoras/estudantes abandonaram a escola. Os dados revelam a relação do tempo escola com os demais tempos, sendo que este é sempre o mais prejudicado e fica em segundo plano. As demais atividades acabaram por determinar o percurso escolar destas mulheres.

Na pergunta referente aos motivos pelos quais abandonaram os estudos, as respondentes podiam escolher uma ou mais das afirmações já especificadas no questionário, ou ainda poderiam colocar outros motivos, conforme indicado em nota de rodapé. O Quadro VI mostra os resultados.

Quadro VI – Motivos declarados pelos quais as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati abandonaram os estudos.

MOTIVOS DECLARADOS PELOS QUAIS ABANDOU OS ESTUDOS	QUANTIDADE DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES
Pessoais	24
Relacionados à escola	20
Relacionados ao trabalho	16
Relacionados aos cuidados	58

Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

Em relação ao quadro VI, nas respostas referentes ao grupo identificado como motivos pessoais, 14 mulheres declararam que a mudança de cidade foi o motivo que levou a abandonar a escola. A mulher que ficou mais tempo afastada da escola, neste grupo, completou 12 anos de afastamento, e tinha no momento da aplicação do questionário 37 anos, assinalando também como item determinante da evasão da escola, os cuidados com os filhos.

⁵³ Os dados da tabela foram organizados em quatro grupos para melhor visualização e facilidade na leitura. Dentre os motivos colocados no grupo pessoais, as trabalhadoras/estudantes indicaram, por exemplo, relacionamento amoroso, mudança de cidade, problemas de saúde ou decisão de parar os estudos. Já no grupo relacionado à escola apareceram motivos como a mãe não matricular na escola após certa idade, distância da escola, falta de vontade de estudar, não conseguia acompanhar os estudos ou não gostava da escola. No grupo do trabalho motivos como precisava trabalhar e incompatibilidade de horário foram os que mais apareceram. No grupo relacionado aos cuidados foram agrupados os motivos referentes aos cuidados com a família, aí incluindo a casa e os filhos. Neste grupo incluímos também o motivo casamento.

Nos motivos relacionados à escola tivemos a grande maioria declarando que o acesso à escola foi o principal fator que levou estas trabalhadoras/estudantes abandonar a escola. A respondente mais velha tinha à época da pesquisa 50 anos e ficou afastada da escola por 40 anos. Os dados deste grupo estão relacionados à organização sócio econômica da cidade Irati, uma vez que apresenta uma população rural considerável, com agricultura familiar forte e poucas escolas rurais que pudessem atender a este público. Atualmente o município de Irati⁵⁴ conta com 11 escolas municipais e 3 estaduais que atendem a população rural.

No grupo dos motivos relacionados ao trabalho, 12 das respondentes apontaram que o horário de trabalho não permitia conciliar tempo de trabalho e tempo de estudos e o tempo médio de abandono neste grupo foi de 8 anos. Já no grupo cuidados 25 das respondentes apontaram o casamento e 26 o cuidado com os filhos os motivos pelos quais tiveram que deixar a escola. Como as trabalhadoras/estudantes podiam assinalar nesta questão mais de uma afirmação, 9 delas apontaram que o casamento e o cuidado com os filhos em conjunto contribuíram para o abandono dos estudos.

A relação das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA - Irati com os estudos é muito particular e mostra a realidade de muitas mulheres que são obrigadas a abandonar ou adiar a sua escolarização, o que repercute em toda vida profissional e pessoal. Para elas a escolarização tem percepções diferentes, que vão desde a valorização no trabalho remunerado até o empoderamento das mulheres, conforme demonstra o Quadro VII⁵⁵.

⁵⁴ Informações contidas no site Consulta Escola da Secretaria Estadual da Educação Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/nre/escolas/endereco.xhtml>. Acesso em 25 mar. 2017.

⁵⁵ Esta questão permitia às respondentes assinalar uma ou mais das afirmações do questionário e também acrescentar outras.

Quadro VII – Percepção dos estudos na vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, em %.

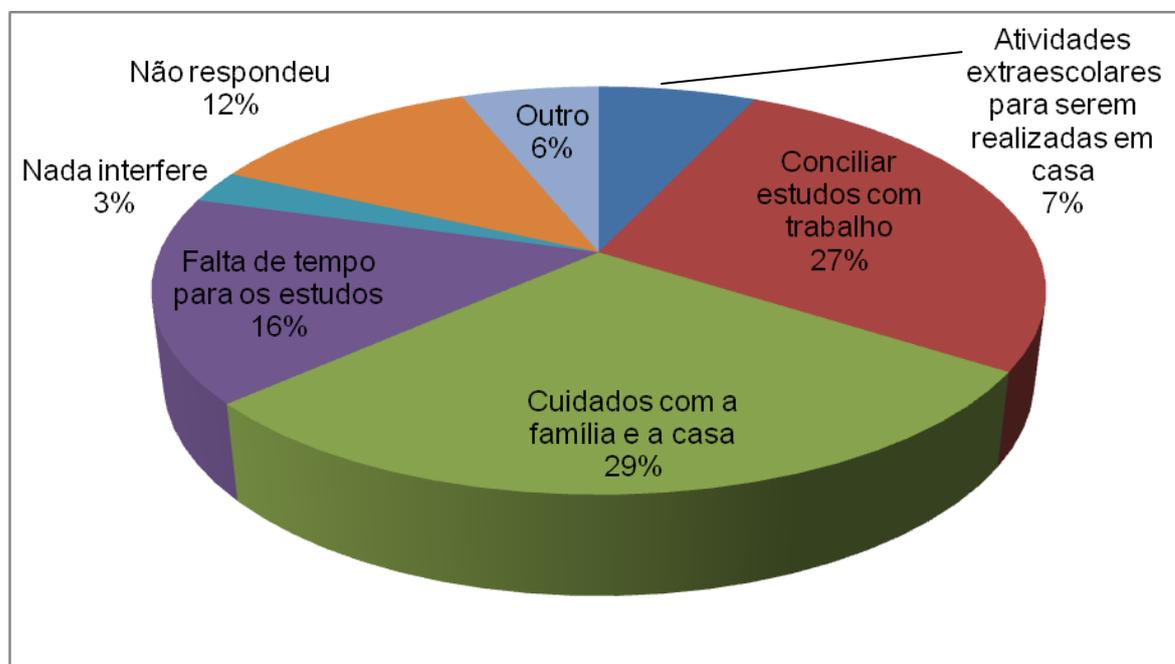
Percepção dos estudos na vida das trabalhadoras/estudantes	Quantidade de trabalhadoras /estudantes
Não vejo muita importância, pois os estudos não mudam a minha realidade.	0,5
Não vejo muita importância, pois não posso trabalhar, tenho que cuidar da casa.	1
Não respondeu.	1,3
Estudar é muito importante, pois quando a mulher estuda é respeitada pelo marido.	5,2
Estudar é muito importante, pois fará com que eu consiga um trabalho.	17
Estudar é muito importante, pois é uma forma de ser valorizada no trabalho.	22
Estudar é muito importante, pois contribui para que as mulheres conquistem seu espaço na sociedade.	24
Estudar é muito importante, pois posso aprender mais.	29

Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

As respondentes neste item poderiam não só assinalar um ou mais questões e indicar outras informações a respeito de como elas percebem os estudos em suas vidas, no entanto, não houve indicações de outras percepções. Conforme dados apresentados no Quadro VII as trabalhadoras/estudantes declararam que os estudos são relevantes para as suas vidas seja como forma de adquirir conhecimento, seja como forma de melhoria no trabalho ou até mesmo como forma de conseguir um emprego. Das respondentes 69% demonstraram que estar na escola é uma forma de empoderamento das mulheres e serem restadas, tanto dentro de casa quanto fora dela.

Outro dado importante trazido pelas respostas das mulheres pesquisadas foi em relação ao tempo disponível para a realização das atividades escolares e quais motivos dificultam hoje para a frequência às aulas. A maioria apontou que a maior dificuldade atualmente são os cuidados com a casa e a família, seguido da sobrecarga de atividades no trabalho, tempo afastado dos estudos e a distância entre trabalho, escola e casa, conforme demonstra o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Motivos declarados que dificultam, atualmente, os estudos na vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, em %.



Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

A questão que delimita dos dados do Gráfico 2 foi elaborada com afirmações pré-determinadas, onde as respondentes poderiam assinalar mais de uma afirmação, e continha também um espaço para escreverem livremente. O resultado, como se vê, foi de que 27% das respondentes apontaram que a dificuldade em frequentar a escola estava relacionada à sobrecarga de trabalho remunerado e a distância que precisam percorrer entre o local a casa, o local de trabalho e a escola. Importante ressaltar que os dados do Gráfico 2 apontam a relação do tempo de trabalho e do tempo dos cuidados com o tempo escolar. Os dois primeiros interferem diretamente no percurso escolar destas mulheres.

Em relação ao cumprimento das atividades escolares, as respondentes apontaram que realizam estas atividades na própria escola, 44% das respostas ou à noite quando retornam para suas casas, 22%⁵⁶. Apontaram que gastam em média de 1h a 2h por dia com as tarefas da escola, mas que esta quantidade de

⁵⁶ Nesta questão as respondentes tinham somente questões fechadas e elas podiam marcar mais de uma afirmativa.

horas dedicadas aos estudos depende, também, dos conteúdos ministrados e da disciplina, algumas demandam mais tempo que outras, dados que nos colocam, minimamente, a discussão sobre como são realizados os estudos nesta modalidade de ensino, o que, porém, não é o objetivo deste trabalho⁵⁷.

Ao serem indagadas sobre o tempo dos cuidados, e neste item incluímos cuidados pessoais e cuidados com a casa e com os demais membros da família, as trabalhadoras/estudantes deixaram claro que dispõem de poucas horas para os cuidados consigo mesmas, em média de 1 a 2 horas diárias, sendo que 38% delas identificaram que estas horas são gastas com atividades de higiene pessoal, 35% responderam que são dedicadas também com cuidados com a aparência como cuidar dos cabelos e unhas e fazer ginástica e somente 19% reconheceram que cuidados pessoais incluem também o lazer, a leitura de livros e assistir a um programa de seu interesse⁵⁸. As trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati percebem a importância dos estudos em suas vidas, tanto para aprender mais, quanto para serem valorizadas na sociedade e no mercado de trabalho, porém, não percebem que o estudar também é uma forma de cuidado consigo mesmas, ou pelo menos não expressaram essa percepção nos questionários.

As atividades desenvolvidas na tripla jornada, ou seja, trabalho remunerado, estudos e cuidados, tomam um tempo significativo da vida destas mulheres. Apesar de 35% das respondentes declararem que a família é a coisa mais importante para elas, mesmo assim gostariam de ter mais tempo para si mesmas; 37% das mulheres responderam que a família interfere de alguma forma, ou porque tem dificuldades de organizar a rotina de atividades domésticas e de cuidados com os estudos, ou porque sentem-se cansadas, o que interfere no rendimento escolar, ou ainda, porque gostariam de mais tempo para dedicar-se à escola.

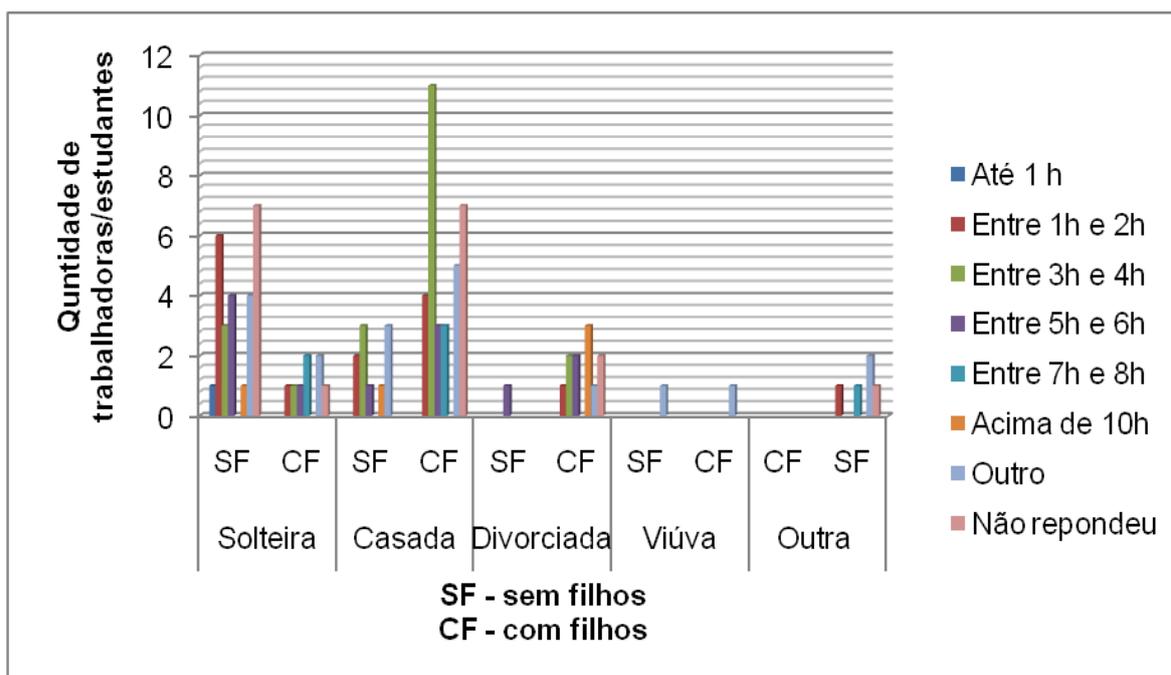
Os dados revelam que 72% das pesquisadas acordam entre cinco e oito da manhã e que o tempo gasto diariamente com os cuidados da casa e da família

⁵⁷ Este foi um dos objetivos do trabalho de Signori (2014).

⁵⁸ Nesta questão as respondentes tinham somente questões fechadas e elas podiam marcar mais de uma afirmativa.

é, em média de 1 a 5 horas conforme demonstrado no Gráfico 3. Este gráfico agrupa as variáveis tempo dispensado para as atividades domésticas, estado civil das respondentes e a composição familiar, com ou sem filhos⁵⁹.

Gráfico 3 – Quantidade de horas diárias dispensadas para atividades domésticas e cuidados com os familiares conforme estado civil e composição familiar⁶⁰.



Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

Os dados apresentados revelam que as mulheres casadas com filhos, na média, gastam mais tempo com as atividades domésticas: das 95 respondentes 11 delas indicaram que gastam de 3h e 4h diárias com estas tarefas, enquanto quatro das que se declararam divorciadas e com filhos gastam mais de 10h nas tarefas da casa. Algumas destas trabalhadoras/estudantes, em todos os grupos, mas em especial as solteiras sem filhos que declararam ocupar de 7h a 8h diárias

⁵⁹ Nota-se o alto nível de mulheres que não responderam a esta questão, sendo o perfil destas igualmente distribuídas entre solteiras e casadas, sete respondentes de cada grupo.

⁶⁰ Em relação ao estado civil as respondentes tinham as opções já pré-determinadas como casada, solteira e divorciada e um campo identificado como outro. No campo outro, muitas somente assinalaram mas não identificaram qual a condição, enquanto outras se declararam “compromissadas”, “casada na igreja” e viúva. No quesito tempo destinado às atividades domésticas apareceram respostas como: “não lembro”, “não sei”, “o tempo todo”, “sempre que estou em casa”, “nos momentos de folga”, entre outros.

com tarefas domésticas realizam estas atividades para outrem, ou seja, responderam no questionário que realizam trabalho doméstico remunerado. As mulheres casadas e com filhos dedicam mais tempo para os cuidados com a casa e com filhos do que as solteiras com ou sem filhos. As solteiras sem filhos são as que dedicam menos horas do dia para as tarefas domésticas.

Pesquisa realizada em agosto de 2010⁶¹ pela Fundação Perseu Abramo e Sesc, e compilado no livro “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública” (VENTURI; GODINHO, 2013), demonstrou que o trabalho doméstico não remunerado é realizado por uma mulher em 91% dos lares pesquisados e, destes, o trabalho é feito somente por ela própria, em 69% dos casos; 23% indicaram que as atividades domésticas ficam a cargo de um mulher: mãe, irmãs, filhas, avó, tias ou sogra; e somente 2% das declarantes indicaram contar com a ajuda do marido/companheiro. A pesquisa vem de encontro com os dados da nossa pesquisa, ou seja, as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati declaram que as atividades domésticas e de cuidados ficam sob a responsabilidade de uma mulher, seja a própria respondente ou outra mulher da família ou não, conforme indicado no quadro VII.

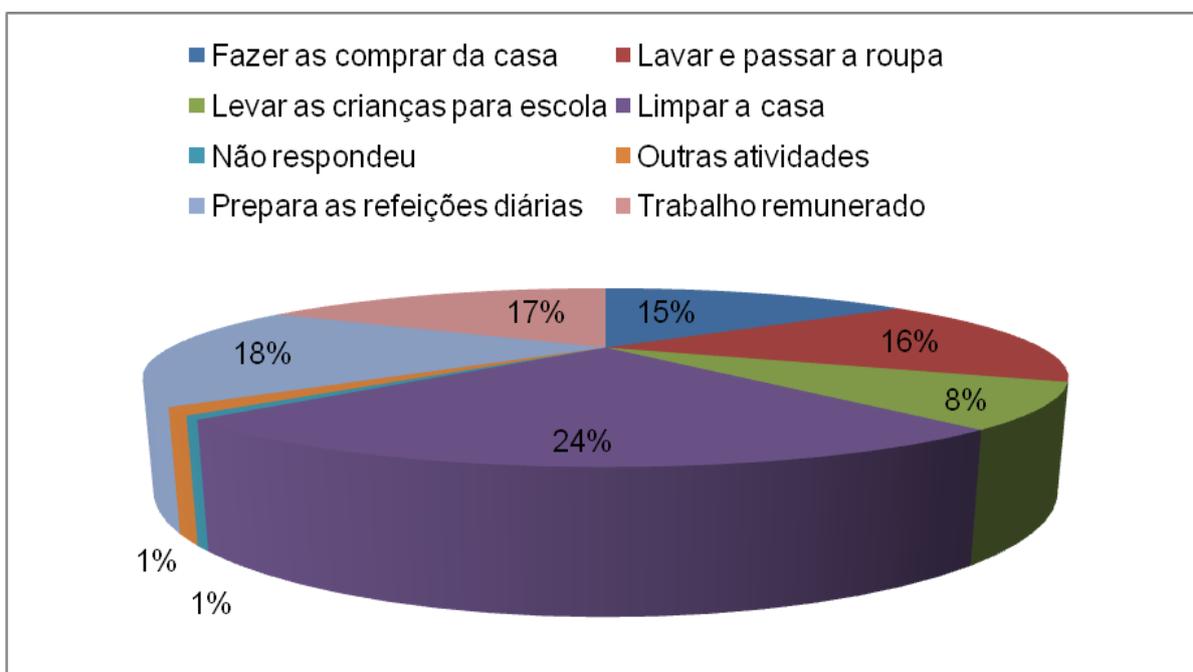
A pesquisa ainda destaca que as mulheres destinam, em média, 3,9 horas diárias para as tarefas domésticas, e que este número aumenta para 4,8 horas quando há filhos (VENTURI; GODINHO, 2013). Os dados empíricos da nossa pesquisa apontaram que as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati gastam em média 3h a 4h diárias com estas tarefas quando são casadas e com filhos.

As atividades diárias, entre trabalho remunerado e doméstico, desenvolvidas pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati estão compiladas no Gráfico 4, e refletem as relações machistas da divisão sexual do trabalho: além da dupla jornada entre atividade laboral e escolar, tem ainda uma sobrecarga de afazeres domésticos que lhes roubam uma parcela significativa

⁶¹ A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com 2.365 mulheres e 1.181 homens brasileiros, com 15 anos de idade ou mais, distribuídos em 25 UFs nas cinco macrorregiões do país, cobrindo as áreas urbana e rural de 176 municípios na amostra feminina e 104 municípios na amostra masculina.

das horas do dia. Nesta questão as respondentes tinham opções já pré-determinadas para assinalarem e um espaço para indicar outra atividade e poderiam, também, marcar mais de uma atividade, pois a pergunta trazia como opções o trabalho remunerado, fora de casa, e o trabalho doméstico, realizado dentro do lar. No item outras atividades as respondentes indicaram que, além das atividades expressas no questionário, outras como: “faço bolos, doces e salgados para festas”, “faço banco, pagamento das contas”, “cortar a grama, lavar o carro e faço pirogue para vender”.

Gráfico 4 – Atividades diárias desenvolvidas, declaradas pelas trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, em %.



Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

O gráfico acima demonstra que limpar a casa, preparar as refeições e lavar e passar a roupa são as principais atividades realizadas pela maior parcela das respondentes, sendo que o trabalho remunerado foi indicado por 17%, no entanto, devido à forma como a questão foi colocada, não é possível determinar se nas percentagens de cuidados com as casa estão incluídas as que realizam trabalho doméstico remunerado. O que fica claro é que o trabalho reprodutivo,

garantidor do bem estar e da manutenção dos familiares é realizado pelas mulheres, acarretando sobrecarga diária de trabalho, demonstrando que:

Mesmo quando estão empregadas, continuam a realizar a maior parte das tarefas domésticas não remuneradas e de cuidados, o que limita a sua possibilidade de aumentar o número de horas trabalhadas no trabalho remunerado, formal e no trabalho por conta de outrem e remunerado (OIT, 2016, p. 7).

Outro dado levantado pela nossa pesquisa e que reforça o que já foi apresentado, diz respeito à divisão das tarefas domésticas entre as respondentes e os demais membros da família. O Quadro VIII agrupa as respostas das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati sobre a divisão destas tarefas, e como em outras questões formuladas as respondentes poderiam, além de assinalar uma ou mais das afirmações já existentes no questionário, indicar outras.

Quadro VIII – Relação de pessoas que auxiliam a pesquisada nos afazeres domésticos.

PESSOAS DA FAMÍLIA QUE AUXILIAM NO TRABALHO DOMÉSTICO	QUANTIDADE DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES
Somente pela entrevistada	33
Pela entrevistada e o (a) companheiro (a)	25
Pela entrevistada e os (as) filhos (as)	11
Pela entrevistada e a mãe	21
Pela entrevistada e a avó	3
Pela entrevistada e a irmã e/ou sobrinha	4
Pela entrevistada e o pai e a mãe	1
Pela entrevistada e uma empregada	1
Outro	1
Não respondeu	4

Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

Ao serem perguntadas qual ou quais membros da família contribuem para a realização das atividades domésticas, a grande maioria conta com a ajuda de uma mulher, sendo que muitas realizam a atividade sozinha, explicitando a relação das mulheres com o trabalho de casa e cuidados com os familiares. Nas respostas dadas pelas entrevistadas, apesar de algumas identificarem que o/a companheiro/a colabora com a organização das atividades domésticas, a grande maioria atribui este tipo de trabalho a uma mulher, seja ela mesma ou outra: mãe, irmã, sobrinha ou uma empregada.

Os dados apresentados demonstram que a organização do trabalho doméstico e de cuidados está fortemente relacionada à organização da sociedade atual, ou seja, com raízes profundas no patriarcado. A forma como estas mulheres se colocam frente ao trabalho doméstico reforça a feminização do trabalho e a divisão sexual do trabalho que formata as famílias na sociedade patriarcal. O trabalho doméstico tem como agente central, na maioria das vezes, uma mulher, sendo que os demais membros da família prestam uma ajuda, ou seja, reproduzem cotidianamente, uma relação de afastamento com a tarefa doméstica, como se dela não dependesse a própria reprodução.

A divisão sexual do trabalho também aparece no interior da esfera do trabalho reprodutivo através da distribuição desigual de trabalho entre homens e mulheres e de uma diferenciação de tarefas. As mulheres, majoritariamente, responsáveis por esse trabalho, realizam todas as tarefas necessárias e imprescindíveis para a manutenção da vida cotidiana, enquanto os homens, minoritariamente envolvidos nesse trabalho, realizam tarefas pontuais, em geral consideradas como apoio ou suporte àquelas de responsabilidade das mulheres (ÁVILA, 2013, p.233).

Corroborando com as palavras da autora citada, os dados da pesquisa de Venturi e Godinho (2013) apontam que 67% das entrevistas concordam que quem deve decidir sobre o trabalho doméstico são as mulheres, não importando quem faça o trabalho, e 45% delas afirmaram que, mesmo os homens querendo realizar atividades domésticas, não sabem fazer. Ainda segundo a mesma pesquisa, 75% das mulheres pesquisadas e 79% dos homens, concordam que quando os filhos são pequenos, o homem deve trazer o sustento da casa, ou seja, realizar o

trabalho produtivo e a mulher ficar em casa cuidando dos filhos e da casa, ou seja, a realização do trabalho reprodutivo.

Apesar de os dados compilados a partir das respostas das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati demonstrarem que os cuidados com a casa e a família geram uma sobrecarga de atividades, sobrepesando também o trabalho e os estudos, elas apontaram que a família é um dos motivos pelos quais buscam formação e trabalho.

Ao serem perguntadas em que medida a família e as atividades domésticas e de cuidados interferem nas demais atividades, ou seja, como o tempo dos cuidados interfere no tempo de trabalho e no tempo de escola, 56% responderam que conseguem equilibrar as atividades entre o trabalho produtivo e reprodutivo e os estudos. No entanto, 13% delas declararam que sentem-se cansadas e que isto interfere nas atividades escolares, e 20% apontaram que gostariam de ter mais tempo para os estudos.

Quadro IX – Relação das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati com a família, em %.

RELAÇÃO COM A FAMÍLIA	QUANTIDADE DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES
Deixo a família em segundo plano, pois o trabalho e os estudos tomam muito tempo	1
Sinto-me sobrecarregada por causa da família	1
Fico com a família somente no final de semana	1
A família me toma muito tempo e acabo não conseguindo realizar outros planos	2
Não respondeu	5
Vivo para meus familiares, pois é a coisa mais importante	31
Procuro equilibrar entre a família, trabalho e estudos	59

Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora, 2016.

O Quadro IX apresenta a relação das trabalhadoras/estudantes com a família. Nesta questão foram formuladas afirmações a respeito de como elas

percebem a família no seu cotidiano, sendo que poderiam assinalar mais de uma afirmação. Para 59% das respondentes da pesquisa, a família está incorporada à rotina diária e há um equilíbrio entre as atividades demandadas pelos entes familiares e as demais atividades desempenhadas por elas. Para 31% delas a família está em primeiro lugar e o cuidado com os membros da família ainda é a coisa mais importante. Por fim, 3% percebem que a família acaba ficando em segundo plano por causa do trabalho remunerado e da escola, e somente 1% apontou que a família acaba sobrecarregando as demais atividades.

Colocar a família acima de tudo representa o reflexo de uma construção histórica, fortemente determinada e marcada pelo patriarcado e por divisão sexual desigual com base em concepções do que é ser mulher e ser homem. No entanto, o retorno aos bancos escolares como forma, não somente de adquirir conhecimento, mas de ocuparem espaços como profissionais e serem respeitadas como tais, demonstra que as pesquisadas querem não somente constituir uma família, mas também exercerem uma profissão.

A complexidade em torno da família permanecerá e diversas pesquisas apontam para a existência de um forte desejo tanto de se ter uma carreira ou um salário, quanto de formar uma família, incluindo-se o ter filhos. Como equacioná-los é uma tarefa difícil que gera mesmo a exaustão das mulheres para responder aos padrões que se esperam delas (GAMA, 2014, p. 61)

Trazendo novamente os dados da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e Sesc em agosto de 2010, corroborando com os estudos de Gama (2014), ao serem questionadas sobre a preferência entre trabalho e família, podendo escolher uma ou outra, 37% delas responderam que gostariam de dedicar-se mais às atividades da casa e que deixariam o trabalho em segundo plano, este número sobe para 44% dentre aquelas que possuem filhos. As demais, ou seja, 56% das respondentes, apontaram que prefeririam ter uma profissão, trabalhar fora e dedica-se menos à família. Para as mulheres com filhos este percentual sobe para 48%.

Estas constatações demonstram que, para as trabalhadoras/estudantes pesquisadas e para uma parcela considerável da população feminina brasileira, a

relação familiar está acima de qualquer realização pessoal. Para elas o cuidado da casa e dos filhos tem importância na condução de suas vidas e a família ainda é a coisa mais importante.

Os dados empíricos retratam como as mulheres organizam suas rotinas diárias entre as atividades profissionais, os estudos e os cuidados com a casa e familiares. Demonstram que as relações sociais de sexo, em todos os espaços da vida pública e privada, são marcadas por diferenças como mulheres e homens ocupam e desenvolvem suas atividades no dia a dia. Estas diferenças tem marcadores sociais de sexo, raça/etnia e classe.

A descrição dos dados coletados com as 95 trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati representam uma parte significativa da pesquisa, trazem para a nossa discussão elementos importantes sobre os percurso que as mulheres precisam fazer para desenvolverem suas carreiras profissionais, como autônomas ou como prestadoras de serviços, se aperfeiçoarem e darem conta das atividades domésticas e do cuidado com os familiares e que serão completados com a categorização dos relatos das *Marias* no último capítulo.

3. AS MARIAS: SUJEITAS DA PESQUISA

A fala é rica em modular o tempo, e aonde a gramática não chega, vem em seu auxílio a metáfora ou a interjeição e o efeito adicionado da expressão facial e do tom. Inclusa na forma esquemática de linguagem que é o dialeto dos celulares, cabem nuances e diferenças individuais (María Ángeles Durán, 2010a).

Para a apreensão do objeto de estudo bem como mediações no sistema societário atual é preciso compreendê-lo em sua totalidade. Com o olhar voltado para as relações sociais de sexo e tendo como fio condutor a tese de que estas relações são construídas, delineadas e determinadas pela dominação-exploração-opressão de uma classe por outra e de sujeitos sobre outros sujeitos, e que as trabalhadoras são o lado mais vulnerável neste encadeamento, o estudo das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati foi importante, pois nos possibilitou a compreensão destas contradições e mediações, nos aproximando também de realidades mais amplas vivenciadas por outras mulheres.

Com base no aporte teórico sobre as bases da sociedade patriarcal e capitalista, bem como dos dados referentes às pesquisas internacionais, nacionais e regionais sobre a condição da mulher, da constituição do perfil das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati e dos relatos das sete entrevistadas, foi possível nos aproximarmos da materialidade de vida destas mulheres e buscar algumas respostas sobre suas percepções sobre os usos do tempo e sobre a escolarização.

Desta forma, este terceiro e último capítulo tem como proposta dar voz às sujeitas desta pesquisa, às quais denominamos de *Marias*. A partir das entrevistas foi possível chegar a uma constatação inicial: as mulheres precisam não só organizar a tripla jornada, composta do trabalho remunerado, não remunerado e estudos, mas enfrentar situações difíceis originárias das relações sociais de sexo, tais como as diversas formas de violência, a superação dos traumas deixados pela família e tomar a decisão de reagir diante destas dificuldades para seguir em frente.

Mesmo tendo como categoria central os usos do tempo e como as mulheres organizam este tempo entre trabalho produtivo, reprodutivo e os

estudos, bem como a percepção sobre o significado da escolarização na vida destas mulheres, as entrevistas nos levaram a outras formas de relações e que nos deram elementos para outras categorias, aprofundando e refletindo sobre a condição da mulher na sociedade patriarcal e capitalista.

Foram estabelecidas quatro categorias que nortearão a análise dos relatos das sete mulheres sujeitas da pesquisa, que aceitaram falar sobre suas vidas com mais profundidade. São elas: a) A família: ponto de partida e de chegada; b) As violências na vida das *Marias*; c) Resiliência e a decisão de seguir em frente e; d) Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das *Marias*.

Para tanto, o capítulo será organizado em três partes. A primeira parte destina-se à apresentação do perfil das sete mulheres entrevistadas. A segunda parte será reservada para a categorização dos relatos destas trabalhadoras/estudantes. Na terceira parte deste capítulo as vozes das sete mulheres se entrelaçam sintetizando a materialidade da vida vivida por elas.

3.1 Apresentando as *Marias*

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la” (Gabriel Garcia Márquez, 2003).

Dar voz às *Marias*⁶² foi o caminho escolhido para tornar vivo cada momento da vida destas mulheres e suas memórias. Nesta parte do trabalho trata-se de apresentar cada uma das nossas sujeitas da pesquisa, de forma a dar a elas uma composição humana, para além de “objetos” da pesquisa. Mostramos aqui um perfil das subjetividades desde a perspectiva da pesquisadora, o que contribui na leitura das categorias das falas destas mulheres, que serão apresentadas em seguida.

⁶² Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram informadas dos termos contidos no documento através da leitura e esclarecimento dos pontos duvidosos. Foram orientadas de que a qualquer momento poderiam desistir da entrevista ou mesmo não permitir a utilização de seus relatos neste trabalho.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas

Data da entrevista	Nome	Idade	Profissão	Local de moradia – Cidade/Bairro	Nível de ensino que está cursando	Estado Civil Declarado	Composição Familiar – com ou sem filhos
11/04/2016	Maria Bonita	46 anos	Cabeleireira	Irati/Centro	Ensino Médio	Solteira	1 filho
11/04/2016	Maria Vitória	Não declarou	Cabeleireira	Irati/Joaquim Zarpelon	Ensino Médio	Casada	2 filhos
11/04/2016	Maria Clara	18 anos	Auxiliar de escritório	Irati/Choma	Ensino Médio	Solteira	Sem filhos
16/04/2016	Maria Celeste	19 anos	Estagiária	Fernandes Pinheiro /Centro	Ensino Médio	Solteira	Sem filhos
16/04/2016	Maria Esperança	34 anos	Serviços Gerais	Irati/Canisianas	Ensino Médio	Casada na Igreja	1 filho
18/04/2016	Maria Flor	23 anos	Auxiliar de escritório	Irati/Pedreira	Ensino Médio	Divorciada	3 filhos
28/04/2016	Maria Amélia	45 anos	Doméstica	Irati/Nhapindazal	Ensino Médio	Casada	4 filhos

Fonte: Dados do material empírico e organizado pela autora.

3.1.1 *Maria Bonita*

Maria Bonita foi a primeira das sete entrevistadas. Nosso encontro aconteceu em uma panificadora da cidade de Irati no período da manhã. Ao aceitar meu convite, *Maria Bonita* relatou que foi a oportunidade de falar sobre sua vida e de suas dores ao longo dos quarenta e seis anos já vividos.

Maria Bonita nasceu no interior da cidade de Irati, em casa, e teve a presença da mãe até os dez anos com uma infância feliz, segundo ela, até este momento. Com a morte da mãe e o abandono do pai, cada um dos seis irmãos tomou um caminho diferente, separados pela ausência materna, ficaram aos cuidados do juiz. Ela foi morar com a irmã mais velha que já era casada, onde viveu até os dezesseis anos.

Saiu da zona rural onde morava com a irmã e o cunhado e veio para a cidade de Irati para morar com uma tia, ficando com ela até os vinte anos. Deixou a casa da tia e foi para Curitiba, ficando lá por quase um ano. Retornando a Irati passou a viver sozinha e atualmente mora no centro da cidade e tem um salão de beleza.

Teve um relacionamento de oito anos com o pai de sua única filha, mas guarda mágoas do ex-companheiro por conta de sua rejeição em relação à filha. Apesar de contribuir mensalmente com uma quantia em dinheiro para a criação da filha, nunca a quis conhecer. Da parte da filha também não houve vontade de conhecer o pai, segundo seu relato.

Ela e a filha sempre moraram juntas e todos os cuidados com ela sempre ficaram a seu cargo. Relatou que a filha irá se formar no curso de Nutrição, que sempre foi uma boa filha e que todas as ações que desenvolve profissionalmente quanto nos estudos, são realizadas pensando no bem-estar da filha, e que só voltou a estudar para poder ajudá-la nas atividades escolares.

Relatou que a sua rotina semanal é muito cansativa, pois como é autônoma precisa atender aos (às) clientes durante os seis dias da semana e que às vezes precisa estender o horário de trabalho o que lhe causa muito cansaço e acaba por interferir nos estudos.

Apesar dela já estar concluindo os estudos quando da nossa entrevista, faltando somente uma disciplina, ela declara que sente dificuldades para ir à

escola, mas deixou claro que estudar é uma forma de aprender mais, valorizar seu trabalho no salão e para que as mulheres conquistem seu espaço na sociedade. O trabalho remunerado e o cuidado com a filha foram os motivos pelo qual ela abandonou os estudos por três vezes, ficando afastada da escola por vinte anos.

O dia desta trabalhadora/estudante começa às sete e meia da manhã e só termina após as 22h, depois de retornar do CEEBJA. Durante as atividades diárias, além de cuidar do salão de beleza e dos estudos, realiza sozinha as atividades domésticas, sobrando muito pouco tempo para cuidar de si mesma. Relatou que gasta em média dez minutos para os cuidados pessoais, como a higiene pessoal, e que dedica a maior parte do seu tempo para a filha e para o salão.

A entrevistada relata que atualmente procura equilibrar a vida profissional, os cuidados com a casa e com a filha e os estudos, mas sente-se muito cansada, o que dificulta a realização das tarefas escolares.

Ao final da entrevista, *Maria Bonita* relatou que apesar de toda a sua trajetória de dificuldade, sofrimento e enfrentamento das dificuldades, considera-se uma vitoriosa. Conseguiu não só formar a filha, mas está terminando os próprios estudos e que a conclusão do ensino médio é uma forma de superação de todas as barreiras impostas pela família e pela sociedade.

3.1.2 Maria Vitória

A segunda entrevistada me recebeu no seu salão de beleza numa segunda-feira pela manhã. Assim que começamos a entrevista, *Maria Vitória* relatou que a sua infância não foi muito feliz. A mulher que vencera vários obstáculos até tornar-se dona do seu próprio negócio relatou lembranças tristes da fase de criança que a marcou para sempre.

Nascida na localidade de Ponte Alta, município de Prudentópolis, veio para Irati aos cinco anos. A família muito pobre obrigou Maria Vitória a trabalhar desde cedo, aos doze anos já cuidava de crianças para ajudar nas despesas da casa. Aos quatorze anos fugiu da escola e foi para a cidade de Guarapuava com uma amiga da escola. Contou que as duas saíram da escola somente com o

uniforme e pediram carona na estrada e foram para Guarapuava. Mas como eram menores de idade, foram encaminhadas pelo Conselho Tutelar para uma casa que abrigava menores e devolvidas à família em seguida.

Aos dezoito anos decidiu mudar-se para Curitiba, pois desde muito cedo enfrentou os problemas com as drogas e alcoolismo na família. O pai bebia muito e um irmão era viciado em drogas. O irmão dependente químico era o mais novo e acabou falecendo em decorrência do uso de drogas. Além o pai outro irmão também era alcoolista, mas que conseguiu se recuperar.

A sua família é composta por cinco irmãos, três homens e duas mulheres, e *Maria Vitória* é a filha de número quatro e a mais nova das mulheres. Relatou que era a que mais ajudava a mãe nas atividades domésticas. Após a separação dos pais, resolveu sair de casa, entendendo que era uma forma de não onerar mais as despesas da casa.

Foi neste período que, já residindo em Curitiba, trabalhou como babá de uma criança. Sua patroa tinha um salão de beleza e ensinou a ela o ofício. A decisão de sair de casa e iniciar uma nova vida longe da família trouxe para *Maria Vitória* novas perspectivas. Deixar o ambiente de problemas familiares e recomeçar sozinha foi traduzido por ela como uma forma de enfrentamento das dificuldades e de retomada da vida.

Atualmente, *Maria Vitória* está casada e tem dois filhos. Atende no salão de segunda a sábado até 18h30. Após o dia de trabalho vai para o CEEBJA para concluir os estudos. Relatou que além das dificuldades em conciliar trabalho, estudos e cuidados com a casa e os filhos, não tem muito incentivo do marido.

A vida escolar desta trabalhadora/estudante sempre foi conturbada, desde a infância até a fase adulta. Quando pequena frequentou várias escolas porque a família estava em constante mudança, sempre pagando aluguel. Depois de adulta, o casamento, a mudança de cidade e a incompatibilidade de horário de trabalho fizeram com que abandonasse a escola pelo menos duas vezes dentro de quinze anos.

A chegada ao CEEBJA–Irati para concluir os estudos representa para ela realização diante da condição de trabalhadora/estudante e considera os estudos

muito importantes, pois sempre pode aprender mais e não pretende parar. Quer formar-se, alavancar o negócio ou atuar em outra profissão.

Como autônoma a rotina diária começa muito cedo, às sete da manhã e só termina a noite. Depois da escola ainda tem que fazer as tarefas domésticas que são compartilhadas com o filho mais velho e o marido. Gasta em média com os cuidados pessoais cerca de trinta minutos.

Mesmo tendo uma rotina diária muito atarefada, *Maria Vitória* sente-se uma vitoriosa. Enxerga nela e nas demais mulheres o caminho para a conquista do espaço na sociedade.

3.1.3 Maria Clara

Maria Clara é a terceira e a mais nova das entrevistadas, tem dezoito anos. Nasceu em Irati e reside no bairro Canisianas desde que nasceu. Já morou em três casas diferentes, mas todas no mesmo bairro.

Nosso encontro foi na sua casa. A casa era grande, de madeira e aconchegante. Lembrava um sítio com o terreno grande e com uma área verde. *Maria Clara* vive com os avós, a mãe e mais três irmãos. Ela é filha de um relacionamento rápido e os demais irmãos de outro relacionamento. Relatou que o pai, apesar de não viver com a mãe, sempre foi presente desde a gravidez até hoje, e que sempre esteve presente em momentos importantes de sua vida.

Maria Clara relatou que a organização das coisas no dia a dia ajuda a pensar e preparar o presente para que o futuro seja melhor. Além dos estudos, trabalha em uma academia e utiliza este espaço também para cuidar de si.

Durante a entrevista, *Maria Clara* expressou a importância de destinar um tempo de a sua rotina diária para colaborar com esta pesquisa, deixando de dedicar-se a um momento de cuidado pessoal. A rotina desta jovem trabalhadora/estudante começa às seis e trinta da manhã com a escola e ao retornar para a casa ajuda na limpeza diária. No período da tarde reserva um momento para fazer exercícios e às dezessete horas inicia o trabalho na academia como instrutora.

Nunca parou de estudar e compreende que os estudos são importantes tanto para aprender mais quanto para a valorização no trabalho e para o empoderamento das mulheres.

Terminamos a entrevista com o relato de *Maria Clara* sobre a realização que sente quando participa das corridas de rua e das competições. Para ela esta prática a torna uma mulher mais forte e com clareza dos objetivos para a sua vida.

3.1.4 Maria Celeste

Maria Celeste, a quarta entrevistada, traz em sua curta trajetória de vida, de 19 anos, marcas de uma história dura e sofrida, mora em uma cidade próxima de Irati, Fernandes Pinheiro, e se desloca duas manhãs para estudar no CEEBJA-Irati.

Nossa conversa aconteceu em um sábado, na sua casa onde reside com o seu companheiro. Trabalha como estagiária em uma escola e divide as despesas da casa com o marido. O casal não tem filhos.

Maria Celeste nasceu na cidade de Teixeira Soares e morou em outras cidades próximas. A vida, segundo ela, sempre foi difícil, com o pai alcoolista, o sustento da casa sempre ficou a cargo da mãe. As lembranças da mãe desde o início da entrevista emocionaram *Maria Celeste*. A mãe já morta apareceu como a imagem mais forte para esta trabalhadora/estudante e a ausência dela ainda causa muita dor. Ao recordar da relação com a mãe, *Maria Celeste* relembra das brigas e da convivência difícil, mas, ao mesmo tempo, feliz. Para ela a mãe trazia segurança e fortalecia a família.

Segundo ela, o pai que antes bebia muito foi deixando o álcool e a família passou a ter uma convivência melhor. Contou que moraram em várias casas alugadas e cedidas, mas que conseguiram comprar a casa própria.

Após a morte da mãe, ela e a irmã continuaram morando com o pai, que voltou a beber e a relação passou a ser mais complicada. As brigas tornaram-se frequentes, até que em uma segunda briga o pai mandou que ela saísse de casa. O irmão mais velho já havia saído por causa do alcoolismo do pai.

Após esta segunda briga com o pai, pegou algumas roupas e foi para a casa do namorado, atual companheiro. O evento aconteceu no final de semana. Na semana seguinte voltou para a casa do pai, mas as coisas ainda continuavam difíceis. Decidiram, ela e o namorado, que iriam morar juntos. Até o momento da entrevista estavam morando juntos. A irmã continuou com o pai.

A morte da mãe e a saída da casa do pai deixaram marcas profundas na vida desta mulher. Durante a entrevista, por diversas vezes, a figura paterna foi o assunto. Para ela o uso da bebida tornava a relação entre os dois muito mais difícil, pois já estavam sofrendo com a morte da mãe e o uso do álcool acabou interferindo na relação com os filhos.

Maria Celeste relatou que os estudos são hoje uma prioridade, apesar de já ter parado de estudar uma vez e ter ficado um ano fora da escola. Entende ser muito importante estudar para desempenhar melhor a sua atividade laboral e que poderá com isto almejar outros tipos de trabalho. Atualmente trabalha como estagiária em um escola no setor administrativo.

Os motivos pelos quais teve que abandonar a escola foram a morte da mãe e a mudança de cidade após as constantes brigas com o pai. Sua rotina diária começa às sete da manhã e é dividida entre a escola, o trabalho remunerado e os afazeres domésticos, com o que gasta em média de duas a três horas por dia. Com os cuidados pessoais, entre a higiene pessoal, cabelos e unhas têm, em média, uma hora por dia.

3.1.5 *Maria Esperança*

Maria Esperança, a quinta entrevistada, hoje com 45 anos, começou a sua fala de uma maneira diferente, falando o seu nome, enfatizando que a origem de qualquer pessoa está no nome e que isto para ela é muito importante. Nasceu em Candói, atualmente um município independente, mas que na época fazia parte do município de Guarapuava, em uma família muito pobre, com treze irmãos.

Segundo ela, a infância foi muito dura e sem muito tempo para as brincadeiras, pois como eram em muitos irmãos uns acabavam cuidando dos outros. Relatou que muito cedo iam para a roça.

Relatou, também, que a casa era muito humilde, que não tinha quase nada e faltava até o básico para alimentar a família numerosa. Contou que desde muito pequena, com oito anos, já ajudava os pais nas atividades da casa e na roça, quebrando o milho e que esta atividade acabava machucando as mãos até sangrar.

Lembrou da distância da escola, os pés descalços na geada, a professora que deixava seu ofício de ensinar para acender o fogo na tentativa de amenizar o frio das crianças. Segundo ela, a escola ficava a mais de três quilômetros da casa, e o percurso era cheio de subidas e descidas e a falta do calçado dificultava ainda mais a caminhada. Lembrou com emoção do irmão e contou que um dia na ida para a escola ele, quase congelado pelo frio, ainda encontrou forças para levantá-la do chão, pois já não sentia mais os pés congelados pela geada. Neste momento, lembrou do primeiro sapatinho, que só colocou no pé com doze anos e que foi presente da professora Lídia. Relatou que a professora Lídia mediu seu pé com um barbante em um dia e no outro dia trouxe o sapato.

Outra lembrança muito forte e ainda presente na vida de *Maria Esperança* foi a privação de alimento. Como a região era muito pobre a maioria das crianças não tinham o que comer. Ela recordou de um episódio em que estava indo para a escola e todos os alunos pararam em frente a um enorme pé de limão, colheram alguns e na escola comeram com sal para matar a fome.

Hoje *Maria Esperança* vive com o marido e a filha em Irati e reconhece a importância dos estudos na sua vida e das crianças. Para ela, as crianças de hoje não valorizam a escola e não sabem da dificuldade que ela enfrentou e ainda enfrenta para estudar.

Atualmente, trabalha na limpeza em uma escola durante a semana e relatou que, mesmo realizando um trabalho pesado, ainda encontra forças para ir todas as noites para ao CEEBJA–Irati concluir os estudos e, apesar de ter parado de estudar por três vezes durante vinte anos, percebe que é por meio dos estudos que pode aprender mais e ser valorizada no trabalho, além de considerar uma forma de empoderamento das mulheres. Relatou que os motivos pelos quais abandonou a escola tantas vezes foram a incompatibilidade de horários entre o trabalho e a escola e o cuidado com a família e a casa.

Na rotina da casa conta com o apoio do marido para realizar as atividades domésticas, mas sente-se cansada, o que prejudica na hora de estudar. Em relação aos cuidados pessoais relatou que gasta em média somente trinta minutos com a higiene pessoal.

A entrevista terminou com *Maria Esperança* dizendo que, apesar de tudo que passou, sente-se uma vitoriosa e que todos os esforços, todas as dificuldades que passou servirá para que ela chegue ao seu objetivo, a faculdade.

3.1.6 Maria Flor

Maria Flor, a sexta entrevistada, é uma jovem mulher que aos vinte e três anos já é mãe de três filhos e, apesar de tão jovem, já demonstrava uma imensa responsabilidade diante da vida.

Nasceu em Irati, tem um irmão mais novo e os pais são casados. Relatou que o pai trabalha fora da cidade e o convívio com ele nunca foi frequente devido ao fato de estar sempre viajando, trabalhando por empreitada. Via o pai a cada dois ou três meses e que a responsabilidade pelos cuidados dela e do irmão ficava a cargo da mãe e da avó.

Segundo ela, teve uma infância feliz e acolhedora, em que a convivência familiar sempre a motivou para os estudos e nas decisões que tomava. *Maria Flor* engravidou do primeiro filho aos dezessete anos. Pensou, num primeiro momento, em abortar e tinha a decisão de seguir em frente ou parar tudo e cuidar do filho. Foi o que fez com o apoio da família.

A mãe, desde sempre presente em sua vida, assumiu junto com a filha a decisão de criar a neta. A primeira filha, que no momento da entrevista tinha 6 anos, é fruto de um namoro de oito meses. Ao falar deste relacionamento, *Maria Flor* relata que a separação ocorreu pela imaturidade dos dois e que são companheiros na criação da filha.

A segunda filha, com 4 anos, veio de um novo relacionamento com o namorado, que tornou-se seu marido e com quem tem mais um filho, que tinha na época da entrevista um ano de idade. O casamento durou quatro anos e, no momento da entrevista, fazia dois meses que estavam separados. A relação com o marido era conturbada, porque, segundo relatou, ele era muito “ruim”,

“estressado”, “ciumento” e queria impedir que ela continuasse com os estudos e que trabalhasse fora de casa.

Seu objetivo é o de concluir os estudos e fazer a tão sonhada faculdade de Direito. O percurso escolar de *Maria Flor*, segundo seu relato, foi prejudicado tanto pelas gravidezes quanto com a sua escolha de tentar a vida em outro estado, após a primeira gravidez. Chegou a abandonar a escola três vezes e ficou fora dos bancos escolares por cinco anos.

Segundo ela, após a separação foi morar com os pais, que a ajudam no cuidado com os filhos, mas fez questão de afirmar que acorda às 6h da manhã para preparar a filha que vai para a escola e os dois outros para a creche. Apesar do apoio da mãe, *Maria Flor* assumiu para si todos os cuidados com os filhos.

Mesmo tendo adiado os estudos por conta do casamento e dos filhos, entende que estudar é muito importante, não só pelo fato de sempre estar aprendendo coisas novas, mas para ser valorizada no trabalho e para que as mulheres conquistem seu espaço na sociedade, conforme suas respostas no questionário.

Mãe e filha compartilham os afazeres domésticos, mas *Maria Flor* relata que gasta, em média, 6 horas diárias com estas tarefas e que para cuidar de si, sobra somente uma hora. Apesar da grande responsabilidade sobre os três filhos, procura equilibrar os tempos de trabalho, estudos e cuidados.

3.1.7 *Maria Amélia*

Maria Amélia foi a última das entrevistadas e nosso encontro aconteceu no próprio CEEBJA–Irati um pouco antes do início das aulas. Nascida na cidade de Rio Azul, com dois anos a família se mudou para Irati. Morou no bairro da Lagoa, mas logo se mudaram para o centro da cidade. *Maria Amélia*, hoje com quarenta e cinco anos, casada e mãe de quatro filhos, veio de uma família de cinco irmãos, sendo que o irmão mais novo faleceu ainda pequeno. Contou que a mãe sem estudos não permitiu que ela estudasse, parou os estudos na quarta série (hoje quinto ano) sem concluir. Segundo ela, a mãe tinha a compreensão de que a função da mulher era ser dona de casa, cuidar dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos e não necessitava de estudos.

Contou que o pai era taxista e a mãe dona de casa, cuidava da casa e dos filhos. Relatou que aos quatorze anos começou a trabalhar em casa de família para ajudar nos afazeres da casa quando as mulheres tinham seus bebês. Segundo ela, fazia o serviço da casa enquanto as mães cuidavam de seus filhos. Trabalhou também em supermercados e lanchonetes.

Maria Amélia ficou afastada da escola por, no mínimo, dez anos por causa da mãe e depois para cuidar dos filhos. Relatou que a maior dificuldade que enfrenta para dar conta dos estudos é o tempo que ficou afastada da escola. Para ela este afastamento repercutiu no momento de fazer as tarefas escolares. Além disto, a sobrecarga de atividades no trabalho e com os cuidados com a família ocupam a maior parte do seu tempo o que lhe impede de realizar as atividades escolares.

Para *Maria Amélia* estudar é muito importante. Mesmo tendo parado de estudar muito cedo, entende que retomar os estudos contribui para que as mulheres conquistem seu espaço na sociedade. Relatou que dos (as) irmãos (ãs) foi a única que conseguiu retornar para a escola.

Segundo ela, mesmo tendo uma rotina diária que começa às seis da manhã e gastando, em média, quatro horas do seu dia somente com os afazeres domésticos, ainda consegue encontrar tempo para os estudos e para os cuidados pessoais.

3.2 O que emerge das vozes das *Marias*⁶³

Neste subitem daremos voz aos relatos das sete entrevistadas, mulheres reais, com vivências particulares e que trouxeram para a nossa pesquisa a materialidade da vida de boa parte das mulheres brasileiras e, quem sabe do mundo, falas estas que foram organizadas em quatro categorias de conteúdo. As lembranças, recordações e vivências vividas por estas mulheres descortinaram várias outras nuances para o mesmo problema social em relação à mulher, a

⁶³ Preferimos manter a forma espontânea da linguagem das entrevistadas, sem que isso signifique nenhum demérito para elas. A linguagem, como sabemos, é uma relação social, e sua expressão é parte da materialidade da vida social, expressando inclusive nas suas diversidades, posições sociais de classe. (KLEIN; KLEIN, 2008).

dominação-exploração-opressão do sexo masculino sobre o feminino, possibilitando a categorização da nossa pesquisa

Cada movimento da realidade trazido por elas não pretende, a priori, dar conta de uma organização societária complexa, machista, sexista, racista, mas trazer à tona algumas das questões mais recorrentes na vida das mulheres. Para tanto, a categorização tem por objetivo, além de uma organização metodológica do trabalho, trazer para as nossas discussões a concretude social da vida destas trabalhadoras/estudantes, mulheres da classe trabalhadora.

3.2.1 A família: ponto de partida e de chegada

*“A família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história.”
(Flávia Biroli, 2014a).*

A família aparece nos relatos das entrevistadas como determinante da trajetória de vida, sendo ponto de partida e de chegada dos esforços destas mulheres entrevistadas na pesquisa. Para elas, as questões familiares motivaram as escolhas, como a decisão de estudar, de buscar um trabalho melhor, mas também foi um limitador no percurso de vida destas trabalhadoras/estudantes. Segundo Russel (2015) atualmente o arranjo familiar,

Embora em diversas épocas e lugares tenham existido diferentes tipos de grupos familiares, a família patriarcal apresenta uma hegemonia bastante ampla, e, além disso, a família patriarcal monogâmica tem tido um predomínio cada vez maior sobre a poligâmica (RUSSEL, 2105, p.4).

Todas as entrevistadas vêm de uma família patriarcal e monogâmica. A constituição familiar nuclear, tendo a figura paterna como centro, aparece em todos os relatos, reforçando o que Russel (2015) coloca: ainda há o predomínio deste tipo familiar na nossa sociedade. A forma de família monoparental aparece em dois dos relatos. Segundo Gama (2014, p. 22): “Há um crescimento significativo de famílias monoparentais composta por mulheres chefes de família e

crianças sem a presença do marido”. Maria Bonita (informação verbal)⁶⁴, por exemplo, vive somente com a filha e não se casou, e Maria Clara (informação verbal)⁶⁵ vive com a mãe e os irmãos sem a presença do pai, realidade que se insere em uma perspectiva mais ampla. Segundo indicam Venturi e Godinho (2013) em sua pesquisa, em 2010 eram cerca de 39% das casas chefiadas por uma mulher e 62% chefiadas por homens.

Para as *Marias* a relação familiar sempre esteve presente na tomada de decisões em suas vidas. As experiências, vivências e relações foram determinadas e determinantes destas mulheres. Segundo Biroli (2014a):

A noção de família pode estar profundamente ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos. As experiências que temos das relações familiares são singulares, íntimas e fundamentais para percepção de quem somos, isto é, para as nossas identidades. Mas falar em família é falar de uma realidade social e institucional, profundamente política tanto nos fatores que a condicionam quanto em seus desdobramentos (BIROLI, 2014a, p.7).

Elas apontaram que família teve papel determinante nas escolhas feitas, sendo, por diversas vezes, ponto de partida e de chegada, e as escolhas relacionadas à família tiveram como base elementos de rupturas quanto de estrutura, tais como: a separação ou morte dos pais, a morte da mãe, a miséria, a violência, o uso de drogas, o alcoolismo entre outros. Segundo o relato de Maria Bonita (informação verbal), com a morte da mãe e o abandono do pai, a família foi desfeita e cada um dos seis irmãos tomou um rumo diferente na vida.

BONITA, Maria. **Entrevista I**. [abr. 2016]. Nasci no interior, em casa, não foi nem no hospital, nasci em casa. Perdi a minha mãe, tive uma infância feliz até os 10 anos, perdi a mãe com 10 anos e o pai abandonou a família, abandonou tudo. E a gente, nós somos em seis irmãos, aí a gente perdeu tudo praticamente, perdemos o chão. A mãe faleceu e o pai abandonou, ficamos por conta do juiz.

⁶⁴ Entrevista concedida por BONITA, Maria. Entrevista I. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice III desta dissertação.

⁶⁵ Entrevista concedida por CLARA, Maria. Entrevista III. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (28 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice V desta dissertação.

Todos esparramados, não crescemos mais juntos, cada um num canto.

A relação da mãe com os filhos e destes com ela é sempre muito forte. A figura materna representa para Maria Bonita (informação verbal) o eixo de sustentação familiar e reflexo de felicidade. Ela própria reflete o que é ser mãe ao falar da filha: “Ela só tem eu, eu me dedicando mais para ela” (BONITA, Maria. **Entrevista I.** abr. 2016). Maria Flor (informação verbal)⁶⁶, por sua vez, sintetiza esta relação de outra forma: “Às vezes quando eu vou desabar ela que me segura, me joga para cima, ela que segura as pontas com a criançada, minha mãe é meu tudo” (FLOR, Maria. **Entrevista VI.** abr. 2016). Emergem das falas outras mulheres sujeitas da pesquisa, as mães das entrevistadas, figuras constantes na vida das *Marias*, sustentação cotidiana e base para projetos futuros.

Dados da pesquisa realizada nos anos de 2001 e 2010 pela Fundação Perseu Abramo e Sesc e compilada por Venturi e Godinho (2013), com 2.365 mulheres em 176 municípios urbanos e rurais das cinco macrorregiões do país, corroboram com a concepção centrada na família indicada nas falas das entrevistadas. A partir da pergunta: “Se você pudesse decidir livremente, o que você escolheria?”, 37% das mulheres escolheriam dedicar-se mais às atividades com a casa e a família, deixando a profissão e o trabalho em segundo plano. Este percentual sobe para 44% para as mulheres com filhos (VENTURI; GODINHO, 2013). Estes dados demonstram que, mesmo almejando uma profissão e querendo ou precisando adentrar no mundo do trabalho, mais de um terço das entrevistadas prefeririam se dedicar mais à família.

A maternidade, presente não somente nas falas das nossas entrevistadas, mas recorrente nos discursos de uma parcela considerável de mulheres, é concebida socialmente como um “instinto” feminino ou como uma forma de realização das mulheres. Para Badinter: “Existe La costumbre de hablar de instinto en referencia a esas mujeres que experimentan su plena realización en la

⁶⁶ Entrevista concedida por FLOR, Maria. Entrevista VI. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice VIII desta dissertação.

maternidade” (2011, p. 148). No entanto, esta autora alerta para uma construção social imposta às mulheres sobre instinto maternal, determinada por uma vinculação entre mãe e mulher.

Uma vez determinada a condição feminina na sociedade patriarcal, pela ocupação do espaço privado, responsável pela reprodução, já que detentora do aparato biológico da reprodução, a ela foi imposta também a maternidade nos termos da sociedade patriarcal, e, assim, o efeito ideológico deste sistema naturaliza que a realização pessoal da mulher está vinculada não somente ao mundo produtivo, mas ao reprodutivo também e principalmente, ou seja, a “[...] satisfação das mulheres, além dos imperativos externos próprios do ‘mundo do trabalho’, são mediadas também por condições internas à família”. (ARAÚJO; SCALON, 2005, p. 19).

Para algumas de nossas entrevistadas, a maternidade se traduz em prejuízos em relação ao percurso escolar e ao trabalho. No relato de Maria Flor (informação verbal) e de Maria Amélia (informação verbal)⁶⁷, fica claro que a maternidade implica para as mulheres escolhas difíceis e rupturas com a realização profissional.

FLOR, Maria. **Entrevista VI**. [abr. 2016]. [...] com dezessete anos acabei engravidando. Eu fiquei quase louca. Parei com os estudos, parei com tudo pra cuidar dela. Parei no segundo. O sonho de fazer direito, eu sou apaixonada por direito.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII**. [abr. 2016]. Eu dizia para ele, quando as crianças crescessem eu ia trabalhar fora, nem que tivesse que abandonar um pouco a casa.

Na relação da mulher com a maternidade e como esta escolha ou a falta de alternativas, em alguns casos, pode ser traduzida em uma construção e uma negociação entre a mãe e a mulher. Apesar de um terço das 95 respondentes do nosso questionário, apontaram que vivem para a família e dois terços indicaram que há um equilíbrio entre os cuidados com a casa e com os membros da família e as demais atividades, como trabalho remunerado e escola, fica claro, segundo

⁶⁷ Entrevista concedida por AMÉLIA, Maria. Entrevista VII. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice IX desta dissertação.

as entrevistadas, que cuidar dos filhos ainda é a coisa mais importante para elas. Para Badinter (2011), no entanto, quanto mais o peso da maternidade couber às mães, menos estímulo à maternidade haverá.

Cuanto más se aligera el peso de las responsabilidades maternas, más se respetan las opciones de la madre y de la mujer, y más estará ella inclinada a probar la experiencia, e incluso a repetirla. Mantener la maternidad a tiempo parcial, que algunos consideran insuficiente y por tanto culpable, es hoy en día el mejor camino a la reproducción (BADINTER, 2011, p.206).

No entanto, as mulheres entrevistadas na pesquisa parecem não ter este peso aliviado, ao contrário, mesmo naturalizando o “equilíbrio” entre trabalho e família, este equilíbrio acaba por fazer esmaecer sonhos ou perspectivas pessoais. Haveria que pensar se esta fala sobre o “equilíbrio”, tão presente nas respostas ao questionário, confrontada com as falas das mulheres entrevistadas, não pode ser interpretada como a materialização dos efeitos ideológicos do patriarcado na vida destas mulheres, discussão esta que necessitaria de outros elementos não disponíveis para esta pesquisa.

Outro dado trazido por nossas sete entrevistadas sobre a família relaciona-se à participação dos homens/pais/maridos/companheiros/avôs e que nos levam a refletir sobre o peso colocado sobre as mulheres desde a maternidade até a criação dos filhos, ou seja, como se apresentam para as *Marias* os papéis destinados a elas e a eles e que contribuíram para tomadas de decisões em suas vidas. Quando a figura paterna não está presente, se retira ou é apenas figurativa, a mulher assume para si a responsabilidade sobre todas as demandas da família. Estas responsabilidades não se resumem apenas aos cuidados com os filhos, mas estão voltados também para a reprodução familiar.

A questão aqui não é a determinação de papéis embasada justamente na divisão sexual do trabalho, a qual levantamos discussões e colocamos em xeque, mas de demonstrar que as mulheres fazem escolhas relacionadas à família e quando a figura masculina não compartilha das responsabilidades para com os filhos e com o sustento familiar, a mulher resulta sobrecarregada. Esta sobrecarga

se constitui em parte pela ausência do pai/companheiro, e em parte também por questões que superam esta relação. Nos relatos de algumas das entrevistadas, a responsabilidade sobre a casa e sobre os filhos, imposta a elas ou a suas mães/avós, se deu pela não presença do pai/companheiro, mas foi estabelecida também por uma transformação familiar ao longo do tempo, permeada por “[...] variações nas trajetórias das mulheres, fazendo com que essa chefia possa ter múltiplos significados”. (GAMA, 2014, p. 64).

Para Maria Bonita (informação verbal), por exemplo, a não presença do pai de sua filha delineou seu caminho escolar e de trabalho, pois fez com que ela tivesse que assumir sozinha os cuidados com a filha: “Conheci o pai da minha filha, mas fiquei oito anos em um rolo, praticamente, com ele. Era rolo porque nunca foi nada sério, porque ele nunca quis, na verdade” (BONITA, Maria. **Entrevista I.** abr. 2016). Relatou que ele até contribuiu financeiramente com o sustento da filha, mas que nunca conheceu a filha, portanto, não dividiu com ela as responsabilidades na criação da filha. “O pai presente nunca foi, mas contribui com a pensão”, afirma Maria Bonita (informação verbal).

No relato de Maria Flor (informação verbal) ela nos apresenta outra relação dos papéis estabelecidos para homens e mulheres.

FLOR, Maria. **Entrevista VI.** [abr. 2016]. A gente se criou, meu pai trabalha fora desde que eu tinha um ano, ele sempre trabalhou assim, então a gente nunca conviveu muito com ele. Sempre a gente vê ele de dois em dois meses, de três em três meses. A gente se criou praticamente com a minha mãe e com a minha avó, foi as duas que criaram a gente.

No caso desta entrevistada, mesmo tendo a figura do pai presente em sua perspectiva, a mãe e a avó são as pessoas referenciais para ela. Esta configuração demonstra que as famílias patriarcais também se caracterizam pela ausência do pai na criação dos filhos, mesmo que este seja o principal agente na manutenção financeira do lar. Ou seja, a família patriarcal se caracteriza, entre outras, pela diferença marcante entre cuidados e sustentação financeira, algo que causa efeitos importantes na produção/reprodução da vida das mulheres.

Maria Celeste (informação verbal)⁶⁸ também relata que, mesmo o pai trabalhando fora, era a mãe que se preocupava com a manutenção dos filhos, com as vestimentas, com o sustento da casa. “Sempre ela foi trabalhadeira, sempre ela que colocava comida na casa. Quem vestia nós era a mãe” (CELESTE, Maria. **Entrevista IV**. abr. 2016). .

O que fica claro nos relatos destas trabalhadoras/estudantes sobre a parcela de contribuição na manutenção da família é que as mulheres são as mais sobrecarregadas quando assumem para si responsabilidades no trabalho assalariado e reprodutivo e, principalmente, quando estas divisões não equânimes são acentuadas.

As mulheres chefes de família enfrentam dificuldades suplementares, ao terem que administrar sua dupla inserção nas esferas da produção e da reprodução, em condições desfavoráveis quando comparadas aos homens que também são chefes de domicílio e que, na sua maioria, contam com a participação, cada vez maior, das esposas, tanto na esfera dos cuidados domésticos como no mundo da produção. (GAMA, 2014, p. 66).

Assim, nossas discussões a partir das vivências relatadas pelas entrevistadas sobre a família como ponto de partida e de chegada, nos conduzem a, basicamente duas conclusões: 1) a família torna-se o início da caminhada destas mulheres, porque como filhas são obrigadas a fazer escolhas a partir da constituição familiar e das mediações de seus pais, em especial, da figura paterna e; 2) é ponto de chegada, porque para as *Marias*, agora como mães/mulheres/esposas/companheiras, cuidar da família passa a ser mais importante do que outras posições sociais.

3.2.2 As violências na vida das *Marias*

“Alguns dos sintomas mais evidentes da desintegração social só são reconhecidos como um problema sério após

⁶⁸ Entrevista concedida por CELESTE, Maria. Entrevista IV. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (52 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice VI desta dissertação.

assumirem tamanha proporção epidêmica que parecem não ter solução”. (Angela Davis, 2016).

Esta categoria pretende trazer para os nossos estudos mais uma das faces de dominação-exploração-opressão características do patriarcado: os diversos tipos de violências perpetrados contra as mulheres. Optamos por colocar o termo violência no plural por tratar-se de várias formas de agressões que colocam as mulheres em condições de subordinação e de inferiorização diante do homem, no caso em tela, especificamente dos homens dentro de suas famílias. Maria Esperança (informação verbal)⁶⁹ e Maria Bonita (informação verbal) em seus relatos ilustram esta questão, de como em suas vidas elas se confrontaram concretamente com isso:

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. E ali começou os problemas. Que veio um monte de problema. Meu cunhado era muito ruim, minha irmã nunca teve autoridade. Ele que mandava. Foi bem difícil até os meus 16 anos.

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. E aí o pai judiava de nós, muito, sabe. Fazia muita coisa errada com a mãe, com nós. A mãe até omitia algumas coisa pra proteger nós, né.

A violência descrita por elas tem como fundamento a relação de poder exercida pelo cunhado, no caso de Maria Esperança (informação verbal), e pelo pai, no caso de Maria Bonita (informação verbal), ou seja, pelas figuras masculinas sobre as mulheres, refletindo uma condição presenciada em muitas famílias. Esta subordinação ancora-se, entre outras razões, nas “[...] desigualdades sociais, pela hierarquização entre as duas categorias de sexo e até pela lógica da complementaridade⁷⁰ traz a violência em seu cerne”. (SAFFIOTI, 2015, p. 146). Além dos fatores apresentados pela autora, este tipo de violência

⁶⁹ Entrevista concedida por ESPERANÇA, Maria. Entrevista V. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (31 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice VII desta dissertação.

⁷⁰ A lógica da complementaridade trata-se, nas palavras de Maruani (2008, p. 351) de que: “A defesa da diferença sexual em termos de complementaridade dos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres, bem ao gosto da tradição do pensamento funcionalista, é orientada pela preocupação com a instituição social familiar. Em nome da defesa da família, como um suposto meio de se assegurar a ordem social, postulam-se princípios políticos e teóricos que legitimam a subordinação feminina e, portanto, a dominação masculina.”

pode estar embasada pelo medo e também pela afetividade, o que torna mais difícil a aceitação, pelas mulheres, de que são vítimas de agressão e que é preciso fazer algo. Segundo Krug et al. (2002, p. 91):

O fato de as mulheres em geral estarem emocionalmente envolvidas com quem as vitimiza, e dependerem economicamente deles, tem grandes implicações tanto para a dinâmica do abuso quanto para as abordagens para se lidar com isso.

Maria Celeste (informação verbal) ao falar da relação de violência vivida e de como sua mãe se relacionava com tal situação, corrobora com os escritos da autora acima citada. Segundo seu relato:

CELESTE, Maria. **Entrevista IV**. [abr. 2016]. Isto foi tipo uma separação, mas como a minha mãe gostava muito dele, sempre ele prometia que ia parar de beber, que isto que aquilo. Ela acabava voltando, daí ele ia lá bebia de novo. Eu lembro que ela separou bastante vezes dele.

Pode-se dizer, seguindo Portella (2005), que a violência vivida pelas mulheres não é só um produto da subordinação destas mulheres aos companheiros, mas é também um elemento que estrutura esta relação de subordinação. Por meio deste tipo de relacionamento, pode-se inferir que há uma violência contra a subjetividade das mulheres, que, assim, estruturam suas vidas não por sua própria vontade apenas, mas levando em consideração o outro que a subordina por meio da violência. Esta violência ainda carrega em si, como explicitou Maria Celeste (informação verbal) em seu relato, os sentimentos afetivos em relação aos companheiros.

Voltando ao tema da violência, encontramos na Organização Mundial da Saúde – OMS uma definição, ainda que precária:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002 apud KRUG et.al, 2002, p.5).

Nesta conceituação podemos elencar dois elementos vivos nos relatos sobre violência: o uso da força física ou do poder, duas dimensões diferentes mas que se complementam e, em cada caso real se movem com formas e gradações variadas. O uso da força física parece ser de mais fácil compreensão, e gera, quando acionado, as lesões, aparentes ou não, e inclusive à morte das mulheres. O poder, por outro lado, faz parte de uma dimensão menos visível, e se move por tramas nem sempre objetivamente expostas, como é o caso dos afetos, ou seja, o poder se expressa pela dependência emocional, ou também por elemento mais material, que é a dependência financeira com relação ao companheiro, que leva à manutenção das situações de violência e subordinação. A realidade ou a simples ameaça da violência são outras dimensões deste fenômeno, que significa na vida das mulheres o resultado material ou a constante ameaça à sua vida, ou a perspectiva de que algo de ruim ocorra a qualquer momento, sem motivação aparente para isso.

Este conceito expressa ainda as relações de dominação-exploração-opressão abordados nesta pesquisa, estabelecendo uma linha de pensamento sobre violência que perpassa as relações sociais de sexo presente nas sociedades patriarcais, e com isso, como afirma Portella (2005), atravessa as demais relações sociais.

A definição de violência da OMS (apud KRUG et. al, 2002) apresenta outro elemento importante para o nosso trabalho: a intencionalidade. Nas relações sociais de sexo e, em especial, em relação às mulheres, as diversas formas de agressão sofridas por elas são efetuadas por seus agressores com intenção.

Desde a violência de gênero presente em todas as relações sociais até a violência doméstica, associada ao poder do macho diante da fêmea, todas são resultado de uma relação de dominação-exploração-opressão de um indivíduo sobre o outro. Safiotti (1987) corrobora com o pensamento quando coloca que:

O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos. Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e

mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. Homens subjugados no reino do trabalho por uma ou mais mulheres detêm poder junto a outras mulheres na relação amorosa (SAFIOTTI, 1987, p. 16)

A violência é um fenômeno presente em todas as relações sociais dentro e fora do ambiente doméstico e familiar e se estabelece no momento em que um ser humano, homem ou mulher, exerce poder através da força física, psíquica ou emocional, ou seja, pelo uso da força física ou do poder, para tomarmos novamente a definição da OMS anteriormente citada. Para as nossas entrevistadas a violência se apresentou como resultados multicausais.

As violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes infligem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade. (ALEMANY, 2009, p. 271).

Para Safiotti (2004) no Brasil ocorrem equívocos ao definir os tipos de violência. Costuma-se tratar como sinônimo a violência de gênero e violência contra a mulher, violência doméstica e intrafamiliar, que para a autora são situações diferentes. “A *violência de gênero* é, sem dúvida, a categoria mais geral” (SAFFIOTI, 2004, p. 73, grifo da autora) e, apesar de perpassar as demais, não pode ser considerada somente como elemento fundante, pois tem suas características próprias. Como gênero, Scott (1995) traduz a relação de dominação-exploração como a base, porém, não delimita quais sujeitos estão na ponta deste binômio, sendo possível que o poder seja exercido também por uma mulher sobre um homem ou sobre outra mulher.

Ao contar sobre o emprego que desenvolvia em um mercado da cidade onde morava, Maria Celeste (informação verbal) descreve uma situação de violência de gênero, pois a relação entre ela e os patrões, inclusive por uma mulher, que a colocava em situação de subordinação na relação.

CELESTE, Maria. **Entrevista IV**. [abr. 2016]. Eram três pessoas que cuidavam do mercado, mas foi um que me contratou, então eu acho assim que só aquela pessoa tinha que me dar ordem. Daí vinha, de repente, vinha a mulher do dono, de um dos dono, falava pra mim fazer alguma coisa, de repente vinha o dono e falava pra eu fazer outra coisa, que não era pra fazer aquela outra coisa. Se eu ia pra lanchonete, para a sorveteria, se eu ia repor, me trocando de lugar. Daí eu ouvia xingo todo dia porque daí quando vinha uma pessoa e não tava pronto o serviço que ela mando. Eu fui e pedi a conta e saí.

Este tipo de violência vivenciada no ambiente profissional é mais comum quando se trata da trabalhadora, no entanto, por seu caráter sutil, quase não é denunciada. Pela condição de inferiorização com base não apenas no sexo, mas por uma relação de hierarquização e da condição das mulheres no mundo do trabalho, ocupando postos de trabalho superexplorados, são desconsideradas em suas funções e se tornam um brinquedo nas mãos dos empregadores. A violência de gênero, “[...] se origina em uma matriz hegemônica de gênero, num quadro de disputa de poder, reproduzindo um quadro de controle social” (BRASIL, 2015, p. 21).

A violência contra a mulher, por outra parte, tem sua base no sexo, mas: “Como se trata das relações regidas pela gramática sexual, podem ser compreendidas pelas violências de gênero” (SAFFIOTI, 2015, p. 75), e apresenta na outra ponta desta relação sempre uma figura masculina. No âmbito do trabalho, como nos contou Maria Celeste (informação verbal), tratava-se do patrão, e no âmbito doméstico ou intrafamiliar um parente do sexo masculino.

No que tange à violência doméstica e intrafamiliar, Saffioti (2015) define a primeira como a agressão que ocorre dentro dos lares e a segunda como aquela que “extrapola os limites do domicílio” (SAFFIOTI, 2015, p. 75). Na acepção trazida pela autora, violência doméstica não está necessariamente embasada em laços consanguíneos. Pode ser praticada pelo agressor, que na maioria das vezes é a figura masculina, sobre pessoas que residem sob o mesmo espaço, ou mesmo em espaços distantes do domicílio, mas que são coagidos pela violência simbólica. É o caso do relato de Maria Bonita (informação verbal):

BONITA, Maria. **Entrevista I**. [abr. 2016]. Além de ruim ele me assediava, fui levando, levando, até um dia eu contei para ela [sua irmã] e fui expulsa de lá por ele e não por ela, que ela entendeu meu lado. Aí saí praticamente corrida de lá da casa e vim para cá para a cidade. E mesmo assim ele me [...] ela não me valorizou também, ela tinha que ter voz de autoridade para me defender e ela não soube fazer isto.

Ao contar a situação vivida com o cunhado, Maria Bonita (informação verbal) expõe uma situação dupla de violência: a doméstica e a sexual, somados estes elementos à humilhação e subordinação da irmã diante do marido, o que a impedia de agir sobre ele. Esta situação de impotência pode ser um retrato do que ocorre em nível nacional. Os dados do balanço feito pela Central de Atendimento à Mulher da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres da Presidência da República (2015), apontaram que o número de mulheres que denunciam a violência sexual é muito pequena, somente 4,54% das ligações realizadas para o número 180 era deste tipo de violência. No rol de agressões sexuais não é muito comum que a mulher denuncie o assédio como uma das formas de violência sexual, principalmente no âmbito doméstico. Segundo o documento acima elencado, foram denunciados neste tipo de violência o estupro, com 78,52% dos casos, a exploração sexual, com 15,24%, e o assédio no trabalho, com 6,24%.

Venturi e Godinho (2013) em suas pesquisas sobre as violências sofridas pelas mulheres, indicaram que 40% das entrevistadas já tinham sofrido alguma violência e, deste percentual, 10% declararam já ter sofrido violência sexual e 7% apontaram o assédio como uma das formas. A pesquisa revelou ainda que a cada quarenta segundos uma mulher é violentada sexualmente e a cada trinta e dois segundos uma mulher sofre assédio sexual.

A violência intrafamiliar, apesar de extrapolar os limites do domicílio, se estabelece por relações de parentesco. “Um avô, cujo domicílio é separado do de seu (sua) neto (a), pode cometer violência, em nome da sagrada família, contra este (a) pequeno (a) parente (a)” (SAFFIOTI, 2015, p.75).

No casa das entrevistadas desta pesquisa a violência doméstica e intrafamiliar se complementam, pois as figuras masculinas envolvidas tinham

parentesco com as vítimas e também estavam debaixo do mesmo teto. Para Maria Esperança (informação verbal), por exemplo, as agressões sofridas pela mãe e a fome que a família passou deixaram marcas profundas, superadas, segundo ela, pela religiosidade: “Pois olha ficou, mas hoje graças a Deus eu fui curada, libertada na igreja, sabe” (ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** abr. 2016). Ela ainda relatou que o pai era agressivo e que todo o dinheiro que ganhava com o trabalho, gastava com bebida. Segundo seu relato:

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. Era violento na bebida com a mãe, com nós, bem violento. Ele [...] sempre foi trabalhador, mas ele ia pros paiol trabalhá, ele ficava a semana toda no paiol, trabalhando, mas ele vinha de lá, ele chegava no bar e gastava tudo o dinheiro, jogando e tomando. Ele voltava pra casa zero e aí nós que passava fome, frio, não tinha, andava pedindo, muita fome nós passemos.

A violência física dentro dos lares é a principal forma registrada pelas mulheres e tem forte ligação com o uso de álcool. Pesquisa realizada pelo Data Senado, em 2011, apontou que: “Entre as mulheres que afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência e que citaram, espontaneamente, o motivo da agressão, os mais citados foram o uso de álcool e ciúmes, ambos com 27% cada.” (SENADO FEDERAL, 2011, p.3).

Para todas as entrevistadas que denunciaram violência física, esta foi sofrida na presença dos/as filhos/as, ou delas mesmas enquanto filhas em relação à agressão do pai para com a mãe.

Por fim, talvez a forma de violência mais significativa para o grupo de trabalhadoras/estudantes, sujeitos desta pesquisa, é a violência simbólica. Primeiro, porque ela é compreendida e praticada por meio de uma construção social do ser homem e do ser mulher e, segundo, por que: “O processo de territorialização do domínio não é puramente geográfico, mas também simbólico”. (SAFFIOTI, 2015, p. 76). Bourdieu (2013) ao se referir à construção do poder masculino sobre o feminino, nos alerta que:

A força especial da sociodiceia masculina provém do facto de acumular e condensar duas operações: *legítima uma relação de*

dominação inserindo-a numa natureza biológica que é, ela mesma, uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2013, p. 38, grifo do autor)

A violência simbólica ocupa lugar de destaque dentre os tipos de violência por ser a que mais facilmente é aceita e/ou ignorada na sociedade. Ela se constitui a partir de um conjunto simbólico de atos e ações dos dominadores, os homens, sobre as dominadas, as mulheres, com um relativo consentimento destas, e se “[...] aplicam às relações de dominação categorias construídas do ponto de vista dos dominadores, fazendo-as assim parecer naturais” (BOURDIEU, 2013, p,51).

Maria Esperança (informação verbal) ilustra o que é a violência simbólica relatando o sofrimento da mãe diante da condição de mulher:

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V**. [abr. 2016]. [...] eu lembro até hoje, uma vez que a minha mãe ainda tava de dieta, tava chovendo, aí minha mãe saiu buscar lenha. Era assim num gramadão, assim, subia buscar lenha e aí meu falecido padrinho, gritou pra ela: comadre pare, a senhora vai se machucar, a senhora está de dieta, não tá boa, ta chovendo, né, a mãe debaixo de chuva trazendo lenha pra nós. Daí a mãe falou: se eu não [...] as crianças vão morrer de fome. Tem que levar lenha, compadre, pra fazer comida. E o pai debruçado na janela.

A figura masculina representada no relato pelo pai (marido da mãe) e o compadre, ambos alheios à condição da mãe que ainda estava de dieta, demonstra que a naturalização das atribuições femininas nas relações sociais de sexo estão mais atuais do que nunca.

Ao ser colocada na sociedade como um ser com menor valor, com capacidades limitadas e como objeto de desejo sexual do homem, portanto, tendo que se submeter aos padrões estipulados pela cultura da beleza, as mulheres estão sofrendo violência simbólica, como relatado por Maria Flor: “Quando eu casei com o meu marido, um bom tempo ele me jogou lá em baixo. Ficava em casa, trancada, sem trabalhar, eu me sentia nada, sabe” (FLOR, Maria. **Entrevista VI**. abr. 2016). Ou seja, uma forma do uso do poder pelos homens em relação às mulheres é o chegar a atingir a autoestima das companheiras.

Maria Clara (informação verbal), por outro lado, denuncia a violência simbólica ao constatar o assédio cotidiano, que pode parecer não ter efeitos mas que, na verdade, acaba provocando desconfortos ou até mesmo intimidações. Diz ela: “Você olha para aquela pessoa, mas assim é um olhar mesmo de amizade, de cumprimento, e tanto é que tem homem, acha que você que você, você dá um oi, já tá te querendo” (CLARA, Maria. **Entrevista III**. abr. 2016).

A relação estabelecida entre o dominador e o dominado neste tipo de violência não é percebida tão facilmente quanto a violência física, por exemplo, pois traz consigo toda uma carga simbólica que reforça: “O mito do ‘eterno feminino’ (ou masculino) ou, o que é mais grave, de eternizar a estrutura de dominação masculina descrevendo-a como invariável e eterna.” (BOURDIEU, 2013, p,51).

Assim, na concepção do autor a violência simbólica estabelece-se e afirma-se por meio de uma relação construída historicamente da condição feminina e sua subordinação não só ao domínio masculino, mas também a um padrão social dos quais muitos dos espaços frequentados pelas mulheres são responsáveis pela constituição deste padrão.

Maria Vitória (informação verbal)⁷¹ reforça esta condição ao relatar o posicionamento do marido sobre sua volta aos estudos: “Esse meu marido ele é gente boa, mas não me incentiva muito, na opinião dele, para que estudar depois de velha. E eu não via isto” (VITÓRIA, Maria. **Entrevista II**. abr. 2016). Para o marido a condição da mulher casada não lhe permite voltar aos bancos escolares. Relação que nos remete, mais uma vez, à posição hegemônica da mulher em uma sociedade patriarcal: esposa e mãe.

As violências contra a mulher têm seus fundamentos na relação social de sexo, embasada na condição de inferiorização do ser mulher na sociedade patriarcal, machista, sexista e acentuada por relações econômicas do capitalismo, construídas ao longo da história.

⁷¹ Entrevista concedida por VITÓRIA, Maria. Entrevista II. [abr. 2016]. Entrevistadora: Ana Claudia Marochi. Irati, 2016. 1 arquivo .mp3 (18 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice VII desta dissertação.

No caso de nossas entrevistadas, sujeitas da pesquisa, as situações de violência vivenciadas por elas são parte do panorama geral das mulheres na sociedade brasileira, e tais situações formataram de certa forma a vida destas mulheres, em especial no que tange à escolarização, que é o nosso objetivo da pesquisa. Na seguinte parte será tratada a forma como estas mulheres superaram as situações adversas da vida e seguiram em frente, ou seja, os processos de resiliência presentes em suas vidas.

3.2.3 Resiliência e a decisão de seguir em frente

“para discutir processos de resiliência, é preciso ter claro o horizonte político para onde as intervenções se dirigem, se para o fortalecimento individual, que permite aos sujeitos a conformidade com os desígnios da existência/sobrevivência, ou a à consciência política de serem sujeitos de sua própria história e de que, portanto, podem operar mudanças no cotidiano” (Raquel Souza Lobo Guzzo, 2015).

A categoria resiliência emerge das narrativas das sete entrevistadas e tem como propósito discutir a capacidade de superação diante das adversidades da vida, ou se quisermos, seguindo as palavras de Guzzo (2015), como estas mulheres operaram mudanças no cotidiano da vida, nos projetos de vida, apesar das situações adversas. Esta é uma característica marcante das sujeitas desta pesquisa.

Resiliência na acepção de Guzzo (2015) é:

um processo de superação da adversidade cotidiana que se instaura por meio da dialética sujeito e sociedade, da tensão risco e proteção e da efetiva ação sobre as condições concretas de desenvolvimento de crianças, adolescentes e família (GUZZO, 2015, p. xiii)

Os estudos sobre resiliência ou o uso deste conceito para uma análise em pesquisas sociais é recente. O termo é mais utilizado nas ciências exatas, em especial na Física, e serve para as análises sobre a resistência dos materiais e na capacidade que estes tem de retornarem ao seu estado natural após passarem por uma pressão (BRANDÃO; NASCIMENTO, 2011).

Para as ciências humanas o termo é utilizado para descrever a capacidade que os seres humanos têm de construir e reconstruir positivamente, diante das dificuldades, mesmo em ambientes não tão favoráveis (LABRONICI, 2012). Segundo a autora, por se tratar de uma construção humana, esta capacidade de reação diante das adversidades não é “algo estático e linear” (LABRONCINI, 2012, p. 626).

Corroborando com o pensamento da autora acima citada, Barlach (2005) em seus estudos sobre o conceito de resiliência coloca que a capacidade de reagir diante de uma situação de estresse não se apresenta como uma característica individual somente, mas está relacionada também ao meio em que este indivíduo está inserido. Para ela há uma interação entre o sujeito e o meio, em uma relação de troca, determinada por um contexto ecossistêmico.

Desta forma, para compreendermos de que forma as nossas *Marias* lidam com as adversidade da vida relatadas nas entrevistas, é preciso conhecer em que contextos estas situações foram vivenciadas e como a tomada de decisão de seguir em frente contribuiu na determinação do sujeito mulher.

Se queremos respeitar o processo real de desenvolvimento das pessoas, temos que partir de fatos reais, de indivíduos concretos, do que fazem, como vivem, das relações que estabelecem entre si, e de suas condições reais de existência. Assim, seremos capazes de capturar as determinações fundamentais que caracterizam um ser social e seu processo de recuperação. (GUZZO, 2015, p. xiv).

Perceber as nossas entrevistadas como mulheres reais em seus contextos nos aproximou desta categoria, ao pensar em como, em contextos tão diversos e tão particulares, todas foram capazes de tomar decisões positivas diante dos infortúnios da vida. E cada uma trouxe nos relatos formas diferentes de lidar com estas questões.

Para Maria Bonita (informação verbal) a resiliência foi expressa na forma como se tornou uma pessoa boa, trabalhadora e como conseguiu formar a filha. Para ela a expressão boa represente ter bom caráter.

BONITA, Maria. **Entrevista I**. [abr. 2016]. Eu acho que eu sou uma guerreira. Que só pelo fato de eu vê, de eu passar por tudo isso e hoje eu acho que eu sou uma pessoa boa, me considero uma pessoa boa, eu tenho bom caráter. Ver a minha filha se formando este ano é uma vitória, sabe. Tô satisfeita com isto, daqui para a frente, o que vim é lucro.

Para ela, a morte da mãe e o conseqüente abandono do pai e a separação dos irmãos, a convivência com a irmã e o cunhado na condição de empregada e o abuso sexual do cunhado sobre ela, deixaram marcas profundas, mas contribuíram para que ela reagisse diante da situação e, mesmo sendo expulsa de casa, foi em frente e conseguiu ser uma profissional, garantindo que a filha se formasse no ensino superior. Além disto, ainda conseguiu retornar aos estudos.

Segundo Cyrulnik e Cabral (2015), as ações diante dos traumas sofridos pelas pessoas podem ser tratados de suas maneiras: ou gastam muita energia para se protegerem das violações e ofensivas do mundo, ou encontram maneiras, oferecidas pelas condições do meio onde vivem, “[...] de realizar um processo de resiliência” (CYRULNIK; CABRAL, 2015, p. 19), e, a partir disso, retomando o cotidiano e criando novas oportunidades de vida. Maria Bonita escolheu a segunda opção.

Maria Clara traduz o que representa ser uma pessoa resiliente quando nos conta que vai em busca do que realmente deseja e que não desiste tão fácil. A força física descrita no momento das corridas, também é demonstrada diante da vida. “Eu sou uma mulher batalhadora, que dá a cara a tapa mesmo. Não deu certo, amanhã eu vou lá, eu vou tentar fazer de novo, para ver se eu consigo. Não paro de tentar até eu conseguir” (CLARA, Maria. **Entrevista III**. abr. 2016).

A história de Maria Clara (informação verbal) refletida na sua posição diante das dificuldades demonstra como os indivíduos reagem de forma diferente diante dos problemas apresentados pela vida. Ela, mesmo sem a figura constante do pai, encontra na mãe e nos avós o suporte para seguir em frente. Ela faz parte do que Seibel e Koller (2005) chamam de famílias resilientes. Para as autoras:

O sistema de crenças familiares influencia a percepção e as respostas de seus membros perante a adversidade. Essa construção da realidade compartilhada entre os membros da família influencia as transações sociais e organiza seus recursos para o enfrentamento de um evento estressor (SEIBEL; KOLLER, 2005, p. 87)

Para Maria Esperança (informação verbal) a resiliência se materializou na religiosidade. A vida simples, de muita privação, o trabalho na roça, tudo isto agravado pelo alcoolismo do pai foi superado com a fé: “Enquanto eu não frequentava a igreja assim, não tinha uma religião bem, sabe, seguinte que eu ia com frequência, eu não conseguia nem falar no meu pai, me dava muita raiva, muito ódio. Eu não conseguia fala” (ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V**. abr. 2016).

A vontade de ir em frente fez com que Maria Esperança (informação verbal) fosse buscar apoio na religião e, somado a esta prática, também tomou a decisão de terminar os estudos e sonhar com o curso de Pedagogia: “Eu vou chegar lá. Lá no meu destino. Lá onde eu quero” (ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V**. abr. 2016). Maria Esperança (informação verbal) demonstra nos seus relatos características importantes para que uma pessoa seja resiliente e possa tirar proveito das agruras da vida, revertendo-as para atitudes positivas. Ela possui flexibilidade e capacidade de adaptação, conforme seu relato a seguir:

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V**. [abr. 2016]. [...] aí saiu um curso aqui na Vila Nova de fazer chinelo e eu fui, né. Eu não sabia bordá. Eu fui e eu aprendi. Nossa, me rendeu uma renda, que eu ajudava na casa. Acabei, sabe, bordei bastante chinelo, assim que daí chegava final do ano, Natal, Ano Novo, eu tinha bastante encomenda.

Na relação de Maria Flor (informação verbal) com a vida muitas perdas foram identificadas por ela durante a entrevista. A perda da juventude, a formação em Direito adiada, a relação com a filha ao ir embora para outro estado à procura de um emprego e de liberdade. Tudo isso trouxe para ela a maturidade diante das dificuldades e a capacidade de reagir diante destas adversidades e conduzir sua vida, conforme seu relato.

FLOR, Maria. **Entrevista VI.** [abr. 2016]. Daí fui para Santa Catarina, fiquei um ano lá. Deixei mãe, deixei todo mundo, fui embora. Quando eu cheguei lá era um mundo totalmente diferente do que tinha aqui. A vida era de uma maneira assim que, coisas que eu não conhecia aqui, acabei conhecendo lá. E lá senti que tinha liberdade.

Após a experiência longe da família, da filha, da cidade onde nasceu e viveu até o momento e com o fim do segundo casamento, Maria Flor (informação verbal) relatou que precisou reagir diante da sua própria imaturidade traçando para si um projeto de vida. Esta postura expressa por Maria Flor em seu relato demonstra uma das características apresentada por González e Cañete (2016) para pessoas consideradas resilientes. Para eles, dentre várias outras características que estas pessoas apresentam, uma diz respeito à elaboração de um projeto de vida. É Maria Flor (informação verbal) quem relata que:

FLOR, Maria. **Entrevista VI.** [abr. 2016]. Uma coisa que eu fiz no começo deste ano foi me planejar. Agora eu tenho um plano de vida. Esse e o outro ano para terminar o CEEBJA. Tenho mais dois anos pra estudar, ficar enfiada nos livros para um concurso, passar num concurso, aí quando eu passar no concurso eu começo a me planejar para fazer uma faculdade. Meu plano acho que trinta, trinta e um, já começa fazer uma faculdade de Direito. Me formo lá com uns trinta e cinco, trinta e seis. É planejado.

A forma que Maria Vitória (informação verbal) encontrou para resolver as dificuldades que a vida impôs foi sair de casa ainda muito jovem. Com o pai alcoolista e o irmão viciado em drogas, optou por ir embora. Ainda com quatorze anos fugiu e foi para uma cidade distante, mas teve que voltar porque ainda não tinha idade para responder por seus atos. Quando fez dezoito anos saiu definitivamente. Entendendo que a sua saída de casa poderia ajudar a mãe nas questões financeiras foi buscar trabalho em outra cidade. Afastar-se do pai e do irmão foi a forma que Maria Vitória (informação verbal) encontrou de superar as adversidades impostas por esta relação familiar, conforme nos relatou.

VITÓRIA, Maria. **Entrevista II.** [abr. 2016]. Não é assim que tavam junto. Eu lembro que eles moravam de parede e meia, dividiram a casa e começaram a morar assim, mas era aquele

inferno sempre, sabe. Teve um dia assim que eu não aguentei, saí, só que por ser de menor, não teve jeito, a polícia trouxe de volta. Quando fiz dezoito anos resolvi saí de casa.

Sair do ambiente doentio, problemático fez com Maria Vitória (informação verbal) se tornasse uma mulher decidida e autônoma como ela mesma se identifica:

VITÓRIA, Maria. **Entrevista II**. [abr. 2016]. Eu me acho a suprema. Se eu fosse pelo meu marido, viver por ele, sei lá, não ia pra frente. Eu me acho, eu me garanto. Eu acho que as mulheres hoje em dia, tomaram conta, basta querer. Me sinto realizada e não dependo do marido não dependo de homem. Não dependo mesmo. Já resolvo.

Diante desta decisão ela pode fazer suas escolhas e seguir em frente, ser dona de suas próprias escolhas e se realizar como mulher e profissional. Ela apresenta, sem dúvida, características das pessoas resilientes: autonomia, auto-suficiência, independência, iniciativa, entre outras (CONZÁLEZ; CAÑETE, 2016).

As *Marias* apresentaram em suas entrevistas elementos importantes para nossa pesquisa. Elementos que nos indicaram o caminho a ser percorrido e nos conduziram para esta categoria que nos mostra o quanto estas mulheres, cada uma com sua história, com suas relações familiares e com as escolhas feitas ao longo da vida, conseguiram superar as dificuldades e traumas, vislumbrando possibilidades melhores para seu futuro.

3.2.4 Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das *Marias*

“A língua atesta as variantes do tempo com uma infinidade de nuances. Das três divisões básicas entre passado, presente e futuro se desenvolvem tempos sutis, complexos e intersticiais. O que não é expresso pelas ferramentas do verbo, os advérbios de tempo e uso de preposições conseguem expressar”. (María Ángeles Durán, 2010a).

O tempo é uma categoria importante nas análises da relação capital e trabalho, e é determinante do processo de dominação-exploração-opressão do/a trabalhador/a. Marx (2011) em seus escritos sobre trabalho nos alerta que este é

o fator fundante da vida social e do processo de exploração da classe trabalhadora, uma vez que, ao determinar o tempo de produção, cada vez mais intenso e com jornadas de trabalho cada vez mais flexíveis, interfere, sobremaneira, nos demais tempos do/a trabalhadora/a (SIGNORI, 2014).

Para o nosso trabalho, esta exploração acentua-se devido ao acréscimo a esta divisão do tempo entre o trabalho produtivo, reprodutivo e a escolarização para as mulheres, em especial, na análise dos relatos das nossas entrevistadas. Segundo Signori (2014, p. 17): “O tempo é um produto social e, portanto, se constitui de acordo com as relações históricas dos sujeitos sociais em um determinado período”.

O tempo⁷² na vida das *Marias* é relativizado por elementos que ultrapassam a mera cronologia. Para estas mulheres ele é determinante e é também determinado pelas relações estabelecidas com outros processos sociais, como se observa no relato de Maria Bonita (informação verbal):

BONITA, Maria. **Entrevista I**. [abr. 2016]. Eu divido assim, eu marco meu trabalho, marco horário, quer dizer nem sempre funciona, porque lidar com o povo, não é bem assim. Não funciona os horários. Atrasam, alguma coisa assim. Quanto a, quanto a minha, ir para a aula é bem complicado. Muitas vezes tenho que sair correndo, para não chegar muito atrasado, por causa do trabalho.

Na relação temporal na vida de Maria Bonita (informação verbal) o tempo é demarcado pela organização do tempo das clientes, e isso interfere no tempo

⁷² As provocações do Prof. Dr. Juliano Peroza no momento de sua arguição na minha banca de defesa nos levou algumas reflexões mais filosóficas sobre o tempo para as nossas *Marias* e a relação temporal que se materializa sob duas óticas: o *kairós* e o *chronos*. O *kairós* é o tempo definido na mitologia grega, como o “momento oportuno, ocasião certa, oportunidade; enquanto que *chronos* significa o tempo físico e cronológico, compreendido como anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. *Kairós* se refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. *Kairós* revela o momento certo para a coisa certa, a melhor oportunidade, o momento crítico para agir, a ocasião certa e apropriada. *Chronos* se refere a um espaço ou intervalo de tempo, daí vem o termo cronômetro, e, às vezes, é usada para transmitir a ideia de demora. É o tempo medido pelo relógio, pelo calendário; o tempo determinado dentro de um limite” (ARANTES, 2015, p. 4). Em muitos relatos das nossas *Marias* do tempo *kairós* foi sobreposto por um tempo *chronos*, principalmente na infância.

dedicado aos estudos no CEEBJA. Para realizar trabalho remunerado deixa a escola em segundo plano.

O tempo de trabalho remunerado é um tempo pré-determinado pela jornada semanal e que ocupa a maior parcela das horas diárias destas mulheres, ou seja, “[...] como resultado da mediação social geral, o dispêndio de tempo de trabalho é transformado em uma norma temporal que não apenas é abstraída de, mas também se sobrepõe à ação individual e a determina” (POSTONE, 2014, p. 248).

Organizar este tempo em detrimento dos demais tempos tem sido uma tarefa difícil para a classe trabalhadora, pois a venda de sua força de trabalho é permeada não só pela relação capital/trabalho, mas por fatores sociais que estão fora desta díade. Mas é, com certeza, na relação estabelecida entre o capital e a trabalhadora que a interferência dos fatores sociais externos são mais intensamente percebidos, refletindo em relações mais desiguais e trabalhos mais precarizados e baseados na flexibilização do tempo, como já foi delineado na primeira parte deste trabalho.

O relato de Maria Esperança (informação verbal) corrobora com os apontamentos acima, pois para ela, além de ocupar postos de trabalho precarizados, precisa negociar o tempo de trabalho remunerado para que a escola não seja prejudicada.

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V**. [abr. 2016]. Tá dando, esse ano né, a irmã, nós conversamos, ela me ajudou, assim, em termo de eu sair às cinco e meia e daí dá tempo de eu vir em casa, correndinho, tomar um banho e ir para o ponto de ônibus, porque, uns dois anos e pouco a fio, eu ia meio dia e meio trabalhar e já levava meu material. Daí eu saía seis hora, daí eu saía da escola, de onde eu trabalho e ia reto para o CEEBJA, pegar o ônibus, sem nada.

Para um grande parcela da população trabalhadora e estudante, não sendo diferente para as sujeitas desta pesquisa, a organização do trabalho produtivo e reprodutivo demanda negociações tanto com os patrões quanto com a própria família, para que se consiga reservar pelo menos 4 horas diárias para a

escola e, se possível, mais algum tempo para as atividades demandadas pelos estudos.

Para a classe trabalhadora a organização do tempo demanda não somente a capacidade de negociar horários, atividades laborais dentro do espaço de trabalho remunerado, mas colocar em pauta também o tempo fora deste espaço. Para as trabalhadoras isto se reflete na forma como a sua inserção no mundo do trabalho acontece e, conseqüentemente, sua manutenção.

Dados do PNAD (2016) coletados para o 4^a trimestre de 2016, trazem um panorama da condição feminina no mercado de trabalho: as mulheres compunham um percentual de 52,2% da população em idade de trabalhar, no entanto, os homens são a maioria, 57%, da população ocupada e o nível de ocupação dos homens, neste mesmo período, foi superior ao das mulheres, 64,3% para eles contra 44,5% para elas. Em relação à população considerada desocupada o percentual de mulheres é maior, 50,3%, sendo que também elas representam 65,4% da população nacional que está fora da força de trabalho. Os dados nos mostram, minimamente, que mesmo sendo a maior parcela em idade de trabalhar, as mulheres estão em menor percentagem na população considerada ocupada.

Dentre as nossas entrevistadas, todas elas se inseriram no mercado de trabalho em ocupações parciais, como cuidadoras de crianças ou como empregadas domésticas e como prestadoras de serviços.

VITÓRIA, Maria. **Entrevista II**. [abr. 2016]. Tive que começar a trabalhar cedo, com doze anos já cuidava de crianças.

CELESTE, Maria. **Entrevista IV**. [abr. 2016]. Eu trabalhei desde os doze anos. Eu fui babá, cuidei de um nenê de oito meses e de um piázinho de três anos, aqui em Teixeira Soares já. Eu cuidava. Primeiro eu comecei a cuidar de uma criança de cinco anos, depois foi. Fiquei acho que dois anos cuidando desse nenê e desse piázinho de três anos. Depois eu entrei no mercado trabalhá no mercado ali em Teixeira, eu fiquei um mês, dois meses e saí porque eu não aguentava mais. Que era muito puxado, eles davam serviço de homem pra gente fazer.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII.** [abr. 2016]. Trabalhei em vários lugares. Nós era babá. Tinha criança pequena assim, a gente cuidava. Tinha uma mulher, que assim eu trabalhei, que era bom, o tempo da gestação, dieta assim, então daí umas par de casas fui assim. Mais na casa, assim, enquanto elas cuidavam do bebê, a gente ajeitava a casa.

Interessante notar que todas relatam trabalhos de cuidados, ou seja, trabalhos relativos à reprodução cotidiana da vida das famílias, trabalhos estes realizados sob condições nem sempre as mais dignas, com baixos salários e muito tempo de dedicação, além de pouca estabilidade e sem garantias de direitos trabalhistas.

Mesmo não sendo nosso objeto de estudo, as falas das nossas entrevistadas nos fazem refletir sobre o trabalho infantil que acaba interferindo na relação destas crianças com a escola e, mais tarde, também acaba por delinear os caminhos na vida adulta. Nas famílias menos favorecidas, as crianças são desde muito pequenas dirigidas para tarefas de cuidados e/ou domésticas. São responsáveis pelos cuidados com os irmãos em famílias numerosas ou tratadas como empregadas domésticas mesmo. Outras ainda realizam trabalhos na roça com os pais.

Maria Bonita (informação verbal) ilustra o que é ser tratada como uma empregada doméstica pela própria irmã e como esta condição a afastou dos estudos.

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. Só que eu nunca tive uma família para me apoiar, para dizer para mim: 'você tem que estudar, você precisa estudar'. Nunca tive. Eles eram para mim meio ignorante, coisa que hoje não sou. Fazia tudo, desde o café da manhã, eu era tipo uma empregada na casa. Eu era uma criança praticamente. Tudo tudo. Tive que aprender a cozinhar, depois que a mãe faleceu, limpar a casa, fazer tudo.

Em outro relato a condição do trabalho infantil aparece como uma alternativa de sobrevivência familiar, mas que também representa a condição das crianças em relação à escola e como esta situação rouba não somente o tempo dos estudos, mas a infância como um todo.

Maria Esperança (informação verbal) vem de uma família de treze irmãos, nove ainda vivos, e contou que a família numerosa exigia que as irmãs mais velhas cuidassem dos irmãos mais novos, o que não lhes permitia brincar. Além disto, a pobreza e a precariedade da família faziam com que todos, ainda pequenos, ajudassem os pais na roça, conforme conta em seu relato para esta pesquisa.

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. Até a minha irmã mais velha sempre reclamou assim que nunca teve infância, que ela nunca pode brincar, nunca teve oportunidade de pegar uma boneca, de brincar, porque além de nós não ter, assim, ela tinha que cuidar dos que vinham vindo, porque o pai com a mãe pra roça. E aí de uma certa idade já pequena nós tinha que ir junto pra roça, né. Desde pequeno nós tivemos que se virar, ir para a roça, ajuda o pai e a mãe. Aí nós levantava cedo, né, comia o que tinha, muitas vezes até nós passava necessidade e se mandava pra roça. Nós quebrava milho, arrancava feijão, carpia, né. Eu muitas vezes de quebrá o milho, com altas geadas, assim rachava toda mão, sangrava a minha mão, essa época eu deveria ter, não tinha oito anos. Nem eu nem meus irmãos tivemos muita oportunidade de estudar, par ir ajudar o pai com a mãe na roça.

Segundo dados constantes do sitio do IBGE (BRASIL, 2014) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2013-2014), havia no Brasil em 2014 cerca de 554 mil crianças de 5 a 13 anos trabalhando, número que é 9,3% maior do que em 2013, quando foram registradas cerca de 506 mil crianças trabalhando. A pesquisa ainda aponta que do total de crianças trabalhando em 2014, 484 mil tinham entre 10 e 13 anos, e 70 mil entre 5 e 9 anos e que 62,1% da população ocupada entre 5 e 13 anos estava concentrada em atividades agrícolas.

Outro dado relevante e que demonstra a relação de dominação-exploração-opressão do patriarcado, é o fato de que a inserção da mulher no mundo do trabalho se dá em condições de complementaridade da renda do marido, quando este não consegue subsidiar sozinho o sustento da casa ou quando está desempregado, como nos conta Maria Amélia (informação verbal) e Maria Esperança (informação verbal):

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII.** [abr. 2016]. Ele sempre colaborou, porque ele sabe, né, quando as crianças eram pequenas, só ele

para trabalhar e ele sempre foi do salário mínimo, nunca foi fácil, sempre foi difícil, a gente sempre teve ajuda, os parentes sempre que podiam ajudavam.

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. eu ali bordando nos chinelinhos, pra juntar o dinheiro, pra ajudar meu marido que ele estava desempregado naquela época.

A ideia de complementaridade, já comentado anteriormente, tem um viés naturalizador em relação às funções ditas femininas. No caso em tela, ocorre que como a renda da mulher é “complementar” à do marido, pode ser que em períodos em que este companheiro passe a ganhar o suficiente para o sustento da família, isso seja um obstáculo para a autonomia das mulheres, que então não precisariam mais complementar a renda, e, assim, poderiam voltar ao seu papel de mãe e cuidadora do lar.

Além disso, há que se destacar o fato de que trabalhar “fora” não elimina para as mulheres a “obrigação” com os cuidados da casa e da família, o que gera um processo de sobrecarga, que já foi comentado anteriormente no trabalho, e que é uma forma de dominação bastante importante.

A escolarização para estas mulheres representa um processo de melhoria de vida e como sujeitas de suas próprias escolhas. Dedicar-se às atividades escolares é uma das formas de valorização no trabalho e também de realização pessoal e de reconhecimento enquanto indivíduo participante da sociedade.

A escolarização da classe trabalhadora desenvolve-se por um projeto societário de escola voltada atender ao capital. Esta parcela da população em que a escola lhe foi negada e que agora retorna para terminar os estudos na EJA é a mais prejudicada e que ocupará os postos de trabalho mais precarizados. O percurso escolar realizado pela grande maioria dos/as trabalhadores/as/estudantes conduz para um formato de escola que está organizada, por um lado, para o atendimento das particularidades deste público específico, que precisa dedicar-se ao trabalho e, por outro, com uma proposta pedagógica voltada para a formação aligeirada e, quase sempre, com baixa qualidade.

O pensamento de que para estes/as estudantes somente o diploma é suficiente faz com que a modalidade EJA seja vista como um ensino fraco e “[...] uma alternativa compensatória para os que não tiveram acesso à educação escolar na época própria” (BERNARDIM, 2008, p. 64).

Neste sentido Maria Clara (informação verbal) sintetiza o ensino da EJA: “É bem básico, assim, sabe, não é que o ensino é ruim” (CLARA, Maria. **Entrevista III**. abr. 2016). No relato de Maria Flor (informação verbal) percebemos que a relação com esta modalidade de ensino está justamente no formato, pois para ela,

FLOR, Maria. **Entrevista VI**. [abr. 2016]. [...] é um pouco devagar, se você for parar para ver. Acho que podia ser uma forma de estudo um pouco mais rápida. Pra gente é complicado. A gente já não tem muito tempo, o horário ainda não é tão ruim, é corrido, então se a gente conseguisse concluir antes, em menos tempo, seria bem melhor.

Percebe-se na fala de Maria Flor (informação verbal) uma preocupação com a certificação e não propriamente com o caminho do estudo, com os conteúdos ou com a formação humana em geral. A relação com os estudos, nesta fase da vida, é pragmática: é o certificado que abrirá, de fato, as possibilidades de realização dos projetos de vida. Neste sentido, a pesquisa de Signori (2014) revela a crença na escolarização. Afirma a autora que: “[...] apesar da quase impossibilidade de conciliar trabalho e estudo, esses sujeitos persistem embalados pela crença de que a escolarização possibilitará ascensão laboral e social” (SIGNORI, 2014, p. 134). A escolarização, assim, cumpre o papel ideológico de gerar nos atores sociais expectativas, que geram ações práticas, que acabam por reproduzir o sistema do capital (MÉSZAROS, 2008).

O tempo para os estudos, segundo nossas entrevistadas, foi sempre uma parte do tempo subordinado a outras partes do tempo e por outros fatores e condições impostas a elas durante o percurso de vida, e que continua sendo prejudicado pela tripla jornada diária: trabalho remunerado, trabalho reprodutivo e escola.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII.** [abr. 2016]. Aos quatorze anos comecei a trabalhar. Antes a minha mãe já tirou da escola. Como a minha mãe não tem estudo então a minha mãe dizia que não precisava estudar. Por isso que depois de mais idade é que eu voltei a estudar. Nem terminei, mas vou terminar, pelo menos o médio. Daí nós ficava em casa um tempo e a gente trabalhava também.

Para Maria Amélia (informação verbal) a escolarização foi negada pela própria mãe que, como produto de uma construção social sexista e determinista dos papéis que deveriam ser desempenhados por homens e mulheres, compreendia que para ser dona de casa, casar-se ou ocupar postos de trabalhos precarizados não precisava estudar. A condição de Maria Amélia (informação verbal), por mais absurda que possa parecer hoje, é bastante comum. A mulher destinada ao trabalho reprodutivo, segundo esta lógica patriarcal de naturalização dos papéis femininos, não necessitava de grande escolarização. Para ela bastava ler e escrever, às vezes nem isto.

Para Maria Amélia (informação verbal) após um longo tempo fora da escola, retornar para os estudos representa uma conquista, no sentido de que pode contribuir com a educação dos netos. Com os filhos já maiores, sentiu a necessidade de terminar os estudos, caso os netos precisem. No entanto, não pensa em continuar, fazer um curso superior. Sente-se culpada por abandonar a família por conta do tempo dedicado ao trabalho e aos estudos. Mas almeja também, com a conclusão dos estudos, conseguir um outro emprego que não precise trabalhar aos sábados.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII.** [abr. 2016]. que nem eu digo: eu não sei se eu vou aproveitar alguma coisa do meu estudo, do ensino, assim, médio, porque faculdade não pretendo concluir, sabe, porque até lá, quem sabe, tem mais neto e tudo. Eu assim que eu já abandonei muito a família assim, vive estudando e trabalhando, né, não é fácil, então eu penso assim: se eu terminar o médio, já está bom, porque não sei se depois a gente consegue. Gostaria de ter um servicinho melhor né, pra trabalhar menos. Que tem quantos serviços que não trabalha sábado.

Apesar das nossas entrevistadas colocarem as dificuldades em orquestrar o trabalho remunerado com a escola, ficou claro que para elas a escola

representou e representa um grande passo na busca por uma vida melhor, mesmo que o objetivo maior seja a conclusão do ensino médio. Esta condição de estudante trouxe para as nossas *Marias* uma valorização enquanto sujeitas de sua própria história, ao possibilitar que se desvencilhassem das amarras que as condições vivenciadas por elas quando crianças lhe impuseram.

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. Agora que estou concluindo, por falta de tempo. E tipo quanto aos estudos é muito importante na vida de uma pessoa. Queria pensar assim lá anos atrás. Acho que a minha vida seria diferente, se eu tivesse estudado.

Quando perguntada se os estudos ajudaram em sua vida, no trabalho ou nas relações com outras pessoas, ela respondeu: “Ajudou muito. Nossa, eu aprendi muito depois que eu voltei, assim, nem comparação. Então, sabe, muita coisa” (BONITA, Maria. **Entrevista I.** abr. 2016). Para ela a escolarização, além de servir como forma de aprender mais também representa a possibilidade de ajudar a filha, que foi quem representou para Maria Bonita (informação verbal) a decisão de retornar para a escola.

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. Quando a minha filha entrou na segunda série da aula, eu como só tinha a quinta série, aí caiu a ficha, sabe. Tinha coisas que ela perguntava para mim e eu não sabia ensinar ela. Aquilo foi me dando uma agonia, vou ter que aprender para ajudar ela, né. Voltei a estudar. Imagina na quinta série, eu fui indo. Voltei a estudar em 2005, só que daí eu fui indo aos pouco no CEEBJA. Da maneira que eu podia eu ia.

E complementa, sobre os efeitos dos estudos na sua vida:

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. Melhora muita coisa. Você, você tem uma mente mais aberta, mais inteligente, você pensa nas coisas. A tua vida anda para a frente, mais rápido, quando você estuda. Vejo a inteligência da minha menina, eu admiro ela, sabe, por isto nunca deixei ela fora da escola, valorizo muito isto.

Para Maria Esperança (informação verbal), o tempo dos estudos é dividido entre o trabalho como serviços gerais em uma escola e o trabalho

doméstico em casa. Para ela a escola representa uma vitória diante das dificuldades que passou. Quando pequena tinha grandes dificuldades para frequentar a escola, tais como a distância de sua casa para a escola, a privação de alimentos por que passou e de um mínimo de conforto. Tudo isso leva a que ela valorize muito seus estudos. Ela relata que não abre mão de estar na escola por nada, e que organiza a rotina da casa e do trabalho da melhor forma possível para que a noite possa frequentar o CEEBJA.

Quando perguntada sobre ter que abandonar a escola por causa do trabalho na escola, foi enfática: “Não jamais, falta pouco. Daí eu volto a levar o material a hora que eu saio de casa pra trabalhar” (ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** abr. 2016). Para esta trabalhadora/estudante a escolarização representa além de vitória pessoal, a oportunidade de conseguir outro trabalho remunerado e o ingresso na faculdade. Ela quer ser pedagoga.

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. Olha o CEEBJA hoje em dia é uma porta aberta sabe pra mim, pro meu futuro. Que eu me vejo assim eu lá na frente, eu indo pro CEEBJA. Porque além de eu trabalhar o dia todo, nossa minha maior alegria é eu chegar no CEEBJA, sabe, porque lá eu sei que eu me dedicando eu vou conseguir ir além, sabe, porque eu tenho uma vontade tão grande de estuda, de ser professora, de não se mais zeladora. Até, por sinal, zeladora é um serviço honesto, eu não reclamo de eu ser zeladora, né, porque me trouxe muitas, assim, me ajudou bastante, né.

Fica claro nos depoimentos das sete mulheres entrevistadas que o tempo dos estudos é um tempo importante na rotina diária e que elas precisam demandar de algumas horas do dia para as atividades escolares. No entanto, ao se dedicarem ao tempo escola acabam sobrecarregando ou outros tempos, ou seja, a rotina diária que já era bem pesada passa a ser quase que uma maratona.

Os cuidados, ou como já mencionado, o trabalho não remunerado é, sem dúvida, o tempo que mais rouba os esforços das mulheres. Para cuidar da casa e dos filhos, as trabalhadoras/estudantes deixam de realizar outras atividades importantes para a manutenção da vida.

Cuidar é um devorador de tempo, que até agora tem se concentrado em alguns grupos sociais, mas pouco afetou a vida dos outros [...] o tempo de trabalho não remunerado que realizamos ao longo do ano supera em muito o tempo destinado ao mercado de trabalho. No entanto, ignoramos o seu valor. (DURÁN, 2010a, p. 20).

O trabalho doméstico tem se apresentado, nos relatos das nossas entrevistadas, como uma atividade que demanda muitas horas diárias para a sua manutenção, e que orquestrá-lo com o tempo de trabalho remunerado e dos estudos não é uma tarefa muito fácil.

BONITA, Maria. **Entrevista I.** [abr. 2016]. Faz 17 anos que eu trabalho. Eu sempre cuidando de tudo, do salão, da casa, dela [sua filha], porque ela nunca trabalhou fora, até agora não. Eu quero que ela se dedique aos estudos. É mais difícil para a mulher, muito mais, porque você tem muita exigência em casa, você tem muita coisa para fazer, e mais o trabalho que você tem que se dedicar.

VITÓRIA, Maria. **Entrevista II.** [abr. 2016]. Faço domingo, faço de madrugada, vou tomar um banho já lavo o banheiro, to fazendo um almoço, almocinho, rapidinho, já to passando um pano nos armários. Hoje já deixei a máquina batendo, chego já penduro, e eu vou fazendo assim nos intervalos. Ontem eu saí o dia inteiro. Eu saí daqui no sábado era umas nove horas da noite, cheguei em casa já passei pano em tudo, limpei a casa, deixei limpinha para o domingo. De tarde bati a roupa.

No relato de Maria Bonita (informação verbal) e de Maria Vitória (informação verbal) percebemos que elas assumiram para si todas as responsabilidades reprodutivas da casa, como reflexo das relações patriarcais, que naturalizam a função de dona de casa. Outras pesquisas podem e devem investigar como a ideologia patriarcal acaba resultando em expectativas sobre os papéis sociais e de como isso acaba sendo naturalizado e resultando em ações cotidianas que reproduzem justamente estas relações de dominação sobre as mulheres.

Maria Esperança (informação verbal), por exemplo, deixa claro em suas palavras que, mesmo contando com a ajuda do marido para algumas pequenas

coisas, a sobrecarga de atividades que precisa desenvolver cotidianamente para poder estudar é árdua.

ESPERANÇA, Maria. **Entrevista V.** [abr. 2016]. É bem puxada, a minha vida assim é bem corrida, sabe. Tem dia assim, o meu esposo ele me ajuda, ele faz comida, ele faz almoço, né. Mas então eu saio sete e meia, sete e vinte, chego onze e meia, o almoço está pronto. Eu almoço ligeirinho e já vou lavando a louça, deixando tudo limpo, porque de tarde, chego tomo banho e saio. Eu gosto de deixar tudo arrumadinho, e infelizmente a minha menina não me ajuda. Daí eu cobro, mas não muito, porque daí eu quero que ela também se dedique aos estudos, né. É bem corrido assim pra mim, tem dias que eu acho que vai sair o meu coração pela boca. Eu não tenho tempo pra nada. É chegar, comer, arrumar, limpar, isto e aquilo, daí eu tenho que bater o ponto.

No entendimento de Hirata e Zarifian (2009), o trabalho produtivo, para as trabalhadoras, está diretamente ligado ao reprodutivo, tendo reflexo direto na forma como adentraram e como permanecem no mundo do trabalho: como classe superexplorada.

As relações sociais de sexo permitem assim lançar sobre esse duplo desafio um olhar particularmente revelador. Pois, de um lado, a captação do tempo pelo outro não pode mais ser reduzida somente ao tempo de trabalho assalariado. Percebe-se que o tempo do assalariamento é condicionado pelo tempo do trabalho doméstico. E, quando as mulheres começam a entrar massivamente no assalariamento, é sob um status duplo: como assalariadas e como portadoras das condições gerais – temporais – do assalariamento. De outro lado, a produção de viver, por interpelar a dimensão útil do trabalho, é levada pelas mulheres além das fronteiras das esferas de vida nas quais os homens estão estabelecidos e exercem sua dominação. Para as mulheres, os limites temporais se dobram e multiplicam entre trabalho doméstico e profissional, opressão e exploração, se acumulam e articulam, e por isso elas estão em situação de questionar a separação entre as esferas da vida – privada, assalariada, política – que regem oficialmente a sociedade moderna (HIRATA; ZARIFIAN, 2009, p. 254).

No relato de Maria Flor (informação verbal), ao ser perguntada sobre a participação do ex-marido nos afazeres doméstico, ela relata que o fim do casamento aconteceu exatamente por ele não dividir as tarefas domésticas e os

cuidados com os filhos, e que por isso ficava sobrecarregada, passando os finais de semana cuidando da casa e do filhos.

FLOR, Maria. **Entrevista VI.** [abr. 2016]. Não, até foi o motivo da nossa separação. Ele não ajudava em nada, era raramente, até hoje ele fala eu me arrependo, vamos voltar eu vou mudar, só que não muda. A gente já tentou e não mudou. Se agora é corrido em a mãe, lá era mais. Chegava no sábado eu tinha que deixar a roupa lavada, organizada, passada, dobrada pra semana. Já organizada para o trabalho, para as crianças irem pro colégio, pra creche, tudo organizado. Geralmente ele não queria ajudar, raramente ele ajudava, lavava a louça, fazia uma comida, fora isso a rotina era minha mesmo. A gente como mulher compra muito tudo, prefiro fazer do que mandar os outros fazer.

No relato de Maria Flor (informação verbal) podemos deduzir pelo menos duas verdades sobre o trabalho doméstico: 1) a relação dos demais membros da família com as atividades de cuidados com a casa e os filhos é, na sua grande maioria, uma relação de “ajuda” à mulher; 2) a naturalização sobre o papel das mulheres pelos homens, apesar de que o caso narrado atesta uma reação a isso e a separação do marido.

Quando a mulher “compra” para si toda a responsabilidade sobre os filhos e sobre o cuidado com a casa ela reforça a condição da mulher sobre o seu papel e seus atributos, socialmente constituídos. Outro relato de uma das nossas entrevistadas corrobora com o pensamento acima.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII.** [abr. 2016]. Mesmo que nem agora que eu trabalho e estudo ele também colabora, ajuda, faz o que pode, não igual a gente, porque é poucos homens que são melhor que dona de casa. Então o mínimo ele faz, bem por cima, mas serve.

Na pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e Sesc e compilada por Venturi e Godinho (2013) foi lida a seguinte afirmação para os/as entrevistados/as: “Os homens, mesmo que eles queiram, não sabem fazer o trabalho de casa”. Ao serem perguntadas se concordavam ou não com esta afirmativa, 45% das mulheres concordaram e 47% não concordaram; em relação aos homens 49% dos homens concordaram e 41% não concordaram. Estes

dados confirmam como de fato a ideologia patriarcal se concretiza nos atos e pensamentos sobre os papéis sociais de sexo.

De fato, no imaginário social existem tarefas de casa que são delas e outras que são deles, como afirma Maria Clara (informação verbal) em seu relato.

CLARA, Maria. **Entrevista III**. [abr. 2016]. Porque assim quando eu não posso fazer, porque eu tenho pesquisa, trabalho, eu peço ajuda para mãe, para a minha mãe, para a minha vó. 'Será que você pode fazer isto por mim?'. Troca os dias, se ela fez hoje por mim amanhã eu faço por ela. Ah! os homens é mais ou menos, é mais a mulher [...] Assim, eles fazem mesmo o trabalho braçal porque mulher não pode fazer, tipo cortar uma lenha, cortar a grama, mas o resto que é mais leviano, limpar casa, lavar louça, lavar roupa, a gente se organiza bem, entre mulher, porque é bastante mulher.

Os relatos de Maria Clara (informação verbal) e de outras das nossas entrevistadas nos permitem fazer outras afirmações: a divisão das tarefas de cuidados com os filhos e com a casa, quase sempre, é feita com outras mulheres da família, sendo que em poucos momentos, há a participação dos homens, como uma "ajuda", ou seja, como se de fato isto não fizesse parte intrínseca do papel masculino, como se os cuidados nada tivessem que ver com eles.

Para Maria Amélia (informação verbal), que trabalha como empregada doméstica, a percepção de que o trabalho reprodutivo não é valorizado, mostra que ainda temos muito que discutir sobre o trabalho doméstico dentro dos lares.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII**. [abr. 2016]. Eu acho injusto, porque mesmo a dona de casa, pensando bem, ela trabalha muito mais que qualquer homem, qualquer outro serviço. Que nem eu digo assim: eu volto da aula eu ainda tenho serviço, eu continuo fazendo e a maioria dos homens acha que não, terminou ali o expediente dele não precisa fazer mais nada. E o que a mulher tem que passar com os filhos, e tudo, porque não é fácil. Quem tem criança sabe que não é fácil né, tanto que cuida e a gente não ganha nada por isso. E ainda tem que esperar tantos anos para até se aposentar. Além de cuidar da criança tem que cuidar da casa, tem roupa, tem tudo. Que nem eu digo: o serviço da dona de casa, que nem agora, secretária do lar que dizem, então tinha que ser bem valorizado porque além de tudo a gente faz, faz, faz, e nunca tá feito. Virou as costas, se duvidar, a pia já tá cheia de novo, o chão se ninguém cuida já tá sujo de novo. É roupa, que troca um monte de vez por dia, quando é de noite já tá um monte

pra lavar. E não é valorizada, né, porque quantos caso que ainda a mulher sofrem tanto, por causa de marido e tudo. Você pode fazer tudo, esqueceu de fazer uma coisinha, ou porque não deu tempo, aquilo que você não fez eles arreparam que está sem fazer.

Como síntese de todas estas falas sobre os usos do tempo para as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati e de tantas outras trabalhadoras/estudantes, temos a constatação de que as mulheres são as mais sobrecarregadas com a tripla jornada, e que inclusive naturalizam esta posição, mesmo que a criticando. Para organizarem as horas do dia entre trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos dispõem esforços que vão além da disposição para estas atividades, são obrigadas a uma sobrecarga de afazeres diários.

3.3 Em cada voz, histórias que se entrelaçam

Para chegarmos até este momento do nosso trabalho traçamos um caminho que, por hora, nos pareceu o mais adequado para a análise do nosso objeto e para dar, minimamente, algumas respostas sobre a pergunta central: entender como se dá a divisão dos tempos na vida das mulheres, ou seja, como elas organizam as horas diárias entre a jornada de trabalho, estudos e cuidados domésticos, tendo como recorte as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati.

Cabe aclarar que para o conhecimento do nosso objeto nos apropriamos da teoria social de Marx, por entendermos que para compreendê-lo na sua essência e não somente na aparência, é necessário conhecer a totalidade, a concretude dos sujeitos envolvidos. Assim, após o levantamento do aporte teórico, realizado no primeiro capítulo, sobre o patriarcado, a sociedade capitalista e o tempo como elementos determinantes da dominação-exploração-opressão das mulheres, o segundo capítulo nos apresentou a materialidade da vida destas trabalhadoras/estudantes e os relatos das nossas entrevistadas, suas histórias, vivências e percepções na vida vivida nos conduziram para a esta breve síntese.

Cada história relatada neste trabalho é composta por pessoas únicas, determinadas por experiências e com percepções diferentes sobre o tempo que

compõe, determina e subordina a cotidianidade da vida. Assim, cada uma destas mulheres nos contou o que viveu e a forma que vivenciou em sua vida a organização do tempo, levando nos relatos a compreendermos outras dimensões da vida, como a violência e a resiliência. São pessoas reais com histórias reais. Pertencem a uma classe, à classe trabalhadora, e a uma realidade social particular, o que nos leva a concluir que para cada grupo social diferente, são também diferentes as percepções sobre a vida.

O tempo foi utilizado como categoria de análise em nosso trabalho e ele se apresentou de diversas maneiras para estas sete mulheres. Para elas o tempo não se resume ao tempo cronológico, mas também ao tempo de suas lembranças. O tempo, segundo Durán (2010a):

é considerado como um processo contínuo e homogêneo, sem começo nem fim, interminável, as unidades de medida não têm sentido. Mas as unidades de medição do tempo são fundamentais para a cultura humana. Não sabemos pensar sem agrupar e dividir o tempo (DURÁN, 2010a, p.23)

O tempo do trabalho remunerado foi determinado na vida destas mulheres por relações laborais precarizadas e exploradas. Com baixa escolarização a busca por emprego tornou-se difícil, sendo que estão presentes principalmente no setor de prestação de serviços, e, neste, nos cuidados com as famílias dos empregadores (empregadas domésticas e babás foram e são atividades que fazem parte da vida destas mulheres sujeitas da pesquisa). Esta força de trabalho utilizada como subsidiária no processo capitalista vem sendo demandada não somente em função da necessidade do capital pelo/a trabalhador/a flexível, em tempo parcial, mas também por uma vinculação à condição feminina na sociedade e a naturalização de suas características voltadas para determinados tipos de trabalhos (SAFFIOTI, 2013).

Historicamente, essas mulheres não tiveram sua experiência restrita à esfera doméstica, mas acumularam, com frequência, empregos com baixa remuneração e a responsabilidade pelo trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. A divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico, juntamente com a baixa oferta de serviços como creches, reduz ainda mais as opções e o tempo

livre das mulheres pobres e negras, ou seja, o pertencimento a um grupo social, a partir de um aspecto determinado da identidade dos indivíduos, não define isoladamente sua posição. É a interação entre diferentes 'traços' e diversos elementos das suas trajetórias e pertencimentos que define sua identidade (BIROLI, 2014, p. 114, grifo da autora).

A trajetória escolar exteriorizada pelas entrevistadas foi permeada por uma temporalidade não regida pelo tempo da escola, mas por tempo de crianças que foram "roubadas" e pela busca por condições melhores de vida. Na contemporaneidade de suas vidas, o tempo dos estudos é/está subordinado aos demais tempos da vida, especialmente do trabalho remunerado e dos cuidados.

Estas trabalhadoras/estudantes vivenciaram momentos de privação quando crianças e de escolhas difíceis na adolescência e juventude, que as conduziram até os estudos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no CEEBJA - Irati. O aprendizado para elas se constituiu muito mais fora da escola do que dentro dela, tanto que pouco se clarifica sobre os conteúdos escolares, mas da escolarização em geral, algo que pode e deve servir de base para outras pesquisas. Este fato dá vida às palavras de Mézáros (2008, p. 53), para quem: "a aprendizagem é a nossa própria vida".

A escolarização foi tratada por elas como uma forma de superação das próprias dificuldades, como forma de tornar-se sujeitas de suas histórias, e, principalmente como forma de serem reconhecidas como sujeitas importantes na educação dos filhos/netos. Assim, segundo Mézáros (2008):

o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 53, grifo do autor).

O tempo dos cuidados apareceu como elemento constitutivo dos demais tempos. As atividades domésticas foram relatadas pelas entrevistadas como determinantes na realização das demais atividades.

A reprodução da força de trabalho se insere na totalidade da produção de um modo de vida condizente com a sociabilidade capitalista. A noção de reprodução da força de trabalho fornece a moldura para se pensar os atributos da reprodução social. (GAMA, 2014, p. 42-43).

Ao apresentarem suas rotinas de atividades diárias elas nos levaram a reflexões pertinentes para o entendimento de como o trabalho reprodutivo torna-se, por uma perspectiva, relevante e subsidiário para o sistema capitalista e, por outra, determinante de funções socialmente construídas para homens e mulheres.

Corroborando com as nossas conclusões iniciais, Gama (2014) nos alerta que, devido às mudanças ocorridas na organização de produção e nas famílias, o trabalho doméstico vem de encontro com o gerenciamento entre o âmbito familiar e outras instituições ligada à reprodução. Complementa dizendo que é preciso, para tanto, ir além de tornar visível o trabalho reprodutivo e aponta algumas justificativas:

Em primeiro lugar, mostrar que esse trabalho produz valores que contribuem para a riqueza da sociedade. [...] Em segundo lugar, as alterações na organização do trabalho com as formas flexíveis de produção o espaço doméstico mais um espaço de produção de bens e serviços, tornando fluidas as conexões entre as atividades dentro e fora do mercado de trabalho. [...] Em terceiro, tanto em países ricos como em países pobres, os desempregados e aqueles excluídos da vida econômica têm que adotar estratégias de sobrevivência que incluem a expansão do trabalho sem remuneração. Em quarto, as transformações por que passam as famílias fazem surgir novas equações para o entendimento do conflito entre trabalho produtivo/reprodutivo. E, por último, a redefinição da relação de subordinação da reprodução à produção na sociedade capitalista. (GAMA, 2014, p. 44-45).

Todas estas particularidades e percepções se entrecruzam nos relatos das sujeitas que tornaram possível esta síntese. Relatos de vivências vividas ao longo da vida e que repercutiram na trajetória laboral e escolar de cada uma. Importante deixar claro que esta trajetória nem sempre foi traçada por escolhas livres, mas que foram permeadas por escolhas únicas e possíveis dentro de uma sociedade com marcadores de sexo, raça/etnia e de classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento em que, após nos debruçarmos sobre teorias, dados de amplas pesquisas, dados empíricos e relatos de mulheres reais, as trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati, as que denominamos *Marias*, podemos tecer algumas considerações e respondermos alguns dos questionamentos a que nos propusemos na pesquisa. Elegeu-se como objetivo geral analisar os sentidos do uso do tempo e da escolarização a partir das percepções das trabalhadoras estudantes no CEEBJA de Irati.

Para tanto, é necessário voltarmos ao início de tudo e dedicarmos algumas linhas para a retomada desta caminhada. O interesse pelo estudo das mulheres e a tripla jornada, composta pelo trabalho remunerado, pelos estudos e pelos cuidados, surgiu da minha própria vivência enquanto trabalhadora, estudante e dona de casa, mas também pelas indagações surgidas nas disciplinas do mestrado. A vontade de compreender como se dava esta relação nos conduziu até aqui. Para tanto, o caminho escolhido foi a pesquisa com mulheres reais, com trabalhadoras/ estudantes que estivessem vivenciando cada tempo deste em suas vidas, e que por outra parte tiveram e tem suas vidas marcadas pela sobrecarga que resulta desta tripla jornada.

A construção teórica se deu através dos estudos sobre a sociedade patriarcal e capitalista. O patriarcado, surgido muito antes do capitalismo, encontrou neste a âncora para reforçar a condição de dominação-exploração-opressão da mulher. Neste tipo societário a mulher trabalhadora torna-se o lado mais vulnerável da relação e passa ser explorada em todos os espaços, público e privado, assegurando aos homens e aos seus descendentes, a manutenção da vida dentro e fora dos lares. A espinha dorsal da condição da mulher nas relações sociais de sexo, fortemente construídas pela naturalização do ser mulher e do ser homem e na divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 2015).

Outro aporte teórico importante foi a categoria tempo, determinante da condição das mulheres trabalhadoras. Para as sujeitas da pesquisa, o tempo cronológico convive com tempo das vivências. Neste sentido, o tempo, além de ser determinado pelas horas do dia e pela organização destas horas em

atividades relevantes para a produção e reprodução, fator econômico, configura-se também como um fator social, determinante das demais relações dentro da sociedade (DURÁN, 2010; 2010a).

A partir deste aporte teórico, sentimos a necessidade de trazer para as discussões um terceiro elemento do ciclo de dominação-exploração-opressão da mulher trabalhadora: a precarização e feminização do trabalho. As mulheres sempre estiveram em frentes de trabalho remunerado, mas sempre foram o lado mais vulnerável da relação entre capital e trabalho. Esta afirmação se sustenta pelos dados de pesquisas compilados ao longo do trabalho, e que demonstram a desfavorável comparação das trabalhadoras em relação aos trabalhadores. Estudar esta condição é importar-se com a situação das mulheres enquanto seres sociais e sua posição na sociedade (MARUARI, 2016).

Com base na teoria estudada a análise dos dados empíricos e dos relatos das trabalhadoras/estudantes pudemos nos debruçar sobre os objetivos específicos a que nos propusemos e que foram expostos na introdução deste trabalho: a) discutir o uso do conceito patriarcado e analisar os dados socioeconômicos das mulheres no Brasil contemporâneo; b) compreender como as trabalhadoras/estudantes dividem seu tempo entre trabalho(s), estudo e cuidados e; c) analisar os sentidos dos usos do tempo e da escolarização na vida das trabalhadoras/estudantes.

O primeiro objetivo foi abordado no primeiro capítulo e nos apresentou uma realidade cruel para a classe trabalhadora em geral, e, em especial, para as trabalhadoras. A relação entre capital e trabalho na sociedade capitalista tem suas bases na venda da força de trabalho organizado pelo tempo cronológico. O tempo determinado do trabalho remunerado destinado à produção de bens e serviços ocupa uma parcela considerável das horas diárias da classe trabalhadora e, conseqüentemente, sobre a vida material destes.

Para a trabalhadora o tempo dedicado ao trabalho remunerado gera conflitos e sobrecarga sobre os demais tempos, pois a responsabilidade sobre o trabalho reprodutivo fica ainda a cargo delas. A produção da vida material está condicionada aos determinismos do tempo destinado a cada atividade do/a trabalhador/a.

No caso específico das trabalhadoras, as pesquisas internacionais e nacionais revelaram que, apesar de serem a maioria da população mundial e brasileira, convivem com distorções e diferenças gigantes em relação à forma de ingresso aos postos de trabalho, às condições de trabalho, perfazendo ainda salários mais baixos que dos homens. Estas condições são agravadas quando colocamos lado a lado o trabalho realizado fora e dentro de casa. Enquanto as horas dedicadas para o trabalho remunerado é maior para os homens, no trabalho não remunerado a situação se inverte, as mulheres dedicam mais horas diárias. Acrescidas a estas horas a mais de trabalho em casa do que os homens, as mulheres ainda são as responsáveis pelo cuidado com os filhos. Para as mulheres com filhos este número de horas de trabalho doméstico é aumentado em pelo menos três horas (VENTURI; GODINHO, 2013).

A constatação de que as trabalhadoras são as mais prejudicadas na relação com as horas dedicadas à produção e reprodução demonstrou que estas duas atividades se sobrepõem ao tempo de estudo, em especial para as mais pobres e de classe menos favorecida. Para se dedicarem aos estudos, as trabalhadoras precisam lidar com questões muito particulares como a negociação junto aos patrões e aos familiares. Esta negociação nem sempre é colocada de forma justa e adequada. Muitas vezes para darem conta das atividades escolares precisam deixar de lado atividades de cuidados consigo mesmas e de lazer.

Mesmo com todas estas contradições, as mulheres possuem mais anos de escolaridade que os homens em todas as modalidades de ensino. São as que menos abandonam a escola e, no caso da EJA, são as que mais retornam aos bancos escolares para terminarem os estudos. No entanto, esta situação favorável de escolarização não lhes garante melhores condições de trabalho remunerado e nem tem contribuído para acabar estruturalmente com as diferenças perpetradas pelas relações sociais de sexo, afinal estas relações são estruturais e estruturantes desta forma de sociabilidade capitalista, e sua plena superação, de fato, só ocorrerá com a superação desta forma de sociedade. Assim, foi importante nas análises dos nossos dados empíricos a clareza que a classe trabalhadora tem “dois sexos” (SOUZA-LOBO, 1991), raça/etnia diferentes

e percursos laborais diferenciados e marcados pela condição de um e de outro na sociedade patriarcal e capitalista.

Partindo do que expusemos, os capítulos dois e três foram destinados ao tratamento dos dados empíricos como propósito de atender aos outros dois objetivos do nosso trabalho. Para este momento contamos com as respostas das noventa e cinco respondentes e dentre estas, sete deram suas contribuições com relatos sobre suas vidas e a rotina estabelecida entre o trabalho remunerado, cuidados com a casa e os familiares e a escola. A coleta dos dados, além de nos revelarem a materialidade da vida das trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati sobre as percepções dos usos do tempo e da escolarização em suas vidas, revelaram aspectos, fatos e percursos derivados das condições impostas a elas pelo patriarcado, e que foram categorizadas e apresentadas no último capítulo. Estes aspectos nos conduziram a análises mais aprofundadas sobre a relação destas mulheres com a família e possibilitaram averiguar as formas como reagiram diante das adversidades da vida. Para algumas delas a reação veio justamente no retorno para a escola.

Tendo como método de investigação a teoria social de Marx, o conhecimento do objeto se dá por meio da aproximação que o/a pesquisador/a faz com a realidade onde os sujeitos estão inseridos. Nas palavras de Netto (2011), o conhecimento do objeto se dá através da sua essência, como ele é em si mesmo, na sua existência real, independente das aspirações do/a pesquisador/a. Desta forma, apesar de termos muito claro os objetivos da nossa pesquisa, os fatos reais nos apresentaram outras análises, outros movimentos, dialogicamente interpelados pela subjetivação e pela intersubjetividade das sujeitas da pesquisa e a pesquisadora. O recorte de uma parcela da totalidade possibilitou o entendimento de uma realidade mais ampla, corroborando com determinado *corpus* teórico, mas, ao mesmo tempo, colocando para a teoria, especialmente para as teorias críticas clássicas, como o marxismo, a necessidade de incorporar estas sujeitas, mulheres, trabalhadoras, cuidadoras, estudantes, e os trabalhos reprodutivos que realizam e que dão sustento ao capitalismo, como ponta de lança de suas reflexões.

As trabalhadoras/estudantes do CEEBJA – Irati são mulheres com percursos de vida muito semelhantes, mas com particularidades, principalmente no quesito geracional. Para as mais velhas a vida apresentou dificuldades muito mais acentuadas e determinantes sobre escolhas em relação à escola do que para as mais novas. Para as primeiras o abandono escolar se deu por dificuldades familiares e por uma questão geográfica também. Muitas delas eram de localidades rurais ou os pais acabavam mudando de casa com frequência. Para outras, a pobreza e o uso de álcool pelo pai foi fator decisivo no abandono escolar e no ingresso precoce no mercado de trabalho. Para as segundas, a chegada até o CEEBJA está relacionada à organização das disciplinas no sentido de uma conclusão mais rápida do ensino médio ou por terem engravidado e terem que se dedicar à criação dos filhos.

Em relação ao tempo destinado a cada uma das esferas da vida aqui investigadas, ou seja, o tempo do trabalho remunerado, o tempo dos cuidados e o tempo dos estudos, as trajetórias são muito semelhantes, e, como apresentamos ao longo do texto em relação às pesquisas nacionais, o perfil destas mulheres se aproximam com as demais mulheres brasileiras nas mesmas condições. Elas ocupam trabalhos com salários baixos que exigem pouca escolaridade e as atividades domésticas demandam uma parcela considerável das horas diárias, dificultando as outras atividades, demonstrando, assim, que para ocuparem postos de trabalho remunerado, as mulheres acabam sobrecarregadas com os cuidados e com os estudos. Segundo Costa (2013, p. 50), “[...] a vida cotidiana, em particular a doméstica, pode piorar muito para as mulheres, exatamente com a conquista de maior autonomia”.

A presença das mulheres no mercado de trabalho representa maior autonomia e liberdade, mas também uma sobrecarga diária de atividades, acarretando um distanciamento cada vez maior entre os papéis sociais destinados a homens e mulheres. Nos relatos das entrevistadas, constatamos estas afirmações. Elas declaram que os trabalhos domésticos são realizados por elas ou por outra mulher da família, e que a participação masculina é pequena e na forma de “ajuda”. Não há uma divisão igualitária destas tarefas e uma consciência de que todos são responsáveis pelos cuidados com a casa e os

filhos, mesmo nos casos em que a mulher trabalhe “fora”, ou seja, que tenha um trabalho remunerado. Para darem conta da tripla jornada entre trabalho remunerado, cuidados e escola, elas precisam abdicar de coisas importantes como os cuidados pessoais ou outras formas de liberdade, como o simples fato de estarem sozinhas ou fazer coisas para si próprias.

No entanto, apesar das abdições cotidianas, o retorno à escola, na modalidade EJA, representa para estas mulheres uma forma de superação em suas trajetórias passadas, bem como representa um passo para planos futuros de melhoria de vida para si e para a família, que, como ficou evidenciado na primeira categoria, é o ponto de partida e de chegada para os esforços envidados por estas mulheres.

Também a resiliência foi uma categoria bastante presente na vida destas mulheres, que enfrentaram dificuldades as mais diversas, e, mesmo assim, resolveram seguir em frente, superar tais dificuldades, enfrentando as contas com o passado para poder viver o presente e o futuro. A resiliência, inclusive, fez com que estas mulheres superassem episódios de violência física, sexual e simbólica, que poderiam afetá-las de forma indelével, mas que, sob perspectiva, as fizeram mais fortes, conforme os relatos confirmam.

Enfim, na medida em que as relações sociais de sexo são estudadas e trazidas nesta pesquisa como a espinha dorsal das nossas análises, percebemos o que está por trás da naturalização do feminino: a manutenção da estrutura patriarcal e capitalista. Enquanto for favorável para a produção de bens e serviços e reprodução do cotidiano dentro dos lares, a condição da mulher ainda permanecerá suscetível a manutenção do *status quo*. O relato de Maria Celeste (informação verbal) ilustra esta nossa afirmação:

CELESTE, Maria. **Entrevista IV**. [abr. 2016]. Eu segui o ritmo da minha mãe e ele foi se acostumando com isto. Mesmo depois da morte da minha mãe, ele foi se acostumando com almoço, café e janta. Eu chegava da escola que eu estudava à tarde, eu já tomava um banho, já ia fazer a janta, ele chegava do serviço, ou a janta tava em andamento, ou a janta já tava pronta. Ele tomava banho e ia jantar.

A reprodução do cotidiano da mãe e a preocupação em manter tudo como ela deixou, demonstra que a ideologia do patriarcado é perpetuada por gerações e se mantém muito mais vivo do que nunca. Não só os homens reproduzem esta relação de dominação e subordinação, como as mulheres também fazem questão de reafirmar que a condição ideal é aquela onde elas estão a serviço do homem/marido/companheiro. Em outro relato de Maria Celeste (informação verbal) ao falar da atual namorada do pai, percebemos uma reprodução da condição da mulher nesta sociedade.

AMÉLIA, Maria. **Entrevista VII**. [abr. 2016]. Ela faz tudo dentro da casa e fora, mas a comida ela não, sabe. Ela já falou que não gosta de fazer comida. Mas eu acho assim, também que ela está com ele, ela tá cuidando tudo, mas isto ela tinha que fazer. Conversei com ela já, daí ele fica meio transtornado.

A fala de Maria Celeste (informação verbal) indica o caminho que ainda precisamos construir para a desnaturalização das relações patriarcais, e o peso que estas relações tem na vida das mulheres, que ao se verem naturalmente imbuídas de tais papéis sociais, acabam por sobrecarregar-se e, inclusive, culpabilizar-se pelas “ausências” e “faltas” em relação aos cuidados com a família, pelo simples fato de voltar a estudar ou trabalhar “fora”.

Desta forma, o presente trabalho pretende contribuir, ainda que de forma inicial, com as discussões sobre os usos do tempo pelas trabalhadoras/estudantes e abrir novos caminhos para estudos futuros. Assim, mesmo tendo a clareza que nem todas as perguntas, surgidas ao longo da construção deste texto, foram respondidas, mas tendo também a noção que não seriam, concluímos com a citação que iniciamos: “ Não se nasce mulher: torna-se” (BEAUVOIR, 2016).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. A situação da mulher Latinoamericana: o mercado de trabalho no contexto da reestruturação. *Revista Proposta*, n. 88-89, mar.-ago. 2001. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/A_mulher-e-o-mercado_de_trabalho/017%20-%20A%20situa%E7%E3o%20da%20mulher%20latino-americana.pdf. Acesso em: 22 jul. 2016.

ABRAMO, L.; VALENZUELA, M. E.. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: uma repartição desigual. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016

ABREU, A. R. de P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ABREU, R. de P.; OLIVEIRA, C. F. A de.; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. dos S. Presença Feminina em ciência e tecnologia no Brasil. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALEMANY, C. Violências. In: HIRATA, H. et al. (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

ALVES, G.L. *A produção da escola pública contemporânea*. Campo Grande: UFMT; Campinas: Autores Associados, 2001.

ANTUNES, R. L. C. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2.ed. 10.reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARANTES, P. C. Kairós e chronos: origem, significado e uso. *Revista Pandora Brasil*, dez, Nº 69, 1-15, 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf Acesso em: 12 jun. 2017.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FVG, 2005.

ÁVILA, M. B. de M. A dinâmica do trabalho produtivo e reprodutivo: uma contradição viva no cotidiano das mulheres. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década*

de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2013.

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V (orgs). *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Recife: SOS Corpo, 2014.

AZEVEDO, J.; FONSECA, A. M. *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho: a expressão de uma outra sociedade*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2007.

BADINTER, E. *La mujer y la madre*. Madrid: Cedro, 2011.

BARLACH, L. *O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito*. São Paulo. Dissertação de Mestrado (Psicologia Social). Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, São Paulo, 2005. 119p.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERNARDIM, M. L. *Educação do trabalhador: da escolaridade tardia à educação necessária*. Guarapuava: Unicentro, 2008.

BIROLI, F. *Autonomia, dominação e opressão*. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Família: novos conceitos*. Coleção o que saber. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014a.

BOURDIEU. P. *A dominação masculina*. Lisboa: Antropos, 2013.

BRANDÃO, J. M.; NASCIMENTO, I. F. G. *A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens*. *Revista Paidéia*, maio-ago, Vol. 21, No. 49, 263-271, 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4110706> . Vários acessos.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada et.al. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4.ed. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf> Vários acessos.

BRASIL. *Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher Pesquisa de opinião pública nacional*. Brasília: Data Senado, Secretaria Especial de Comunicação Social. 2011. Disponível em: www.senado.gov.br/noticias/opiniaopublica. Vários acessos.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mulher no mercado de trabalho : perguntas e respostas. 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_no_va/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf Vários acessos.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Relatório Nacional de Acompanhamento. Brasília: IPEA, MP, SPI, 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores. 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf> Vários acessos.

BRASIL, Ministério da Educação. Relatório Educação para Todos no Brasil, 2000-2105. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002326/232699POR.pdf> . Vários acessos.

BRASIL, IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios : síntese de indicadores 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf> Vários acessos.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada et.al. Mulheres e Trabalho: breve análise do período 2004-2014. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160309_nt_24_mulher_trabalho_marco_2016.pdf Vários acessos.

BRAUDEL, F. *La dinámica del capitalismo*. México: FCE, 1986.

CARRASCO, C. *Con voz propia: la economía feminista como apuesta teórica y política*. Madrid: Kadmos, 2014.

CYRULNIK, B; CABRAL, S. Resiliência: ações pela reinstauração de um futuro. In: COIMBRA, R. M.; MORAIS, N. A. de M. (orgs). *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CISNE, M. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 2.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

COSTA, A. O.; SORJ. B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (orgs). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FVG, 2008. p.69-87.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. (orgs.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

DIGHIERO, k. B. *Las políticas y el cuidado en América Latina: Una mirada a las experiencias regionales*. , 2015. Disponível em: http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37726/S1500041_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y Vários acessos.

DURÁN, M. A. *Tiempo de vida y tiempo de trabajo*. Bilbao: Fundación BBVA, 2010.

_____. *O valor do tempo: quantas horas te faltam por dia?*. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010a.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Escala Educacional, 2009.

FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FEUVRE, N. L. Modelos de feminização das profissões na França e na Grã-Bretanha. In: COSTA, A. O.; SORJ. B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (orgs). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FVG, 2008. p.299-314.

GAMA, A. de S. *Trabalho, família e gênero: impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2014.

GONZÁLEZ, P. C. G.; CAÑETE, M. J. M. Identidades resilientes, identidades creativas. ¿ Acaso la botella ES siempre verde?. In: GONZÁLEZ, P. C. G.; CAÑETE, M. J. M. *Creatividad, comunicación y educación: más Allá de las fronteras del saber establecido*. Málaga: Innovación Educativa, 2016.

GRANATO NETTO, N. N.; GERMER, C. M. A evolução recente do mercado de força de trabalho brasileiro sob a perspectiva do conceito de exército industrial de reserva. *Revista Ciências do Trabalho*. v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <http://rct.dieese.org.br/rct/index.php/rct/article/view/24> Acesso em 20 nov. de 2016.

GUIMARÃES, N. A.; BRITTO, M. M. A. Desemprego, padrões de trajetória e segregação em Paris e São Paulo. In: COSTA, A. O.; SORJ. B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (orgs). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FVG, 2008. p.69-87.

_____. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GUIRALDELLI, R. *Desigualdades de gênero no mundo do trabalho: as trabalhadoras da confecção*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

GUZZO, R. S. L. Resiliência, um conceito contraditório: a importância do debate. In: COIMBRA, R. M.; MORAIS, N. A. de M. (orgs). *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. Mulheres brasileiras: relações de classe, de “raça” e de gênero no mundo do trabalho. *Revista Franco-Brasileira de Geografia* [Online], n. 26, 2016. Disponível em : <https://confins.revues.org/10754?lang=pt#ftn5> . Acesso em : 19 Jan. 2017.

HIRATA, H. et al. (orgs.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

HIRATA, H.; ZARIFIAN, P. Trabalho (conceito de). In: HIRATA, H. et al. (orgs.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (orgs.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

KLEIN, L. R. Linguagem e luta de classes: a palavra em disputa. In: VI Seminário do Trabalho, Trabalho, Economia e Educação no Sec. XXI, 2008. *Anais VI Seminário do Trabalho: Trabalho, Economia e Educação*. Marília: Gráfica Massoni, 2008

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRUG, E. G. et. al. *Relatório Mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Biblioteca da OMS, 2002. Disponível em: <http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf> Acesso: 11 dez. de 2016.

LABRONCINI, L. M. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. *Contexto Enferm*, Florianópolis, Jul-Set; 21(3): 625-632, 2012.

LAPEYRE, N. Aviões e mulheres: política de igualdade profissional em uma empresa aeronáutica na França. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LESSA, S. A atualidade da abolição da família monogâmica. *Revista Crítica Marxista* [Online], n.35, p.41-58, 2012. Disponível em:

http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo279Artigo%202.pdf. Acesso em: 16 Jan. 2017.

MÁRQUEZ, G. G. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAROCHI, A. C.; TERCENIO, J. T. W.; MELO, A. de. *O Mundo do trabalho e a educação profissionalizante: percepções dos estudantes do Ifpr – Campus Itati*. Anais X Seminário do Trabalho: Trabalho, Crise e Políticas Sociais na América Latina. Disponível em: http://www.canal6.com.br/x_sem2016/Anais_X_Seminario_Trabalho_2016.pdf. Acesso em 20 dez. 2016, p. 1516-1530.

MARUANI, M. Emprego, desemprego e precariedade: uma comparação europeia. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (orgs). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FVG, 2008. p. 35-51.

MARX, K. *O capital: crítica a economia política*. Livro 1. O processo de produção do capital vol. I. 9.ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1. O processo de produção do capital vol. I - 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *O capital: crítica da economia política: livro I, Vol. I*. 29.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F.; LENIN, V.I. *Sobre a mulher*. São Paulo: Global, 1979.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MELO, A. O projeto pedagógico da Conferência Nacional da Indústria para a educação básica nos anos 2000. Tese doutorado – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2010. 258p.

_____. *Educação de todas para todas: a reforma educativa neoliberal e o caso espanhol*. Guarapuava: Apprehendere, 2016.

MERON, M. Trabalho remunerado e trabalho doméstico na França: mudanças nos conceitos. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MÉSZÁROS, I. A educação para além do capital. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *A crise estrutural do capital*. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, J.P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OROZCO, A. P. *Perspectivas feministas en torno a la economía: el caso de los cuidados*. Madrid: Consejo Económico y Social, 2006.

_____. *Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de sueños, 2014.

PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno Estatístico Estado do Paraná. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=19&btOk=ok> Acesso em 15 dez 2016.

PARANÁ. Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos de Irati. Projeto Político Pedagógico, 2012. Disponível em: http://www.iriceebjairati.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/15/1080/47771/arquivos/File/PPP2012_CEEBJA.pdf . Vários acessos.

PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: PRIORI, M. D. *História das mulheres no Brasil*. 10.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. p. 278-312.

PICANÇO, S. P. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PINTO, A. V. *Sete lições sobre educação de adultos*. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTELLA, A. P. Novas Faces da violência contra as mulheres. In: MARTÍN, M. C.; OLIVEIRA, S. de. *Marcadas a ferro: violência contra a mulher, uma visão interdisciplinar*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2005.

PRIETO, C. *Trabajo, género y tiempo social*. Madrid: Complutense, 2007.

POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ONU. El progreso de las mujeres en el mundo 2015-2016: transformar las economías para realizar los derechos. Milan: AGS Custom Graphics, 2015. Disponível em: http://progress.unwomen.org/en/2015/pdf/SUMMARY_ES.pdf Vários acessos.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Mulheres no trabalho: tendências 2016. Genebra, 2016. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_457096.pdf Vários acessos.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RUEDA, R. R. El feminicidio em la Unión Europea y em América Latina. Documento de trabajo. Assembleia Parlamentar Euro-Latino-Americana, 2013. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/intcoop/eurolat/committees/social/meetings/2013_07_16-17_vilnius/working_doc/ep/940344es.pdf Vários acessos.

RUSSEL, B. Casamento e moral. São Paulo: Unesp, 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *A mulher na sociedade de classes*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. *Gênero patriarcado violência*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: OLVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2. Porto Alegre, jul-dez. 1995, p. 71-99.

SIGNORI, Z. M. M. Retrato do trabalho e educação em Guraruva-PR: tempo do trabalho e do trabalhador/estudante do ensino noturno da educação básica. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Guarapuava, 2014. 161p.

SOUZA-LOBO, E. A Classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. *Revista HISTEDBR*, n.38. Campinas, jun.2010 p. 49-59.

UNESCO. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília : UNESCO, 2008.

VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2013.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. ONU Mulheres; OPAS/OMS; Flacso: Brasília, 2015. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br Acesso em: 08 Dez. 2016.

XAVIER, L.; WERNECK, J. Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho?. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO REFERENTE À PESQUISA SOBRE OS USOS DOS TEMPOS E OS SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA DE IRATI

1: IDENTIFICAÇÃO.

1. Idade: _____
2. Bairro: _____
3. Série e horário está cursando: _____
4. Estado civil: () casada () solteira () divorciada () Outro: _____
5. Composição familiar (quantas pessoas vivem com você): _____
6. Possui filhos? () sim () não Quantos? _____
7. Onde mora? () Centro () Bairro Qual? _____

SITUAÇÃO SÓCIOECONÔMICA

1. Sua residência é:

() própria () alugada () outro _____
2. Está empregada?

() sim () não. Quanto tempo está desempregada? _____
3. Além de você, quantas pessoas da família trabalham? _____
4. Renda mensal da família (tomar como referência o salário mínimo de 2016 – R\$ 880,00 dos que vivem com você):

() menos de um salário mínimo () entre três e quatro salários mínimos

() um salário mínimo () mais de quatro salários mínimos

() entre um e dois salários mínimos () mais de quatro salários mínimos

() entre dois e três salários mínimos

TEMPO DE TRABALHO

1. Que tipo de trabalho realiza?

() escritório () indústria

() lojas () agricultura

- doméstico restaurantes/similares
 construção civil cuidado da casa
 autônomo
 outro _____

2. Possui que tipo de contrato de trabalho com a empresa?

- Celetista (carteira assinada) diarista ou por tarefa
 estagiário temporário (contrato)
 terceirizado servidor público
 cooperativa

3. Há quanto tempo está na empresa? (identifique se é em anos, meses ou dias se for o caso) _____

4. Que tipo de formação o seu trabalho exige?

- não exige curso técnico
 Ensino fundamental ensino superior
 ensino médio outro _____

5. A empresa possui uma política de incentivo aos estudos, ou seja, motiva seus funcionários para que continuem seus estudos ou voltem a estudar?

- Sim Não

6. Em que ações você percebe o incentivo aos estudos? (assinale quantas alternativas quiser)

- há flexibilização de horário, ou seja, é possível mudança de horário para estudar
 há redução de carga horária, ou seja, é possível reduzir o número de horas trabalhadas no dia ou na semana para estudar
 há dispensa para atividades relacionadas aos estudos
 não há incentivo

7. Como você acha que os estudos contribuem ou contribuirão no seu trabalho? (assinale quantas alternativas quiser)

- será importante para que eu desempenhe o meu trabalho de forma mais eficiente
 será importante para uma possível promoção no trabalho ou para encontrar outros trabalhos

- () não terá muita relevância, pois o meu trabalho não valoriza os estudos
- () não terá muita relevância, pois não pretendo ficar muito neste emprego
8. Quantos dias por semana trabalha? _____
9. Qual sua jornada de trabalho diária? (colocar em horas)
- _____
10. Você fica no trabalho após o horário de trabalho? () Sim () Não
9. Com que frequência? () sempre () às vezes () esporadicamente
10. O fato de ficar mais tempo no trabalho, dificulta a permanência na escola?
- () sim e muito
- () sim, mas tenho conseguido organizar as atividades do trabalho com os estudos
- () sim, por isto já abandonei os estudos anteriormente
- () não interfere
11. Quanto tempo leva para chegar ao trabalho? (identificar em horas, minutos ou segundos conforme o caso) _____
12. Qual meio de transporte você usa para chegar ao trabalho? _____
13. Após uma jornada de trabalho como você se sente?
- () me sinto bem () me sinto um pouco cansada () me sinto muito cansada
14. O trabalho que você desempenha causa em você?
- () cansaço físico
- () cansaço mental
- () cansaço físico e mental
- () não causa nenhuma forma de cansaço

TEMPO DE ESTUDO

1. Como você percebe os estudos na sua vida? (Assinale quantas alternativas quiser)
- () estudar é muito importante, pois posso aprender mais
- () estudar é muito importante, pois é uma forma de ser valorizada no trabalho
- () estudar é muito importante, pois fará com que eu consiga um trabalho
- () estudar é muito importante, pois quando a mulher estuda é respeitada pelo marido

estudar é muito importante, pois contribui para que as mulheres conquistem seu espaço na sociedade

não vejo muita importância, pois os estudos não mudam a minha realidade

não vejo muita importância, pois não posso trabalhar, tenho que cuidar da casa

outro _____

2. Quantas vezes você abandonou a escola? _____

3. Quanto tempo você ficou fora da escola? (identificar em anos, meses ou dias conforme o caso) _____

4. Indique os motivos levaram ao abandono dos estudos (Assinale quantas quiser):

dificuldade de acesso à escola

cuidados com os filhos

o horário do trabalho não permitia

mudança de cidade

casamento

outro: _____

5. Indique quais motivos dificultam os estudos (Assinale quantas quiser):

distância entre o trabalho e/ou a casa e a escola

muito tempo afastado dos estudos

falta de tempo para os estudos

muitas atividades extraescolares

cuidados com a família e a casa

para serem realizadas em casa

sobrecarga de atividades no trabalho

outro: _____

6. Quanto tempo você dedica aos estudos por dia, fora da escola? (indique em horas ou minutos conforme o caso) _____

7. Como você se organiza para realizar as atividades escolares?

faço na escola mesmo

faço à noite depois da escola

faço no intervalo do almoço

faço no intervalo entre o trabalho e a escola

como não estou trabalhando tenho tempo para fazer as atividades durante o dia.

apesar de não estar trabalhando tenho dificuldades para realizar as atividades escolares porque os cuidados com a família me ocupam o dia todo.

() como o tempo que desempenho entre o trabalho e os cuidados com a família ocupam boa parte do meu dia, acabo não realizando as atividades escolares.

TEMPO DOS CUIDADOS

1. Que horas você acorda? _____
2. Indique qual ou quais ações fazem parte da sua rotina diária:
 - () trabalho fora
 - () limpar a casa
 - () lavar e passar a roupa
 - () prepara as refeições diárias
 - () levar as crianças para escola
 - () fazer as comprar da casa
 - () outro: _____
3. Quanto tempo você gasta, por dia, para realizar as atividades domésticas, ou seja, cuidados com a família e casa? (indique em horas ou minutos conforme o caso) _____
4. Alguém mais da família ajuda nas atividades domésticas?
 - () não, o trabalho é realizado somente por mim
 - () sim, tenho uma empregada
 - () sim, meu marido
 - () sim, filhos
 - () outro: _____
5. No seu dia a dia quanto tempo gasta com atividades para você? (indique em horas ou minutos conforme o caso) _____
6. Em relação à pergunta anterior, qual ou quais os tipos de cuidados para com você?
 - () cuidados de higiene pessoal
 - () cuidados com cabelos e unhas
 - () cuidados com ginástica e/ou caminhadas
 - () cuidados com o lazer e leitura de livros
 - () assistir programas de meu interesse

7. Qual a sua relação com a família?

- vivo para meus familiares, pois é a coisa mais importante
- procuro equilibrar entre a família, trabalho e estudos
- deixo a família em segundo plano, pois o trabalho e os estudos tomam muito tempo
- a família me toma muito tempo e acabo não conseguindo realizar outros planos
- sinto-me sobrecarregada por causa da família

8. Em que medida os cuidados com a casa e a família interfere nos estudos?

- interferem muito nos estudos, pois tenho dificuldades para me organizar.
- sinto-me muito cansada e não consigo me concentrar nos estudos.
- não interferem muito, mas seria bom somente estudar e trabalhar.
- não vejo maiores problemas em dividir o trabalho, escola e cuidados com a casa e família.

Para um aprofundamento e desenvolvimento da pesquisa que estou realizando, além deste questionário gostaria de realizar uma entrevista e conhecer mais a fundo as questões relacionadas a sua rotina de trabalho, estudos e cuidados com a família e casa. Todas as informações, tanto do questionário quanto da entrevista, serão utilizadas somente para fins propostos neste trabalho de mestrado e permanecerá em absoluto sigilo. Assim, caso o seu questionário seja selecionado, você teria interesse em contribuir com o meu trabalho?

- sim não

Se sim, favor preencher os dados para contato:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Melhor horário e local para os encontros: _____

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTA REFERENTE À PESQUISA SOBRE OS USOS DOS TEMPOS E OS SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES DO CEEBJA DE IRATI

1ª Parte: vida pessoal - do nascimento até a vida adulta (onde nasceu, quando veio para Irati, onde morou antes, com quem morou, morou em várias casas, relações familiares, relações com os trabalhos domésticos – diferenças entre ela e os irmãos, qual a sua relação com a sociedade, na família como você se sente, como são as divisões das tarefas, o seu marido ou outras pessoas ajudam nas tarefas domésticas, como é o cuidado com você, como faz para dar conta das atividades domésticas em relação ao trabalho e escola).

2ª Parte: trajetória escolar (quando começou a estudar, em que escola, até quando estudou, porque parou de estudar e porque voltou, as tarefas domésticas atrapalhavam as tarefas da escola, como era a divisão destas atividades, a cobrança dos estudos era a mesma para os irmãos homens, qual a importância do CEEBJA na tua vida, como você se sente neste espaço, como você faz para dar conta de todas as atividades do dia a dia – escola – trabalho e casa, como a escola interfere na sua vida cotidiana).

3ª Parte: trajetória de trabalho (você está trabalhando, qual foi o seu primeiro trabalho, onde, o que fazia lá, quanto ganhava, quantos trabalhos já teve, qual deles você se sentia mais realizada, como era ou é a rotina de trabalho, o trabalho te cansa, sente vontade de mudar de trabalho, porque, o trabalho interfere na sua vida cotidiana, como?, o que você ganha ajuda nas despesas da família).

4ª Parte: a mulher (nestes três momentos escola-trabalho-cuidados, fale da mulher *Maria*).

APÊNDICE III
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA BONITA

ENTREVISTADA	Maria Bonita
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Nasci no interior, em casa, não foi nem no hospital, nasci em casa. Perdi a minha mãe, tive uma infância feliz até os 10 anos, perdi a mãe com 10 anos e o pai abandonou a família, abandonou tudo. E a gente, nós somos em seis irmãos, aí a gente perdeu tudo praticamente, perdemos o chão. A mãe faleceu e o pai abandonou, ficamos por conta do juiz. Todos esparramados, não crescemos mais juntos, cada um num canto. E, depois dos meus 10 anos, passei a morar com a minha irmã mais velha que era casada na época, também no interior.</p> <p>Aí vim para cá e uma tia minha me acolheu. Fiquei com ela até os meus 20 anos.</p> <p>Conheci o pai da minha filha, mas fiquei oito anos em um rolo, praticamente, com ele. Era rolo porque nunca foi nada sério, porque ele nunca quis, na verdade.</p> <p>Ela só tem eu, eu me dedicando mais para ela.</p> <p>Por isto, nunca deixei a minha filha, nunca deixei ela fora, sabe, sempre, ela saiu do Ensino Médio e foi direto para a faculdade.</p> <p>O pai presente nunca foi, mas contribui com a pensão. É uma pessoa muito difícil. Ela não é uma pessoa de muita amizade, não tem muito entendimento com ele. Agora ele é casado, ela tinha 5 anos quando ele casou. Acho que por causa da família dele, porque a mulher não aceita.</p>
As violências na vida das Marias	<p>E aí começou os problemas, que veio um monte de problema, meu cunhado era muito ruim, minha irmã nunca teve autoridade, ele que mandava, foi bem difícil até os meus 16 anos. Além de ruim ele me assediava, fui levando, levando, até um dia eu contei para ela e fui expulsa de lá por ele e não por ela, que ela entendeu meu lado. Aí saí praticamente corrida de lá da casa e vim para cá para a cidade.</p> <p>E mesmo assim ele me, ela não me valorizou também, ela tinha que ter voz de autoridade para me defender e ela não soube fazer isto.</p> <p>Ela conhece só por fotografia ele. Isto ficou, assim, uma mágoa muito grande na minha vida, não entendo, como que um pai da uma pensão para uma filha a vida inteira e não conhece ela pessoalmente, nunca vou entender, uma coisa que vou levar comigo. Eu acho assim, que agora nessa idade dela com 20 anos, nem ela vai querer mais, até ela ficou magoada, sabe, não só eu como ela também.</p> <p>Conversei muito, sempre, falei para ela se você quiser procurar teu pai, você tem um pai, ele é teu pai, se quiser, só que ela nunca foi. (quando perguntada sobre o assédio)</p> <p>Eu fiquei com trauma, sabe, eu tenho trauma até hoje, tanto que não casei, nunca levei um homem para a dentro da minha casa, porque nunca confiei, porque eu tenho tinha a minha filha. Agora</p>

	<p>até posso encontrar um, mas, sabe que as vezes acho meio tarde, para mim casar, construir uma família, porque eu estou com quarenta e seis anos não sou mais, passei da fase de construir uma família, por falta de confiança num homem, eu nunca levei para dentro de minha casa, da casa da minha filha. Nunca suportei ele, sabe, por causa disto.</p>
<p>Resiliência e a decisão de seguir em frente</p>	<p>E eu comecei para lá e para cá, andava de uma cidade para outra, morando. Morei em Curitiba sozinha, aí voltei de lá, depois de um ano e pouco. Sempre me virando, morando num lugar e no outro, que daí eu pagava aluguel. Engravidei com 25 anos da minha filha. Criei ela sozinha. Hoje ela está com 20 anos e está se formando este ano. Tem coisa que a gente tem que esquecer, não deu não deu.</p>
<p>Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das Marias</p>	<p>Só que eu nunca tive uma família para me apoiar, para dizer para mim você tem que estudar, você precisa estudar, nunca tive, eles eram para mim meio ignorante, coisa que hoje não sou. Fazia tudo, desde o café da manhã, eu era tipo uma empregada na casa. Eu era uma criança praticamente, tudo tudo, tive que aprender a cozinhar, depois que a mãe faleceu, limpar a casa, fazer tudo. Quando a minha filha entrou na segunda série da aula, eu como só tinha a quinta série, aí caiu a ficha, sabe, tinha coisas que ela perguntava para mim e eu não sabia ensinar ela. Aquilo foi me dando uma agonia, vou ter que aprende para ajudar ela, né. Voltei a estudar. Imagina na quinta série, eu fui indo. Voltei a estudar em 2005, só que daí eu fui indo aos pouco no CEEBJA. Da maneira que eu podia eu ia. Só que daí faltava uma matéria para mim, eu dei uma parada por causa dos corre, de uma coisa ou outra, porque eu tenho que fazer tudo sozinha, fiquei me preocupando com os estudos da minha menina. Agora esta faltando uma matéria só para me formar no ensino médio, faltando o inglês só, por isto que estou indo no CEEBJA. Se eu não terminar agora não termino mais. Agora que estou concluído, por falta de tempo. E tipo quanto aos estudos é muito importante na vida de uma pessoa. Queria pensar assim lá anos atrás. Acho que a minha vida seria diferente, se eu tivesse estudado. Faz 17 anos que eu trabalho, eu sempre cuidando de tudo, do salão, da casa, dela, porque ela nunca trabalhou fora, até agora não, eu quero que ela se dedique aos estudos. A faculdade não, não, não passa pela minha cabeça. Eu pretendo seguir o que estou fazendo, dar uma mão para ela, no que ela precisar. [Quando perguntada se os estudos ajudaram no trabalho]: Ajudou muito, nossa eu aprendi muito depois que eu voltei, assim, nem comparação, então sabe, muita coisa. Eu divido assim, eu marco meu trabalho, marco horário, quer dizer nem sempre funciona, porque lidar com o povo, não é bem assim, não funcionam os horários, atrasam alguma coisa assim. Quanto a, quanto a minha, ir para a aula, é bem complicado. Muitas vezes</p>

	<p>tenho que sair correndo, para não chegar muito atrasado, por causa do trabalho.</p> <p>[Quando questionada sobre as atividades escolares]: Em casa é difícil, quase sempre é lá que eu faço. Muito, muito pouco em casa, nem sempre da para mim fazer. De manhã, tem que levantar mais cedo se eu quiser por, levantar antes do meu horário, que eu costumo levantar, se eu quiser por em ordem, algum trabalho da escola.</p> <p>[Quando perguntada se começou a estudar antes ou depois de abrir o salão]: Não foi depois que eu comecei com o salão. Antes, era sem chance, porque eu tinha que cuidar dela, era ela pequena. Eu trabalhei em um fábrica, aqui em Irati e não tinha como, os horários não dava certo.</p> <p>[Quando perguntada se antes do salão no outro emprego, se os estudos ajudariam]: Melhora muita coisa, você, você tem uma mente mais aberta, mais inteligente, você pensar nas coisas, a tua vida anda para a frente, mais rápido, quando você estuda. Vejo a inteligência da minha menina, eu admiro ela, sabe, por isto nunca deixei ela fora da escola, valorizo muito isto.</p> <p>[Quando perguntada se esta rotina, trabalho, escola e cuidados é mais difícil para a mulher]: É mais difícil para a mulher, muito mais, porque você tem muita exigência em casa, você tem muita coisa para fazer, e mais o trabalho que você tem que se dedicar.</p> <p>Eu fazia tudo em casa e quando tinha tudo pronto na casa, que não tinha serviço acumulado eles me levavam na roça para trabalhar na roça com eles.</p> <p>Eles me deixaram na escola até a quarta série. Aí ele me tirou da escola, esse meu cunhado, com a minha irmã também, ela também, né, estava junto. Diziam assim que para mim trabalhar na roça não precisa estudar e por isso me tiraram, para trabalhar mesmo.</p> <p>Para mim é importante concluir o ensino médio, ta muito bom, para quem só tinha a quarta série.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: O CEEBJA para mim foi uma porta aberta pra mim, aprende, me ensinaram muita coisa ali. Eles entendem os adultos que tem que trabalhar, que tem uma carga horária de trabalho para cumprir, eu aprendi muito ali, o ensino deles é bom, para quem leva a sério, eu só tenho a agradecer ao CEEBJA.</p>
A mulher	<p>Eu acho que eu sou uma guerreira. Que só pelo fato de eu vê, de eu passar por tudo isso e hoje eu acho que eu sou uma pessoa boa, me considero uma pessoa boa, eu tenho bom caráter. Ver a minha filha se formando este ano é uma vitória, sabe, to satisfeita com isto, daqui para a frente, o vim é lucro.</p> <p>Foi bom também falar de mim, sabe, que nem sempre tem alguém para ouvir, por isto aceitei fazer esta entrevista. Porque as pessoas não ouvem você e se ouvem elas esquecem.</p>

APÊNDICE IV
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA VITÓRIA

Entrevistada	Maria Vitória
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Na verdade eu não tive uma infância assim muito boa, minha família, meus pais bem pobres.</p> <p>Meu pai e minha se separam, minha mãe foi morar em outra casa, meu pai e meus irmãos ficaram em casa. Eu para ajudar ela [a mãe] também saí de casa, para trabalhar e ajudar.</p> <p>Domingo peguei os meninos, fomo para a missa, de lá, vim para a casa da minha mãe, não abandono ela nunca, então passei o dia todo com ela.</p>
As violências na vida das Marias	<p>Eu saí de casa porque também eu tive muito problemas em casa. Tive um irmão que era dependente químico e o pai que bebia muito, então a minha família era assim, sabe.</p> <p>Tenho um irmão, o casula, que acabou falecendo, daí tenho outro irmão, do meio, que era viciado em bebida, graças a deus está liberto. O pai acabou falecendo também depois que o meu irmão faleceu.</p> <p>Não é assim que tavam junto, eu lembro que eles moravam de parede e meia, dividiram a casa e começaram a morar assim, mas era aquele inferno sempre, sabe, teve um dia assim que eu não aguentei, saí, só que por ser de menor, não teve jeito, a polícia trouxe de volta. Quando fiz dezoito anos resolvi saí de casa.</p> <p>Acabei perdendo o marido aqui, não deu certo, arrumou outra, quando descobri a amante dele já estava grávida de sete meses, foi um baque na minha vida.</p> <p>Esse meu marido ele é gente boa, mas não me incentiva muito, na opinião dele, para que estudar depois de velha. E eu não via isto.</p> <p>[Sobre a relação do marido com o outro filho]: Era muito boa, meu filho mais velho chamava de pai, mas daí com o passar dos anos, veio o segundo, ele começou a diferenciar, já via, senti a diferença, tive problemas com isto, ele começou a fazer a diferença entre os meninos.</p>
Resiliência e a decisão de seguir em frente	<p>Sabe do que: vou voltar aos estudos, vou fazer um curso de cabelereiro, porque até então eu fazia, mas não tinha curso, para poder abrir o salão precisava de curso e diploma. Aí voltei fiz o curso de uma no e meio, de cabeleireiro mesmo, estudava a noite e arrumei serviço naquela [diz o nome da empresa], lá na firma. Eu trabalhava lá e fazia curso à noite, antes de abrir o salão. Lá eles incentivavam, tem que estudar, mas eu não pretendia ficar lá. Meu sonho era abrir o salão.</p> <p>Eu botei as regras em casa, falei ou é assim ou não é, ou é do meu jeito ou você pode sair, porque primeiro os meus filhos depois marido. Eu não vou deixar do meu filho por causa de você. Botei as regras e ele concordou. E hoje a gente vive bem.</p>

	<p>Eu iria morrer de depressão, se eu não trabalhasse. Porque eu já tentei, às vezes no domingo eu fico em casa, não consigo ficar em casa, não consigo, a gente é acostumada com esta vida louca assim.</p>
<p>Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das Marias</p>	<p>Tive que começar a trabalhar cedo, com doze anos já cuidava de crianças.</p> <p>Entre na adolescência, já comecei a trabalhar.</p> <p>Aos dezoito anos saí de casa e fui morar em Curitiba, lá aprendi o que eu sei hoje, a minha profissão.</p> <p>Voltei a morar em Irati e comecei a fazer unha nas casas e agora faz seis anos que estou com as portas abertas aqui no salão.</p> <p>Lá eu fui cuidar de umas crianças lá e a mulher que era dona da casa, ela tinha um salão em Curitiba, com ela eu aprendi a fazer unha e depi, tudo estas coisas.</p> <p>Aqui eu estudei em quase todas as escolas, porque então, como era casa alugada, uma hora tava aqui outra hora tava ali. Teve uma vez que, também aprontava, eu e uma amiga, ela também tinha problema em casa, nos tinha quatorze anos, a gente resolveu sair de casa. Peguemo uma carona e se mandemo para Guarapuava, fugindo da escola aí lá pegaram nós, era de menor, bobinhas, com o uniforme da escola, fomos parar num albergue, prenderam nós porque viram com o uniforme da escola, né. E sei que de repente o conselho tutelar pego a gente e trouxe de volta, mas nós queria se livrar dos problemas da casa, porque era um inferno mesmo.</p> <p>[Sobre os estudos]: Até a sexta série, desisti de estudar aquela época que eu fugi de casa. Eu fiz, conclui a oitava série né, quando o CEEBJA era lá em baixo. Daí engravidei do meu segundo filho, tive que desistir de novo, fiquei mais um tempinho sem estudar e agora, faz um ano e meio, to no ensino médio, terminando estas que estou fazendo, vai ficar três.</p> <p>Lá em Curitiba eu tive meu primeiro filho, lá. Me envolvi lá e tive meu primeiro filho e fui morar com o rapaz lá, fiquei seis anos com ele. Ganhei meu menino. Ah! vou voltar para a Irati, perto da minha mãe, até isso tudo, minha mãe já tava, cada um já tava no seu lugar, aí meus irmão cresceram, tudo passou. Daí falei: vou voltar para lá porque ela me ajuda a cuidar do pequeno, daí voltei.</p> <p>Daí fiz o curso primeiro para daí voltar, que até lá já tinha concluído a oitava série. Terminei o curso de cabeleireiro primeiro.</p> <p>Meu marido ele ajuda assim, ele ajuda, cuidava das crianças, ficava com o pequeno a noite com o outro, praticamente, ajudou a cuidar.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: Nossa para mim, olha, uma coisa muito importante. Meu Deus eu tenho que me apressar porque depois imagine eu voltar em uma escola normal. Para mim é muito importante. Faz uma diferença e está fazendo, claro que</p>

	<p>tá sendo difícil porque tenho que abrir mão do salão, terça e quinta fecho o salão de manhã, para mim já faz falta, eu vivo daqui. E tenho que largar minhas crianças lá na casa, porque hoje o meu marido também trabalha fora. Mas to vencendo. E o curso que eu quero fazer envolve aqui a área, quero fazer estética. Então eu terminando agora, eu penso no meu futuro, eu penso, posso me formar em estética, futuramente fazer uma pós, e também não ficar o resto da vida dentro do salão.</p> <p>[Sobre as atividades da casa]: Faço domingo, faço de madrugada, vou tomar um banho já lavo o banheiro, to fazendo um almoço, almocinho, rapidinho, já to passando um pano nos armários.</p> <p>[Sobre as atividades da escola]: Às vezes não tem ninguém, eu to fazendo, também não vai tarefa para casa, assim nada, faz mais na escola mesmo.</p> <p>Acaba pesando, né, fica pesado, é tudo eu, agora. Eu venho de manhã para o salão, eu volto onze e meia, faço o almocinho, trago os meninos, um no Xavier o outro no Nossa Senhora das graças. Daí a tarde o mais velho vai de ônibus, o pequeno desce até aqui, levo para casa e volto pro CEEBJA. Hoje já deixei a máquina batendo, chego já penduro, e eu vou fazendo assim nos intervalos.</p> <p>Ontem eu saí o dia inteiro. Eu saí daqui no sábado era umas nove horas da noite, cheguei em casa já passei pano em tudo, limpei a casa, deixei limpinha para o domingo. De tarde bati a roupa.</p> <p>Se for para eu ficar em casa eu não consigo, se for para tirar um dia só para limpar a casa não rende.</p>
A mulher	<p>Eu me acho a suprema. Se eu fosse pelo meu marido, viver por ele, sei lá, não ia para frente. Eu me acho, eu me garanto. Eu acho que as mulheres hoje em dia, tomaram conta, basta querer, me sinto realizado e não dependo do marido não dependo de homem, não dependo mesmo, já resolvo, é isto, então, as mulheres estão de parabéns, eu estou de parabéns. Tão bom desabafar, um pouco.</p>

APÊNDICE V
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA CLARA

Entrevistada	Maria Clara
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Essa casa aqui, então, mora eu, meus três irmãos, minha avó e meu avó, minha mãe materna, verdadeira. Meu pai não mora com a minha mãe, porque, eles na verdade só tiveram um caso, na verdade, sabe. Só que desde que quando a minha mãe ficou grávida, ele acompanhou tudo, depois que eu nasci também, ajudava como podia. Sempre estava presente.</p> <p>Daí de tarde, cinco horas eu vou trabalhar na academia. Geralmente agora não era para mim estar aqui, era para eu estar na academia, é uma coisa que eu faço, não está interrompendo, eu abri mão, porque eu acho importante, se eu estivesse no teu lugar eu queria que alguém me ajudasse com isto, então eu pensei, vou reservar um dia da minha vida para ajudar alguém, também porque eu queria que alguém fizesse comigo isto por mim, mas eu estaria lá para mim malhar, para eu.</p>
As violências na vida das Marias	<p>Já gostei de uma única pessoa, muito. Só que infelizmente, sabe quando, além de tudo isto acontecer, não é aquela pessoa ainda. As ideias batem, mas tem horas que não batem, nem amizade tem agora, a gente nem se fala.</p> <p>Depois de um tempo a gente começou a conversar de novo e daí a gente acabou brigando e até hoje a gente não conversa mais ele me excluiu do facebook e do whatsapp eu peguei e apaguei o número dele.</p> <p>A academia, os homens, sempre, ainda mais se você tiver um corpo bonito, você ser bonita, eles sempre vão ficar te olhando.</p> <p>Até também nas corridas, tem participação de homens mais velhos, e eles vem uma menina mais nova, uma menina jovem bonita, corpo bonito, eles vão ficar olhando mesmo.</p> <p>Você olha para aquela pessoa, mas assim é um olhar mesmo de amizade, de cumprimento, e tanto é que tem homem, acha que você que você, você dá um oi, já ta te querendo.</p>
Resiliência e a decisão de seguir em frente	<p>Da minha vida, do que eu quero realmente eu não abro mão, nem que seja um príncipe encantado, ou você me aceita pelas minhas escolhas e pelo que eu sou, ou não tem nada, ou siga a tua vida.</p> <p>Eu sou uma mulher batalhadora, que dá a cara a tapa mesmo, não deu certo, amanhã eu vou lá, eu vou tentar fazer de novo, para ver se eu consigo, não paro de tentar até eu consegui.</p>
Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das Marias	<p>Eu ajudo também, como posso, porque como eu trabalho. É assim, de manhã eu to na escola, aí agora a tarde tem dois, na verdade só a [diz o nome da irmã] está indo pra escola de tarde. O [diz o nome do irmão] agora foi no médico, que a minha mãe verdadeira levou ele, então só está eu e a [diz o nome da irmã].</p> <p>Faz dois anos e dois meses. Na verdade agora, então eu vou bem certinho, da uma hora as três, daí dá tempo de tomar banho, trocar de roupa, comer uma coisinha e cinco horas tem que estar lá, e aí fico lá até às nove, é aquele horário de jovem aprendiz de só quatro horas.</p> <p>Eu não me sinto cansada, mas às vezes sim, sabe.</p> <p>[Sobre os estudos]: Não parei, nunca. Foi assim, até o ano passado eu</p>

	<p>estava no [diz o nome da escola], aí assim, eu passei. Tinha para dar o nome para pegar a matéria só de matemática, daí eu peguei, o ano passado, no segundo ano, bloco de matemática por último, daí eu ia prestar vestibular, aí eu gostei, porque eu peguei a parte português antes porque era o que eu queria para fazer vestibular. E daí este ano no final do ano, a coordenadora do colégio, falou bem assim, no final do ano, vocês vão na secretaria dêem o nome para em qual matéria vocês querem pegar antes. A gente foi lá dar o nome, aí falaram assim que já tinha esgotado. A gente então se reuniu em três meninas e fomos lá ver, perguntar, aí eles falaram assim dá para escolher, aí a gente optou por lá, daí a gente saiu do [diz o nome da escola].</p> <p>É bem básico, assim, sabe, não é que o ensino é ruim eu acho que lá é bom, o ensino não importa, a escola, o que importa é você.</p> <p>[Sobre o trabalho]: Eles sabem que eu estou no último ano, meu patrão veio falar, assim, você está estudando para vestibular para ENEM, eu to estudando porque eu quero. Se você for fazer a faculdade de educação física, pode ter certeza que você tem uma garantia com nós aqui, se você precisar trabalhar, você pode garanti que a gente vai pegar você para trabalhar com professora aqui.</p> <p>Aí teve um tempo, então, que ela falou que precisava de uma secretaria na academia porque tava crescendo, precisava de uma ajudante, e daí a minha tia, ela sabia que a gente era parente, e daí ela falou para a minha tia.</p> <p>Antes disso, eu, então a minha tia trabalhava na casa de uma idosa, eu ajudava ela, para lavar as calçadas e daí eu ganhava uns troquinhos, mas o meu primeiro emprego mesmo foi este.</p> <p>[Sobre o trabalho]: Isso faz com que, porque isto é uma base para mim saber o que vai vir depois, para mim ter uma noção de como é a vida lá fora.</p> <p>Porque assim quando eu não posso fazer, porque eu tenho pesquisa, trabalho, eu peço ajuda para mãe, para a minha mãe, para a minha vó, será que você pode fazer isto por mim, troca os dias, se ela fez hoje por mim amanhã eu faço por ela. Ah! os homens é mais ou menos, é mais a mulher, por no caso, assim, eles fazem mesmo o trabalho braçal porque mulher não pode fazer, tipo cortar uma lenha, cortar a grama, mas o resto que é mais leviano, limpar casa, lavar louça, lavar roupa, a gente se organiza bem, entre mulher, porque é bastante mulher.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: Eu acho que eu encontro ali, é uma coisa que eu já sei, as matérias eu já sei. Tudo é mais fácil, não que esteja tudo uma maravilha, porque eu sempre vou buscar mais. Só que, não que eu esteja me contendo, eu estou ali só para não perder o ano. Eu to ali para terminar e fazer a faculdade.</p>
A mulher	Eu sou uma mente mais aberta, porque eu vejo muita coisa ao meu redor.

APÊNDICE VI
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA CELESTE

Entrevistada	Maria Celeste
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Eu nasci em Teixeira Soares, morrei em Imbituva, morrei em Teixeira, sofri muito na minha vida quando pequena que meu pai era alcoólatra, então quem tinha que sustentar a casa era a minha mãe. Sempre ela foi trabalhadeira, sempre ela que colocava comida na casa, daí a gente veio morar pra cá, pra Teixeira de novo, aí o meu pai foi melhorando, foi deixando o álcool pra trás, foi tendo uma vida melhor.</p> <p>Aí depois de muito sofrimento, muita separação do meu pai com a minha mãe. Nós conseguimos fazer a nossa casa, porque a gente sempre moro de favor ou alugado, mas geralmente a gente não tinha condição de paga, porque só minha mãe trabalhava. Então a minha mãe comprava quando podia, alguma ropinha algum sapato, comprava as comida, isso não posso reclamar que isso nunca faltou.</p> <p>Depois que a gente foi morar para Teixeira que o meu pai foi melhorando, nós começamos a freqüentar, ele também junto, a igreja, aí que ele deixou o álcool pra trás. Foi bem melhor, meu pai trabalhava, conseguimos comprar um carro melhor.</p> <p>[Sobre a irmã]: Ficou lá com ele. Tem mais um [irmão], só que ele saiu de casa com uns dezesseis anos, por causa do meu pai ser alcoólatra. Eu sou a mais nova, tem o meu irmão com trinta e um, a minha irmã, agora com vinte e dois e eu com dezenove. O meu irmão, desde os dezesseis, como ele brigava muito com o pai por ele ser alcoólatra, ele acabou saindo de casa. Ele nunca morou com noís, ele sempre se virou sozinho, saí só ficou eu e a minha irmã. Daí depois disso eu peguei e vim, ele falou que não era, de eu ta mais aqui do que lá, ou eu me arranjava de vez, ou eu voltava pra casa, daí meu marido, meu namorado, achou melhor eu fica aqui.</p> <p>O meu irmão falou que se ele continuasse a beber ele iria perder os filhos que sempre estavam perto, que ele iria perder tudo na verdade, tudo que ele conquistou, ele ia perder, porque antes a gente não tinha nada, em casa a gente não tinha, depois que ele parou de beber que a gente foi construindo.</p> <p>Agora ele ta bebendo, mas acho que não como era antes. A minha irmã anda continua lá, ele tem uma namorada. Mas eu gosto dela porque ela não deixa ele ta bebendo, sabe, cuida, só, o problema é que o pai, assim, a gente tem que fazer comida na hora certa e chamar ele pra vir comer, almoço, café, janta. E assim, às vezes ele chega do serviço e ela ta lá, não tem janta feita, como ela ta lá, ela fica sexta, sábado e domingo, e às vezes na segunda lá, sabe. Não mora com ele, mas os finais de semana, ela sempre ta lá e daí a minha irmã, o namorado dela vai também os finais de semana e eles</p>

	<p>saem, aí ela não faz, ou ele tem que fazer, ou ele tem que ta pedindo pra ela fazer. Ela faz tudo dentro da casa e fora, mas a comida ela não, sabe. Ela já falou que não gosta de fazer comida. Mas eu acho assim, também que ela está com ele, ela ta cuidando tudo, mas isto ela tinha que fazer. Conversei com ela já, daí ele fica meio transtornado. Às vezes não que ela, daí vai no bar, bebe um pouco, mas não é como ele bebia antes, nem como ele bebeu quando a gente brigou.</p> <p>Quando ela chegava do serviço eu ia encontrar ela, ia lá no serviço dela à tarde, ia pra casa conversando com ela, quando ela já não tava bem, com dor de cabeça, alguma coisa assim, eu já falava pra ela deita que eu fazia janta. [faleceu] Com 48, nova, bem nova.</p>
<p>As violências na vida das Marias</p>	<p>Depois quando eu tinha dezesseis pra dezessete anos que nós tava com um carro bom, uma casa boa, que a gente tava vivendo super bem que o pai tinha largado do álcool, a minha mãe veio a falecer por causa, deu AVC hemorrágico, então ela veio a falecer. Meu pai se transtornou, bebeu algumas vezes, a gente brigou.</p> <p>Eu fui sempre muito apegada com a minha mãe, desobedecia ela, a gente brigava, mas não que eu não tenha, não me arrependo muito assim do que eu fiz porque eu acho que eu sempre tentei fica bem ela, com ele, nunca foi assim daquelas de fumar droga, de sair, assim transtornada. Eu sempre pedia pra mim sair com as minhas amigas, às vezes ela não deixava, a gente brigava, mas não aquela coisa de fugi, de saí, deixa a mãe preocupada, isto nunca, acho que eu não me arrependo, assim de coisas que eu fiz, mas que eu sinto muita falta dela.</p> <p>[Sobre morar junto com o pai]: Aí depois que ela morreu meu pai entrou no álcool, a gente brigou muito feio. Continuemo, aí depois teve uma segunda briga, ele mando saí de casa e eu já tava namorando. Ele mando saí de casa, falou que não me amava, que eu e minha irmã, que morava com ele, que a gente só atrasava a vida dele, ele falou um monte de coisa. Aí neste dia eu vim pra Fernandes com meu namorado, que é o meu esposo hoje. Aí eu acabei voltando [pra casa do pai], mas a metade das minhas roupas estava aqui, isso era no sábado, eu fiquei no domingo, na segunda e na terça aqui, voltei pra lá, daí fiquei a terça à tarde, quarta, na quinta à tarde eu voltei pra cá e eu ficava assim, eu ficava mais aqui do que lá.</p> <p>E a minha irmã, ela não viu, ela não participou desta briga, sabe, depois ele veio me pedir perdão, eu contei pra ela, falou que não ia beber mais, daí eu falei que não ia volta pra lá, que eu ia fica aqui e que eu gostava muito dele, mas que eu tava muito magoada, que eu não queria que ele bebesse de novo, que a gente já tava sofrendo por causa da minha mãe, porque é recente e eu era muito apegada com ela, então eu falei pra ele que isto a gente não pode fazer nada, mas que ele com o</p>

	<p>álcool ele podia fazer. Aí eu vim embora, passados quinze dias ele bebeu de novo, brigou com a minha irmã, daí, mas a minha irmã continuou lá com ele, ela ficou um ou dois dias na casa do namorado, mas daí voltou, ele conversou com ela, pediu desculpas. Ele acabou brigando com o meu irmão, no dia que o meu irmão veio pra cá. Falou pra ela que não ia beber mais.</p> <p>Depois quando eu vim pra cá, eu acho que pesou um pouco na consciência dele, eu acho que ele se transtornou e daí voltou a beber estas duas vezes, depois que eu, meu irmão e a minha irmã conversamos bem com ele, pegamos ele de vez, então eu acho que ele deu uma melhorada, mas eu sofri muito, muito.</p> <p>Eu lembro assim que a minha mãe sempre trabalhava numa creche, eu lembro que ele bebia, brigava com nós. Uma vez até que eu tava mamando, porque eu mamei até os cinco anos de idade, que eu tava mamando, porque eu mamei até um dois, três aninhos, ele chegou bêbado, ele pegou no meu braços, me jogou no outro sofá, ele cortou o braço da mãe, daí chamaram a polícia, ele foi preso e a gente foi pra casa da vó. E daí ele saiu da cadeia e foi atrás de nós. Isto foi tipo uma separação, mas como a minha gostava muito dele, sempre ele prometia que ia parar de beber que isto que aquilo, ela acabava voltando, daí ele ia lá bebia de novo, eu lembro que ela separou bastante vezes dele.</p>
Resiliência e a decisão de seguir em frente	<p>Agora eu agradeço a Deus tudo que eu tenho porque eu já sofri muito na minha vida.</p>
Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das <i>Marias</i>	<p>Eu segui o ritmo da minha mãe e ele foi se acostumando com isto, mesmo depois da morte da minha mãe, ele foi se acostumando com almoço, café e janta, eu chegava da escola que eu estudava à tarde, eu já tomava um banho, já ia fazer a janta, ele chegava do serviço, ou a janta tava em andamento, ou a janta já tava pronta. Ele tomava banho e ia janta.</p> <p>Então eu não lembro assim se eu ajudava. Eu acho que naquela época, eu acho que eu tinha uns sete anos quando a gente veio morar pra Teixeira. Eu lembro assim que dessa casa nova melhor que quando nós fizemos ela, que a mãe arranjou um serviço registrado, graças a Deus era registrado porque antes era por dia e tal, eu ajudava ela, eu e a minha irmã sempre, sempre, nós ajudava, nós lavava roupa, limpava a casa, fazia comida, ele e ela almoçavam fora, mas tinha que fazer a comida pra nós. Daí a janta ela chegava e fazia. E às vezes a roupa do pai que era muito suja, meu pai é pedreiro, ela mesma lavava, que ela não queria que nós lavasse.</p> <p>Depois eu fui crescendo, eu fui ajudando mais, às vezes tava com preguiça, não queria fazer, brigava com a minha irmã, daí depois que eu fiquei mais, com uns treze, quatorze anos, mais moça no caso, eu ajudava mais ela do que a minha irmã, ajuda bem mais ela que daí, nossa, eu fazia praticamente tudo, só as roupas do pai mesmo que ela falou que não era</p>

	<p>assim pra mim ta lavando, pra mim ta fazendo esforço, mas eu fazia, mesmo assim eu fazia.</p> <p>Lá em Imbituva fui só na creche, eu acho, aí eu lembro que eu vim pra Teixeira, eu freqüentei o pré, só que eu tive, um seis, sete anos quando eu entrei no pré, daí estudei o pré, o primeiro e o segundo. Daí eu reprovei dois anos na segunda série. Eu não gostava da professora, então eu brigava com a professora, eu saia às vezes da sala, ia lá na diretoria, preferia fica lá do que fica dentro da sala e acho que foi isso assim, um pouco de eu não estuda muito e um pouco de eu ta brigando muito com ela, no pé dela. Porque enquanto ela foi a minha professora nos dois anos , eu reprovei, no terceiro ano que mudou de professora eu passei. Então acho que foi assim um pouco pela professora que eu reprovei mesmo, daí eu não gostava, até hoje eu encontro ela na rua, eu não suporto. E daí foi quando no terceiro ano que mudou de professora eu passei, daí estudei o quarto, daí passei pro estadual, estudei até o primeiro lá. Eu comecei a estuda o segundo aqui, daí como ele não tem nem o segundo e nem o terceiro, a gente combinou de eu não ir aqui, terminar os estudos aqui, pra gente ir junto, termina lá no CEEBJA. Ele também vai, vai nós dois, a gente combinou de ir pra lá. Porque lá também termina mais rápido, né, acho que é melhor. Daí nós dois, como ele não podia estuda aqui, trabalha a noite, daí ficou nós dois estuda lá.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: Eu acho assim, que nem a professora minha de geografia conto que um amigo dela fez o CEEBJA, fez faculdade, fez mestrado, fez pós, agora ta indo pra Inglaterra dar aula numa faculdade lá. Tem gente que fala assim: CEEBJA é pra quem não quer estuda, você não vai consta no currículo. Mais não, eu acho assim, que é uma escola normal. Só porque as aulas, você faz cinco aulas em um dia só da mesma matéria, você em três, dois meses você termina aquela matéria, você já começa outra. Não que seja ruim, é só uma organização diferente do que as escolas normais. Então eu não tenho do que reclamar, do que falar. Até lá eu acho que eu to estudando mais do que aqui nas escolas normais.</p> <p>Eu trabalhei desde os doze anos. Eu fui babá, cuidei de um nenê de oito meses e de um piazinho de três anos, aqui em Teixeira já. Eu cuidava, primeiro eu comecei a cuidar de uma criança de cinco anos, depois foi, fiquei acho que dois anos cuidando desse nenê e desse piazinho de três anos. Depois eu entrei no mercado trabalha no mercado ali em Teixeira, eu fiquei um mês, dois meses e saí porque eu não agüentava mais. Que era muito puxado, eles davam serviço de homem pra gente fazer. Ir lá em baixo pegar as mercadorias, trazer pra cima, eu tinha que pegar aqueles sacos enormes das coisas, assim, arroz de cinco quilo, açúcar de cinco quilo, então imagina, tinha cinco pacotes de 50 kg pra eu erguer. Eu</p>
--	--

acabei me machucando, não sarou ainda minha machucadura nas costas. Me colocaram pra lavar caixa de água, de compra. Uma caixa enorme de água na frente do mercado. Tava um frio, um frio, era época de inverno, eles me colocaram pra lavar as caixas d'água, bem na frente onde pegava pior o vento. Daí eles fizeram uma pilha enorme das caixas e eu tinha que pegar aquelas caixas de três em três. Então eu não tava agüentando mais. Depois disso eu fui pedi a conta, falei que não ia mais, não agüentei fica lá e não recomendo aquele mercado pra ninguém. Porque tem outros mercados que as meninas ou é no caixa ou é repondo. Daí eu estudava de manhã. eu me sentia assim, quando eu trabalhei no mercado me sentia muito cansada, mas era tão bom, eu chegava em casa eu fazia janta, deitava, só acordava no outro dia. Então assim eu dormia bem, porque antes eu não conseguia, quando eu só tava estudando, eu não conseguia dormir direito a noite. No outro dia eu acordava seis horas da manhã, ia pra escola, voltava, almoçava, ia trabalha. Eu me sentia cansada, eu não gostava do serviço, nem um pouco, não tava gostando, eu me sentia cansada, mas eu agüentei dois meses que eu acho que pra mim foi muito, porque eu me machuquei. Eram três pessoas que cuidavam do mercado, mas foi um que me contratou, então eu acho assim que só aquela pessoa tinha que me dar ordem. Daí vinha, de repente, vinha a mulher do dono, de um dos donos, falava pra mim fazer alguma coisa, de repente vinha o dono e falava pra eu fazer outra coisa, que não era pra fazer aquela outra coisa. Se eu ia pra lanchonete, par sorveteria, se eu ia repor, me trocando de lugar. Daí eu ouvia xingo todo dia porque daí quando vinha uma pessoa e não tava pronto o serviço que ela mando. Eu fui e pedi a conta e saí.

Fiquei uns meses sem trabalhar, aí comecei a trabalhar em uma loja de móveis planejado. Eu tava gostando, não me sentia cansada, muito cansada, ai não agüento. Era longe da minha casa do outro lado da cidade, então eu tinha que ir de a pé e voltar de a pé. Eu pegava às 11h e largava às 5h30 e tinha que ir correndo embora pra mim ta as 6h30 no colégio de novo. Era puxado assim pra mim. Daí eu chegava em casa a meia noite, jantava, ia dormir e no outro dia acordava nove hora, fazia alguma coisinha só na casa. Daí ia pro serviço.

Minha mãe tinha falecido quando eu entrei no mercado, fazia dois meses que a minha mãe tinha falecido quando eu entrei no mercado, um mês, não, não fazia nem um mês. Então eu tava bem transtornada com o que tinha acontecido, daí eles ficavam me enchendo a cabeça e também eu não gostei que eu, um dia eu não tava bem lá, daí eu comentei com um dos donos que eu não tava bem, que eu não tava me sentindo bem, que eu tava sentindo muita falta da minha mãe, que eu tava meio transtornada ainda e ele falou assim pra mim: que no momento eu tava querendo desabafar com ele, e ele veio e

	<p>falou bem assim comigo: no momento que eu entro da porta pra dentro da empresa eu tenho que esquecer tudo e todos, que eu tinha que por um sorriso no rosto e atender os clientes como se eu estivesse feliz. Mas como eu vou fazer isto? Não faz nem um mês que a minha mãe morreu. Daí ele falou assim: não me interessa, eu só quero que aqui, quando você chegar na empresa, você por os pés pra dentro você respire fundo e esqueça tudo e todos e foque aqui.</p> <p>Quando eu tava trabalhando a minha irmã fazia as coisinhas, geralmente quando eu tava trabalhando no mercado, que eu estudava de manhã, as professoras davam bem mais tarefa pra casa do que de noite. Então de manhã era bem mais puxado, eu trabalhava de manhã, de tarde, eu saia sete, sete e meia do serviço, ia embora, fazia janta, às vezes o pai fazia janta, sempre me ajudou, pra mim poder fazer, ou às vezes eu ia dormir uma hora, pra mim estudar para uma prova. Cheguei até a reclamar na escola que eles mandassem menos tarefa, mas eles falaram que não, que tinha que ser aquilo mesmo.</p> <p>Daí eu sai de lá, daí ficou tranquilo pra mim, que daí eu fazia as coisas de tarde, chegava, almoçava e daí a minha tarde tava livre, então eu fazia todas as coisas da casa e daí de tardezinho, fazia tarefa, estudava pra prova, juntava e ia dormir e quando eu mudei pra noite, eu levantava nove horas sempre, fazia alguma coisinha ou às vezes deixava para mim pode fazer alguma tarefa. Só que de noite era bem mais tranqüilo.</p> <p>Eu chegava sempre cinco minutos antes. Então cinco pra onze, onze horas eu pegava. Tinha que limpa a loja, tira o pó, então, como eu saia 5h30, eu pedi pra gerente, eu não sei, o que que era, sócia, não sei, sempre tinha uma mulher lá, eu pedi pra ela pra eu pode sair às 5h. Sempre às cinco que dava tempo de eu ir e chegar no horário que começasse a aula, porque geralmente eu chegava atrasado e eles falaram: se você chegar atrasada mais uma vez, não entra na escola. Eu fala: eu trabalho, mas a pedagoga era muito ruim, eu acho que não gostava muito de mim. Mas assim, nunca precisou eu volta embora, ela me xingava, mas ela deixava eu entrar.</p> <p>Eu acabei saindo [do trabalho] porque um sábado eu pedi pra mim, porque eu trabalhava no sábado, das nove ao meio dia, uma hora. Daí o meu marido tinha, como ele trabalhava no posto, na lanchonete, ele tinha que ir pra Curitiba curso de café e conhecer os tipos das máquinas e ele queria que eu fosse junto e ele tinha pedido pro gerente dele se ele podia me levar. Então ele ia na sexta a noite e volta no domingo a noite. E daí eu pedi pra ela se eu podia faltar naquele sábado e no outro sábado, se ela precisasse eu ficava até às quatro, ou senão, fazia, tipo ia um pouco mais cedo. Daí ela falou assim: você chega sempre, todo dia você chega atrasada no serviço e você quer faltar. Não, eu sempre chego cinco pra onze. Aí eu falei: então se não ta bom pra vocês, eu quero</p>
--	--

	<p>sair. Aí ela falou: mas tem certeza disto? Não. Se não ta bom pra vocês, se eu sempre estou chegando atrasada, se eu não to fazendo o meu serviço direito, então achem outra.</p> <p>Quando eu saí da loja, eu continuei estudando lá, terminei os estudos do primeiro e daí quando, daí no outro ano teve as greves, eu até tinha começado o CEEBJA, o segundo lá, na verdade eu tava matriculada, mas como teve as greves, eu tinha ido um dia pra aula só e nem teve aula. Daí que eu briguei com meu pai e vim pra cá, foi em junho ou julho. Daí como, aqui tava, tipo lá, tava as greves ainda, não tinha voltado, aqui já dava pra ir, que tinha uns professores que tavam ali. Eu comecei aqui, eu fiquei acho que um mês indo aqui. Aí que ele falou, nas quarta-feira ele folga, e como ele folga, nós sempre ia, comer fora, ou ia jantar na casa de alguém, então eu faltava na escola. Então eu falei: não assim eu não quero, porque sempre nas quartas-feiras eu vou faltar, assim não adianta eu ta indo pra escola. Daí eu queria muito que ele estudasse, sabe, porque não é sempre, já faz quase três anos que ele ta no posto, mas vai que acontece alguma coisa e ele sai dali.</p> <p>Como ele não podia mudar o horário, eu parei de estudar, não estudei nem CEEBJA, nem normal. Esse ano a gente começou a estudar lá. Estamos fazendo três disciplinas já. Vai uma no e meio pra nós conclui o segundo e terceiro.</p>
<p>A mulher</p>	<p>[Sobre os sonhos da mãe]: O único assim que ela queria muito conhecer, a gente conseguiu levar ela foi pra praia, depois disso ela acabou falecendo.</p> <p>Ela queria muitas coisas. Mas o que ela conseguiu mesmo realizar, foi ir para a praia.</p> <p>Eu me espelhei muito nela, porque ela sempre foi batalhadora, cuidava muito bem de nós três, sempre tava presente, sempre tava perto, o que a gente precisava ela deixava, geralmente, ela deixava de comprar alguma coisa pra ela, pra compra o que nós queria. Tirava, tipo, da boca dela pra dá pra nós. A minha mãe foi muito guerreira, mulher de verdade. Porque ela conseguiu cuida de nós três enquanto o meu pai tava lá bebendo no bar. Conseguiu, tipo, esquece não sei se ela conseguiu esquecer, mas ela conseguiu fica com o meu pai depois de tudo que ele fez. Ele ameaçava a gente, nós tinha que saí correndo de casa. Às vezes que ele saía com o facão, com foice, o que ele achasse pela frente. Falando que ia mata nós. Ela foi muito guerreira de agüenta ele, cuida de nós e cuida do serviço dela, tipo cuida da casa, sustenta a casa, cuida do serviço, cuida de marido e cuida dos filhos. Trabalhou limpando a casa dos outros, por dia. Com isso ela conseguia sustenta a casa, compra a comida, sabe, no tempo que a gente morava lá em Imituva. Ela conseguia comprar a nossa comida.</p> <p>[Sobre os empregos da mãe]: Não era um serviço puxado, era como se a gente fosse dona de casa. Depois disso ela</p>

	<p>conseguiu arrumar um emprego registrado no restaurante, que ela ganhava bem. Assim, ela dava tudo, tudo que a gente pedia, ela ia lá e comprava.</p> <p>Se ela tava em casa o almoço era na hora certa, o café das três na hora certa, a janta na hora certa, sempre, sempre, pra mim ela foi a melhor mãe do mundo. Ela foi mulher, muito mulher, pra ela consegui passar por tudo que ela passo e se manter em pé, porque ela não demonstrava, eu quando perdi ela, fiquei depressiva. E ela perdeu o pai, o marido que ela tinha não era um bom marido. Ela nunca foi depressiva, ela nunca mostrou isto. E dava pra ver que ela sempre tava alegre, que ela sempre, que foi uma mulher realizada. Que ela sempre tava alegre. Ela passava toda a energia boa pra ela, dela pra gente.</p> <p>Eu quero fazer faculdade, mas eu quero fazer o jeitinho dela. Meu pai fez tudo que fez pra ela e ela continuava sempre de cabeça erguida com o sorriso no rosto.</p> <p>Depois ela conseguiu o serviço registrado, ela trabalhava das seis às quatro da tarde, às vezes das seis às cinco, tinha só o domingo de folga pra ela pode descansar, ainda chegava em casa e ia fazer janta, ia fazer alguma coisa que eu não tinha feito.</p> <p>Ela ia economizando, guardando o dinheirinho, ajudava o pai, mas sempre tirando um pouquinho, desviando um pouquinho pra ela guarda, pra no final do ano ela ia, nós ia pra Curitiba ou vinha aqui pra Irati mesmo e ela comprava as roupa que a gente queria, sapato, sempre pra nós três, porque meu pai se virava com estas coisas, porque ele também desviava, só que ele sempre foi pra compra pra ele. Quem vestia nós era a mãe.</p> <p>Eu só não gostei de uma coisa. Eu ficava perguntando porque que ela usava absorvente, do que que era aquilo, ela falava que era pra colocar nos peito, como ela tinha dado de mamá muito tempo, os peitos ficava vazando. Quando você for mulher você vai entende, mas eu sou mulher, me explique. Eu já tinha onze anos, aí quando veio pra mim, foi um desespero, eu fui fazer xixi e vi aquela sangueira, eu comecei a chorar desesperada. [fala da irmã] Meu Deus você virou mocinha. Mas eu sou mocinha. Eu não quero ser assim, eu quero virar homem que homem não tem essas coisas.</p> <p>Eu tive muitos momentos divertidos com ela.</p> <p>Eu tava no [colégio] estadual eu queria que ela me levasse até lá na porta do estadual. É tão bom você chega ali com ela, você da uma abraço nela.</p>
--	--

APÊNDICE VII

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA ESPERANÇA

Entrevistada	Maria Esperança
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Eu sou [diz seu nome], meu nome é [diz seu nome], eu não sou natural de Irati, eu sou que Guarapuava, mas os meus pais moram no Candói, eu sou do interior do Candói, lá do Barreiro, é um município bem simples, bem pequeno, bem humildemente. A minha família, uma família muito pobre, muito humilde, bem da roça mesmo, que nós pequeno, eu vim de uma família grande. A minha mãe teve 13 filhos, 9 vivo e 4 morto, nós somos em 6 mulheres e 3 homens, era um cada ano, o máximo de idade é dois ano. Eu sou das mais novas, aí tem a minha irmã que é a mais velha, aí tem o outro meu irmão, aí mais um irmão, daí que vem eu, aí tem mais a outra minha irmã [diz o nome da irmã], que é minha comadre, aí a [diz o nome da irmã], daí vem a [diz o nome da irmã], a [diz o nome da irmã], não o [diz o nome do irmão] e daí a [diz o nome da irmã].</p> <p>Uma vez eu lembro do meu irmão sabe que subir um subidão pra ir na escola e eu minha irmã e mais um irmão meu, o [diz o nome do irmão], [diz o nome do irmão], e aí chegou numa altura daquela subidona, eu não agüentava mais caminhar, porque eu tava encarangada assim, de frio, de gelo e nós descalços par ir para a escola, aí o que aconteceu: o meu irmão pego eu e ergueu, me ergueu, coitado congelado e também me ergueu.</p> <p>O pai alugava as terras assim pra planta, eu lembro até uma vez, assim, que nós, não era só nós, bastante aluno assim tava com fome e tinha assim na berada da estrada um pé de limão e tinha sal na escola, e aí o que nós fomo, pegamo um monte de limão e todas as crianças sentaram e chuparam limão com sal e até a professora fez dessa, veio e experimentou e chupou junto com nós o limão com sal.</p> <p>E o meu primeiro sapinho que eu fui ponha no pé com doze anos, foi da minha professora [diz o nome da professora], ela que me deu, eu lembro até hoje que ela chegou com um pedacinho de fio, sabe um barbantino e mediu, meu pé e o outro dia ela chegou com o sapatinho, nossa foi a minha maior alegria.</p> <p>[Sobre os pais continuarem no trabalho na roça]: Continuam, só que agora bem mais calmo, porque daí o meu pai com a minha mãe se aposentaram. O pai planta assim pra manter as notas e assim pra terem, né, o feijão, o milho, o porquinho, graças ao bom Deus eles estão no céu.</p> <p>O meu marido nunca reclamou de eu estuda, sabe. Não fica falando assim, sabe, ele fica neutro. Até uma vez, acho que ele, foi uma reportagem ou foi no rádio que ele escutou que uma pessoa era bem humilde, bem simples, bem analfabeta e disse que começou assim igual eu, né, desde lá debaixo, indo, indo, disse que num lugar, um dia, falaram e agora o que você é, ela era juíza. Aí eu cheguei e ele e contou.</p>
As violências na vida das Marias	Até a minha irmã mais velha sempre reclamou assim que nunca teve infância que ela nunca pode brinca, nunca teve oportunidade de pegar uma boneca, de brincar, porque além de nós não ter, assim ela tinha que

	<p>cuidar dos que vinham vindo, porque o pai com a mãe pra roça. E aí de uma certa idade já pequena nós tinha que ir junto pra roça, né.</p> <p>[Sobre os irmãos que ainda moram com os pais]: Tem dois irmãos lá com eles, os coitados são bem analfabetos, eles não estudam, eles são alcoólatras, eles bebem, aí minha mãe não tem muito sossego. O meu pai também, na verdade eles são assim porque eles viram o exemplo do meu pai. O pai também bebia, nós também sofrimo com ele, quando nós era criança, desde pequena, então eu acho que meus irmãos cresceram vendo isto.</p> <p>Todas as minhas irmãs saíram meio cedo de casa, trabalhar fora, casa, porque era bem difícil.</p> <p>[Sobre ficar algum trauma]: Pois olha ficou, mas hoje graças a Deus eu fui curada, libertada na igreja, sabe. Enquanto eu não freqüentava a igreja assim, não tinha uma religião bem, sabe, seguinte que eu ia com freqüência, eu não conseguia nem falar no meu pai, me dava muita raiva, muito ódio. Eu não conseguia fala.</p> <p>E aí o pai judiava de nós, muito, sabe, fazia muita coisa errada com a mãe, com nós. A mãe até omitia algumas coisa pra protege nós, né. Era violento na bebida com a mãe, com nós, bem violento. Ele era, assim de, ele sempre foi trabalhador, mas ele ia pros paiou trabalha, ele ficava a semana toda no paiou, trabalhando, mas ele vinha de lá, ele chegava no bar e gastava tudo o dinheiro, jogando e tomando. Ele voltava pra casa zero e aí nós que passava fome, frio, não tinha, andava pedindo, muita fome nós passemos.</p>
<p>Resiliência e a decisão de seguir em frente</p>	<p>Hoje eu falo, não tenho, digamos, aquela mágoa, aquele peso, aquela raiva, sabe, dele que eu tinha a alguns anos atrás, algum tempo atrás.</p> <p>Às vezes a gente pensa: eu quero isto, mas Deus quer outra coisa pra gente. Às vezes eu fico pensando, será que vou conseguir, porque daí a pedagogia é quatro anos, na Unicentro, e tem que ir a semana toda, todos os dias. Eu penso: trabalhar e estudar, diz que vem bastante trabalho, será que eu vou agüentar?</p>
<p>Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das Marias</p>	<p>Desde pequeno nós tivemos que se virar, ir para a roça, ajuda o pai e a mãe.</p> <p>Nós se dividia na casa, só que assim, nós se dividia, mas não muito, nós não era muito assim com o serviço da casa, mesmo que nós nem tinha o que fazer em casa, a nossa cada era uma casa muito simples né, era praticamente um barraquinho. Aí nós levantava cedo, né, comia o que tinha, muitas vezes até nós passava necessidade e se mandava pra roça.</p> <p>[Na roça]: Nós quebrava milho, arrancava feijão, carpia, né, eu muitas vezes de quebra o milho, com altas geadas, assim rachava tuda mão, sangrava a minha mão, essa época eu deveria ter, não tinha oito anos. Nem eu nem meus irmãos tivemos muita oportunidade de estudar, par ir ajudar o pai com a mãe na roça.</p> <p>Era longe a escola, aí nós ia até pra escola, teve uma época que nós fomos até pra escola. Mas a escola lá era assim uma escolinha bem simplezinha também que vinha uma professora lá do Cantagalo, né pros alunos. Mas assim era uma comunidade bem simples que as crianças iam, eu até tenho uma vitória assim de eu ir pra escola, que hoje eu acho bem interessante que tem muitas crianças que podem estudar que tem</p>

	<p>oportunidade e não estuda, né.</p> <p>Além de nós trabalha na roça, nós queria estudar e aí nós morava assim né numa baxadona assim longe e pra ir para a escola tinha que subi uma subidona. E nós, como era muito simples, muito pobre, nós não tinha nem calçado pra ponha no pé.</p> <p>[sobre a distância da escola]: Era uns dois quilômetros e meio pra chegar na escola e altas geadas da manhã.</p> <p>[Sobre a escola]: Era bom, mas assim nós, tanto eu como os outros meus irmãos não tinha muita facilidade pra aprender, sabe, nós assim era, né, nós não aprendia muito, até que eu andei reprovando alguns anos, meus irmãos também reprovaram, sabe, nós ia na escola, além de nós ir congelada, coitada da professora, ela não, ela deixava os alunos, ia lá fora e fazia fogo, pra esquentar nós. Ela já vinha lá da cidade Cantagalo, vim de ônibus, então ela ajudava, fazia o que podia, sabe. Na escola era difícil vim [alimentos], aí tinha os vizinhos que se reuniam e às vezes doavam alimento e aí ela pedia pro aluno que pudesse, levasse um kilo de alimento, que daí a professora mesmo fazia o lanche pros alunos. E nós como nós não tinha, às vezes nós levava cebolinha né.</p> <p>Olha o CEEBJA hoje em dia é uma porta aberta sabe pra mim, pro meu futuro. Que eu me vejo assim eu lá na frente, eu indo pro CEEBJA. Porque além de eu trabalha o dia todo, nossa minha maior alegria é eu chega no CEEBJA, sabe, porque lá eu sei que eu me dedicando eu vou conseguir ir além, sabe, porque eu tenho uma vontade tão grande de estuda, de ser professora, de não se mais zeladora, até por sinal, zeladora é um serviço honesto, eu não reclamo de eu ser zeladora, né, porque me trouxe muitas, assim, me ajudou bastante, né. Já vai fazer cinco anos que eu to ali.</p> <p>Trabalhei ali no mercado de zeladora, dois anos e meio, então no CEEBJA eu acho que, eu me sinto vitoriosa porque eu só tinha até o quarto ano e hoje já estou terminando o Ensino Médio e aí no final do ano eu vou fazer o ENEM pra mim entrar na faculdade, em 2017 eu vou estar na faculdade. Eu quero ser professora dos pequenos.</p> <p>É uma história bem bonita. Quando eu vim embora pra Irati com meu marido. O meu marido sempre foi barrageiro, que faz túnel de baixo da terra e ele trabalhava no Candói, ele fez, acho que a Fundação e nós nos conhecemos lá no Candói, fiquei com ele e resolvi vir morar junto com ele e a família dele sempre foi daqui, né.</p> <p>E eu cheguei aqui e ele ficou desempregado três anos, mas ele trabalhava na campanha, fazia grama e eu sempre assim, cuidando da casa, eu cuidava do meu sogro que era doente, bem senhorzinho e eu tinha a menina pequena, e aí saiu um curso aqui na Vila Nova de fazer chinelo e eu fui, né. Eu não sabia borda, eu fui e eu aprendi, nossa me rendeu uma renda, que eu ajudava na casa. Acabei, sabe, bordei bastante chinelo, assim que daí chegava final do ano, Natal, Ano Novo, eu tinha bastante encomenda. Eu ia dormir três horas da manhã, sete horas eu tava bordando, pra vencer as encomendas. Chegou um final do ano, assim uma semana, acho que final do ano que eu tinha umas encomendas, eu não conseguia bordar mais, porque travou meu pescoço, sabe, de tanto, eu tive que parar, ficar um bom tempo. Aí eu fui, tinha uma senhora aqui, a tia Gorda, uma pessoa muito bacana, e aí</p>
--	--

	<p>ela via eu ali bordando nos chinelinhos, pra juntar o dinheiro, pra ajudar meu marido que ele estava desempregado naquela época, com meu sogro doente e a menina pequena, batalhando né.</p> <p>[Sobre a tia [diz o nome da tia]]: Um dia ela falou bem assim, [diz o seu nome] vamo no mercado, vamo lá eu vou lá ver, falar com o gerente que eu não conhecia, vê se eu arrumo um serviço pra você, porque eu vou embora, mas eu quero ver se eu deixo você empregada, você é uma menina muito interesseira, uma menina muito esperta, uma menina caprichosa, inteligente, falou tão bem de mim, a [diz o nome da tia], sabe, falou vamo lá, falei será [diz o nome da tia]? Pegue e vamo. Aí eu deixei a [diz o nome da filha] em casa e fui com ela no mercado. Eu lembro até hoje, era numa quarta-feira de cinzas, nós fomos ali umas oito e meia, nove horas, no que abriu o mercado. Só que o gerente naquela época era o [diz o nome do gerente] e o [diz o nome do gerente] não tava no mercado, tinha saído [diz o nome do supermercado]. Ele não tava, daí tinha a [diz o nome da gerente], era gerente, e daí ela veio conversar com nós e aí a [diz o nome da tia] falou se você puder ajudar essa menina aqui, qualquer coisa, pra limpar, se tiver um servicinho para ela, porque é uma menina esperta, caprichosa, que ta precisando e eu vou embora e eu queria tanto deixar ela trabalhando, ela é mesma coisa que uma filha para mim. E aí ela falou: me traga o currículo que agora nós não temo, mas a hora que abrir alguma coisa, nós chamamos ela. E eu currículo, pois eu nunca tinha trabalhado, foi não sei que, eu ganhei uma folha de currículo e eu preenchi e levei lá. Eu levei na quarta-feira de cinzas, no sábado, era uma e pouco, mais ou menos, uma e meia, a Edilene me chamou, me ligou, pra começar na segunda-feira, 8h. e ali sabe, eu trabalhei dois anos e meio, eu saí de lá porque eu pedi a conta, mas eles não queriam deixar eu sair, eu só saí pra mim entrar na escola, eu achava que pra mim era melhor, por causa dos horários.</p> <p>Quando eu tava trabalhando no mercado eu comecei a estudar no CEEBJA, mas daí eu tive que parar, porque eu fiquei doente porque eu ia trabalhar e não tinha hora pra eu pegar no mercado, era bem puxado. Eu me molhava bastante, eu ia de madrugada trabalhar, aí eu fiquei doente, entendeu, acabei parando.</p> <p>Daí ali eu fiz do quinto ao nono e agora estou no médio.</p> <p>[Sobre conciliar o trabalho na escola e os estudos]: Tá dando, esse ano né, a irmã, nós conversamos, ela me ajudou, assim, em termo de eu sair às cinco e meia e daí dá tempo de eu vir em casa, correndinho, tomar um banho e ir para o ponto de ônibus, porque, uns dois anos e pouco a fio, eu ia meio dia e meio trabalhar e já levava meu material. Daí eu saia seis hora, daí eu saia da escola, de onde eu trabalho e ia reto para o CEEBJA, pegar o ônibus, sem nada.</p> <p>Por enquanto, disse que é para ter umas mudanças, até eles estão tendo, né, umas mudanças, ali, um rodízio de funcionários, de um lugar para outro, só que daí quem me mudou foi a [diz o nome da diretora], só que a [diz o nome da diretora] voltou. E daí esta a [diz o nome da diretora], é meia feroz.</p> <p>[Sobre a mudança de horário de trabalho]: Daí eu volto a levar o material a hora que eu saio de casa pra trabalhar. [Desistir] Não jamais, falta pouco. Eu lembro que quantas vezes de eu, um dia né que eu saí ali da</p>
--	---

	<p>escola, chovendo, um frio danado, parece que estava nevando, uma garoa bem fria e eu lá debaixo do ponto de ônibus, lá esperando, aí mas me deu aquela agonia, assim sabe, aí não há de ver que eu olhei assim para o alto, bem na frente da capela velha de madeira e da outra, Nossa Senhora lá, sabe, aí eu comecei a conversar com nossa senhora, né e comecei a chorar, falei: meu Deus, se Deus quiser ainda vou ter minha vitória lá na frente, de eu ta aqui, persistindo, né. Porque se a gente não persistir a gente não chega a lugar nenhum.</p> <p>[Sobre a tripla jornada]: É bem puxada, a minha vida assim é bem corrida, sabe. Tem dia assim, o meu esposo ele me ajuda, ele faz comida, ele faz almoço, né. Mas então eu saio sete e meia, sete e vinte, chego onze e meia, o almoço está pronto. Eu almoço ligeirinho e já vou lavando a louça, deixando tudo limpo, porque de tarde, chego tomo banho e saio. Eu gosto de deixar tudo arrumadinho, e infelizmente a minha menina não me ajuda. Daí eu cobro, mas não muito, porque daí eu quero que ela também se dedique aos estudos, né. É bem corrido assim pra mim, tem dias que eu acho que vai sair o meu coração pela boca. Eu não tenho tempo pra nada. É chega, come, arruma, limpa, isto e aquilo, daí eu tenho que bater o ponto.</p> <p>[Sobre as atividades escolares]: tem alguma que não dá tempo. Aí eu faço em casa. Quantas vezes de eu ir dormir quase meia noite, fica copiando. O ano passado que nós estava fazendo História, o professor dava o livro e nós tinha que copiar inteiro. Eu passava o final de semana inteiro copiando, chegava em casa, copiava. É direto assim, final de semana, né, eu tenho que fazer.</p> <p>[Sobre o trabalho na escola, de faxineira]: Canso, é bem estressante, é cansado, sabe, bem cansativo, ainda que com tudo, a irmã esse ano organizou um monte de coisa, porque nossa, nós tinha que limpa, fica na hora do lanche, para as professoras ir lanchar, cuidar dos banheiros, assim ir nos banheiros, cuidar das crianças, sabe, e nós tinha que fazer tudo, limpar as crianças, nossa você não tem noção. Tinha professora que abusava, ficava trinta e quarenta minuto lanchando, e nós lá, e às vezes eu ficava com quatro salas, eu não podia entrar, mas eu ficava de porta em porta. E daí que a irmã veio e falou: não, elas são zeladoras, as professoras tem auxiliar, então melhorou muito pra nós, agora nós só entramos nas salas quando nós somos chamadas.</p>
A mulher	<p>A minha mãe é uma mulher muito batalhadora, guerreira, sabe, que, eu lembro né, que eu era pequena, criança e via como a mãe, digamos assim, teve muitos filhos, então, eu lembro até hoje, uma vez que a minha mãe ainda tava dieta, tava chovendo, aí minha mãe saiu buscar lenha, era assim num gramadão, assim, subia buscar lenha e aí meu falecido padrinho, gritou pra ela: comadre pare, a senhora vai se machucar, a senhora está de dieta, não ta boa, ta chovendo, né, a mãe debaixo de chuva trazendo lenha pra nós. Daí a mãe falou: se eu não, as crianças vão morrer de fome, tem que levar lenha, comadre, pra fazer comida, e o pai debruçado na janela. A mãe de dieta, com chuva, teve que ir busca lenha pra fazer comida e esquenta aquelas crianças pequenas. Então eu acho, assim que a mãe, coitada da mãe é uma pessoa simples, humilde, mas ela bem corajosa mesmo.</p> <p>Eu né, eu acho que por tantas coisas que eu passei na minha vida, eu</p>

	tenho 34 anos, né, eu acho que eu sou uma vitoriosa, sabe. E eu to batalhando pra mim ser mais ainda, por isto que eu estou estudando, batalhando, trabalhando, eu vou chegar lá, lá no meu destino, lá onde eu quero.
--	--

APÊNDICE VIII

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA FLOR

Entrevistada	Maria Flor
A família: ponto de partida e de chegada	<p>A gente se criou, meu pai trabalha fora desde que eu tinha um ano, ele, sempre trabalhou assim, então a gente nunca conviveu muito com ele, sempre a gente vê ele de dois em dois meses, de três em três meses. A gente se criou praticamente com a minha mãe e com a minha avó, foi as duas que criaram a gente.</p> <p>A minha infância foi muito tranquila assim, eu sempre fui uma menina mimada pelo pai e pela mãe. Tudo que ele pode fazer e dar pra gente, ele deu.</p> <p>Foi a coisa mais certa que eu fiz, porque a minha filha é o meu xodó. É meu tudo.</p> <p>[Sobre o pai do primeiro filho]: Ele sempre foi muito companheiro, acho que é que era muito criança, queria aproveitar a vida, a gente é amigo até hoje. Nunca me estressei com pensão, o que eu preciso, se eu ligar agora para ele e pedir alguma coisa ele vai fazer. Então nunca me incomodou</p> <p>[Sobre a mãe]: eu acho que está bem mais tranquila, por eu já ser, eu to mais, eu brinco com a mãe: hoje eu sou mulher, até então eu era criança, uma menina. Hoje não, eu tenho a cabeça bem mais centrada, já sei das minhas responsabilidades.</p> <p>Minha mãe é meu tudo, meu exemplo de vida. Minha mãe é dona de casa, sempre foi, não concluiu os estudos, minha mãe é muito guerreira, sabe. Às vezes quando eu vou desabar ela que me segura, me joga para cima, ela que segura a ponta com a criançada, minha mãe é meu tudo.</p>
As violências na vida das Marias	<p>A primeira coisa que me veio na cabeça foi abortar, não tive outra reação. A minha mãe falou não, de maneira nenhuma. Você vai continuar a tua vida e eu vou te ajudar, tudo que eu puder fazer por você eu vou fazer, eu vou criar essa criança, eu vou te ajudar, você vai continuar teus estudos.</p> <p>A hora que seu descobri que estava grávida a vida caiu, o mundo caiu. Acabei não ficando com o pai da minha filha, a gente era muito criança. Com oito meses, quando ela fez oito meses, a gente terminou o namoro, terminou tudo e eu fui viver a minha vida, modo de dizer.</p> <p>Fui morar sozinha, só que como eu só tinha moto, minha mãe não deixou eu levar a minha menina, era muito batimento, só que eu ia.</p> <p>Fiquei mais um tempo na casa da mãe e do pai e acabei conhecendo, agora meu ex-marido e a gente acabou indo morar junto, casamos, aí eu engravidei da minha segunda menina. Daí quando eu gravidei dela, a gente brigava demais. A gente ficou quatro anos casados, depois eu engravidei do meu piazinho, que agora tem um ano e daí agora a gente acabou se separando, porque ele é muito ruim, muito bravo, muito ciumento, meio que acabou me barrando, não queira que eu estudasse, que eu fizesse nada, aí a gente acabou se separando, faz uns dois meses, ele não aceitou, mas uma hora ele aceita. Daí ele fica mandando mensagem perguntando onde que eu to, ele não aceita, pra ele se eu</p>

	<p>falar assim que eu vou pra alguma lugar, tudo pra ele, eu tô com alguém, ele não conseguiu confiar em nada, acho também por ele ter aprontado muito para mim, que agora ele tem este medo que eu comece a fazer para ele.</p> <p>Eu não me gostava, nunca me gostei, sempre me achei o patinho feio. Quando eu casei com o meu marido, um bom tempo ele me jogou lá em baixo. Ficava em casa, trancada, sem trabalhar, eu me sentia nada, sabe. Eu não tinha vontade de me arrumar, eu não tinha vontade de nada. E quando eu comecei a trabalhar, quando eu comecei no escritório de advocacia mesmo, que eu comecei a ver que eu não estava morta, realmente eu tava viva, tudo aquilo que eu tinha sonhado na minha vida, que era a faculdade de direito, um concurso para a polícia civil, eu podia alcançar, meus filhos não iam me impedir, que eu podia correr atrás, claro que nunca nada é fácil, tudo corrido, é estressante, perca de dia de sono, um monte de coisa, eu podia conseguir. E daí ele meio não aceitava, aí quando eu trabalhei num escritório de advocacia eu comecei a ver que eu era mulher, eu comecei a me arrumar de novo, eu comecei a querer me vestir melhor, porque até então eu não tava nem aí com isto. Você só em casa, eu não tinha vontade de sair, chegava final de semana ficava em casa, eu me dedicava a casa e filho. E para ele estava bom daquele jeito, só que para mim não tava. Acho que eu estava entrando em depressão, eu não gostava daquilo e depois que eu entrei no escritório eu comecei a ver que as coisas eram diferentes, que tudo era diferente.</p>
<p>Resiliência e a decisão de seguir em frente</p>	<p>Aí eu fui e perdi o emprego, não tava conseguindo me sustentar financeiramente. Eu não queria depender nem do meu pai e nem da minha mãe, aí eu resolvi ir embora de Irati. Daí fui para Santa Catarina, fiquei um ano lá. Deixei mãe, deixei todo mundo, fui embora. Quando eu cheguei lá era um mundo totalmente diferente do que tinha aqui, a vida era de uma maneira assim que, coisas que eu não conhecia aqui, acabei conhecendo lá. E lá senti que tinha liberdade.</p> <p>Uma coisa que eu fiz no começo deste ano foi me planejar. Agora eu tenho um plano de vida. Esse é o outro ano para terminar o CEEBJA. Tenho mais dois anos pra estudar, ficar enfiada nos livros para um concurso, passar num concurso, aí quando eu passar no concurso eu começo a me planejar para fazer uma faculdade. Meu plano acho que trinta, trinta e um, já comece fazer uma faculdade de direito, me formo lá com uns trinta e cinco, trinta e seis. É planejado, porque se a gente deixar a vida da gente meio largada.</p>
<p>Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das Marias</p>	<p>Ele sempre apoiou muito a gente nos estudos, desde o começo sempre, só que eu com dezessete anos acabei engravidando. Eu fiquei quase louca. Parei com os estudos, parei com tudo pra cuidar dela. Parei no segundo. O sonho de fazer direito, eu sou apaixonada por direito.</p> <p>Fui trabalhar em um restaurante lá. Só que eu fiquei um ano, não aguentei. Daí meu pai foi conversar comigo falou assim, pegue volte vá para casa, eu te ajudo financeiramente, volte para casa e fique lá. Acabei voltando ficando em casa, só que daí não dá muito certo.</p> <p>Voltei quando eu ganhei minha segunda menina, fiz mais seis meses. Daí fiquei um ano, depois que ganhei ela sem estudar, daí fiz mais seis meses e consegui concluir mais duas matérias, quando descobri que</p>

	<p>estava grávida e aí parei de novo, daí acabei voltando agora, agora que ele fez um aninho, acabei separando e voltando para a casa da mãe.</p> <p>[Sobre os estudos]: Para mim fez falta porque eu podia estar com uma profissão. Tanto que eu vejo alguns amigos concluindo a faculdade e eu aqui, nem terminado. Mas eu me sinto, não menos, mas eu me sinto lesada, por um lado, por que podia ta ganhando melhor, eu podia ta fazendo uma outra trajetória, tanto pro meus filhos. Tanto que tem algumas amigas minhas que engravidaram novas agora, eu falo não pare de estudar, não pare porque o tempo passa e só a gente sabe, só a gente que passa por isto sabe o que é não ter um estudo para você estar fazendo uma coisa melhor.</p> <p>Querendo ou não , hoje eu posso dizer que eu tenho um emprego bom, porque o meu patrão é maravilhoso, muito companheiro, mas eu já peguei patrões, eu saia meia noite, uma hora do trabalho, não tinha tempo para nada, você dava graça de chegar em casa tomar um banho e dormir.</p> <p>[Sobre as tarefas domésticas]: A gente se divide, se ajuda bastante, ela me ajuda. Durante a semana, a responsabilidade de banho, de organizar tudo é minha. De arrumar para a creche, de levantar cedo, mandar para a escola, tudo isto é responsabilidade minha e no sábado a gente pega faxina geral, deixa tudo organizado, porque durante a semana não dá muito tempo.</p> <p>No domingo eu tento tirar mais para ficar com eles e fazer alguma outra coisa eu tenha para fazer e o trabalho do colégio eu deixo mais para o domingo ou para laser, alguma coisa assim.</p> <p>Uma coisa que eu não gostava, eu aprendi a gostar de ler, então, assim, geralmente, quando eu estou sem sono, alguma coisa assim tranquila, que o meu dia foi mais tranquilo, eu consigo ler um livro, dá um revisada, dá um olhada na matéria de novo. Daí eu fico até meia noite uma hora lendo, depois que eles dormem, porque agora estou conseguindo por eles na rotina de sono de novo. Eu consigo mandar eles nove nove e meia pra cama, então eu tenho, depois desse tempo eu tenho tempo pra mim, pra tomar um banho mais sossegado, porque até então não dá tempo, daí que u consigo tomar um banho bem mais tranquila, ler o que eu tiver para ler, fazer alguma coisa, daí é o meu tempo.</p> <p>[Sobre a ajuda do marido]: Não, até foi o motivo da nossa separação. Ele não ajudava em nada, era raramente, até hoje ele fala eu me arrependo, vamos voltar eu vou mudar, só que não muda. A gente já tentou e não mudou. Se agora é corrido em a mãe, lá era mais. Chegava no sábado eu tinha que deixar a roupa lavada, organizada, passada, dobrada pra semana, já organizada para o trabalho, para as crianças irem pro colégio, pra creche, tudo organizado. Geralmente ele não queria ajudar, raramente ele ajudava, lavava a louça, fazia uma comida, fora isso a rotina era minha mesmo. A gente como mulher comprar muito tudo, prefiro fazer do que mandar os outros faze.</p> <p>[Sobre o trabalho no restaurante]: As vezes eu via o pessoal estudando, se formando e eu ali parada. Não era aquilo que desejava, que eu almejava, tanto que foi um pouco porque eu acabei voltando embora, não era aquilo que eu queria.</p>
--	---

	<p>A minha vontade agora é fazer direito, mas eu quero prestar concurso para a polícia civil, esse eu vou fazer, nem que seja daqui cinco anos, eu vou fazer.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: Olha, acho que é a oportunidade que muita gente não tem, se não fosse, não tinha outra maneira de concluir, claro que ainda, eu acho, que é um pouco de vagar, se você for parar para ver, acho que podia ser uma forma de estudo um pouco mais rápida, pra gente é complicado, a gente já não tem muito tempo, o horário ainda não é tão ruim, é corrido, então se a gente conseguisse concluir antes, em menos tempo, seria bem melhor. Claro que é muita matéria pra você estudar, é bastante coisa para você aprender, mas eu vejo assim que a maioria que está lá quer fazer alguma coisa a mais, ninguém é realmente só para terminar o estudo, todo mundo que está lá quer se esforçar, quer concluir o mais rápido possível.</p> <p>Eu cai no escritório, como diz minha amiga, bem “de boiada”. Eu tinha saído da [diz o nome da empresa], não conseguia emprego, não conseguia emprego, o [diz o nome do advogado], era meu advogado na época, ele tava precisando de alguém, mas ele precisa de alguém que fizesse direito, eu não tinha nem concluído o ensino médio, eu fui conversar com ele de boa, ele falou vou te dar uma chance, não sei porque, vou te dar uma chance, vou te dar essa chance e você vai trabalhar comigo e ali eu me apaixonei de vez. Lá eu tinha, eu participava mais, eu tinha mais acesso, aprendi a fazer bastante coisa, questão de trabalhista, aprendi muita coisa, ele largava, vá e faça. A gente ia para fora, ia assistir audiência, adoro assistir júri. Quero me especializar no penal. Agora com o {diz o nome do patrão} é mais calmo, mais tranquilo, é um escritório bem mais calmo, a minha vontade de atuar não muda, eu quero um dia fazer para delegada.</p>
A mulher	<p>Hoje eu me amo. Sei que eu posso tudo sozinha. Que eu não dependo de ninguém. Dependo da minha mãe, ela me ajuda muito. Se eu quero eu vou atrás, eu consigo, eu corro atrás. Eu trabalho, eu me viro.</p> <p>[Sobre encontrar alguém que falasse para parar com tudo]: Não, de maneira nenhuma, que acho que quem me ama, que vai me amar, tem que me aceitar com meus filhos, como eu sou, com a minha força de vontade, com o sonho que eu tenho de fazer o concurso de direito, vai ter que me aceitar, vai ter que me engolir, estressada, mau humorada, estudando, enterrada nos livros, se não para mim não vai valer a pena. Hoje eu não abro mão mais da minha vida por causa de homem, de maneira nenhuma. Quem me quiser vai ter que me aceitar.</p> <p>A questão de eu terminar meus estudos, de eu me formar, é uma forma de eu me amar, porque uma hora o marido, o casamento acaba, o marido se vai, o dinheiro acaba, e eu fico ali. Se eu tiver uma profissão, o que eu quero, eu consigo me manter, eu não vou precisar de ninguém, eu vou conseguir tudo que eu sempre desejei.</p> <p>A mãe é uma mulher totalmente diferente, a mãe casou com o primeiro namorado, foi o primeiro homem da vida dela. Quando ela começou a namorar com ele, fazia um ano que ela trabalhava, ele pediu para ela sair, ela aceitou, e o meu pai sempre sustentou ela, desde o início do casamento até hoje e ela gosta da vida que ela tem, é feliz assim, eu não seria, mas é a opção dela. Eu acho bonito esse negócio de ela ter</p>

	um namorado por primeiro, casado com ele, não é pra mim, eu sou mais acelerada, como diz ela. A gente é muito mais forte que muito homem.
--	--

APÊNDICE IX
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MARIA AMÉLIA

Entrevistada	Maria Amélia
A família: ponto de partida e de chegada	<p>Meu pai era taxista e a minha mãe não foi fácil par ela, cinco crianças pequenas, depois o mais novo ficou doente, acabou falecendo. Era três menina e um piá.</p> <p>Casei e fui morar em lugar mais retirado. Depois tive quatro crianças, um atrás do outro, daí não deu mais certo para estudar.</p> <p>Eu tenho um, aí ele até estranha a gente, coitadinho, sabe, porque eu vou só os domingos lá, aos poucos, ele tem um aninho. Ele estranha um pouco a gente, porque não está sempre com a gente. Se eu pudesse, eu ia lá toda tarde com ele, cuidar dele e tudo.</p> <p>[Sobre o neto e os estudos]: Veja bem quando ele crescer e precisar de uma ajuda né, a gente pode ajuda, pode ensinar, não é fácil. Porque eu vejo, eu mesma, por muito tempo fica sem estuda, e o fundamental, tipo a matemática mesmo, eu praticamente não fiz porque eliminei no começo, sabe, então daí, como também era corrido, eu dei graça de elimina, mas podia ter continuado pra aprende, praticamente eu não aprendi nada da matemática no fundamental, já não sabia, então daí eu pensei: nossa agora no médio né. Sabe que tá fácil, tá fácil mais acho que mais pelo lado da professora, porque nós temos uma professora nova assim, muito boazinha, é pacienciosa que nossa. Se precisar ela explica 50 vez o que a gente não entendeu.</p> <p>[Sobre o CEEBJA]: Pra mim foi muito bom, a gente faz uma amizade tremenda assim, pra começo, sobre todos os professores, nunca tive um assim que dissesse ai tive que desisti porque professor não ensina. Foi muito bom sabe. Quem perguntar ai de tal fulano, posso fala bem porque sei que comigo foi muito bom, então não tenho queixa sabe. Aprende sabe, aprende mesmo, se você vem para estuda, né. Tem muita piazada que vem ai que não dá certo. Porque só vem para fazer bagunça. Eles sim tiram os professores do sério, porque não sabem nem sentar dentro da sala de aula. E a gente não, a gente vem pra estuda.</p>
As violências na vida das Marias	<p>Só até a quarta série, daí depois a minha mãe não deixou mais, porque ela dizia que não precisava, para se dona de casa não precisava. E como aquele tempo deus o livre se uma engravidasse, e minha mãe nunca ensinou estas coisaradas, daí ela tirou da aula, porque muitas, ela dizia assim que tiravam o diploma no meio do ano, quer dizer que para de estudar porque engravidou. Ela nunca ensinou, mas ela tinha medo e não deixou nós estuda. Uma porque a quinta era a noite, daí ela não deixou ninguém estuda. Por causa destes obstáculos, minha mãe achou que não precisava estuda e como ela não tinha estudo e não fazia falta, ela dizia que não precisava estuda.</p>
Resiliência e a decisão de seguir em frente	

<p>Trabalho, escolarização e cuidados: percepções do tempo na vida das <i>Marias</i></p>	<p>Aos quatorze anos comecei a trabalhar, antes a minha mãe já tirou da escola, como a minha mãe não tem estudo então a minha mãe dizia que não precisava estudar. Por isso que depois de mais idade é que eu voltei a estudar. Nem terminei, mas vou terminar, pelo menos o médio. Daí nós ficava em casa um tempo e a gente trabalhava também.</p> <p>Trabalhei em vários lugares. Nós era babá. Tinha criança pequena assim, a gente cuidava. Tinha uma mulher, que assim eu trabalhei, que era bom, o tempo da gestação, dieta assim, então daí umas par de casas fui assim. Mais na casa, assim, enquanto elas cuidavam do bebê, a gente ajeitava a casa.</p> <p>Antes de casa eu trabalhei em supermercado, em lanchonete. Depois que eu casei não deu mais certo de trabalhar porque ficou mais retirado.</p> <p>Tem um lugar que eu trabalho na cidade, tem um comércio.</p> <p>[Sobre a volta no CEEBJA]: Quando ele começou lá em baixo, era lá em baixo ainda, acho que uns quatro anos atrás. Comecei do fundamental, não cheguei a fazer o fundamental, a mãe não deixou, então eu comecei do fundamental.</p> <p>[Sobre a organização do tempo]: Não é fácil, né, que nem eu digo, um tanto da casa a gente tem que abandonar, a gente faz a noite aos poucos, quem pode ajuda, quem não pode, o que dá para ficar outro dia a gente faz, porque se a gente ficar só em casa, que nem eu digo dona de casa não tem valor, além de fazer tudo, sempre tem alguém que reclama que não tá bom, né e ainda não ganha nada.</p> <p>Eu dizia para ele, quando as crianças crescessem eu ia trabalhar fora, nem que tivesse que abandonar um pouco a casa.</p> <p>[Sobre o marido]: Ele sempre colaborou, porque ele sabe, né, quando as crianças eram pequenas, só ele para trabalhar e ele sempre foi do salário mínimo, nunca foi fácil, sempre foi difícil, a gente sempre teve ajuda, os parentes sempre que podiam ajudavam, que nem eu digo: até hoje a gente não tem nada novo, sabe, digo desde roupa, se precisar durante um mês não lavar a roupa, todo mundo tem bastante, mas é tudo velho, não é nada de marca, tudo que a gente ganha. Mesmo que nem agora que eu trabalho e estudo ele também colabora, ajuda, faz o que pode, não igual a gente, porque é poucos homens que são melhor que dona de casa, então o mínimo ele faz, bem por cima, mas serve.</p> <p>[Sobre a ajuda dos filhos homens]: Uma menina e três piás. Pouca coisa, pouca coisa, porque na realidade só tem um casal que fica em casa. Porque os outros dois já casaram. Mais para a menina, ela também acaba fazendo pouco, porque também estuda e trabalha, ela é casada também, por enquanto eles estão na minha casa, mas só que todos trabalham e estudam, né. Os sábados se ela trabalha, taca as roupas na máquina, ajeita a casa.</p> <p>Meu serviço é serviços gerais, é na casa da minha patroa, então é tudo né, pego cedo começo com o café já e assim vai indo, o almoço e a tarde deixo a janta encaminhada. Pego das 7 às 4.</p>

	<p>[Sobre não receber salário pelo trabalho doméstico da casa]: Eu acho injusto, porque mesmo a dona de casa pensando bem ela trabalha muito mais que qualquer homem, qualquer outro serviço, que nem eu digo assim: eu volto da aula eu ainda tenho serviço, eu continuo fazendo e a maioria dos homens acha que não, terminou ali o expediente dele não precisa fazer mais nada. E o que a mulher tem que passar com os filhos, e tudo, porque não é fácil, quem tem criança sabe que não é fácil né, tanto que cuida e a gente não ganha nada por isso. E ainda tem que esperar tantos anos para, até se aposentar. Além de cuidar da criança tem que cuidar da casa, tem roupa, tem tudo. Que nem eu digo: o serviço da dona de casa, que nem agora, secretária do lar que dizem, então tinha que ser bem valorizado porque além de tudo a gente faz, faz, faz, e nunca tá feito, virou as costas, se duvidar, a pia já tá cheia de novo, o chão se ninguém cuida já tá sujo de novo, é roupa, que troca um monte de vez por dia, quando é de noite já tá um monte pra lavar. E não é valorizada, né, porque quantos caso que ainda a mulher sofrem tanto, por causa de marido e tudo. Você pode fazer tudo, esqueceu de fazer uma coisinha ou porque não deu tempo, aquilo que você não fez eles arreparam que está sem fazer.</p> <p>[Sobre a organização do tempo]: Sobra pouco, a gente tem que dar jeito porque não tem como abandonar, nem uma das três coisas, tem que dividir, tem que da um tempinho.</p> <p>[Sobre as atividades da escola]: Quando fica eu faço, que nem semana passada na quinta que era feriado que eu levei trabalho, né, enquanto o meu marido ajudava ajeita a janta, eu disse né: olha eu tenho que fazer o trabalho de escola, sei que eu fiz né, o que precisa fazer me casa eu faço.</p> <p>[Sobre o tempo dos cuidados pessoais]: Sobra sabe. A gente não chega com sono, daí o marido ta ali terminado com a janta ou com a louça, porque é uma eternidade, lava mais, não é ali que nem a gente, rapidinho, com pressa e lava bem, né. Lava bem também, mas não tem aquela pressa, que nem a gente faz. Daí se precisa conversar um pouquinho a gente conversa. Se tem alguma coisa na TV que me interessa eu assisto, senão eu vou para a cama, né, porque nunca fui de trocar a TV ou qualquer coisa assim pela cama né.</p> <p>Eu levanto às seis né, porque daí, meu menino vai pra aula de manhã e como ele pega ônibus, os ônibus não dá para esperar. Seis horas levanto, já faço ele levanta e seis e meia eu já tô cuidando do ônibus, porque a gente tem olhar ele subir porque não demora ele desce, tem que saber a hora que ele sobe, porque o ônibus pode atrasar, adiantar é difícil e o Ônibus não espera.</p> <p>[Sobre os estudos]: que nem eu digo: eu não sei se eu vou aproveitar alguma coisa do meu estudo, do ensino, assim, médio, porque faculdade não pretendo concluir, sabe, porque até lá, quem sabe, tem mais neto e tudo. Eu assim que eu já abandonei muito a família assim, vive estudando e trabalhando, né, não é fácil, então eu penso assim, se eu terminar o médio, já está bom, porque não sei se depois a gente consegue, gostaria de ter um servicinho melhor né, pra trabalhar menos. Que tem quantos serviços que não trabalha sábado.</p>
--	---

	<p>[Sobre a divisão das tarefas em casa pelos irmãos]: Era dividido, cada um tinha sua tarefa, sabe. Ninguém podia dizer, há este fez, aquele não fez, todos sabiam a sua obrigação, sabe. E minha mãe plantavam verduras, então daí a gente saia vender as verduras. Nós saia vender, daí ela dava o preço e daí a gente levava. Ela não era bem analfabeta, ela estudou só até a primeira série. Mas tipo matemática, coisa assim, conta, ela sabia tudo. Por isto que ela dizia que quase não estudou, então pra nós, ela dizia que não precisava e cresceu falando assim.</p> <p>[Sobre as outras irmãs estudarem]: Não, só eu, saí mesmo. Elas não quiseram, acharam que, são mais nova que eu, já não é mais idade para ficar estudando.</p>
A mulher	<p>Acredito que me sinto bem. Bem realizada não né, porque não é fácil, todo dia levantar cedo. Eu penso assim: ai que bom se eu não precisasse levantar cedo, né. Tivesse melhor um pouquinho melhor condições de vida a gente não precisava correr tanto, que meu pai mesmo diz: nossa você corre muito, muito, muito, porque tem domingo que eu trabalho fora também. Então meu pai diz: nossa você corre demais, trabalha demais, mas só que precisa né. Então eu acho assim que se o ganho da gente fosse um pouquinho melhor, a gente não precisava correr tanto.</p> <p>Gostaria de ter mais tempo pra mim. A gente não tem tempo, né. Tudo corrido né.</p> <p>Ter mais valor. A mulher pouco que tem valor hoje. Minha sogra que dizia assim: a mulher da rua que tem valor. Muitos homens, maridos não enxergam isto.</p>